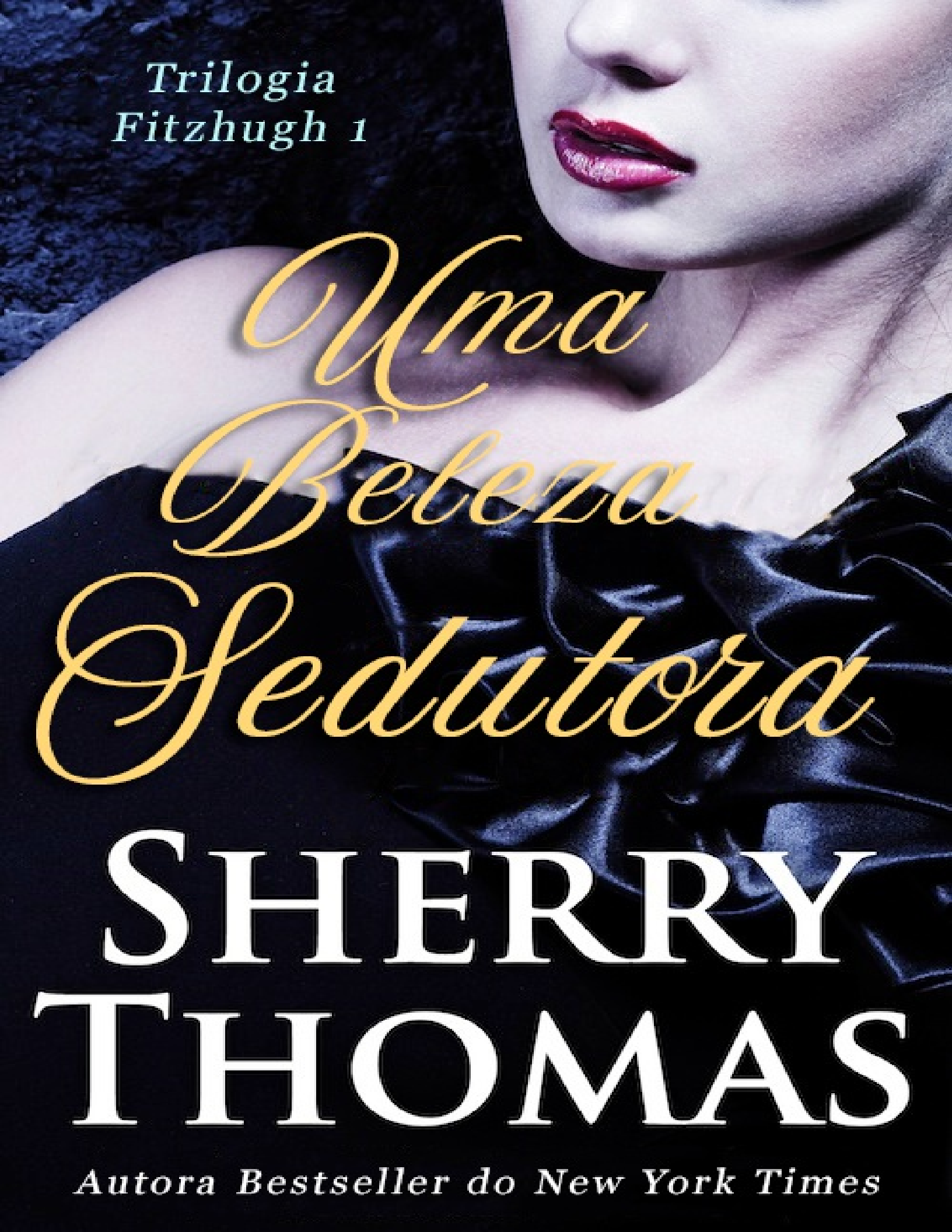




Trilogia
Fitzhugh 1

*Uma
Beleza
Sedutora*

SHERRY
THOMAS

Autora Bestseller do New York Times



Índice

Sinopse
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Nota do Autor
NOTAS

Uma Beleza Sedutora

Sherry Thomas

*Para o meu agente, Kristin Nelson,
que consegue tornar tudo possível*

Sinopse

Quando o Duque de Lexington conhece a misteriosa Baronesa Von Hardenberg-Seidlitz a bordo de um paquete^[1] transatlântico, ele fica fascinado. Ela é exatamente o que tem procurado — uma linda mulher que o interessa e o seduz. Ele cai duro e rápido — e logo propõe casamento.

E depois ela desaparece sem deixar rastro...

Na realidade, a “Baronesa” é Venetia Easterbrook — uma jovem viúva que tinha os seus próprios motivos vingativos para incentivar um caso com o Duque. Mas o seu plano correu mal. Venetia apaixonou-se pelo homem que ela desprezava — e não se sabe o que pode acontecer quando ela for finalmente desmascarada...

Prólogo

Aquilo aconteceu em um dia iluminado pelo sol, no verão de 1886.

Até então, Christian de Montfort, o jovem Duque de Lexington, levou uma vida encantada e maravilhosa.

Sua paixão era o mundo natural. Quando era criança, o que o deixava mais feliz era poder ver pássaros *hatchling*^[2] bicar através de suas delicadas cascas de ovos, ou passar horas observando as tartarugas e os peixes que povoavam o riacho da família. Ele mantinha as lagartas em terrários para descobrir os resultados de suas metamorfoses — brilhantes borboletas ou mariposas humildes — ambos os resultados o emocionavam. Quando o verão chegava, quando ele era levado para a praia, ele mergulhava nas piscinas que o mar criava e compreendia instintivamente que ele estava testemunhando uma luta feroz pela sobrevivência, sem perder o seu senso de admiração pela beleza e complexidade da vida.

Depois que ele aprendeu a andar, ele desaparecia regularmente na paisagem que ficava ao redor da sua imponente casa. Algernon House, a sede de Lexington, ocupava um canto do Distrito Peak. Sobre as faces de suas escarpas rudes e de pedra calcária, Christian, um aprendiz esforçado, caçava fósseis de gastrópodes e moluscos.

Ele, de vez em quando, tinha alguma oposição. Seu pai, por um lado, não aprovava os seus interesses científicos. Mas, Christian nasceu com uma confiança inata que levava a maioria dos homens décadas para desenvolver, alguns nunca a alcançavam. Quando o velho Duque trovejava sobre o seu uso deselegante do tempo, Christian friamente perguntava se ele deveria praticar a ocupação favorita de seu pai com a mesma idade: correr atrás das empregadas domésticas da mansão.

Como se tal coragem e altivez não bastassem, ele também era alto, com um corpo bem construído e classicamente bonito. Ele navegava pela vida com o poder e a impermeabilidade de um urso, seguro do seu papel, convencido de seu destino.

Seu primeiro vislumbre de Venetia Fitzhugh Townsend apenas alimentou ainda mais esse senso de certeza, essa confiança.

O jogo anual de críquete entre Eton e Harrow, um dos destaques da temporada de Londres, tinha acabado de fazer uma pausa para o chá da tarde

dos jogadores. Christian deixou o pavilhão dos jogadores de Harrow para falar com a sua madrasta — sua ex madrasta, na verdade, pois ela tinha recentemente retornado da sua lua de mel com seu novo marido.

O pai de Christian, o falecido Duque, tinha sido uma decepção, tão arrogante como ele tinha sido frívolo. Ele tinha, no entanto, sido afortunado em sua escolha de esposas. A mãe dele, que morreu muito jovem para ele lembrar, era geralmente aclamada como uma santa. Sua madrasta, que entrou na sua vida, não muito tempo depois disso, revelou-se ser uma grande amiga e uma firme aliada.

Ele tinha visto a duquesa viúva antes, no meio da partida. Mas agora ela já não estava no mesmo lugar. Enquanto Christian observava os confins do campo, a visão de uma mulher jovem momentaneamente interrompeu o seu olhar.

Ela estava casualmente empoleirada nas costas de um coche aberto, bocejando atrás do seu leque. Sua postura era descontraída, como se ela tivesse secretamente livrando-se das roupas de baixo de osso de baleia, que obrigavam as outras senhoras a se sentarem tão rígidas como efígies. Mas, o que a fez se destacar da multidão, foi o seu chapéu, uma coroa de penas cor de damasco que o lembrava das anêmonas do mar que o fascinavam na infância.

Ela fechou o seu leque e ele esqueceu tudo sobre anêmonas.

O rosto dela, ele perdeu o fôlego. Ele nunca tinha encontrado beleza de tal magnitude e intensidade. Não era misteriosa, mas beleza divinal, como a visão de terra para um homem naufragado. E ele, que não tinha estado em um navio desde que tinha caído de um aos 6 anos e só tinha sido uma canoa virada, de repente, sentiu como se estivesse à deriva no oceano aberto por toda a sua vida.

Alguém falou com ele. Não pôde dizer uma única palavra.

Havia algo elementar em sua beleza, como uma nuvem numa tempestade, uma avalanche ou um tigre de Bengala rondando a escuridão da selva. Um fenômeno de perigo inerente e de esmagadora perfeição.

Ele sentiu uma dor afiada, doce no peito: sua vida nunca mais seria completa sem ela. Mas não sentiu medo, apenas, excitação, admiração e desejo.

— Quem é ela? Ele perguntou a ninguém em particular.

— É Sra. Townsend, alguém disse.

— Ela é um pouco jovem para ser uma viúva, ele disse.

A arrogância dessa afirmação o espantaria nos anos seguintes. Ouviu o tratamento de Senhora dado a ela e imediatamente assumiu que o seu marido estava morto. Que ele a considerou sua e que possivelmente nada poderia atrapalhar a sua vontade.

— Ela não é uma viúva, ele foi informado. — Acontece que ela é muito casada.

Ele não viu ninguém a acompanhá-la. Para ele, ela parecia estar em um palco, sozinha e inundada pelas luzes da ribalta. Mas, agora, ele reparou que ela estava rodeada de pessoas. A mão dela descansava casualmente no antebraço de um homem. O rosto dela estava virado em direção a este homem. E quando ele falava, ela sorria.

Christian sentiu-se como se ele estivesse caindo de uma grande altura.

Ele tinha sempre se considerado de uma raça diferente, distinto das outras pessoas. Agora ele era só mais uma pessoa igual às outras, que pode desejar e tentar conseguir os seus sonhos, mas nunca alcançar o desejo do seu coração.

Você deu um espetáculo hoje — disse Tony.

Venetia estava pendurada na correia do coche. A carruagem rolava pelas ruas congestionadas de Londres. Não havia nenhuma necessidade de usar a correia. Mas ela parecia não conseguir tirar os dedos da tira de couro.

— Um dos jogadores de Harrow não conseguia parar de olhar para ti — continuou o Tony. — Se alguém tivesse lhe dado um garfo, ele a teria devorado.

Ela não respondeu. Quando Tony ficava de mau humor, era melhor não dizer nada. Nuvens estavam ficando densas por cima deles. Sob as sombras espalhadas, as folhas de verão estavam a ficar cinzentas — nada escapava ao reinado de fuligem de Londres.

— Se eu fosse menos discreto eu podia dizer-lhe que você é estéril. Você é um artifício bem elaborado de Deus, Venetia. Toda essa beleza na superfície é inútil onde conta.

Suas palavras foram gotas de ácido em cima de seu coração, queimando, corroendo. Na calçada, os pedestres abriram seus guarda-chuvas, prontos para serem usados. Dois gordos pingos de chuva bateram na janela do carro. Elas deslizaram pelo painel de vidro em linhas longas, turvas.

— Não é certo que eu não posso ter filhos — ela disse. Ela não deveria. Ela sabia que ele estava a provocando. Mas de alguma forma, sobre este assunto, ela agarrava sempre a isca.

— Quantos médicos são necessários para a convencer? Além disso, os

meus amigos casaram... e dentro de um ano, eles já têm herdeiros. Faz dois anos, para nós, e você não mostra o mínimo sinal de aumento.

Ela mordeu o interior do lábio dela. A culpa por sua incapacidade de procriar podia muito bem ser dele, mas ele se recusou a contemplar essa possibilidade.

— Mas você estará contente de saber que a sua aparência não é totalmente inútil. Howard concordou em se juntar ao meu empreendimento ferroviário — e ousou dizer que ele fez isso para ter mais oportunidades de seduzi-la — disse Tony.

Por fim, ela olhou para ele. A aspereza de sua voz estava refletida em seu semblante, as suas feições que já foram bonitas agora eram duras e frias. Durante o namoro, ela achou-o incrivelmente atraente — engraçado, inteligente e iluminado por dentro por uma sede de vida. Ele tinha realmente mudado tanto, ou ela tinha sido cegada de amor?

E se ele desprezava Howard por ele a desejar, então por que trazer Howard mais para dentro das suas vidas? Eles não precisavam do empreendimento ferroviário. Nem de outra fonte de desprazer para ele.

— Vai me trair? Ele exigiu de repente.

— Não — ela disse, cansada quase além do que ela podia suportar. Seu desprezo e descontentamento com ela tornaram-se uma condição permanente de seu casamento. A única coisa com que ele se preocupava, ou assim parecia às vezes, era a questão de sua fidelidade.

— Bom. Depois do que você me fez, ser fiel é o mínimo que pode fazer por mim.

— E o que fiz a você? — Ela podia não ser uma mulher perfeita, mas ela tinha sido uma mulher decente. Ela procurava que ele tivesse conforto, nunca ultrapassou a mesada e não dava nenhum incentivo para homens como Howard.

Sua voz era amarga. — Não faça perguntas inúteis.

Ela virou o rosto para a janela. O pavimento havia desaparecido sob uma horda de guarda-chuvas pretos.

Até mesmo dentro da carruagem, ela sentiu o frio incipiente. O verão acabaria cedo este ano.

Pouco tempo depois, Christian terminou o seu último tempo em Harrow e passou a ler a revista de ciências naturais da Universidade de Cambridge. No verão depois de seu segundo ano no Trinity College, tomou parte em uma escavação na Alemanha. Em seu caminho de volta para Algernon House, ele

parou em Londres para inspecionar uma nova remessa de fósseis marinhos na divisão de história natural do Museu Britânico, fósseis que não estariam disponíveis para visualização pública por alguns meses.

A discussão gerada pelos novos fósseis foi muito estimulante, tanto que ao invés de continuar com sua jornada para casa, Christian aceitou um convite para jantar com o curador e vários de seus colegas. Depois, ao invés de se retirar imediatamente para a sua residência na cidade, onde uma pequena equipe manteve a casa pronta para seu uso se ele quisesse ficar lá, ele decidiu passar uma hora no clube dele. A sociedade tinha partido de Londres no final da temporada. Ele poderia esperar não ser incomodado.

O clube estava totalmente vazio. Com um copo de conhaque, ao seu lado, instalou-se e tentou ler o *The Times*.

Os dias eram mais fáceis. Entre os seus trabalhos de curso, a sua propriedade e os seus amigos, as horas de Christian estavam totalmente ocupadas. Mas à noite, quando o mundo aquietava e ele estava sozinho com seus pensamentos, a sua mente focava-se, muitas vezes, na mulher que roubou o seu coração sem nem mesmo olhar para ele.

Ele sonhou com ela. Às vezes, os sonhos eram chocantes, o corpo dela nu, ágil nos lábios dele. Ela sussurrando palavras lascivas de encorajamento em seus ouvidos. Outras vezes, ela permaneceu resolutamente fora do alcance, indo embora, enquanto ele estava enraizado no chão, ou vinha ficar ao lado dele, depois dele se transformar em uma estátua de pedra. Ele lutava e gritava dentro de seus limites de mármore, mas ela não notava, tão indiferente quanto ela era linda.

Alguém entrou a biblioteca com painéis escuros. Christian reconheceu o homem instantaneamente: Anthony Townsend. Marido dela!

Os anos desde do seu encontro com a Sra. Townsend tinham sido um longo tutorial nos aspetos frágeis da humanidade. Até que ele a conheceu, ele não tinha conhecido inveja, tristeza ou desespero. Nem culpa, que pulsou através de suas veias com a visão de Townsend.

Ele nunca tinha desejado que o homem ficasse doente, e raramente pensava nele como nada além de um objeto imóvel. Mas, ele tinha se deitado com a mulher do homem inúmeras vezes em sua mente. E, se algo acontecesse com Townsend, ele seria o primeiro na fila para ser apresentado à sua viúva.

Aqueles eram motivos suficientes para Christian drenar o seu conhaque e deixar de lado o papel que estava a segurar, ainda rígido de ter sido passado a

ferro. Levantou-se para sair.

— Já te vi antes, disse Townsend.

Após um momento de paralisia, o Christian disse friamente — Eu não acredito que nos conhecemos.

Ele não compartilhava com os seus antepassados a reverência que eles tinham com a herança de família, mas ele era tão inacessível como qualquer Montfort que já respirou.

Townsend, no entanto, era destemido. — Eu não disse que nos conhecemos, mas conheço o seu rosto de algum lugar. Sim, eu me lembro agora. Lorde Cricket Ground, há dois anos. Você estava em um boné listrado de Harrow, olhando minha esposa.

O reflexo de Christian na janela era uma luz gritante contra a obscuridade da rua para além dele, mostrando um homem atordoado em silêncio, como se ele tivesse olhado diretamente para o rosto da Medusa.

— Não me lembro de como os meus conhecidos se parecem, mas lembro os rostos de todos os homens que salivam atrás da minha esposa. Tom Townsend foi estranhamente apático, como se ele estivesse além da inquietação.

O rosto de Christian queimou, mas ele permaneceu em silêncio: não importava como era vulgar discutir a esposa dessa maneira, e repreender aqueles que a cobiçavam. Townsend estava no seu direito.

— Você me faz lembrar de alguém, Townsend continuou. — Você é parente do falecido Duque de Lexington?

Se Christian admitisse a sua identidade, iria Townsend manchar o seu nome perante a sua mulher? Ele viu os seus lábios moverem-se na janela. — O falecido Duque era meu pai.

— Sim, claro. Você seria o Lexington, então. A minha mulher ficaria feliz em saber que alguém com a sua importância a considera um prêmio. Townsend zombou, um som seco e sem graça. — Você ainda pode ter seu desejo, Sua Graça. Mas pense duas vezes. Ou você pode acabar como eu.

Desta vez Christian não poderia evitar zombar. — Falar com estranhos sobre minha mulher, você quer dizer? Acho que não.

— Eu também achei que não seria desse tipo — Townsend deu de ombros.

— Perdoe-me, senhor, detê-lo com meu balido irritante.

Curvou-se. Christian deu-lhe um aceno lacônico.

Não foi até o dia seguinte que ele se perguntou o que Townsend quis dizer com você ainda pode ter seu desejo.

O obituário do Townsend estava no jornal dentro de uma semana. Chocado, Christian fez inquéritos e soube que Townsend esteve à beira da falência. Além disso, ele devia quantidades maciças de dinheiro a joalheiros em Londres e no continente. Ele tinha sido forçado a acumular essas dívidas para manter a sua esposa feliz, para que não desviasse o olhar para adolescentes admiradores prontos para ganharem os seus favores lascivos com presentes caros para ela?

Um ano e um dia depois de sua morte, a Sra. Townsend casou, um novo casamento escandalosamente precoce, quando o período de luto era de dois anos. Seu novo marido, um Sr. Easterbrook, era um homem rico, 30 anos mais velho que ela. Logo vieram os rumores de um caso intenso, que ela teve bem debaixo do nariz do Sr. Easterbrook, com um dos seus melhores amigos, não menos.

Evidentemente a mulher que Christian amava era uma mulher superficial, gananciosa, egoísta, que feria e diminuía aqueles ao seu redor.

Ele forçou-se a aceitar a verdade.

Não era terrivelmente difícil evitá-la. Ele não se movia nos mesmos círculos que ela, não compareceu na temporada de Londres e não seguiu o elegante calendário de eventos. Portanto, ele não devia tê-la encontrado ao sair do edifício Waterhouse na Cromwell Road, que abrigava coleções de história natural do Museu Britânico.

Quase cinco anos tinham decorrido desde a última vez que a viu. A passagem do tempo só aumentou a sua beleza. Ela estava mais radiante, mais magnética e mais perigosa do que nunca.

Um incêndio florestal assolou o seu coração. Não importava que tipo de mulher era; só importava ela tornar-se dele.

Ele se virou e foi embora.

Capítulo 1

Cambridge, Massachusetts 1896

O esqueleto do Ictiossauro no Museu de Zoologia Comparativa de Harvard estava incompleto. Mas o lagarto de peixe foi um dos primeiros a ser encontrado em solo americano, no estado de Wyoming, e a universidade americana estava compreensivelmente ansiosa para colocá-lo em exposição.

Venetia Fitzhugh Townsend Easterbrook aproximou-se para ver os seus dentes pequenos, assemelhando-se a lâmina de uma faca de pão serrilhada, o que indicou uma dieta de organismos marinhos de corpo mole. Lula, talvez, que tinha sido abundante nos mares do Triássico[3]. Ela examinou os minúsculos ossos das suas barbatanas, alinhados como as linhas de grãos de milho. Ela contou os seus muitos ossos de costela, longos e finos como os dentes de um pente curvo.

Agora que este arremedo de escrutínio científico tinha sido realizado, ela permitiu-se voltar atrás e ver o comprimento da criatura, três metros e meio de ponta a ponta, mesmo com a maior parte da sua cauda faltando. Ela não mentia. Era sempre o tamanho desses animais pré-históricos que a encantava.

— Eu disse que ela estaria aqui, disse uma voz familiar que pertencia à irmã mais nova de Venetia, Helena.

— E tinha razão, disse Millie, a esposa de seu irmão Fitz.

Venetia virou-se. Helena com as suas meias ficava com um metro e oitenta. Como se isso não fosse atenção suficiente, ela também tinha cabelos vermelhos, a cabeça mais magnífica desde a boa Rainha Bess e olhos de cor verde malaquita[4]. Millie, em um metro e sessenta, com cabelo castanho e olhos castanhos, desaparecia facilmente numa multidão, embora fosse um erro por parte da multidão, porque Millie era delicadamente bonita e muito mais interessante do que ela parecia.

Venetia sorriu. — Você achou que as entrevistas com os pais foram frutuosas, minha querida?

— Um pouco, respondeu Helena.

A próxima turma a se formar de Radcliffe, um colégio feminino afiliado com a Universidade de Harvard, seria a primeira a ter a assinatura do Presidente de Harvard em seus diplomas, um privilégio rotundamente negado

aos seus homólogos ingleses Lady Margaret Hall e Girton. Helena estava a preparar-se para escrever sobre as senhoritas deste lote histórico para a revista *A Rainha*. Venécia e Millie tinham vindo com ela como suas acompanhantes.

Aparentemente, Helena, uma talentosa jovem que tinha estudado na Lady Margaret Hall e, atualmente, possuía uma pequena, mas próspera empresa de publicação, parecia a autora perfeita para esse artigo. Na realidade, ela resistiu veementemente a esta tarefa.

Mas a família dela tinha provas que Helena, uma mulher solteira, estava tendo um caso potencialmente ruinoso. Isso representou um grande dilema. Helena, com vinte e sete anos, tinha não só a maioridade há muito tempo, mas tinha também recebido a sua herança, em outras palavras, muito velha e muito financeiramente independente para ser coagida a uma conduta mais decorosa.

Venetia, Fitz e Millie tinham agonizado sobre o que fazer para proteger esta amada irmã. No final, tinham decidido remover Helena da fonte de tentação sem nunca mencionar suas razões, na esperança de que ela ganhasse bom senso quando tivesse tido algum tempo para refletir sobre suas escolhas.

Venetia tinha feito tudo, com exceção de suborno, para o editor da revista *Rainha* oferecer a missão americana para Helena e, em seguida, prosseguiu para desgastar a oposição de Helena em deixar o país. Chegaram no estado de Massachusetts, no início do fim da primavera. Desde então, Venetia e Millie tinham mantido Helena ocupada com rodada após rodada de entrevistas, visitas às classes e estudo de currículos.

Mas eles não seriam capazes de manter Helena deste lado do Atlântico por muito mais tempo. Em vez de se esquecer, a ausência parece ter deixado o coração de Helena ansiando cada vez mais tenazmente por um que ela tinha deixado para trás.

Como esperado, Helena começou a elaborar outro protesto. — Millie diz que você tem ainda mais entrevistas organizadas. *Com certeza*, eu coletei material mais do que suficiente para um artigo. Mais material e estaremos olhando um livro inteiro sobre o assunto.

Venetia e Millie trocaram um olhar.

— Pode não ser uma má ideia ter material suficiente para uma monografia. Você pode ser seu próprio editor, disse Millie, dessa forma tranquila e suave dela.

— Verdade, apesar de ser excepcional conhecer as senhoras do Radcliffe

College, não pretendo dedicar muito mais da minha vida a elas, respondeu Helena, com um tom agreste.

Vinte e sete anos era uma idade difícil para uma mulher solteira. As propostas tornaram-se escassas, a temporada de Londres menos emocionante do que uma longa labuta. Ser solteirona era o seu futuro, no entanto, apesar disso, ela tinha de ser acompanhada em todos os lugares por um criado ou um acompanhante.

Era por isso que Helena, que Venetia achava a mais sensata de todas, se rebelou e decidiu que já não queria ser sensata? Venetia tinha, ainda, de fazer essa pergunta. Nenhum deles tinha perguntado. O que todos queriam era fingir que este passo em falso de Helena nunca aconteceu. Reconhecer isso era reconhecer que Helena estava caminhando em direção à ruína, e nenhum deles poderia colocar um freio no coche em fuga que era o caso dela.

Venetia agarrou o braço de Helena. Era melhor para ela ser mantida longe da Inglaterra enquanto fosse possível, mas eles deviam seduzi-la a ficar em vez de a forçar.

— Se tiver certeza de que já tem material suficiente, então eu vou escrever ao resto dos pais que contatou para as entrevistas e dizer-lhes que a sua participação já não será necessária, ela disse, quando abriu as portas do Museu.

Uma rajada fria cumprimentou-os. Helena puxou a sua capa mais apertada, parecendo ao mesmo tempo aliviada e desconfiada. — Tenho certeza de que tenho material suficiente.

— Então vou escrever aquelas cartas assim que tivermos o nosso chá. Para dizer a verdade, sinto-me um pouco inquieta mesmo. Agora que você vai terminar o seu trabalho, nós podemos aproveitar a oportunidade para fazer alguns passeios.

— Com este tempo? Helena disse incrédula.

Primavera em Nova Inglaterra era dura e cinza. O vento soprava como agulhas contra as bochechas de Venetia. Os edifícios, todos vermelhos, sobre eles pareciam sisudos e graves como os puritanos fundadores da Universidade. — Certamente não vai deixar um pequeno calafrio dissuadi-la. Nós não vamos voltar para os EUA tão cedo. Veremos, tanto do continente quanto possível antes de irmos embora.

— Mas minha firma, eu não posso manter isso negligenciado.

— Você não está. Você se manteve sempre à corrente de todos os desenvolvimentos. Venetia tinha visto as cartas que Helena recebeu de sua

editora. — Em qualquer caso, nós não vamos manter a distância indefinidamente. Você sabe que nós devemos retornar a Londres para a temporada.

Uma grande explosão de ar frio quase jogou fora o seu chapéu. Um homem colocando panfletos na calçada teve problemas segurando a sua pilha de papéis. Um escapou de seu alcance e voou em direção a Venetia. Ela quase não o pegou antes dele se colar ao seu rosto.

— Mas... Helena começou novamente.

— Ora, Helena, disse Venetia, com um tom firme na sua voz. — Estamos pensando que você não gosta da nossa companhia?

Helena hesitou. Nada havia sido dito em campo aberto e talvez nunca nada seria dito, mas ela suspeitou da razão para a sua partida precipitada da Inglaterra. E ela tinha que sentir-se, pelo menos um pouco culpada, por abusar tanto da confiança que a família lhe tinha concedido.

— Ah, tudo bem, ela resmungou.

Millie, que estava do lado de Venetia, murmurou *bem feito*. — E o que diz o cartaz?

Venetia tinha esquecido completamente do pedaço de papel que tinha pego. Ela tentou abri-lo, mas o vento continuou agitando-o, até que ele foi rasgado da sua mão, deixando apenas um canto que dizia *Da sociedade americana de NAT*.

— É o mesmo? Millie apontou para um poste que acabara de passar.

O cartaz, colado ao poste, dizia,

A Sociedade Americana de Naturalistas e a Sociedade de História Natural de Boston conjuntamente apresentam: Lamarck e Darwin: quem estava certo?

Sua graça o Duque de Lexington Quinta-feira, 26 de março, 15:00 Horas
Teatro de Sanders, Universidade de Harvard

Aberto ao público

— Meu Deus, é o Lexington. Venetia agarrou o braço da Millie. — Ele vai falar aqui na quinta-feira.

A nobreza inglesa tinha sofrido um declínio coletivo na sua prosperidade, provocado pela redução do rendimento agrícola. Em toda a parte, sempre se encontrava mais um senhorio humilhado pelo vazamento de telhados e condutas estragadas. O irmão de Venetia, Fitz, por exemplo, teve que casar por dinheiro com dezenove anos, quando ele, inesperadamente, herdou um condado em ruínas.

O Duque de Lexington, no entanto, não teve nenhum desses problemas. Ele generosamente se beneficiou do fato de possuir quase metade dos melhores terrenos em Londres, dados à sua família pela coroa.

Ele raramente era visto na sociedade, muitas vezes, a piada era que, se uma jovem senhorita queria uma chance com ele, ela tinha que ter um mapa em uma mão e uma pá na outra. Ele podia dar-se ao luxo de ser evasivo: ele não tinha necessidade de se empurrar em frente da herdeira mais rica, esperando que sua alteza lhe enchesse os cofres com dinheiro. Em vez disso, ele viajou para lugares remotos, escavou em sítios paleontológicos e teve artigos publicados em revistas científicas.

O que era muito ruim. Na verdade, quando Venetia e Millie se compadeciam entre si por causa de mais uma temporada fracassada para Helena, invariavelmente arrastavam Lexington para a conversa.

Ela disse que Belfort não era suficientemente sério.

Eu apostarei que Lexington é feito de solenidade e altivez.

Ela pensou que Linwood sorriu demais.

Aposto como Lexington nunca experimentou um pensamento lascivo em sua vida.

Widmore é demasiado velho. Helena está convencida que ele iria reclamar sobre seus empreendimentos.

Lexington é moderno e excêntrico. Um homem que gosta de fósseis não ia se opor a uma mulher que publica livros.

Elas não estavam falando sério. Lexington, na realidade, provavelmente era arrogante e estranho, como os reclusos excêntricos costumam ser. Mas, enquanto ele permaneceu sem ser apresentado a elas, poderiam olhar para ele como um feixe fraco de esperança em seu esforço cada vez mais desmoralizado de arranjar marido para Helena.

Que fosse tão difícil encontrar um marido para Helena confundia todo mundo. Helena era linda, inteligente e bem-apessoada. Ela nunca tinha parecido a Venetia pouco razoável ou particularmente difícil de agradar. E ainda assim, desde a sua primeira temporada, ela tinha descartado senhores simpáticos, elegíveis, como se fossem criminosos ou pouco recomendáveis.

— Você sempre quis conhecer a Lexington, não é, Venetia? Perguntou Millie.

Interessante como Millie, com seu comportamento tranquilo, digno de confiança, era a mentirosa mais convincente de todos eles. Venetia aceitou a ideia dela. — Ele gosta de fósseis. Isso é o bastante para um homem ficar

mais interessante para mim.

Elas estavam cortando caminho pela faculdade de direito. As árvores nuas estremeciam ao vento. Os gramados eram invisíveis sob o manto do dia anterior de neve. A sala de aula principal, rotunda e românica, provavelmente teria sido uma revolta contra o resto da uniformidade de arquitetura severamente retangular da Universidade.

Um grupo de estudantes vindo na direção deles diminuiu para uma parada, olhando Venetia. Ela assentiu distraidamente em sua direção.

— Então você planeja assistir a palestra? Perguntou Helena, olhando para o folheto. — É mais de uma semana até lá.

— É verdade, mas ele tem sido impossível de encontrar em casa. Você sabe, ouvi dizer que ele tem seu próprio museu privado de história natural em Algernon House? Eu estaria como um gato no creme, se eu fosse a senhora desse solar.

Helena franziu a testa ligeiramente. — Nunca ouvi você falar em um particular interesse por ele.

Porque ela não tinha nenhum. Mas que tipo de irmã ela seria se não se certificasse que o mais elegível e, possivelmente o mais adequado, solteiro em toda a Inglaterra fosse apresentado a Helena?

— Bem, ele é uma boa perspectiva. Seria uma pena não o ver agora. E, enquanto esperamos por ele, podemos começar nosso passeio. Existem algumas adoráveis ilhas ao largo do Cabo Cod, ouvi dizer. Connecticut é suposto ser muito bonito, e Montreal está apenas a uma rápida viagem de comboio.

— Emocionante, disse Millie.

— Um pouco de descanso e relaxamento antes da temporada começar a sério, disse Venetia.

Helena pressionou seus lábios juntos. — É melhor O Duque valer a pena.

— Um homem rico em libras esterlinas e fósseis? — Venetia fingiu desmaiar. — Ele deve valer todos os problemas. Você verá.

Eu tenho uma carta de Fitz, disse Millie.

Helena estava no banho, e Venetia e Millie estavam sozinhas na sala de estar da casa de campo, que elas tinham alugado no Radcliffe College.

Venetia aproximou-se de Millie e baixou a voz dela. — O que ele diz?

Em janeiro, Helena tinha ido para Huntington, local onde estava o senhor Wrenworth, acompanhada por sua amiga a Sra. Denbigh. Melhor amigo de Fitz, Visconde Hastings, também tinha ido. Hastings saiu cedo da festa e

convidou Fitz e Millie a ir até aos seus aposentos. Ele disse que enquanto estava em Huntington, durante três noites consecutivas, tinha visto Helena caminhando para seu quarto às 04:00 da manhã.

Venetia imediatamente foi para Huntington, mostrando-se repleta de desculpas pelas saudades que sentia de sua irmã e sorrindo sem parar. Ainda havia quartos em Huntington, mas ela tinha insistido em partilhar o de Helena e certificou-se de nunca deixar Helena fora de sua vista.

Depois, eles tinham enviado Helena para fora do país o mais rápido que conseguiram e deixaram Fitz para trás para determinar a identidade do parceiro de Helena em pecado.

— Incluindo Huntington, ela tinha assistido a quatro festas dadas em mansões desde do final da temporada, cinco, se você contar com aquela dada em Henley Park que Fitz e eu demos. Hastings foi a quatro delas, mas, obviamente, ele não é o nosso suspeito. Lady Avery e Lady Somersby estavam em quatro delas, incluindo aquela dada em Huntington.

Venetia abanou a cabeça. — Não acredito que ela foi descuidada com esses fofoqueiros sob o mesmo teto.

Millie passou para baixo na lista. — Os Rowleys estavam em três festas. Tal como Jack Dormers.

Mas Sr. Rowley tem cinquenta e cinco anos. E o Jack Dormers era recém-casado, um casal devotado um ao outro. Venetia deu uma respiração profunda. — E o Andrew Martins?

Há uns anos atrás, Helena tinha desenvolvido uma paixão pelo Sr. Martin. Todas as evidências apontavam que os seus sentimentos foram retribuídos fervorosamente. Mas, o Sr. Martin tinha proposto casamento e casou-se com uma jovem que tinha sido destinada a ele desde o nascimento.

Millie alisou as dobras da carta de Fitz, preocupação manchando os olhos.

— Agora que penso nisso, não vi o casal Andrew Martin juntos há algum tempo. O Sr. Martin veio sozinho para as três festas. E, em cada casa, pediu um quarto fora de mão, citando a necessidade de paz e tranquilidade para trabalhar no seu próximo livro.

Tudo muito conveniente para a realização de um caso ilícito. — Fitz suspeita de alguém? Venetia pediu sem muita esperança.

— Não entre aqueles em Huntington.

Se o amante de Helena era, de fato, o Sr. Martin, isso não acabaria bem. Eles estavam perto de serem descobertos, a família de Fitzhugh nem conseguiria pressioná-lo a fazer a coisa honrada por Helena, pois o Sr. Martin

permanece muito casado, sua esposa tão robusta como um vinho vintage.

Venetia esfregou as suas têmporas. — O que Fitz acha que devemos fazer?

— Fitz vai conter-se, por enquanto. Ele está preocupado que ele pode fazer mais mal que bem a Helena confrontando o Sr. Martin. E se o Sr. Martin não é o tal? Então, podem surgir rumores que Helena estava se comportando mal, o que devemos evitar.

A reputação de uma mulher era frágil como as asas de uma libélula. — Graças a Deus. Fitz é sensato.

— Sim, ele é muito bom numa crise, disse Millie, deslizando a carta em seu bolso. — Acha que vai ajudar apresentar o Duque a Helena?

— Não, mas ainda temos que tentar.

— Esperemos que o Duque não caia pela irmã errada, disse Millie, com um pequeno sorriso.

— Pah, disse Venetia. — Estou quase de meia-idade e quase, certamente, mais velha que ele.

— Tenho certeza de que Sua Graça vai estar mais do que disposto a esquecer a pequena diferença de idade.

— Eu tive mais que minha cota de maridos e pretendo ser feliz solteira pelo resto da minha....

Passos. Helena.

— Claro que não darei a minha mão livremente, disse Venetia, levantando a voz. — Mas, se o Duque me cortejar com um fóssil enorme, quem sabe como eu o poderia recompensar.

Helena ouvia com atenção. Venetia estava no banho. Millie tinha ido trocar seu vestido de passeio. Ela devia estar suficientemente segura.

Ela puxou a cortina de lado e abriu a janela da sala de estar. O rapaz que ela havia encarregado de levar as cartas para Andrew diretamente aos correios estava lá, esperando. O rapaz estava com a mão estendida. Ela colocou uma carta e duas moedas de cobre na palma da mão dele e fechou rapidamente a janela.

Agora restava ler as cartas que tinham chegado para ela durante a tarde. Ela olhou procurando por aquelas que vinham com a marca de Fitzhugh & do Co. nos envelopes. Antes dela ter deixado a Inglaterra, ela tinha dado um fornecimento daqueles envelopes para Andrew com a instrução de ter o seu endereço americano digitado na frente, assim que os recebesse. Então, ele deveria colocar um asterisco pequeno sob o selo postal, para que ela pudesse saber que era dele e não da secretária dela.

Nesta carta, ele não colocou um asterisco, mas um coração minúsculo sob o rosto da rainha. Ela acenou com a cabeça com carinho. Ah, o doce Andrew.

Minha querida, Que alegria! Que felicidade! Quando liguei para o escritório do St. Martin le Grand esta manhã, não havia uma, não duas, mas três cartas de você. Meu prazer é muito maior por causa da decepção dos últimos dois dias, quando as minhas viagens a Londres não foram frutuosas nos correios.

E quanto à sua pergunta, o trabalho no volume três de Uma história de Anglia do Leste está a andar lentamente. Rei Æthelberht está prestes a ser morto e Offa de Mercia em breve irá subjugar o Reino. Por alguma razão, temo bastante esta parte da história, mas acredito que meu ritmo deve aumentar novamente quando chegar à rebelião trinta anos mais tarde que restaurará a independência ao Reino de Anglia do Leste.

Eu gostaria de escrever mais. Mas devo estar a caminho de casa — estou a caminho para ir visitar a minha mãe ao Priorado de Lawton e você sabe quanto ela lamenta a falta de pontualidade, especialmente a minha.

Então, termino com um desejo ardente para o seu regresso antecipado.

Seu servo

Helena abanou a cabeça. Ela tinha instruído Andrew para nunca assinar seu nome em suas cartas. Essa precaução tornou-se irrelevante quando ele se referiu a casa de sua mãe e ao seu livro pelo nome. Mas isso não era culpa dele. Se ele fosse capaz de subterfúgio, ele não seria o homem que ela amava.

Ela estava colocando a carta dentro do bolso de seu casaco quando Venetia voltou para o quarto, sorrindo. — O que acha de fazer uma incursão em Boston amanhã, meu amor, e ver o que os seus mercadores têm a oferecer? Esses chapéus que você trouxe são perfeitamente utilizáveis para falar com professores e senhoritas estudantes. Mas temos de fazer melhor para uma reunião com Duques.

— Ele terá olhos somente para você.

— Disparate, disse Venetia firmemente. — Você é uma das mais belas mulheres que eu conheço. Além disso, se ele tiver juízo, ele saberá que a melhor maneira de julgar uma mulher é observar como ela trata as outras mulheres. E, quando ele observar você com seu chapéu simples de duas temporadas atrás, imediatamente concluirá que eu sou uma vaca egoísta que coloco enfeites em mim como uma árvore de Natal e a deixo vestida em trapos.

Se Venetia quisesse que Helena acreditasse que ela estava interessada no

Duque, então não deveria ter passado os quatro anos desde que ficou viúva pela segunda vez cordialmente a recusar qualquer proposta que tinha vindo no caminho. Na verdade, Helena estava convencida que Venetia nadaria o canal da mancha antes de ela tomar outro marido.

Mas Helena iria aceitar o jogo dela, como aceitou desde que Venetia, inesperadamente, apareceu em Huntington. — Tudo bem, então, mas só por você, e só porque você está a ficar com muitos anos e, em breve, terá apenas cavalheiros visitando-a quando eles confundirem a sua porta com a da avó deles.

Venetia riu, espetacularmente bonita. — Tolice. Vinte e nove não é tão velho assim, ainda. Mas é verdade, que talvez não tenha outra chance de me tornar uma duquesa se esta oportunidade passar. Assim, é melhor que você tenha um chapéu adequado.

— Irei permitir que você selecione um para mim que pareça um carnaval.

Venetia colocou seu braço ao redor de Helena. — Não seria maravilhoso se você conhecesse o homem perfeito nesta temporada e aceitasse a sua proposta? Então teríamos um casamento duplo.

Já conheci o homem perfeito. Eu não vou casar com mais ninguém.

Helena sorriu. — Sim, não é?

Capítulo 2

Ela estava vestindo-se, abotoando a sua combinação, puxando as meias, entrando em sua anágua, seus movimentos sem pressa, dançando. Estava de costas para ele, mas o espelho da vaidade forneceu uma visão desobstruída do resto dela. Ele permaneceu na cama, a cabeça apoiada na palma da mão, e observou a ondulação e balanço do cabelo escuro, solto.

Lá fora, um pica-pau picava a madeira diligentemente. No interior, o sol da tarde recolheu-se da sala, a cunha de luz manchada, o acobreado sobre o teto a crescer cada vez mais indistinto. A beleza dela brilhando era menos precisa, como se ela tivesse sido transformada em uma pintura impressionista, pinceladas de cor e sombra. Ele podia olhar para ela sem sentir que deveria proteger seus olhos ou correria o risco de danificá-los.

Ele estendeu a mão, pegou uma onda solta do cabelo dela, trazendo-a mais perto dele.

Ela aquiesceu facilmente, sentou-se na borda da cama, e passou um braço ao redor de seus ombros. — Não se cansou de mim? Perguntou ela, sorrindo.

— Nunca.

— Bem, não mais para você agora, senhor. Devo convocar a minha empregada. E por que não está pronto?

Ele acariciou o interior do cotovelo. — Vou começar em um quarto de hora. Enquanto isso, eu vou usar você para me ajudar a passar o tempo.

Ela riu e afastou-se dele. — Mais tarde. Após o baile, talvez.

O pica-pau fez barulhos ainda mais altos.

Christian levantou-se da cama. O quarto estava escuro, suas cavidades tenebrosas; o fogo na lareira tinha virado cinzas. Não havia ninguém com ele, bonita ou não. Era a manhã de sua palestra de Harvard e alguém estava batendo na sua porta.

— Entre, ele disse.

Parks, seu criado, entrou. — Bom dia, Sua Graça.

— Manhã, disse ele, jogando de lado as mantas e saindo da cama.

O sonho, que ele nunca tinha experimentado antes, tinha sido tão real. Ele poderia ter descrito a cortina translúcida de musselina na janela, as videiras estilizadas do tapete Oriental na qual ela tinha ficado, o exato comprimento e textura do cabelo dela.

Mas não era a intensidade dos detalhes que o tinha desorientado, depois de alguns dos seus sonhos mais lascivos, ele podia tê-la desenhado com grande precisão anatômica. Pelo contrário, foi a domesticidade afetuosa, a intimidade fácil e a doçura.

— Senhor, disse Parks. — A água esfria. Devo buscar outra bacia?

Há quanto tempo estava Christian parado em frente do lavatório, a sonhar acordado, tal como um ladrão ansiando pelo banco da Inglaterra?

Mais de cinco anos tinham se passado desde que ele viu pela última vez a senhora Easterbrook, do lado de fora do Museu Britânico de História Natural. Alguns dias ele sinceramente acreditava que tinha superado sua obsessão adolescente. Um dia, ele tinha prometido à madrastra que, após as aulas em Harvard e Princeton, ele estaria em Londres durante toda a temporada, para fazer o seu dever e encontrar uma esposa.

Sra. Easterbrook, que tinha uma irmã solteira, era certo que estaria em Londres. Como acompanhante desta, estaria, muitas vezes, nas mesmas ocasiões em que a presença dele seria esperada. Eles podiam ser apresentados. Haveria ocasiões em que, por causa da civilidade, ele devia falar com ela.

— Sua Graça? Parks perguntou novamente.

Christian saiu de perto do lavatório. — Faça o que quiser.

Ela parece impressionante, não é? Venetia perguntou a Millie.

Por ocasião da palestra do Duque, Helena tinha colocado um vestido de passeio de veludo verde intenso. Bridget, a empregada da Millie, pairou atrás de Helena, certificando-se que as cortinas da saia caíam apenas para a direita.

— Ela é uma visão, Millie prontamente concordou. — Eu amo uma ruiva em verde.

Venetia virou-se para Millie. — E posso acrescentar que, também, está muito bem. A cor mostarda que Millie tinha vestido, problemática na maioria das mulheres, de alguma forma deu-lhe uma vantagem, fazendo-a parecer fresca e inesperada.

— O Duque vai concluir que eu sou uma irmã e cunhada dedicada e uma mulher respeitável. Então, ele prontamente vai pedir-me para orientar o seu museu privado.

Helena abanou a cabeça. — Sempre os fósseis.

Venetia sorriu. — Sempre.

Ela sentiu-se mais otimista do que ela tinha motivos para se sentir. Mas elas tinham tido um bom tempo na semana passada, passeando pelo campo

em Connecticut e pelas bonitas ilhas de vinhedo de Martha e Nantucket. Helena parecia que tinha voltado a se comportar como antigamente, parecendo a Helena de sempre, depois de tanto tempo comportando-se de forma estranha. E Venetia estava esperançosa de que, no final da viagem, ela iria ver como estava errada.

Helena não era inconstante ou impensada. Na verdade, normalmente, ela era um excepcionalmente astuto juiz de carácter.

Após a sua primeira reunião com Millie, durante a qual esta não tinha dito mais de dez palavras, Helena tinha dito a Venetia, “*Fitz tem sorte. Ela vai ser uma boa esposa para ele*’. Millie provou ser a melhor esposa que um homem poderia esperar.

E, claro, tinha havido a memorável ocasião, há muitos anos atrás, quando Venetia, ansiosamente apaixonada, tinha pressionado Helena para que ela lhe dissesse o que pensava de Tony. Helena tinha respondido com relutância que ele parecia ter certa falta de força interior.

Ela tinha sido tão certa. Assim, o que chocava era que ela, de todas as pessoas, se comportasse de forma que colocava em risco todo o seu futuro.

Bridget, satisfeita com o vestido de Helena, virou-se para Millie. — Você precisará de mais alguma coisa, senhora?

— Não, e você pode tirar o resto do dia.

— Obrigado, senhora.

Nesta viagem, elas trouxeram apenas Bridget. A empregada de Venetia, Hattie, sofria de um enjoo terrível e tinha ficado para trás. A empregada de Helena deixou o serviço há um ano para se casar e nunca foi substituída.

Venetia não tinha pensado muito nisso naquela época. Helena ficava com Venetia ou com Fitz e Millie e era fácil o suficiente para Hattie ou Bridget tratar dela. Agora, ela se perguntava se isso tinha sido deliberado da parte de Helena. Sem uma empregada cujas funções giravam inteiramente em torno dela, Helena tinha uma pessoa a menos para manter o controle de seus movimentos.

Tinha Helena *planejado* o caso dela, limpando os obstáculos um a um? Venetia não apreciava essa possibilidade.

Bem, Helena ainda podia mudar de ideia. Talvez a visão de um jovem muito bom, muito solteiro, fosse o empurrão que ela precisava. E não devia ser a Providência, ou o Duque, que tinha sido tão esquivo como o Santo Graal por tanto tempo, de repente aparecer neste momento especial em suas vidas.

Venetia alcançou as suas luvas. — Estou pronta para colocar os olhos em cima de Lexington. Mais alguém?

Eles chegaram meia hora mais cedo, mas Sanders Theatre, o auditório de Harvard, já estava lotado. Apenas na última fila, elas conseguiram encontrar três assentos juntos.

Millie deu uma olhada em volta. — Meu Deus, olha para todas as mulheres presentes.

Helena ajustou o ângulo do seu chapéu novo, devidamente opulento. — Não é surpreendente quando o professor é um jovem, rico Duque. Parece que você vai ter concorrência, Venetia.

— Talvez estejam aqui só por curiosidade, disse Venetia despreocupadamente. — Com tantas das suas grandes herdeiras a casarem-se com os nossos senhores sem dinheiro, elas devem estar morrendo para ver qual é o aspeto de um inglês que não precisa de dinheiro.

— Você nunca viu um desses, também, certo, Millie? Helena zombou.

— Não, em meu casamento, eu não vi. Millie riu.

— Pelo menos seu pobre nobre inglês é bonito, disse Venetia.

— Ele é mais bonito que Apollo.

O elogio para o marido dela foi pronunciado com perfeita naturalidade, sem hesitação na sua voz ou coloração mínima de bochechas.

Há anos que Venetia pensava se Millie não estava secretamente apaixonada pelo homem que se casou com ela apenas pela sua fortuna. Ele tratou-a com cortesia e, nos últimos anos, afeição. Mas o coração dele, sempre temeu Venetia, pertenceria à mulher que ele tinha desistido por uma questão de dever.

— As chances de você ser tão afortunada, Venetia, disse Helena, são quase nulas. Ouvi dizer que o Duque parece como o *Corcunda de Notre-Dame*.

— Hmm. Venetia meditou. — Será possível um Duque rico, jovem e feio?

E se houvesse, ele não era o Duque de Lexington, cuja aparência sobre o estrado trouxe um suspiro coletivo de admiração. Ele era realmente bonito, não o gentil, com aparência de menino que parecia atrair mais fortemente Venetia, mas magro e angular: olhos vincados, nariz reto, bochechas e lábios firmes.

Millie aprovou. — Ele tem o olhar de um senador romano, muito magistral, muito distinto.

— Quantos anos tem a família, exatamente? Venetia pediu.

— Muito velha, afirmou Millie. — Uma Maria Grignon de Montfort lutou

ao lado de William o conquistador.

Um professor de Harvard lançou-se em uma introdução longa que era mais sobre si mesmo do que sobre o Duque. Lexington permaneceu fiel à sua criação e não mostrou nem tédio nem irritação, apenas uma consciência neutra do que se passava à sua volta.

Venetia observou com alívio que ele também era alto o suficiente para Helena, cuja altura, às vezes, dissuadia os jovens que não se achavam suficientemente altos para ela. Ela olhou para Helena, na esperança de ver uma faísca de interesse no rosto da irmã. Afinal, o Duque era tudo o que Helena sempre disse que queria. Mas o semblante de Helena mostrava apenas uma polidez branda.

— Estás satisfeita, Venetia? Sussurrou Millie. — Você o fará o homem mais sortudo do mundo?

Venetia lembrou-se de que ela deveria continuar a fingir seu pretenso interesse matrimonial pelo Duque. — Vai depender do tamanho do seu fóssil, ela sussurrou de volta.

Helena fez um som a meio caminho entre um ronco e uma explosão suprimida do riso.

A ansiedade de Venetia dobrou. Ela esperava que Helena ainda fosse virgem. Não que um fio de riso fosse resolver essa dúvida, mas Helena entendeu a piada tão imediatamente, quando algumas das suas tias solteiras precisam de um diagrama, talvez vários diagramas...

Concluiu-se a introdução. O Duque foi para o pódio. Ele falou com uma cadência medida, um uso contido de palavras e, ao contrário do homem que o precedera, com a disciplina de não fugir uma polegada de seu tópico.

Ele era brilhante, o que, sem dúvida, agradaria a Helena. Suas ideias eram controversas, dentre elas, a força motriz por trás da evolução era que era mais provável que fosse a seleção natural, como o Sr. Darwin tinha proposto, e não as mais comumente aceites teorias do Neo-Lamarquismo[5], Ortogênese[6] ou Saltacionismo[7]. No entanto, a sua preleção foi quase impessoal, como se ele meramente estivesse falando de pensamentos de terceiros e não dele próprio.

Mas, havia um carisma nele que encantou a audiência, uma atração maior que a soma da sua convicção e sua boa aparência. Talvez fosse a sua altivez muito educada, a autoridade inconfundível de sua voz, ou a combinação de seu antigo título e seus esforços muito modernos.

No final da palestra, uma série de perguntas vieram dos homens na plateia, alguns dos quais eram membros da faculdade de Harvard e, alguns, membros

da imprensa.

Venetia passou em frente de Millie e deu a Helena um pedaço de papel. — Pergunte a ele.

Para ser a primeira mulher a lhe fazer uma pergunta ao Duque e que deixasse uma impressão.

Helena olhou para a questão que Venetia havia sugerido: *O que você acha da evolução teísta*[8], senhor? — Porque eu? Você deve fazê-lo.

Venetia abanou a cabeça. — Não quero que ele pense que eu sou demasiado para a frente.

Mas antes dela conseguir convencer Helena, uma mulher jovem americana levantou-se da plateia.

— Sua Senhoria.

Venetia recuou no uso incorreto do título do Duque. Um Duque nunca foi Meu Senhor, mas sempre, Sua Graça.

— Eu li com grande interesse seu artigo na *revista Harper*, continuou a jovem. — No artigo, você brevemente atormenta leitores com a sua visão de que a beleza humana também é um produto da seleção natural. Gostaria de explicar isso?

— Certamente, disse Sua Graça. — Do ponto de vista evolutivo, a beleza é nada mais do que um sinal da aptidão para a reprodução. Nosso conceito de beleza deriva, em grande parte, da simetria e proporção, que, por sua vez, denotam saúde estrutural. Essas características que encontramos mais agradáveis (olhos límpidos, dentes fortes, pele imaculada) representam a juventude, vigor e ausência da doença. Um homem que é atraído por mulheres jovens e saudáveis é mais provável que se reproduza do que aquele que é atraído para os idosos, doentes. Portanto, o nosso ponto de vista de beleza, sem dúvida, foi influenciado por milênios de seleções de sucesso no passado.

— Então, quando você vê uma linda mulher, senhor, é isso que você acha, que ela está apta para a reprodução?

Mandíbula de Venetia afrouxou. Os americanos tinham uma audácia fenomenal.

— Não, eu prefiro maravilhar-me com a homenagem que prestamos à beleza. É fascinante para um homem da ciência.

— Como assim?

— Fomos ensinados desde o nascimento para julgarmos os outros pelo caráter. No entanto, quando confrontados com a beleza, tudo vai pela janela.

Beleza torna-se a única coisa que importa. Isso me diz que o Sr. Darwin estava exatamente certo. Nós descendemos de animais. Existem certos instintos bestiais, a atração por beleza, por exemplo, que são primordiais para a nossa vivência e se sobrepõem às marcas da civilização. Então, podemos romantizar beleza, sem o constrangimento que existe hoje.

O público murmurou sobre os seus pontos de vista pouco convencionais e muito decididos.

— Isso significa que você não aprecia a beleza, senhor?

— Gosto da beleza, mas eu gosto do mesmo jeito que eu gosto de um charuto, com o entendimento de que, enquanto dá prazer temporário, é essencialmente sem sentido e talvez possa até ser prejudicial a longo prazo.

— Isso é uma visão muito cínica da beleza.

— Isso é toda a consideração que a beleza merece, disse o Duque friamente.

— Você pode ter um tempo um pouco mais difícil do que você antecipou, Venetia, disse Helena suavemente.

— O Duque é claramente um encenqueiro. Em quem Venetia estava desenvolvendo um interesse bastante animado, que talvez era mais quente que a garantia por um cunhado de potencial interesse.

Um jovem homem saltou para seus pés. — Senhor, se eu entendi corretamente, essencialmente declarou todas mulheres bonitas indignas de confiança.

Venetia bufou. O Duque não disse isso: ele tinha falado em uma posição neutra sobre a consideração da beleza. Mulheres lindas, como todas as outras mulheres, devem ser abordadas e julgadas sobre aspetos além dos meros atributos físicos. E o que havia de errado com isso?

— Mas as mulheres bonitas *são* essencialmente não-confiáveis, respondeu o Duque.

Venetia franziu a testa. Essa ideia antiga de novo, não. Era tão ruim quanto comparar a beleza com a virtude. Pior, provavelmente.

— Uma linda mulher é desejada enquanto mantém a sua beleza, perdoada por todas as ofensas, e nunca lhe é pedido nada para além de ser bonita.

Venetia bufou. Se, ao menos.

— Mas com certeza, senhor, não somos tão cegos assim, argumentou o jovem.

— Permita-me apresentar algumas evidências anedóticas, então. Evidências anedóticas não constituem dados. Mas, quando não é possível

dados imparciais e não poluídos, um achado quando se trata do estudo da psique humana, teremos de nos conformar com o que há.

— Há alguns anos, passei por Londres na parte final de agosto, numa altura em que a sociedade inglesa sai da cidade e vai toda para campo. Meu clube estava vazio, só eu e outro homem.

— Eu conhecia este homem porque ele tinha uma vez sido apontado para mim como o marido de uma mulher muito bonita. Ele falou brevemente sobre a sua esposa e avisou que um homem não deve cobiçá-la a menos que esse homem quisesse ser como ele.

— A conversa foi desagradável para mim. Ele também não fazia sentido, até ler o obituário do homem nos jornais alguns dias mais tarde. Eu fiz algumas investigações... e fiquei a saber que não só ele faliu, mas tinha também contas excessivamente grandes nas várias joalharias. As circunstâncias da sua morte tinham quase desencadeado um inquérito.

Algo clicou dentro da cabeça de Venetia. Esta mulher, a quem o Duque claramente culpou pela morte de seu marido... Ele possivelmente poderia estar falando *dela*?

— Sua viúva casou um ano mais tarde, com um homem mais velho e muito rico. Os rumores eram abundantes de que ela tinha um caso com o seu amigo. E, quando ele estava em seu leito de morte, ela não teve sequer a cortesia de cuidar dele. Ele morreu sozinho.

Ele *estava* falando dela, com os fatos terrivelmente distorcidos. Ela queria cobrir as orelhas, mas não podia se mover. Ela não podia nem piscar, só conseguia olhar para ele com o olhar cego de uma estátua.

Picou-a o julgamento sobre o seu segundo casamento, mas isso não importava muito. Ela tinha ajudado a espalhar alguns rumores ela mesma. Mas, o que ele tinha implícito sobre Tony, nas palavras do próprio Tony, nada menos, insinuando que Tony não teria se matado se não fosse por ela...

— Excepcionalmente cruel, nossa beleza.

Tinha retardado o seu discurso? Cada sílaba condenatória perdurou por uma eternidade no ar, um ar brilhante com o feixe da lanterna pendurada, mil partículas de luz pegadas em um brilho branco — Você pensaria que um odor de censura penduraria sobre ela, o Duque continuou inexoravelmente. — Mas não, a ela é dada as boas-vindas em todos os lugares e constantemente bombardeada com propostas de casamento. Ninguém, ao que parece, consegue lembrar do seu passado. Então, sim, acho que nós somos realmente tão cegos.

Havia outras perguntas. Venetia não as ouviu. Nem ela ouviu as respostas do Duque, exceto a voz dele, distante, claro, voz inescapável.

Ela não sabia quando a palestra terminou. Ela não sabia quando o Duque saiu ou quando o resto do público saiu. O teatro estava escuro e vazio quando ela se levantou, educadamente removeu a mão da irmã do seu braço e marchou para fora.

* * *

Eu ainda não posso acreditar no que aconteceu, disse Millie, pressionando outra xícara de chá quente nas mãos de Venetia.

Venetia não sabia se ela tinha terminado o conteúdo da taça anterior ou se tinha ficado frio e foi levado embora.

Helena andava pelo salão, sua sombra longa e magra em cima da parede. — Há um grande número de mentiras e mentirosos aqui envolvidos. A família do Sr. Easterbrook, certamente, é composta por um bando de mentirosos. Sr. Townsend foi capaz de uma grande parte disso tudo. E, Venetia, você, também, contribuiu com sua parte na cobertura para os dois.

Era verdade. Venetia tinha mentido o seu quinhão. Às vezes, as pessoas devem ser protegidas; às vezes, as aparências tinham que ser mantidas; e, às vezes, seu próprio orgulho é necessário preservar, para que ela pudesse continuar com a cabeça erguida, mesmo quando tudo o que ela queria era se esconder em um canto.

— O Duque, o mais provável, não é um mentiroso, continuou a Helena. — Mas ele falou com imprudência repreensível, apresentando uma série de rumores infundados, como se fossem da *Enciclopédia Britânica*. Imperdoável. Podemos apenas ser gratos que, enquanto os americanos devem ter ouvido falar do Príncipe de Gales e do Duque de Marlborough, eles não sabem de Venetia e não serão capazes de adivinhar a identidade da pessoa que ele falou.

— Graças a Deus por misericórdias pequenas, murmurou Millie.

Helena parou em frente da cadeira de Venetia e abaixou-se para que os seus olhos ficassem ao nível dos olhos da Venetia. — Vingue-se, Venetia. Faça-o cair de amor por você e, em seguida, corra com ele.

Altos, escuros pensamentos tinham estado a cruzar a cabeça de Venetia como um bando de corvos sobre a torre de Londres. Mas agora, quando ela olhava nos olhos de sua irmã frios, resolutos, o passado caiu fora, e o pensamento de Lexington também desapareceu da mesma forma.

Helena. Helena era uma mulher que fazia as suas decisões com uma crueldade quase assustadora.

Se Helena verdadeiramente tinha decidido que Andrew Martin valia a pena, nada havia a fazer. Millie, Fitz e Venetia poderiam tentar tudo o que eles quisessem. Eles não mudariam a sua ideia, não por todos os meios de que dispunham.

Venetia só poderia ficar feliz que a mente dela tinha ficado, em grande parte, dormente. Ela não podia sentir qualquer desespero.

Por agora.

Capítulo 3

Quando Venetia tinha dez anos, um trem descarrilou perto de sua casa de infância.

O pai dela havia tratado de puxar os passageiros para fora dos destroços. Venetia e seus irmãos não puderam ir perto da cena, por medo de transtorná-los demais. Mas, eles foram encorajados a tratar dos passageiros, especialmente as crianças que sofreram apenas pequenos ferimentos.

Tinha havido um menino da idade dela que não tinha danos visíveis. Quando sanduíches foram postos diante dele, ele comeu. Quando apareceu uma xícara de chá, ele bebeu. E, quando fizeram perguntas, ele deu respostas sensatas o suficiente. Ainda assim, tornou-se evidente, depois de algum tempo, que ele não estava inteiramente presente, que ainda estava no meio do descarrilamento.

Nos dias seguintes à palestra do Lexington, Venetia efetuou uma apresentação similar de normalidade. Por insistência dela, fizeram a sua turnê de Montreal, como programado. Enfrentando o frio, mal sentiu frio, de fato, ela visitou a Basílica de Notre-Dame, sorriu para a gente do campo singularmente fantasiados que lotaram o Bonsecours nos dias de mercado e admiraram a vista panorâmica da cidade a partir do mirante no topo do Monte Royal.

Ao mesmo tempo, ela reviveu a condenação do Lexington. E, reviveu os dias horríveis, imediatamente após a morte de Tony. Por mais tempo do que ela pensava possível, ela era uma espectadora em sua própria mente, testemunhando os eventos como se eles estivessem acontecendo a um estranho num continente de distância, e se maravilhando de que ela estava tão afastada de tudo.

A primeira rachadura no seu desprendimento veio três dias antes de partir para Nova Iorque. Ela acordou no meio da noite, seu coração batendo, querendo destruir algo. Tudo.

Quando Helena e Millie acordaram, ela já foi embalada e vestida, a sua mala de viagem amarrada no carro alugado. Se ela fosse gritar e quebrar coisas, ela não queria que a sua família visse.

— Eu decidi ir em frente para Nova Iorque e facilitar a sua chegada, ela disse.

Helena e Millie cuidaram uma da outra. Nestes dias, tudo o que se precisava era um guia decente e acesso a um escritório de telégrafo para fazer planos de viagem. Não havia necessidade de enviar um batedor à frente para a completamente moderna Nova York, especialmente quando já tinham solicitado e recebido reservas em um dos melhores hotéis na cidade.

Helena começou — podemos chegar com...

— Não! Venetia estremeceu com a dureza da sua recusa. Ela tomou uma respiração profunda. — Eu gostaria de ir sozinha.

— Tem certeza disso? Millie perguntou hesitante.

— Bastante. E não fique tão abatida. Vão ser apenas dois dias antes de você me ver novamente.

Mas elas pareciam abatidas, desanimadas e ansiosas. Elas queriam mantê-la perto e protegê-la. Algumas dores, no entanto, estavam além da proteção do amor fraternal, e algumas feridas eram melhor lambidas em cavernas escuras, solitárias.

— É melhor se apressar, disse ela. — Ou, vou perder o trem.

Venetia tinha pensado que ela tinha feito as pazes com as memórias de Tony. Ela mentiu para si própria. Nunca tinha havido paz, apenas uma tênue trégua com ele, agora sempre silencioso, e com ela, cuidadosamente, evitando o assunto.

E agora, mesmo essa trégua foi desfeita. Quando o trem acelerou para o sul, ela olhou para a paisagem ainda congelada, pela qual passava a grande velocidade, enquanto uma voz atormentada e confusa na sua cabeça ficou repetindo a mesma pergunta. *Por que você disse tais coisas para Lexington, Tony, por quê?*

É simples o suficiente, sua idiota. Ele queria alguém que acreditasse que você era responsável pela morte dele.

Por que isso deveria vir como uma amarga surpresa, ela não sabia. Talvez com o passar do tempo, ela tinha se permitido romantizar o passado, para acreditar que o seu casamento não tinha sido tão sufocante, afinal de contas, que ela não tinha sido mais infeliz do que qualquer outra pessoa, e que Tony não tinha realmente revelado ser um homem tão mesquinho.

Esta, então, era sua maneira de lembrá-la, do além-túmulo, de seu sofrimento, desgosto e vergonha.

Da verdade.

* * *

A cabeça de Venetia estava latejando quando saiu na Grand Central Station. Ela quase passou o sinal levantado pelo motorista da sua amiga Lady Tremaine. Lady Tremaine, o seu marido e as suas duas filhas jovens, já haviam partido para Inglaterra, mas eles colocaram os seus automóveis à disposição de Venetia.

O criado, que lhe disse que o seu nome era Barnes, orientou Venetia para fora, para onde ele tinha estacionado o veículo. Exceto a falta de cavalos, o automóvel se parecia, exatamente, com um coche vitória, a carroçaria aberta, o condutor na frente, até mesmo a capa na parte de trás.

— Chapéu de condução para você, Sra. Easterbrook, de Lady Tremaine.

— Barnes acenou em direção à pilha de caixas de chapéus no assento.

— Muito atencioso dela, Venetia murmurou.

A maior parte dos chapéus com véu usavam camadas ornamentais de tecido visando não esconder, mas chamar mais a atenção para o rosto. Os chapéus de condução de Lady Tremaine, no entanto, não eram nem um pouco frívolos. Não que eles fossem feios, mas os seus véus eram véus adequados, consistindo de duas camadas de renda que estavam presas ao redor da borda do chapéu.

— Não iremos muito rápido na cidade, disse Barnes, ajustando os seus óculos de condução. Mas você pôde encontrar utilidade em um chapéu dirigindo no campo, minha senhora.

Venetia tirou o seu chapéu e colocou um chapéu de condução na cabeça dela. O efeito foi o de ficar envolvida em um nevoeiro, não a sopa de ervilhas de Londres, mas o tipo de neblina que ela encontrou em caminhadas de manhã cedo no país, com a fumaça fluindo no chão.

A agitação fora da Grand Central Station ficou para trás. Barnes ligou o motor, subiu em seu lugar e libertou o freio. As ruas agora oníricas de Manhattan deslizavam pelo casulo translúcido de Venetia, as cores suaves, os edifícios borrados nas bordas, os transeuntes distorcidos em maneiras que podiam intrigar artistas modernos.

Se ela pudesse percorrer toda a sua vida em tal casulo, protegida de suas armadilhas e convulsões.

Eles dirigiram por uma milha ou mais antes do automóvel parar. — Aqui é o seu hotel, Sra. Easterbrook. Todos os dezessete andares, disse Barnes com orgulho. — Não é grande? Tudo elétrico, também. E tem um telefone em cada quarto.

O hotel era realmente muito alto, superando os seus vizinhos.

— Muito impression...

Venetia congelou. Caminhando pela rua em direção a ela, alto, altivo e impecável, não era outro senão o Duque de Lexington. Lançou um olhar superficial sobre o automóvel e entrou no hotel.

Hotel *dela*. O que ele fazia aqui?

Seu primeiro instinto foi correr. Ela iria para outro lugar, ela não precisava de dezessete andares ou um receptor de telefone no quarto dela. Ela não tinha escapado para Nova Iorque para estar sob o mesmo teto que a sua Nêmeses.

Mas, um orgulho perverso se recusou a deixá-la fazer a solicitação para Barnes. Ela ergueu os ombros. — Muito impressionante. Tenho certeza que vou aproveitar minha estadia.

Se alguém deveria correr na direção oposta, era ele, não ela. Ela não tinha caluniado ninguém. Ela não tinha espalhado rumores maliciosos. Ela não tinha falado sem considerar as consequências.

Um porteiro se materializou para ajudá-la. Os porteiros do hotel vieram tratar da bagagem. Ela recusou a oferta do Barnes de lhe pedir um quarto, ela deu-lhe uma gorjeta e se despediu dele.

Não até que ela estava atravessando a entrada de mármore ónix do hotel... ela percebeu que estava ainda totalmente velada. O interior escuro tornou mais difícil de ver, mas ela estava longe de estar cega. Ela chegou junto do recepcionista do hotel sem contratempo.

O recepcionista do hotel piscou uma vez com a sua aparência. — Boa tarde, Senhora. Posso ajudá-la?

Antes que ela pudesse responder, outro funcionário ofereceu uma saudação formal. — Boa tarde, Sua Graça.

Ela congelou novamente.

— Qualquer notícia sobre a minha passagem? Veio a voz fria do Lexington.

— Sim, senhor. Você assegurarmos uma suite Victoria no *Rhodesia*. Existem apenas duas dessas suites, e você terá assegurado o maior conforto, privacidade e luxo para sua travessia.

— Hora de partida?

— Amanhã às dez, Senhor.

— Muito bom, disse Lexington.

— Minha senhora, posso ajudá-la? O funcionário de Venetia perguntou novamente.

A menos que ela abandonasse abruptamente essa área, ela devia falar e,

em algum momento, dar o seu nome. Ela limpou a garganta, e saíram, de uma só vez, palavras em alemão. — *Ich hätte gerne Ihre besten zimmer*[9]

Afinal, ela estava fugindo. Ela tocou os dedos dela, o caos dentro dela acendendo a sua raiva.

— Perdão, minha Senhora?

Com os dentes cerrados, ela repetiu-se.

O empregado pareceu confuso. Sem virar-se, sem parecer prestar atenção, Lexington disse: — A senhora gostaria de um dos seus melhores quartos.

— Ah sim, claro. Seu nome, por favor, minha senhora.

Ela engoliu e disse aleatoriamente. — *Baronesse von Seidlitz-Hardenberg*.

— E quantas noites vai ficar conosco, minha Senhora?

Ela levantou dois dedos. O funcionário escreveu algo no seu livro. Venetia assinou o registro com o novo nome falso.

— Aqui está sua chave, Baronesa. E um mapa ambulante do Central Park, que você encontrará nos arredores de nossas portas. Esperamos que aproveite sua estadia.

Um atendente do hotel levou-a em direção do elevador, que veio prontamente, a gaiola metálica manobrando com um suave ding. Uma porta em forma de acordeão dobrou-se e a porta interna abriu-se.

— Boa tarde, Senhora, disse o atendente do elevador. — Boa tarde, Sua Graça.

Ele, de novo. Ela virou a cabeça alguns graus sub-reptícia. Lexington estava ao lado, ligeiramente atrás dela, esperando ela entrar no elevador. *Mova-se*, ela ordenou a si mesma. *Mova-se*.

De alguma forma, os pés dela levaram-na para a frente. Lexington seguiu-a para dentro. Ele olhou-a, mas não a reconheceu. Em vez disso, ele voltou sua atenção para os painéis dourados que adornavam o interior do elevador.

— Qual andar, Senhora? Perguntou o atendente do elevador.

— Fünfzehnter Stock, ela disse.

— Perdão, minha Senhora?

— A Senhora deseja ir para o décimo quinto andar, disse o Duque.

— Ah, obrigado, Senhor.

O elevador era vagaroso, quase lento, em sua ascensão. Ela começou a sufocar sob o véu. No entanto, ela não ousou respirar com algum vigor, com medo de trair a sua agitação. O Duque, por outro lado, estava à vontade. Sua mandíbula não transportava nenhuma tensão. Sua postura era reta, mas não rígida. As mãos dele, dobradas por cima de sua bengala, estavam

perfeitamente relaxadas.

A raiva dela chamejou como uma tempestade. Ela rugiu nos ouvidos. Seus dedos estavam quentes com um desejo por violência.

Como ele ousa? Como ele se atreve a usá-la para ilustrar seus pontos mais estúpidos, misóginos? Como ele ousa destruir tão arduamente a sua paz de espírito? E, como ele se atreve a mostrar tal presunção fria, tão insuportável satisfação com sua própria vida?

Quando o elevador parou no décimo quinto andar, ela saiu apressadamente.

— Frau Gnädige.

Ela levou um momento para reconhecer a sua voz, falando em alemão.

Ela andou mais rápido. Ela não queria ouvir a voz dele. Ela não queria mais perceber a sua presença. Ela queria apenas que ele caísse em um fosso de víboras em sua próxima expedição e sofresse os efeitos dolorosos de seu veneno para o resto da sua vida.

— Seu mapa, Senhora, ele disse, ainda em alemão. — Você deixou no elevador.

— Não me serve mais, ela respondeu um modo quase malcriado na mesma língua, sem dar a volta. — Fique com ele.

Christian jogou o mapa da Baronesa na mesa console dentro de sua suite. Ele tirou seu casaco, deixou-o cair nas costas de uma cadeira, e sentou-se na cadeira oposta.

Dez dias após o fato, ele permaneceu atônito pela sua própria conduta. O que o tinha possuído? Como um homem atormentado por uma condição crônica, ele tinha aprendido a viver com isso. Ele aguentava. Ele manteve-se ocupado. E ele nunca falou disso.

Até que ele fez, melodramático, detalhadamente, em uma sala cheia de estranhos.

Ele queria nunca mais pensar nesse passo em falso brutal, de novo, mas ele manteve-se revisitando a sua confissão, os prazeres desafiadores de finalmente reconhecer, de forma indireta, a sua fixação pela Sra. Easterbrook, a mortificação sem fim, uma vez que ele percebeu o que tinha feito.

Talvez ele tenha cometido um erro estratégico, evitando a temporada de Londres e as possibilidades de se encontrar com ela. Mantendo-se afastado, ele também se privou de um grande grupo de mulheres jovens. Quem podia dizer que ele não encontraria entre elas alguém que poderia tirá-la da sua cabeça permanentemente?

Ouviu-se uma batida. Christian abriu a porta, ele mesmo. Ele tinha dado ao seu criado uma licença de duas semanas para visitar o irmão, que tinha emigrado para Nova York. Um porteiro muito jovem inclinou-se e entregou-lhe uma nota da Sra. Winthrop, uma hóspede do hotel que tinha estado a atirar-se a ele nos últimos três dias.

Christian precisava de uma distração, mas ele gostava de manter um mínimo de normas em seus flertes. Sra. Winthrop, infelizmente, não só era excessivamente vaidosa, mas mais do que um pouco estúpida. A julgar pelo seu mais novo convite, ela também não percebia uma indireta.

— Mande à Sra. Winthrop flores com os meus arrependimentos, ele disse ao porteiro.

— Sim, Senhor.

Seu olhar pousou no mapa de Central Park sobre a mesa do console. — E devolva o mapa para a Baronesa von Seidlitz-Hardenberg.

O porteiro inclinou-se novamente e foi embora.

Christian saiu para a varanda de sua suite e olhou para baixo. A altura era perigosa, o ar frio e abrupto. Os pedestres eram do tamanho do desenho dolls[10], manequins articulados manchando o pavimento.

Uma mulher surgiu a partir do hotel: Baronesa von Seidlitz-Hardenberg, como evidenciado pelo seu chapéu de bobo. O resto dela, no entanto, era completamente bem torneado, uma figura destinada a reprodução. Produto da evolução que ele era, mesmo que ele não tivesse intenção de procriar com ela, ele deixou a sua preocupação para trás para contemplar os prazeres óbvios da sua forma.

Nos confins do elevador, a atenção dela foi tão intensa, que só faltou lambê-lo da cabeça aos pés.

Ele não era impopular em casa ou no exterior. Ainda assim, o interesse da Baronesa tinha sido extraordinariamente intenso, tanto mais assim, para o fato de que ela nunca diretamente olhou para ele.

Agora, no entanto, ela olhou. De dezesseis andares abaixo, ela olhou por cima do ombro e infalivelmente localizou-o, um olhar que ele sentiu através da rede creme que escondia seu rosto. Em seguida, ela atravessou a rua e desapareceu sob as árvores do Central Park.

Venetia era vagamente ciente das árvores, lagos e pontes, homens e mulheres jovens passando em suas bicicletas de segurança. Os leões-marinhos no zoológico latiram; as crianças clamavam para ver os ursos polares; um violino lamentou as notas lúgubre da *Méditation* de *Thaïs*, ainda

assim, tudo o que ela ouviu foi voz inescapável do Duque.

A senhora gostaria de um dos seus melhores quartos.

A senhora deseja ir para o décimo quinto andar.

Seu mapa, madame.

Ele não tinha direito de parecer útil e cavalheiresco, ele que a tinha julgado como se ele soubesse tudo que havia para saber sobre ela. Quando ele não sabia nada, absolutamente nada.

Ainda assim, foi ela quem sentiu vergonha de que o marido a tivesse desprezado tanto. Ela poderia ter continuado na sua ignorância abençoada se o Duque tivesse a decência de manter uma conversa privada, privada. Mas ele não tinha, e a sua revelação assombrá-la-ia sempre.

Ela queria, precisava, fazer algo para derrubá-lo do seu pedestal arrogante, confortável. Ações levavam a consequências. Ele não podia dizimar o seu bom nome e não pagar um preço por isso.

Mas, o que ela podia fazer? Ela não poderia processá-lo por razões de difamação, pois ele nunca tinha usado o seu nome. Ela não conhecia segredos sujos dele que ela poderia divulgar em troca. E, mesmo se ela alertasse todas as mulheres sob a idade de sessenta e cinco anos, de sua selvageria de espírito, seu título e riqueza ainda garantiriam que ele teria a mulher de sua escolha.

Estava escuro quando que ela voltou para o hotel, os pés doloridos, a cabeça a latejar. O elevador estava vazio exceto pelo atendente do elevador, mas quando ele ascendeu, o Duque poderia muito bem ter estado lá, provocando-a com a sua invulnerabilidade.

Ela cheirou os lírios, assim que ela abriu a porta para a suite dela. Um vaso de flor de pêssigo grande que não estava lá antes ocupava a mesa de centro da sala. Do vaso, agressivamente, altas hastes de lírios brancos e gladiolos laranjas subiam para o teto, suas pétalas brilhando com a luz elétrica.

Sua família nunca mandaria seus lírios de calla^[11], uma cascata deles que ela havia levado quando ela se colocou em frente ao altar para se casar com Tony. Ela arrancou o cartão que estava apoiado nas flores.

O Duque de Lexington lamenta a sua partida de Nova Iorque e espera o prazer da sua companhia, outro dia, Senhora.

A ousadia do homem. O buquê extravagante não era nada além de um anúncio que eles deveriam se encontrar novamente e que gostaria de a encontrar esperando na cama, já nua. Então, ele desprezava a alma de Venetia Easterbrook, mas gostava muito de sua parte traseira quando ele não sabia a

quem pertencia.

Ela rasgou o cartão em dois. Em quatro. Em oito. E continuou rasgando, engasgada com a sua impotência.

As palavras de Helena saltaram para a sua mente. *Vingue-se, Venetia. Faça-o cair de amor por você e, em seguida, corra com ele.*

Por que não?

O que seria para ele? Meramente um namorico que deu errado. Ele ficaria magoado por poucas semanas, alguns meses, se ela tivesse sorte. Mas ela, ela iria passar o resto de sua vida oprimida pelo peso da sua divulgação.

Ela telefonou para a portaria e pediu uma cabine de primeira classe na *Rhodesia*, mais próximo das suítes Victoria quanto possível. E, então ela sentou-se para escrever, a Helena e Millie, uma nota sobre sua saída repentina.

Foi só quando ela selou a nota que pensou nas especificidades de sua sedução. Como ela conseguiria violar as suas defesas quando ele tinha tão arraigados preconceitos sobre ela? Quando ele olhasse para a cara dela, o seu maior patrimônio em questões nesta natureza, e virasse o rosto?

Não importa. Ela teria que ser criativa, isso era tudo. Onde há vontade, há uma maneira. E, com cada fibra do seu ser, ela previu que o Duque de Lexington iria arrepender-se do dia que ele escolheu para enfiar uma faca em seu rim.

Capítulo 4

Lexington inclinou-se na amurada e observou a imensa atividade abaixo dele.

Carruagens e carroças pesadas entravam e saiam da doca, sua procissão surpreendentemente rápida e ordenada. Baús e caixas erguidas por estivadores com ombros carnudos e braços volumosos, escorregavam caixas para o compartimento de carga. Rebocadores puxavam barcos, preparando-se para cutucar o nariz do grande transatlântico próximo, para ele poder rumar em direção ao mar aberto.

Pela prancha subiam os passageiros do navio: mulheres jovens rindo, que nunca antes haviam cruzado o mar; indiferentes homens de negócio na sua terceira viagem do ano; crianças, apontando animadamente para as chaminés do navio; trabalhadores imigrantes, em grande parte irlandesa, voltando ao velho continente para uma breve visita.

O homem com um chapéu muito chique para as roupas dele era susceptível de ser um trapaceiro, planejando “angariar fundos” de seus companheiros de viagem para uma “oportunidade extraordinária, uma vez na vida”. A acompanhante da senhora, vestida de forma simples e aparentemente recatada, examinou os senhores passageiros de primeira classe com interesse mercenário: ela não tinha a intenção de permanecer para sempre a companhia de uma mulher, ou mesmo por muito mais tempo. O adolescente que olhou desdenhosamente a parte traseira de seu pai inchado e suado, parecia pronto para renegar o senhor inexpressivo e inventar um patrimônio totalmente novo para si mesmo.

Mas que hipótese podia ele formular para a Baronesa von Seidlitz-Hardenberg, porque era ela chegando na prancha, não era? Ele reconheceu o chapéu dela, quase como o de um apicultor, mas mais elegante e mais cintilante. No dia anterior, o véu tinha sido cremoso na cor. Hoje era azul, para complementar seu vestido azul de viagem.

Logicamente, uma mulher não deve precisar vestir um vestido de viagem para as duas e meia milhas entre o Hotel Países Baixos e o quadragésimo segundo cais no Rio Hudson, onde o *Rhodesia* estava ancorado. Mas, ele tinha desistido há muito tempo, de tentar aplicar lógica à moda, a prole de irracionalidade e inconstância.

O grau de devoção de uma mulher à moda frequentemente correspondia ao seu grau de idiotice. Ele tinha aprendido a não prestar atenção a qualquer mulher com uma arara de pelúcia em seu chapéu e para esperar comida de má qualidade na casa de uma anfitriã mais conhecida pela sua coleção de vestidos de baile.

A Baronesa estava certamente na moda. E inquieta: a sombrinha incomum na mão dela, branca com um padrão de octógonos azuis concêntricos, rodopiava constantemente. Mas ela não parecia boba ou uma tonta.

Ela olhou para cima. Ele não poderia dizer se ela estava olhando diretamente para ele. Mas o que ela viu, a fez parar de se mexer. Sua sombrinha parou de girar, as franjas ao redor da borda balançavam com a perda repentina do momento.

Mas só por um segundo. Ela retomou seu progresso na prancha, sua sombrinha novamente um cata-vento hipnótico.

Ele a observava... até que ela desapareceu na entrada da primeira classe.

Ela era a distração que ele precisava desesperadamente?

Um murmuro sempre diminuindo nos momentos finais antes da partida, o suficiente para se ouvir os comandos emitidos da ponte e passados ao longo do comprimento do navio. O porto escapuliu-se. No convés principal, abaixo dela, a multidão acenou loucamente aos entes queridos que eles estavam deixando para trás. A multidão na doca acenou de volta, séria e demonstrativa.

A garganta de Venetia apertou. Ela não se lembrava da última vez que sentiu emoções tão desenfreadas, ousadas.

Ou, quando ela finalmente ousou.

— Bom dia, Baronesa.

Ela estremeceu. Lexington estava em pé, a alguns centímetros de distância, uma mão pousada no parapeito, casualmente vestido em um terno cinza de salão e um chapéu de feltro que provavelmente foram usados em suas expedições. Ele observava a zona portuária de Nova York, seu cais, guindastes e armazéns passando por eles, e não exibia nenhum interesse nela.

Foi como se um iceberg estivesse ali.

— Eu te conheço, Senhor? — Ele tinha falado em alemão. Ela respondeu no mesmo idioma, surpresa ao se ouvir soar bastante calma, quase inalterada.

Ele se virou na direção dela. — Ainda não, Baronesa. Mas eu gostaria de conhecê-la.

Tinham estado numa maior proximidade no elevador do hotel.

Considerando que no dia anterior sua proximidade só a irritou, hoje ela sentiu-se como se estivesse equilibrada em um fio sobre as Cataratas do Niágara.

Ela estava pronta para jogar o jogo?

— Porque deseja conhecer-me, Vossa Mercê? — Não adianta fingir que não sabia de sua posição social, os funcionários do hotel não tinham sido reticentes sobre isso em sua presença.

— Você é diferente.

A prostituta gananciosa que você apontou como uma afronta à decência?

Ela conteve a sua agitação. — Procura uma amante?

Conheça as regras antes de jogar o jogo, o Sr. Easterbrook sempre lhe dissera.

— Isso seria agradável para você? — O tom dele era absolutamente corriqueiro, como se ele não tivesse manifestado nada mais desagradável do que um desejo para uma dança.

Após as flores, ela não deveria estar surpresa. Mesmo assim, a pele dela ardia calorosamente. Graças a Deus pelo véu, ou ela não teria sido capaz de esconder sua repulsa. — E se eu disser não?

— Eu não me imporei novamente.

Ela tinha lidado com homens querendo favores dela toda a sua vida. Ela poderia reconhecer fingida indiferença de um sedutor à distância. Mas não havia nenhuma afetação na sua postura imparcial. Se ela o recusasse, ele simplesmente voltaria a sua atenção para outro lugar e não daria outro pensamento sobre este assunto.

— O quê? Se não tenho certeza?

— Então eu gostaria de persuadi-la.

Apesar da brisa acelerada no rio, o véu ameaçou asfixiá-la. Ou talvez não fosse o véu, mas suas palavras. Sua presença. — Como faria isso?

Seus lábios levantaram nos cantos, ele estava se divertindo. — Você deseja uma demonstração?

Ela tinha conhecido apenas a sua mente afiada, o seu comportamento gelado e a sua capacidade ilimitada de calúnia. Mas agora, com o tom dele perto da brincadeira, a força magra do seu corpo e a visão de seus dedos distraidamente acariciando o guarda-corpo, ela tornou-se consciente de sua sensualidade, a sua consciência escura e potente.

Foi demais. Ela não podia. Nem em um milhão de anos. Nem se ele fosse o último homem vivo. Nem mesmo se ele fosse o último homem vivo e o

guardião da última loja do género alimentício existente na terra.

— Não, ela disse, sua voz em ebulição. — Não desejo uma demonstração. E eu ficaria muito grata de nunca mais o ver novamente.

Se a sua rejeição repentina o apanhou de surpresa, ele não mostrou. Curvou-se ligeiramente. — Nesse caso, senhora, desejo-lhe uma boa viagem.

Bridget, a empregada da Millie, voltou do balcão do recepcionista do hotel, com a notícia de que a Sra. Easterbrook ainda não tinha dado entrada.

— Você acha que ela poderia ter ido para um hotel diferente? Millie perguntou a Helena.

Helena se sentiu desconfortável. — Mas o motorista de Lady Tremaine disse que ele a tinha trazido ontem.

— Vou falar com o recepcionista, disse Millie.

Ela aproximou-se do balcão, Helena atrás de si, e fez o seu pedido. O balconista verificou o registro novamente.

— Desculpe-me, Senhora, mas não temos uma convidada com esse nome.

— E uma Senhora de nome Fitzhugh ou Townsend?

Helena não podia ver Venetia usando o nome do Tony novamente. Nos cartões dela, ela era simplesmente a Sra. Arthur Easterbrook.

O empregado olhou para cima, se desculpando. — Não esses, também.

— Alguém aqui viu uma senhora singularmente bonita chegando sozinha? Helena perguntou.

— Receio que não, minha Senhora.

— Muito bem, então, disse Millie. — Você tem a suite reservado para Lady Fitzhugh? Eu cheguei um dia mais cedo. Espero que isso não vá ser um problema.

— Não, Senhora, não é um problema. E nós temos uma mensagem para você e para a Miss Fitzhugh.

A caligrafia no envelope era o rabisco familiar de Venetia, graças a Deus. Elas abriram a mensagem assim que estavam dentro de sua suite.

Caras Millie e Helena, Resolvi tomar um navio mais cedo para fora de Nova Iorque. Por favor, não se preocupem comigo. Estou com a saúde robusta e espírito tolerável, mais calma.

Eu vou estar esperando por vocês em Londres.

Amor,

V.

Helena mordeu o lábio inferior. Se não fosse por ela, Venetia não teria ido à palestra.

Antes dela começar a sua relação com Andrew, tinha considerado todos os possíveis resultados de sua ação, ou assim, ela tinha pensado. Mas ela não estava remotamente preparada para tais consequências não desejadas.

Preocupação a envolveu. Mesmo para quem tinha contemplado e aceitado a probabilidade do pior, era ainda irritante quão rapidamente e de forma imprevisível as coisas poderiam ficar tão erradas.

Christian trabalhou constantemente através de dois pacotes de cartas que tinham vindo com ele desde Nova York. O mar, macio como uma toalha de mesa quando o *Rhodesia* passou Sandy Hook no Oceano Atlântico, cresceu visivelmente menos calmo enquanto o dia passava. Ele parou de ler relatórios dos seus agentes e advogados, quando o balanço do navio tornou impossível continuar. Uma caminhada nos decks implicava o uso frequente do corrimão, uma vez que o navio balançava de um lado para o outro. No salão de fumar, onde os senhores faziam as suas apostas habituais sobre o progresso diário do navio, ele tinha de correr atrás do seu cinzeiro.

A chuva começou no chá, muito delicada no início. Mas, em pouco tempo, cada gota chocava-se contra a janela com a ferocidade de uma pedra lançada. Ele viu a chuva e pensou, de novo, na Baronesa.

Era possível que ela ainda o distraísse porque o rejeitara e ele não estava acostumado à rejeição. Mas ele não acreditou muito nisso. Ele estava menos preocupado com os seus próprios sentimentos e mais com a intensidade efervescente dela. Ela foi ferozmente ciente dele, ainda mais ferozmente ofendida por sua atenção. E isso intrigou-o mais do que a sua identidade ou a razão pela qual ela manteve o rosto escondido.

Uma sensação estranha, mas não completamente desagradável, ficar preocupado por uma mulher que não era a Sra. Easterbrook.

Pena que a Baronesa não quisesse nada com ele.

Em teoria, repudiar Lexington, na cara dele, devia ter conseguido a Venetia um mínimo de satisfação.

Mas, a verdade era que ela não o dispensou. Ela tinha fugido de tudo o que era masculino, confiante e poderoso nele, a forma como uma garota muito jovem pode fugir do primeiro rapaz que desafiou ela mais do que flertar.

Para o resto do dia, em vez de felicitar-se por saber quando cortar as suas perdas e abandonar objetivos claramente dementes, ela cozinhou em frustração. Ela era realmente uma mulher tão inútil? Tony estava correto quando lhe disse que tudo o que ela era, era devido à sua aparência? Sem as vantagens concedidas pelo rosto dela, ela não tinha nenhuma esperança de

realizar o seu próprio desejo com Lexington?

Ela olhou-se no espelho. A empregada, que ela tinha selecionado para ajudá-la a se vestir para o jantar, Miss Arnaud, tinha penteado o seu cabelo em um coque elegante que deixou seu rosto completamente nu. — É melhor assim, a menina tinha dito. — Madame é muito bonita. Nada deve interferir.

Venetia não poderia julgar. Ela viu um conjunto de traços que eram frequentemente um pouco estranhos; os olhos dela eram *muito* distantes um do outro; a mandíbula dela era um pouco quadrada demais para o seu gosto; o nariz dela nem era diminutivo nem altivo. Na verdade, tanto parecia pequeno como grande.

Mas nada disso importava aqui. Para conquistá-lo, ela teria que fazer a sua campanha com um arsenal que não incluía beleza.

Isto, claro, se ela tivesse coragem de voltar para ele.

O pensamento das suas mãos sobre ela, ela estremeceu. Mas não inteiramente de repulsa. Tanto quanto ela o desprezava, ele era um homem bonito. E uma parte dela achou o seu espírito e comportamento distante absolutamente fascinantes.

Ela devia chegar a uma decisão em breve. Ela havia se separado de Miss Arnaud há muito tempo. No salão de jantar, eles estariam servindo os pratos finais do jantar agora. Se ela não o visse hoje à noite, muito provavelmente amanhã ele teria encontrado outra amante.

Ela estremeceu novamente, uma mistura de medo, ódio e uma necessidade feroz e perversa de levar este homem aos seus pés.

A mão dela foi para o seu chapéu velado.

A decisão dela, assim parecia, havia sido feita.

O deslocar-se pelo navio foi mais difícil do que ela esperava.

Ela sabia, claro, que o *Rhodesia* tinha encontrado uma tempestade bastante significativa. Mas, sentada em uma cadeira aparafusada, alternadamente a questionar a sua sanidade e entrando em fúria com a sua covardia, não lhe tinha dado uma noção adequada de como o Atlântico tornou-se animado.

Mas, fora nos corredores com painéis de mogno, ela abanava como um bêbado, balançando de um anteparo até outro anteparo. Não foi tão ruim quando o chão subiu para conhecê-la. Mas, toda vez que ele descia, havia um momento de leveza desconcertante.

Luzes do navio piscaram. Ele mergulhou em um ângulo que teria servido para uma cadeira de balouço de uma jovem criança. Ela agarrou uma maçaneta nas proximidades para manter o seu equilíbrio. O *Rhodesia*,

atingindo a calha da onda, começou a subir novamente. Ela agarrou um candeeiro para não cair para trás.

O salão de jantar era acedido através de uma grande escadaria, adornada por um friso de papel japonês de ouro. Havia também os painéis de teca entalhados, mas ela não podia vê-los muito bem, porque os degraus estavam cheios de senhoras com penas e cavalheiros com chapéus saindo, todos segurando o corrimão.

Pânico a atacou. O jantar já teria terminado? Ela estava muito atrasada, afinal? Mas, o Lexington não estava entre os comensais de partida, então ela pressionou para a frente, descendo as escadas contra o êxodo dos passageiros, ignorando os seus olhares de curiosidade e desaprovação.

O salão de refeições tinha trinta e um metros de comprimento e dezenove metros de largura. O teto abria-se no centro em uma parede retangular que subia por dois decks para uma cúpula coberta de vidro. Em um dia claro, luz solar iria derramar-se por aí e iluminar as fileiras de colunas coríntias e as quatro mesas compridas que controlavam quase todo o comprimento da sala, cada uma capaz de acomodar mais de uma centena de comensais.

Esta noite de tempestade, uma luz brilhante tremia, irradiando do candelabro elétrico grande, de prata, que balançava com os movimentos do oceano. Se Venetia tivesse chegado uma hora mais cedo, o som de talheres e risos silenciados iriam cumprimentá-la, os murmúrios familiares de privilégio e satisfação. Mas, agora o salão de jantar estava quase deserto. Duas das mesas longas estavam completamente vazias, todos os pratos e talheres limpos, todas as cadeiras aparafusadas viradas. Alguns passageiros resistentes ainda continuavam, seus pratos e copos mantidos no lugar por uma grade de madeira especial inserida na mesa. Uma mulher de meia-idade, de aparência robusta, discutia alto as suas experiências com passados ciclônicos.

Lexington, com traje formal de noite, sentava-se perto das janelas, uma xícara de café em frente dele, o seu olhar sobre a tempestade lá fora. Ela rezou para não haver nenhuma mudança abrupta no ritmo do movimento do *Rhodesia*, ela não queria tropeçar ao longo do caminho, mas deslizar como um tubarão, elegante e perigosa.

Ele olhou em sua direção. Com o véu, era difícil julgar a expressão dele, mas ela pensou que viu um pouco de surpresa.

E antecipação.

Seu estômago apertou. Seu rosto aqueceu. Seu coração batia alto nos ouvidos.

Levantou-se quando ela se aproximou da mesa, mas não ofereceu nenhuma saudação. Um garçom surgiu do nada para ajudá-la com sua cadeira, outro apresentou-lhe uma xícara de café.

Lexington retomou ao seu lugar. Sem tirar os olhos dela, ele levantou seu café e bebeu. Parece que ele não tinha intenção de fazer isto fácil para ela.

Ela falou antes que pudesse mudar de ideia novamente. — Eu reconsiderarei a sua proposta, senhor.

Ele não reagiu. O ar entre eles crepitava com energia.

Ela engoliu. — E cheguei à conclusão de que estou aberta a persuasão.

O navio deu um grande movimento. A mão dela saiu para proteger a sua xícara de café; Ele fez o mesmo. O dedo enrolado à volta do dela. Ela sentiu o choque disso profundamente em seu ombro.

— Eu estava prestes a voltar ao meu quarto, ele disse. — Você gostaria de se juntar a mim?

Por um longo segundo, sua voz se recusou a trabalhar. Os lábios dela tremeram. O pensamento de estar sozinha com ele apertou o ar de seus pulmões.

Ela deu o — Sim.

Ele pousou a xícara e levantou-se. Ela mordeu o lábio e fez o mesmo. A saída deles atraiu olhares curiosos dos restantes comensais. Lexington não ligou. Estranho como quando ela caminhou para ele, ela tinha sido igualmente indiferente à atenção indesejada que ela tinha atraído. Mas, agora ela sentiu-se como se estivesse prestes a ser ridicularizada.

Eles foram até a grande escadaria. O navio inclinou-se. Seu braço foi instantaneamente sobre a cintura dela.

— Eu estou bem, obrigado.

Ele a largou. Ela fez uma careta com o tom dela. Ela não parecia em nada como uma mulher com o amor em mente. Se ela fosse mais fria, ela poderia liderar o Movimento de Temperança[12].

A suite de Victoria era vários decks acima do salão de refeições. Para o resto do caminho, eles não disseram uma palavra um ao outro. Na porta da suite, ele olhou para ela, um olhar ilegível, antes dele rodar a chave.

O salão estava iluminado. Ela só conseguiu perceber a localização e esboço geral do mobiliário: uma mesa e uma cadeira Windsor em frente da janela, uma chaise longue para a direita, duas acolchoadas cadeiras opostas, prateleiras que tinham sido construídas para o anteparo.

Ele fechou a porta.

Uma onda de pânico a fez dizer — Você não vai pedir para ver a minha cara.

— Entendido, ele respondeu calmamente. — Você gostaria de beber alguma coisa?

— Não. Ela inalou duro. — Não, obrigado.

Ele passou por ela, entrando na sala. Não foi até que ele estendeu a mão que ela percebeu que era para extinguir a luz. Sombras abraçaram-na, aliviadas apenas pelos flashes dos relâmpagos.

Ele afastou a cortina, o slide de anéis na haste metálica fazendo barulho. A escuridão ininterrupta pressionava contra seu esterno. O ruído da tempestade se desvaneceu. Mesmo a inclinação e a agitação do *Rhodesia* pareciam acontecer em outro lugar. O corpo dela sabia como preparar-se para as voláteis ondas do mar, no entanto, o curso muito previsível que Lexington iria tomar era um turbilhão, ameaçando rebocá-la em pedaços.

— Você concorda que não consigo ver nada agora?

Ele estava bem na frente dela, só do outro lado do véu dela. Os dedos dela apertaram as dobras de sua saia. — Sim.

Ele tirou o chapéu velado. A respiração se agitou. Ela nunca se sentiu mais nua em toda a sua vida.

Ele deslizou as costas da mão contra a bochecha dela. Era como se uma tocha a acariciasse. — A porta está destrancada. Você pode sair a qualquer momento.

A cena explodiu em sua cabeça: Lexington enfiado dentro dela e ela, rendida finalmente, implorando para ser solta.

— Não vou sair. A voz dela era baixa, mas desafiadora.

Ele não reagiu. Sua respiração superficial, irregular, se afogou nas ondas que espancavam o *Rhodesia*. Ele a tocou novamente. A carne do polegar roçando o lábio inferior, deixando um rastro ardente com a sua passagem.

— Não quer dormir comigo. Por que está aqui?

Ela engoliu. — Não estou sem vontade, só com medo.

— De que você tem medo?

Ele a beijou logo abaixo de seu queixo. Ela estremeceu. — Disso. Tem sido um tempo muito longo sem isso.

As mãos dele estavam em seus braços, seu calor escaldante a aquecendo através do cetim de suas mangas. — Há quanto tempo?

— Oito anos.

Ele envolveu uma mão em volta de sua nuca e a beijou, seus lábios a

abrindo sem hesitação. O beijo tinha o sabor de café arábico, puro e potente como a vontade dele. E, ela sentiu aquela vontade profunda dentro dela, em lugares que tinham permanecido dormentes por quase uma década.

Muito breve, ele se afastou. O navio cambaleou. Mas a violência do mar não era nada comparada à turbulência dentro dela: ela desejava que ele não tivesse parado.

— Cadê a porta? Ela perguntou, sua voz irregular.

Ele não respondeu imediatamente. Pela noite impenetrável, veio o som de sua respiração, menos calma, menos controlada. — Dois metros atrás de você. — Ele fez uma pausa de um segundo. — Gostaria que eu a leve lá?

— Não, ela disse. — Leve-me na direção oposta.

O quarto era, se possível, ainda mais escuro do que o salão. Christian parou quando ele alcançou a cama. Sob seu comando, a pequena veia no pulso da Baronesa batia descontroladamente, palpitava numa batida indistinguível da próxima.

Ele abriu a mão dela firmemente cerrada. Ela estava tão tensa como se estivesse numa guerra. Ainda assim sob toda a rigidez, toda a relutância, pulsava uma excitação audível por cada uma de sua respiração irregular. Ele não se lembrava da última vez que uma mulher o incitou tanto.

Acariciando o rosto dela, ele a beijou novamente. Ela tinha um sabor incrivelmente limpo, de água de chuva e neve e primavera. O cheiro dela era igualmente leve, não um sensual almiscarado ou um cheiro adocicado floral, apenas a fragrância de cabelos e pele acabados de lavar, apoiada pelo calor de seu corpo.

Ela deu pequenos gemidos em sua garganta. O desejo disparou pelo corpo dele. Seus dedos estavam impacientes, quase instáveis, quando ele desfez o topo do corpete, descascando as camadas que a aprisionavam.

Ele estava mais interessado em suas reações do que na carne dela, ainda assim a pura suavidade de sua pele o deixou tonto com o desejo. Ele tomou a sua boca mais uma vez, completamente a invadindo. O corpo dele pressionando o dela contra a borda da cama.

Ela tremeu. Ela sentiu-o através de tudo o que eles ainda usavam? Ele era quente e duro, quase sem sentido assim. Então, ela fez algo que derramou combustível fresco sobre o fogo de sua luxúria: ela ajudou-o com seu espartilho, suas mãos e as dele abrindo os botões juntos.

O espartilho era o portão do castelo. Uma vez que ele foi aberto, todo o resto era apenas formalidade. Ele tirou os grampos do cabelo dela e a livrou

do resto das suas roupas, tocando-lhe o menos possível no processo, não confiando em seu próprio controle geralmente coraçoado.

Quando ela estava nua, perguntou, posso ainda partir?

— Sim, ele disse, a pressioná-la para baixo em sua cama. — Quando quiser.

— O que você faria, se eu fosse embora agora?

— Vou amuar.

Ele beijou o seu queixo, a garganta dela. Ela era linda em todos os lugares. E ainda tão tensa, os dedos agarrando os lençóis como se ela pudesse cair da cama se não se agarrasse, uma possibilidade real, com a *Rhodesia* bobinando desordenadamente. Mas ele duvidou que ela notou o movimento do barco. O que ela temia, não era Deus, mas o homem.

— Por que não quer ver a minha cara? Ela murmurou.

— Eu já disse que eu não quero ver a sua cara? Ele colocou a palma da mão sobre o seu seio, enchendo a mão e raspou a parte de baixo. — Mas se você não quer que eu a veja, aprenderei a reconhecê-la pela textura da sua pele. — Ele rolou o já ereto mamilo entre os dedos, provocando um tremor e uma exalação de seus lábios. — Por sua voz, ele disse, colocando o mamilo na boca. — E pelo seu sabor.

Ela gemeu e ondulou debaixo dele. Ele sempre foi um amante meticuloso. Era justo que ele pagasse à senhora pela sua gratificação. Mas ela, ele queria sobrecarregar com prazer, tê-la desfrutando, chafurdando no prazer, deliciada. Ele queria fazê-la esquecer-se de que ela já tinha estado ansiosa e com medo.

Ela nunca tinha estado mais ansiosa, com mais medo.

Que ele era o único a lhe dar tanto prazer a assustava. Mas, ela não tinha ninguém a quem recorrer, exceto ele. Da vez seguinte que ele a beijou, ela lhe agarrou os ombros e o beijou de volta, porque ela não sabia mais o que fazer.

Sua resposta foi feroz. Ele removeu as próprias roupas, deslizou a sua mão sob a sua bunda e entrou totalmente dentro dela.

Ela sugou uma respiração. Sim, ela tinha sido a esposa de outro homem. Sim, Tony tinha sido um amante competente nos primeiros dias de seu casamento. Mas as sensações já tinham sido assim tão afiadas, este branco-quente, como se um raio tivesse batido?

— Eu posso — ainda posso partir? Ela ouviu-se perguntar.

Ele retirou-se e entrou nela novamente. — Sim. Outro movimento longo e infinitamente prazeroso. — Quando quiser.

Ela ofegou. — O que você faria se eu partisse?

Ele rosnou para ela. — Chorar.

Ela não pode deixar de sorrir, só um pouco.

Ele agarrou o cabelo dela e a beijou. — Mas você não vai a lugar nenhum.

Ele fazia coisas sujas e deliciosas com ela. Atiçou as chamas dos desejos dela até que ela só tinha febre e necessidade. O prazer dela reunira-se em uma imensa, pressão tão cheia de massa, que a única maneira de aliviar a tensão acumulada era convulsionar e gritar.

— Realmente *passou* oito anos, ele murmurou.

A mão dele acariciava onde os seus corpos ainda se juntavam. Como era bom, como era requintado. Ela contorcia-se, choramingava.

— Faz apenas alguns meses para mim, mas eu começo a ficar convencido de que devo também ter estado vários anos sem sexo.

Ele retirou-se e empurrou lentamente, tão lentamente, de volta para ela. Sua respiração estremeceu. Ocorreu-lhe que ele ainda não tinha chegado à sua resolução.

Seus dedos acariciaram lhe novamente na junção de suas coxas, despertando desejos frescos, quentes. Mas, foram os seus lábios na orelha dela que a reacendeu completamente.

— Você é tão sintonizada, ele sussurrou, com uma mordida no seu lóbulo da orelha que ela sentiu todo o caminho até seus dedos. O mínimo toque a faz vibrar.

Depois disso, não havia mais nenhuma palavra. Ele calibrou-a e afinou-a até o menor contato entre os corpos ser um crescendo de sensações. Quando o controle dele quebrou, ele empurrou-a sobre a borda novamente. Ela estava surda e cega por prazer. Afogando-se, agarrou-se a ele como sua única salvação neste turbilhão.

Eles acalmaram. Ele era sólido e pesado acima dela. Ela ouvia a sua respiração esfarrapada e estranhamente crua.

Não pense, ela disse a mesma. *Não pense em nada. Enquanto você puder.*

Capítulo 5

Os burburinhos do trovão estavam cada vez mais distantes. A chuva que caía já não era tão selvagem acima, no convés. O *Rhodesia* ainda tremia, mas já não balançava em direções imprevisíveis.

Christian rolou para o lado dele, levando a Baronesa com ele. O cabelo dela, fresco e sedoso, roçou o braço dele. As respirações dela eram pequenos sopros de calor úmido na dobra do pescoço dele. O corpo dela, enfim, estava quase mole, frouxo.

Ele ficou satisfeito com ele próprio, até demais, talvez. Para um naturalista, não havia nenhum ato mais mundano do que o sexual. Ainda assim, fazer amor com a Baronesa von Seidlitz-Hardenberg tinha sido tudo menos normal. Ao contrário, tinha sentido um grande prazer, muito mais significativo do que apenas o começo de um caso de uma semana.

Ele tinha ficado tão apanhado pelos eventos inebriantes da noite, que ele não pensou em uma esponja ou uma carta francesa até agora, ele que era geralmente muito escrupuloso sobre tais coisas. Que ela estava na cama dele era outra aberração. Em suas ligações, ele preferia definir o itinerário, para partir ou ficar à sua vontade. Mas desta vez, ele tinha cedido o controle a ela. Ele queria conquistar o medo dela, e isso apelou ao seu senso de cavalheirismo.

Ele levantou uma mecha de seu cabelo e deslizou-a sobre os dedos. — Estou feliz que decidiu reconsiderar a minha proposta.

Contra o seu ombro, ela fez um som, algo como um *humfft*.

Ele soltou o cabelo dela, virou o rosto dela e a beijou na boca. — O que fez você mudar de ideia?

Sua resposta foi o mesmo *humfft*, mas ela novamente ficou tensa. Ele sentiu na sua mandíbula.

Ele teve uma ideia por que ela poderia não estar interessada em falar com ele: ela deve ter pensado que ele tinha proposto uma coisa aleatoriamente e ela ainda não fez as pazes com a sua eventual aceitação.

— Há uma contradição interessante em você. Você esconde seu rosto, mas seu jeito de andar é tudo menos modesto.

Não só ele queria que ela ficasse, hoje ele era também o que conversava, uma reversão para um homem que estava mais acostumado a procurar sua

solidão depois do ato.

— Ah? Ela murmurou contra sua bochecha.

— Você anda com uma certa arrogância. Não de forma exagerada, lembre-se, mas uma marcha confiante e assertiva. Uma mulher por aí com o rosto coberto pode esperar muita atenção, que pode ser desanimadora. Mas você age como se esta atenção é a menor das suas preocupações, como se você diariamente navegasse um mar de olhos esbugalhados.

Ela se mexeu. — E *que* lhe interessa?

— Suas *razões* me interessam. Perguntei-me se você podia ser uma fugitiva e decidi que não, o véu faz você muito visível. Também há uma pequena chance de que você seja uma muçulmana, mas nenhuma mulher muçulmana que aceita os problemas de cobrir o rosto inteiramente seria apanhada morta viajando desacompanhada. O que nos deixa duas possibilidades. Um, você simplesmente não deseja que alguém veja seu rosto e dois, há algo altamente irregular sobre as suas feições.

Ela afastou-se. — Você tem um gosto por mulheres deformadas, senhor? É por isso que me pediu para ser sua amante?

— Alguma vez eu pedi para ser minha amante?

— Claro que você...— ela parou.

Quando ele havia afirmado que ele gostaria de conhecê-la melhor, *ela é* que perguntou se ele estava procurando uma amante.

— Quando você instantaneamente saltou para a conclusão de que eu gostaria de dormir com você, respondeu minha pergunta. Uma mulher de características altamente irregulares pode suspeitar sobre o meu interesse por ela, mas é improvável que imediatamente me acuse de um comportamento lascivo. Você, por outro lado, dá por garantido que o interesse do homem em você se encontra nessa direção.

— Uma vez que não há nada fisicamente errado com você, se eu fingir que eu não tinha alguma curiosidade carnal sobre você, eu estaria mentindo. Então, sim, eu reconheço esse componente na minha intenção. Mas, se você me perguntasse, eu diria que eu estava mais interessado no porquê de você do que nos prazeres nus do seu corpo.

Era estranhamente fácil conversar com essa mulher sem rosto no escuro, como se ele estivesse falando para o mar ou o céu. Ele escovou o cabelo em volta do ombro dela. — Embora, se eu soubesse quão monumentais foram os prazeres nus que você traria no negócio, iria persegui você com muito mais vigor.

Ele deve ter falhado muitíssimo a explicar-se, ou a ofendeu novamente. Ela afastou-se dele e sentou-se.

— Tenho de ir.

— Gostaria que eu a ajudasse a encontrar suas roupas? Elas podem estar espalhadas ao redor, receio que não fui muito cuidadoso sobre coletá-las em uma pilha ordenada.

O alemão era muito bom e havia um sorriso em sua voz. Ela mordeu o lábio inferior. Por que ela não planejou melhor as coisas? Como ela seria capaz de encontrar tudo no escuro, e se vestir para uma aparência de decência?

Ele deixou a cama ao mesmo tempo que ela deixou. — Isso é uma coisa sua. Isto é meu. O que é isto? Uma cobertura de espartilho?

Os dedos dela encontraram os seus sapatos e meias. Mas, antes que ela pudesse pegá-los, ele já estava em cima dela, dando-lhe um pacote de roupas. Quando ela tirou a roupa dele, sua mão escovou o braço dela.

— Precisa de ajuda para se vestir?

— Não, eu...

— Nós vamos fingir que este é um local de escavações e trabalhar com método, ele disse, tirando a roupa dela novamente. — Você vai colocar suas roupas na cama uma por uma, então saberemos o que está lá e as partes que ainda estão desaparecidas.

Ela não esperava este entusiasmo todo. As roupas dela pousaram na cama com um pequeno *whomp*. Ele foi para o outro lado da cama, presumivelmente para iniciar a classificação dos vestuários.

Ela abaixou-se e recolheu as suas meias. Quando ela se endireitou, ela foi contra o que parecia um cobertor muito macio atrás dela. — Ponha-o, ou você vai ter frio, disse o Lexington.

Era um vestido de lã de merino. Ela apertou a faixa na cintura dela. — E você?

— Eu encontrei minhas calças. Agora, vamos ver sobre suas roupas. Seu vestido..., algo se agitou. A voz dele, mais uma vez, veio do outro lado da cama. — Irá formar o fundo do poço, para ser seguido por todo o resto em ordem inversa. Quantas anáguas estava usando?

— Uma.

— Só uma?

— A saia é dividida, assim o vestido vem com uma saia bordada interna. E o corte é estreito. Mais do que uma anágua e o ajuste iria sofrer.

Por que ela tinha explicado em pormenor? Era quase como se ela temesse que ele achasse que a falta de vários saíotes implicava frouxidão moral por parte dela. Quando ela tinha acabado de dormir com um homem a quem ela não foi apresentada!

— Boa escolha, ele murmurou. Novamente aquele sorriso na voz dele. — O ajuste assim certamente não sofre.

Ela se sentiu como se ela tivesse caído no buraco do coelho. Ou, talvez ele fosse uma estranha encarnação do Dr. Jekyll e Mr. Hyde, mas, em vez de virar mau no escuro, ele tornou-se muito mais agradável.

— Você pode encontrar seu caminho até aqui? Ele perguntou. — Eu tenho as suas coisas em prontidão.

Ela contornou a borda da cama. — Onde está? Não quero pisar no seu pé.

— Hmm, ele disse — Há um acento em seu alemão.

Ela parou. Ela tinha crescido com uma governanta alemã. Falantes nativos de alemão geralmente comentavam sobre a sua *falta* de sotaque inglês. — Que tipo de sotaque?

— Eu passei algum tempo em Berlim e não tem as vogais da Prússia propriamente dito, nem as alemãs ou as da Polónia. Você fala como se suas origens fossem mais para o Sul, Baviera, eu diria.

Sua governanta alemã tinha sido, de fato, de Munique e falava o dialeto de *Bairisch* cadenciado. — Muito bom para um inglês.

— Ainda não estou convencido que é alemã.

Bom demais para um inglês. — Por que não? Você identificou meu sotaque bávaro.

— Quando eu mencionei o seu sotaque, você parou, gelada. Você ainda está no mesmo lugar, a propósito.

Ela permaneceu onde ela estava. — Importa se eu sou alemã, húngara ou polaca?

— Não, suponho que não. O seu nome é realmente von Seidlitz-Hardenberg?

— E se eu não sou uma Baronesa, também? Isso levará a *Rhodesia* a afundar?

— Não, mas estou convencido de que precipitou a tempestade.

A julgar pelo seu tom, ele estava sorrindo mais uma vez, e estava muito perto, de pé.

Sua mão penteou o cabelo dela. — O que você ainda teme?

— Não tenho medo de nada. Apesar que *soou* como se ela estivesse se

encolhendo.

— Bem, você não deveria ter. O que posso fazer para você? Uma vez que desembarcarmos, não a reconheceria mesmo se ficássemos face a face.

Mas ela tinha planejado de forma diferente, não tinha? Em Southampton, ela queria revelar-se e deixá-lo saber que ele tinha sido usado. Ela tinha imaginado esse desfecho em dezenas de variações deliciosas, cada uma levando ao inevitável ponto de raiva e devastação da parte dele. Olhando para trás, era como se ela tivesse planejado uma viagem à lua, tendo como sua única qualificação um entusiasmo pelos romances científicos do Monsieur Verne.

Ele dobrou o cabelo dela e beijou-a sob o lóbulo da orelha, a sensação foi tão intensa que quase machucou. Mordiscando um caminho da coluna do pescoço para baixo, ele pôs de lado o colar do seu roupão e expos o ombro dela.

— Você está muito tensa novamente, minha cara Baronesa, que pode ou não ser uma Baronesa.

— Você me faz sentir nervosa. — E culpada, mesmo que ela não tivesse feito nada mais condenável do que dormir com um homem que ela não amava ou gostava.

Ele levantou-a e pousou-a na borda da cama. — Imperdoável da minha parte. Deixe-me oferecer a minha recompensa.

Ele desfez a faixa do seu roupão de banho. Ela lutou com uma renovada onda de pânico. — Por que está sendo bom para mim?

— Eu gosto de você. Nunca sou desagradável com as pessoas que gosto.

— Você é um homem de mente elevada, não é?

— Eu tenho alguns padrões exigentes.

— Como um homem de exigentes padrões, você pode justificar a si mesmo porque você gosta de mim, além do que eu sou uma fonte de prazeres nus?

— Você me recusou, e isso fala bem de você, um homem que entrou com pouca sutileza e prudência quanto eu merecia ser rejeitado. Além disso, você está certa. Não tenho quaisquer bases sólidas para sua aprovação. Mesmo assim, quando você mudou de ideia, fiquei muito lisonjeado. Então, eu vou ser anticientífico e chamar a isto simplesmente uma afinidade.

Afinidade. Quando na vida real, tinha a maior antipatia por ela.

— Há uma coisa que eu gosto em você — ele continuou. Ela não sabia quando ele a pressionou para a cama, mas ela se deitou com ele ao lado dela,

seu roupão completamente aberto. Levemente, ele correu a mão sobre os seus seios e abdômen. — Eu gosto que posso fazer você esquecer, por pouco tempo, tudo o que a agita.

Ele fez amor com ela novamente. Depois, quando ela começou a colocar, deliberadamente, a respiração sob controle, Christian sabia que ela tinha abandonado o seu doce esquecimento. Desta vez, quando ela disse que ela devia ir, ele puxou a calça e a ajudou a se vestir. Em seguida, ele saiu para a sala de estar e trouxe de volta o chapéu dela.

— E o seu cabelo? — Ele tinha descartado os pinos e pentes que tinham mantido junto o seu penteado. — Eu tenho pouco conhecimento sobre a reparação dos cabelos das senhoras.

— Tenho o véu, ela disse. — Vai dar.

Uma vez que o rosto foi obscurecido por trás do véu, com segurança, ele ligou as lâmpadas e encolheu os ombros em sua camisa.

— Já é tarde. Eu vou voltar a pé com você.

A luz dançou em cima da dobra e véu de seu véu, que se enrugava apenas imperceptivelmente quando ela exalava. Ele tinha a sensação que ela estava prestes a recusar sua oferta, mas ela disse: — Tudo certo, obrigado.

Uma mulher sensata, pois ele teria insistido.

Ele permaneceu no quarto. Ela caminhou lentamente pelo salão, vendo o teto abobadado, a pilha de livros sobre a mesa de trabalho e o vaso de tulipas vermelhas e amarelas sobre a lareira. Por alguma razão, ele achou que seu vestido de jantar era de cor creme, mas era de cor damasco, a saia com brilhantes e gotas de cristal.

Ele jogou o seu aparelho sobre seus ombros e colocou um colete e um casaco de noite. Seus botões de punho, estampados com o brasão de armas de Lexington, estavam no chão. Ele abaixou-se e os apanhou.

Quando se endireitou, ele sentiu alfinetadas sobre a pele, o peso do seu olhar. Ele olhou para ela. Ela desviou o olhar imediatamente, mesmo pensando que ele não podia ver nada a não ser um contorno debaixo do véu.

Ela não confiava nele, ou gostava dele, já agora. E ainda assim, o deixara seduzi-la, ou seria o contrário, duas vezes. Ele poderia gabar-se e atribuir a discrepância a uma intensa atração da sua parte, mas anos de treinamento em objetividade tornava impossível tais ilusões.

Colocou as abotoaduras. Ele mesmo se deu ao trabalho de colocar uma gravata nova. Se eles fossem vistos juntos a esta hora, poderiam levar a certas suspeitas, mas ele não estava prestes a dar provas concretas por parecer

desgrenhado.

— Vamos? Ele ofereceu seu braço.

Ela hesitou antes de colocar a mão em seu cotovelo. Ainda nervosa, a sua Baronesa, quase tanto quanto ela tinha sido quando ela chegou em sua suite. Mas perguntas a esse respeito a enervavam, então ele absteve-se.

Em vez disso, quando saíram da suite, ele perguntou: — Por que foi celibatária por tanto tempo? Agarrando-se fielmente à memória do falecido Barão?

Ela fez um som que só poderia ser denominado ronco. — Não.

A *Rhodesia* estava quieta exceto pelo som do poderoso motor profundo em seu casco. Os passageiros de primeira classe, seja dormindo, enjoando ou vigorosamente agarrados aos seus cônjuges, mantiveram a cortesia de silêncio decoroso. Os corredores bem podiam ser os de um navio fantasma.

— Se você já não estava de luto pelo Barão, então não consigo imaginar passar tanto tempo sem sexo.

— É quase inédito.

— É verdade, mas você não parece ser alguém que iria querer ser privada por anos após anos.

Seu suspiro foi um de impaciência. — Como isto pode surpreender você, Senhor, uma mulher nem sempre precisa de um homem para satisfazê-la. Ela pode tratar dela própria com grande competência.

Ele riu, encantado. — E você é, sem dúvida, tremendamente capaz a este respeito?

— Eu ousou dizer que eu sou suficientemente qualificada com toda aquela prática, ela disse, com mau humor.

Ele riu novamente.

Mesmo do outro lado do véu, ele podia sentir o olhar que ela atirou nele. Ela perguntou: — Você é sempre tão alegre depois?

— Não, não.

O humor dele virava geralmente sombrio, às vezes completamente escuro, as mulheres que ele dormiu nunca eram o que ele queria, cujo controle sobre ele permaneceu inquebrável. Mas, esta noite ele não tinha pensado nem uma vez na Sra. Easterbrook.

— Você é sempre tão irritada depois?

— Talvez. Não me lembro.

— Era o falecido Barão um amante desajeitado?

— Você gostaria que ele fosse, não é?

Ele nunca tinha se preocupado em saber se uma mulher tinha tido melhor ou pior amantes do que ele. Mas, neste caso, ele constatou que, sim, ele tinha uma preferência. — De fato. Eu gostaria que ele fosse completamente inútil, impotente, se possível.

Ele queria ser o único que a trouxe para o pico após pico de chocante prazer.

— Sinto muito desapontá-lo. Ele pode não ter sido Eros renascido, mas ele portou-se muito bem.

— Como você me frustra, Baronesa.

Um pensamento ocorreu-lhe. — Então o que *estava* errado com ele?

— Peço desculpas?

— Ele era um amante decente, no entanto, após sua morte, recorreu à sua própria... destreza manual. E você não dedicou a sua castidade a ele. Ele foi infiel?

Ela parou. Não por muito tempo, ela retomou o seu progresso quase imediatamente e em um ritmo mais rápido. Mas, ele tinha sua resposta.

— Ele era um tolo, declarou.

Ela deu de ombros. — Foi há muito tempo.

— Nem todos os homens são libertinos.

— Eu sei disso. Optei por ficar longe de homens, não porque eu perdi a fé em todos eles, mas porque não estou mais confiante na minha capacidade de escolher bem.

— Peço desculpa.

— Ser solteira tem suas vantagens. Seu rosto virou-se para ele. — Pelo menos fui casada. Qual é a sua desculpa? Não deveria um homem que detém um título tão nobre como você produzir um herdeiro ou dois até agora?

Ele não deixou de notar que ela mudou de assunto. Habilmente, também.

— Sim, deveria. E, não tem desculpa, é por isso que eu estou indo para uma temporada em Londres, para cumprir o meu dever.

— Você não parece muito entusiasmado. Você já não ama a ideia de casamento?

— Não tenho nada contra a instituição, mas eu suspeito que não vou ser feliz nele.

— Por que não?

Novamente, o seu anonimato fez falar livremente de coisas que ele não consideraria mesmo mencionar em frente aos outros.

— Não há dúvidas que devo casar-me, e em breve. Mas, eu tenho poucas

esperanças de encontrar uma garota que sirva para mim.

— Você quer dizer, nenhuma mulher é boa o suficiente para você.

— O oposto. Para além da minha herança, eu tenho muito pouco a oferecer a uma mulher. Eu dificilmente sou um conversador deslumbrante. Eu prefiro estar no campo ou trancado no meu estudo. E mesmo quando eu estou disposto a ficar na sala de estar e conversar, eu não sou particularmente fácil de estar por perto.

— Estas são falhas que muitas meninas estariam mais que dispostas a esquecer.

— Não quero meus defeitos ignorados. Membros da minha equipe lidam com minhas excentricidades, aprovem ou não. Minha esposa deve ter a coragem de me dizer que eu estou me comportando abominavelmente, se for o caso.

— Então você sabe se comportar muito mal às vezes, ela meditou. — Mas se você tem tais requisitos rigorosos para a mulher, se ela deve possuir inteligência, seriedade e ousadia em abundância igual, por que não começou a sua pesquisa mais cedo? Por que limitar-se a uma temporada e um lote de debutantes? Dificilmente uma forma astuta de lidar com este assunto.

Não, não foi. Ele tinha entrado na mais estúpida maneira possível, assegurando que o seu casamento seria um caso de formalidade, empolado. Mas isso não era algo que ele podia admitir, não importa quão anônima a Baronesa era.

— Eu devo pagar por isso, sem dúvida.

— Você parece muito britânico, cheio de resignação e paciência viril.

Ele adorava o tom amargo dela. — Estamos completamente com sangue frio, quando se trata de tais assuntos. A busca da felicidade deixamos para os americanos, consideramos que a especialidade dos continentais é o romance.

Ela estava quieta. O navio levantou-se e caiu suavemente, como se estivesse em cima do peito de um gigante adormecido. Os grânulos na saia dela deslizaram e clicaram uns contra os outros, como uma chuva distante de pérolas.

Eles desceram dois lances de escadas e viraram uma esquina. Ela parou. — Estou em casa.

Ele observou o número de sua cabine. — Eu terei o prazer de sua companhia no café da manhã?

— Você quer ser visto em público comigo? Havia um eco de surpresa na voz dela.

— Deveria opor-me a isso?

— Você será conhecido como o homem que acompanha a mulher velada.

— Isso é mais do que aceitável para mim.

Ela ficou com as costas para a porta, a mão na maçaneta, como se protegendo da entrada dele.

— E se eu disser não?

— Você não vai se livrar de mim tão facilmente, Baronesa. Se você disser não para café da manhã, vou perguntar se você gostaria de se juntar a mim para um passeio depois do almoço.

— E se eu disser que vou acompanhá-lo no café da manhã, mas nunca vou dormir com você novamente?

— Você está determinado a fazer-me chorar, senhora.

Ele tocou os dedos na borda de seu véu, que caiu diversos centímetros passado seu queixo. A rede escorregou em cima de sua pele. Ela, provavelmente, teria se afastado para longe dele, mas ele já a tinha contra a parede, ou uma porta, parecia.

— Você não respondeu minha pergunta, ela disse.

Era vaidoso para desfrutar os tremores ligeiros que ele causou em sua voz, mas como ele os apreciava. — O negócio é o mesmo, ele disse. — Eu farei meu melhor para te seduzir, e você pode ir embora a qualquer momento que desejar. Agora, quer se encontrar no café da manhã?

— Não. Então, depois de uma batida interminável. — Não posso comer com este véu. Eu o encontrarei para passear.

Ele realmente não acreditou que ela poderia rejeitá-lo completamente. Por que então o coração dele bateu com o alívio? — Diga a hora e o lugar.

— Nove da manhã. O convés de passeio.

— Excelente. Ele se inclinou e beijou seus lábios através do véu. — Boa noite.

Ela escorregou para dentro de sua cabine e fechou a porta suavemente, mas com firmeza na cara dele.

Venetia inclinou-se contra a porta, incapaz de dar outro passo.

O que ela fez?

E o que, em nome de Deus, tinha sido feito a *ela*?

Vingança que parecia tão simples. Lexington a tinha machucado maliciosamente e repetidamente. Portanto, Lexington devia pagar. Ele tratava de fósseis. Ela lidava com os homens. Portanto, ela devia ter uma vantagem nesta luta muito humana deles, mesmo com o rosto coberto.

No entanto, ela, cautelosamente, tocou seus lábios, que vibraram ainda do seu beijo de despedida casto.

Ela tinha entrado na *Rhodesia* para punir um homem, mas ele não era aquele homem. Ele era outra pessoa.

Após seu casamento com Tony, não foi só da sua habilidade de escolher um bom homem que ela duvidou, também da sua habilidade para fazer um homem, qualquer homem, feliz. Mas Lexington, aquele mais severo juiz de caráter, tinha sido quase descontraído, relaxado em sua companhia. E, ele agora, estava entre os poucos homens a quem a aparência dela realmente não importava.

Era como se ela fosse atravessar o Atlântico para encontrar uma rota para a Índia, apenas para encontrar um novo continente.

Se ela o tivesse abordado em Nova York, ela poderia ter desaparecido da cidade. Mas na *Rhodesia* ela não conseguia se esconder. E... ela não quis. O Duque era a afirmação que ela era mais do que o formato do seu rosto e a justaposição de suas feições.

Lentamente, ela descartou as roupas dela, sentindo o seu caminho para a cama. Debaixo das cobertas, ela disse suas orações, exortando o todopoderoso para vigiar a Helena e fazer a garota voltar aos seus sentidos. Ela também orou que do outro lado do Atlântico, Fitz continuaria a ser paciente e discreto, e que na América, quando descobrissem, Millie e Helena não se preocuparam muito com a sua segunda abrupta partida em tantos dias.

Por si, ela não rezou, mesmo que ela pensasse que os seus problemas eram importantes o suficiente para incomodar o senhor, o fato permaneceu que já não tinha qualquer ideia do que ela queria se vingar e estava confusa com o resultado. Então, ela se deitou por um longo tempo, as mãos sobre o abdômen e pensou na onda de incidentes e coincidências, começando com Hastings, chegando a Helena três noites seguidas, que tinha trazido ela para este tempo, este lugar, este dilema.

E queria ter uma bola de cristal para ver onde tudo iria levar.

Capítulo 6

O mar tinha acalmado, mas a *Rhodesia* singrava contra a chuva constante e ar frígido. Poucas almas andavam no convés de passeio. O Atlântico era uma vasta extensão de frio, úmido, cinzento, sua tristeza ocasionalmente cortada pelo salto animado de um golfinho.

Lexington olhou para o seu relógio de bolso. Ela estava quinze minutos atrasada para o seu passeio. Ele chamou um mordomo. O homem deveria transmitir os cumprimentos do Lexington à Baronesa. Não era exatamente um lembrete subtil, mas ela já sabia que ele não era um homem que valorizasse muito a sutileza.

Quando ele estava dando instruções para o mordomo, ela apareceu no canto, envolvida em uma preta e resistente gabardine. O vento expressou um grande interesse em seu guarda-chuva, agitando-o em todas as direções. Outra mulher teria parecido frenética e desajeitada, mas ela movia-se com a determinação e o drama de uma bailarina, tomando o lugar central.

Ele afastou o mordomo. — Você está atrasada, Senhora.

— Claro, ela disse com firmeza. O véu, amarrado na base da garganta para lutar contra o vento, soprou contra o rosto dela, insinuando apetitosos lábios e bochechas. — Senhoras não são carruagens. Não se pode esperar que nós apareçamos na hora exata marcada.

Foi a desculpa mais encantadora e ridícula que já havia ouvido. — O que é a hora marcada para você, então?

— Você já foi convidado para jantar, não foi, mesmo que você evite a sociedade?

— Eu não me joga à mercê de uma temporada em Londres, mas quando estou em casa não evito a sociedade. Janto nas casas dos vizinhos. Até costume dar alguns jantares.

Uma rajada de vento forte quase levou o seu guarda-chuva. Ele apertou a mão por cima da dela para ajudá-la a segurá-lo. Mas depois que o vento tinha dissipado, ele não tirou a mão.

Ela deu-lhe um olhar, um olhar duro, ele imaginou. Mas quando ela falou novamente, a voz dela não era nada dura. — O que estávamos falando?

Por algum motivo, seu coração disparou. — Jantares.

— É verdade. Ela puxou o guarda-chuva e sua mão enluvada da dele. —

Você não se senta para jantar no momento em que entra na casa do anfitrião. Em vez disso, você circula e se envolve em brincadeiras com os outros convidados. E, é isso que você faz, quando vai se encontrar com uma senhora. Você espera, você anda e pensa nela, faz a sua chegada mais importante.

Ele foi muito pontual. Tais atrasos, ele não teria tolerado em outra mulher. Ainda se encontrava a sorrir. — Você está falando sério?

Ela inclinou a cabeça. — Meu Deus, você nunca esperou por uma mulher em sua vida?

— Não.

— Hmm. Não vamos ficar aqui. — Ela estabeleceu um ritmo acelerado. Acho que faz sentido que amantes mantidas esperaríamos por você, ao invés do contrário. Mas não acredito que você nunca tenha usufruído de uma ligação com uma Senhora.

— Eu usufruí, mas aquelas que não chegassem a tempo, descobriam que eu já tinha saído.

Ele se perguntava se parecia muito duro. Ele não quis censurá-la, apenas quis responder a sua pergunta com sinceridade.

— Você ainda está aqui, ela murmurou.

— Queria muito te ver de novo.

Ele não disse nada de novo. Mas, ela mergulhou a cabeça um pouco e, em seguida, olhou em direção a ele em um ângulo, quase como se ela estivesse com vergonha.

— Se preocupou que eu não ia vir?

Ele hesitou. Honestidade era fácil quando a resposta era simplesmente uma opinião que revelava pouco dos pensamentos mais íntimos. Mas a resposta sincera a esta questão particular envolvia, não só uma confirmação do desejo, mas uma confissão de maior desejo de envolvimento.

— Sim. Eu estava prestes a enviar um mordomo para lembrá-la que eu estava esperando.

— E o que você ia fazer se isso não me trouxesse correndo para seus braços? Ela fez uma pausa. — Mandar flores?

Havia uma sutil, mas inconfundível agitação na voz dela.

Ele balançou a cabeça. — Eu nunca enviei flores para alguém que gostaria de conhecer.

Por trás do véu, ela pode ter franzido a testa. Certamente, ela tinha a cara virada em direção a ele, como se esperasse que ele lesse a sua expressão.

Apenas um momento mais tarde, percebendo que ele não conseguia ver nada, talvez, ela perguntou: — O que isso significa?

— Meu pai foi um grande namorador que deu inúmeros buquês na sua vida. Eu vejo flores como presentes falsos. Eu não lhe daria flores.

— Mas você mandou. Você mandou um vaso enorme delas para a minha suite no Nova Holanda Hotel.

Sua confusão não durou muito. — Vejo o que deve ter acontecido. Eu pedi que enviassem flores, para uma mulher cujo conhecimento não quis aprofundar. Mas eu dei aquela tarefa e o mapa que você deixou cair para o mesmo atendente do hotel, então seu mapa foi para ela e as flores foram para você.

A Baronesa não respondeu.

— A ofendi por não mandar as flores?

Ela riu, um som seco, triste. — Ao contrário, você me ofendeu profundamente quando pensei que você *tinha* enviado as flores. Não gostei dessa expressão tão brega de interesse.

— Um enorme vaso de flores, você disse?

— Enorme. Vistoso. E um pouco medonho.

— Eu estou duplamente surpreso, agora, que você mudou de ideia.

Ela ficou em silêncio por um tempo. — Este vento é bastante para me derrotar. Vamos para um dos salões?

As flores tinham derrubado a fúria e feito ela agir.

Se elas não fossem entregues quando ela voltou para a suite dela há duas noites atrás, ela teria continuado a se afundar em sua fúria, imaginando a cabeça dele numa bandeja, mas ela não os teria colocado em rota de colisão.

E, agora, descobriu que as flores não eram para ela. Absolutamente.

Isso ainda o fazia um hipócrita, condenando-a e a querendo ao mesmo tempo? Ou ele só tinha sido estúpido, partilhando opiniões públicas que eram melhores serem mantidas privadas?

A sala de estar aquecida foi um choque de calor após o frio úmido do convés de passeio. Ela afastou o véu. O ar tornava-se também muito abafado aí dentro. Ele levou-a a uma mesa no canto, entre dois arranjos florais.

— Você está muito quieta, observou.

— Eu estou um pouco distraída.

— Uma coisa terrível para se dizer ao seu amante, que está só focado em você.

O coração dela bateu na palavra *amante*. — O que teria feito se eu tivesse

comprado um bilhete em um navio diferente?

— Eu teria uma viagem muito menos agradável.

— Há muitas outras senhoras a bordo.

— Elas não me interessam como você.

— Como pode dizer isso? Você não sabe nada sobre elas.

Ele virou-se e olhou ao redor da sala.

— Além de você, há onze mulheres neste salão, duas têm idade para serem minhas avós, três têm idade para serem minhas mães, e uma tem quase quinze anos, se isso. Das outras cinco, uma recentemente ficou comprometida, ela fica olhando para o anel enquanto ela escreve uma carta. Aquela, com o vestido rosa, está pensando só em chocolate. Posso vê-la tentando esgueirar um pedaço no esconderijo secreto no seu bolso. A do vestido vermelho e dourado é rude com os garçons, sentou-se não muito longe de mim no jantar ontem à noite. A do vestido amarelo, irmã do vestido vermelho e dourado, analisa o vestido de cada lady até o último detalhe. Veja, ela está sussurrando com o vestido vermelho e dourado agora, provavelmente sobre *seu* vestido. E a mulher em marrom é empregada de uma senhora, e não quer mais ser empregada de uma mulher. Mas, ela é muito prática. Ela não me nota porque eu tenho você ao meu lado. Ela está procurando um cavalheiro solitário, solto, que poderia esquecer as suas origens humildes e torná-la sua esposa.

Ele voltou-se em sua direção. — Veja, elas não me interessam, como você.

O véu obscureceu a cor dos olhos dele, mas não havia mistério no prazer em seu semblante quando ele olhou para ela. O pulso dela virou errático, mais errático, isso era. Ela ainda tinha que conseguir uma pulsação constante na presença dele.

Tardamente ocorreu-lhe que ele era muito mais observador do que ela tinha lhe dado crédito. E com essa realização, veio um frisson de alarme. — O que você sabe sobre mim?

— Você provavelmente casou muito jovem. Seu marido exerceu tremenda influência sobre você porque você gostava muito dele, porque ele era bem mais velho que você, possivelmente ambos. Até hoje ainda não escapou completamente da sombra que ele lhe lançou. Mas você não pensa em sua solidão como um sinal de que você permanece ligada a ele. Se alguma coisa, você está feliz em ficar sozinha, e segura.

Ela sentiu o sangue escorrer do seu rosto. Ele não deveria saber tanto sobre ela. — Eu, provavelmente, deveria ter permanecido sozinha. Eu não sei se

estou segura com você.

— Diga-me o que você acha dos homens nesta sala.

Ela olhou para ele, não sabendo o que ele queria.

— Por favor, disse ele.

Além dele, havia apenas três outros homens. — Um deles olha para a garota que adora chocolate com exasperação. Ele, provavelmente, é o irmão dela. Talvez sua mãe está sofrendo de enjoos e ele é forçado a se fazer de dama de companhia. O jovem que está realmente falando com a nossa amante de chocolate lembra-me um pouco o meu irmão: ele tem aquela aura de dedicação sobre ele, alguém que leva suas responsabilidades a sério. Eu diria que nossa menina do chocolate escondido e o irmão dela foram obrigados a vir aqui por sua mãe para fazer uma boa impressão para o jovem homem responsável. Exceto que o jovem homem responsável está distraído. Ele continua olhando em direção a uma das mulheres com idade para ser sua mãe, e que pode, na verdade, *ser sua* mãe.

— Aquela mulher está falando com um homem na casa dos trinta. E eu posso ver porque o jovem homem responsável pode estar a ser cauteloso. Ele bate o pé dele incessantemente e pisca muito. Seus sorrisos não chegam aos seus os olhos. E o sotaque muda: ele está tentando se passar por um cavalheiro inglês, mas eu posso ouvir traços de vogais americanas, especialmente nos ditongos.

— Aha!, disse o Lexington, evidentemente satisfeito.

— O que isso significa?

— Você disse ontem à noite que você desconfia da sua capacidade de julgar um homem. Minha querida, você pode julgar um homem muito bem.

Ela ficou nervosa. Ela não estava acostumada a ser elogiada pelas suas habilidades.

— Sendo uma astuta juíza do homem, você já testemunhou alguma coisa em meu caráter ou conduta que levariam a concluir que não está segura comigo?

— Não, ela teve que admitir.

— Nesse caso, permita-me oferecer-lhe uma xícara de chocolate quente no meu quarto?

— Seria muito confuso, beber chocolate quente com este véu.

— Eu vou vender-me. Você pode tirar o véu.

— Isso é uma oferta muito generosa, mas ir para o seu quarto, Senhor, iria encorajá-lo quando não tenho intenção de fazê-lo.

— Como posso mudar a sua mente?

— Não pretendo mudar de ideia.

— Deve haver algo que posso fazer. Ou dar.

Ela mordeu o interior da bochecha. — Você acha que meus favores podem ser comprados?

— A questão não é comprar seus favores, mas provar a minha sinceridade. Os cavaleiros andantes de antigamente iam em missões impossíveis para provar que eles eram dignos de servir a sua senhora. Vou fazer o mesmo aqui. Diga o nome de algo, qualquer coisa, e vou procurá-lo.

— Na *Rhodesia*?

— Ela é um grande transatlântico, para mil passageiros, se não mais. As possibilidades são de que, o que você quiser, alguém tem isso, ou coisa parecida.

Mas se o Duque me cortejar com um monstro de um fóssil, quem sabe como poderia recompensá-lo.

Ela não deveria. Ele estava certo. Não importa o quão raro ou excepcional era o que quisesse, havia uma chance de que alguém a bordo poderia tê-lo.

— Você é um naturalista, ela ouviu-se dizer.

— Como você sabe?

Ela xingou interiormente: eles nunca tinham discutido por que ele tinha ido para longe da Inglaterra. — Eu vi os livros no seu quarto. Eu inferi isso.

— Misteriosa e afiada. Ele sorriu para ela.

Talvez ele tivesse sorrido para ela antes, mas nunca na luz, com o seu olhar diretamente nele. A transformação foi surpreendente. Foi-se o último vestígio do iceberg. Em seu lugar, os trópicos, todo calor e graciosidade.

O coração dela gaguejava, para seu desgosto. Não era suficiente que ele já tinha virado o plano em sua cabeça?

— Agora como é significativo que eu sou um naturalista? Ele perguntou.

Ela tinha quase a certeza absoluta que, nem ele, nem ninguém a bordo, tinha acesso ao que ela tinha em mente, no entanto, ela sentiu uma picada de nervos. — Eu quero um esqueleto de dinossauro.

Ele levantou uma sobrancelha. — Brinca.

— De jeito nenhum. Você tem um?

— Não, não. Minha especialidade não é Dinosauria.

A decepção foi estranhamente feroz. Ela queria ir para os quartos do Duque, ela percebeu agora. Mas, ela queria que a decisão fosse tomada por ela, para ser o destino a decidir.

— No entanto, tenho algo que pode passar como um equivalente apropriado.

Ela não deveria deixá-lo fazer isso com ela, acabar com as mal compreendidas esperanças num segundo e ressuscitá-las no próximo. Especialmente agora que ela sabia que ela não deveria acalentar tais esperanças, em primeiro lugar. — Não quero ver os restos de pequenos anfíbios ou trilobitas^[13].

— Nada do tipo. Levantou-se. Venha à minha suite em uma hora. Tenho tudo pronto para você.

— Se for menos do que magnífica, vou virar e sair da porta.

Ele sorriu para ela. — E se for tudo o que prometi, é o que você vai fazer?

Esse sorriso vai ser a sua perdição. — Eu poderia ficar e admirá-lo por um tempo. Mas, ainda assim, você não deve esperar mais nada.

— Eu não *esperava*. Mas eu sempre vou atrás do que quero.

Ela queria que ele fosse. Destino ou ele, contanto que *alguém* tomasse a decisão das mãos dela. — Gostaria de vê-lo fazer isso de olhos vendados, disse ela, tão soberba como ela poderia.

— Então, vou fazer você vir para mim. Agora, se me dá licença, tenho de tratar da remoção de um objeto pesado do compartimento de carga.

Christian tinha antecipado dificuldades, mas o suborno revelara-se ainda menos cooperante do que ele pensava. Quando chegou em seu quarto e tratou das coisas, mais do que uma hora tinha passado. No entanto, graças à prática da Baronesa de ser quinze minutos atrasada, os comissários de bordo tiveram tempo suficiente para tirar a caixa e varrer os montes de palha que tinham se espalhado no tapete.

Ela chegou quando eles estavam saindo. Os homens lançaram olhares curiosos e apreciativos para ela, que usava a gabardina e estava vestida com um vestido lilás que mostrava a sua figura. Ela, por outro lado, mal notou sua atenção e foi diretamente para o objeto muito grande no canto da sala de estar.

Christian fechou a porta. — Vá em frente, desvende isso.

Não lhe escapou que o suborno era, provavelmente, a única coisa que eles tinham revelado nesta viagem.

Ela jogou a lona que cobria o que ele esperava provaria a melhor aquisição que ele já tinha feito. A laje de arenito tinha um metro e oitenta de altura e um metro e vinte de largura. Impresso nela, indo em direções opostas, estavam duas pegadas com três dedos, cada medindo sessenta centímetros de

comprimento e quarenta e seis centímetros transversalmente. Entre elas, marcharam uma linha diagonal de pegadas muito menores, quase um quarto do tamanho das maiores.

— Oh meu! Ela sugou uma respiração. — Tetrapodichnites.

Tetrapodichnite era o termo científico para a pegada fóssil de um sauriano. Parece que ela estava familiarizada com o jargão paleontológico.

— Posso tocar isso?

— É claro. Há papel e lápis na minha mesa, se quiser tirar impressões. E aqui está uma venda, que você pode colocar em mim, se você quiser tirar o véu.

Ele estendeu o seu lenço de seda branco. Ela se virou. — Sua palavra de que a venda permanecerá.

— Você tem minha palavra.

Ela tirou o lenço dele, amarrou-o na cabeça dele e o guiou para a chaise-longue. Não foi fácil, mas ele absteve-se de puxá-la para baixo para a espreguiçadeira com ele. Ele queria inalá-la novamente, aquele infinitamente perfume limpo dela.

Os passos dela rapidamente atravessaram o salão, de volta para o tetrapodichnites.

Seu interesse o intrigava. — Você é uma naturalista?

— Não, mas eu faço uma exceção para os dinossauros.

Ele imaginou ela voluptuosamente pressionando-se contra a laje e sorriu para a imaginação pueril da mente dele. Mais, provavelmente, ela estava traçando as impressões com reverência e respeito. — Eles eram criaturas maravilhosas.

— Sim, eram. Eu cavei um eu mesma.

Era algo que ele não ouvia todos os dias. — Quando? Onde?

— Me deparei com um esqueleto quase completo, quando eu tinha dezesseis anos, de férias com minha família. Era uma enorme besta. Claro que não sabia quando eu vi parte da caixa torácica cutucando fora da terra, que seria muito grande, mas passei o resto das minhas férias feliz por descobrir.

— Você fez toda a escavação sozinha?

— Não, claro que não. Meus irmãos ajudaram, como fizeram as crianças de uma aldeia próxima e alguns jovens que queriam ver sobre o que o alarido era.

— Que espécie era?

Um longo tempo do silêncio. — A, hum, um dragão Swabian.

— Um *Plateossauro*^[14]? Eu gosto dessas bonitas bestas. O que você fez com o esqueleto?

— Eu queria exibi-la em casa, é claro, mas ninguém me deixaria.

Ele riu suavemente. — Percebo porquê.

Um adulto *Plateossauro* pode chegar a mais de nove metros de comprimento^[15]. Mesmo em uma casa palaciana como Algernon House, tal demonstração ocuparia demais a casa.

— Eu ganhei juízo depois de um tempo e o doei para um museu em vez disso.

O som de carvão riscando em cima de papel. Ela tinha começado a fazer uma impressão de uma pegada. — Qual museu?

— Permanecerá anônimo.

— Você tem medo que eu vá lá e descubra a sua identidade?

— Tenho certeza que tem coisas muito mais importantes para ocupar seu tempo, mas não vou arriscar.

— Por que não, quando você já está tomando a maior chance que você tem há muito tempo?

O arranhar do carvão cessou, então, retomou mais furiosamente. — É justamente porque eu posso desaparecer no éter que tomei uma chance. O que você acha que é?

Ele levou um segundo para perceber que ela estava falando das pegadas fossilizadas. Ela tinha mudado de assunto novamente. — Um *iguanodon*^[16] juvenil, possivelmente. Ou, talvez, um predador de alguma descrição.

— Quantos anos você acha que tem?

— Acho que é tarde Jurássico ao Cretáceo inferior.

— Maravilhoso, ela murmurou, que algo tão frágil e efêmero como um conjunto de pegadas pode ser preservado por cento e cinquenta milhões de anos.

— Tudo é possível sob certas condições. Ele tocou a venda com as pontas dos dedos. Ela tinha amarrado firmemente. Mas não era preto atrás das pálpebras dos olhos, mas um ocre escuro cruzado com vigas de bronze. — Tem feito qualquer tipo de caça a fósseis?

— Não.

— Por que não, se gosta tanto?

Ela não deu resposta.

— Lembre-se, minha querida, não posso vê-la. Encolher os ombros e

revirar os olhos não são respostas suficiente.

— Não rolei meus olhos.

— Mas você encolheu os ombros?

Ele tomou o silêncio como um sim. — Você disse que tinha dezesseis anos quando encontrou seu dragão da Suábia[17]. Que idade tinha quando se casou?

— Dezessete.

— Seu falecido marido acreditou que mexer com instrumentos afiados e ossos velhos era um passatempo impróprio para uma mulher?

Outro silêncio, outro parecer favorável em silêncio, então.

— Se a memória me serve, ele disse, alguns dos achados mais significativos na história paleontológica britânica podem ser creditados a uma mulher.

— Sim, Mary Anning, eu li sobre ela. Meu marido disse que seus achados foram devidos à sorte cega.

Ele bufou. — Se Deus achou por bem dar a uma mulher tanta pura sorte, ele não pode possivelmente ser contra tais esforços por parte da mulher.

O arranhar do carvão parou. Seus passos em direção à mesa, para um outro feixe de papel? — Você está tentando me seduzir com as palavras, ela disse, sua voz subindo.

— Isso não significa que eu não sou sincero. Acompanhe-me na próxima vez que eu for em uma escavação, se você não acredita em mim.

— Eu pensei que estava acordado que eu desapareceria no ar no momento em que avistássemos terra.

— Mas, não há nada impedindo-a de voltar para mim, há? Você sabe quem eu sou. Você sabe onde me encontrar.

— Você vai se casar em breve, e isso será obstáculo suficiente para mim.

— Posso atrasar o meu casamento. A madrasta teria a cabeça dele, mas para a Baronesa, ele iria voluntariamente suportar um dos combates raros de ressentimento da duquesa viúva.

— Isso não fará diferença.

Ele balançou a cabeça. — Você não tem coração, Baronesa.

Ela não perdeu uma batida. — E você, Duque, quer muito.

Ele deixou-a em paz, depois disso, mas a concentração de Venetia já estava arruinada.

Por que ele, de todas as pessoas, era tão mente aberta? E convidá-la para uma expedição organizada! Ela sonhava com uma há anos. Sempre que ela

tinha ouvido falar de uma nova descoberta significativa, ela desejava que ela tivesse sido aquela dotada com um filão de camadas sedimentares e o privilégio de desvendar a história oculta do passado geológico.

Após um quarto de hora, ela pegou as impressões que ela tinha tomado e colocou o seu chapéu de volta na cabeça dela. Seria descortês fazê-lo usar a venda por muito mais tempo.

— Obrigado, Senhor. Foi um grande prazer. Eu vou sair agora.

Ela intencionalmente passou perto da chaise-longue? Ela, certamente, sentiu tudo demasiado vertiginoso quando ele a puxou para baixo, para cima de si mesmo. Afastou o chapéu dela velado, e a beijou vorazmente. O sangue ferveu. Certas regiões inconfessáveis do corpo palpitavam com necessidade.

— Não quero muito, ele sussurrou contra seus lábios. — Se você vai desaparecer no final da travessia, é justo que você não saia da minha vista durante o restante da mesma.

Ele devia parecer impotente em sua venda. Mas, ele era todo propósito e confiança. O coração dela disparou. — Preciso ir.

— Quando vejo você outra vez?

— Não precisa me ver de novo.

— Eu preciso, com certeza, não gostei de nada tanto quanto da sua presença em um tempo muito longo.

Então, por que ele não a devorava ali? Ela podia sentir a sua excitação pressionada contra ela. Ela queria que ele a tomasse como um visigodo predador e subjugasse a vontade dela.

— Eu sou imune a palavras doces, ela declarou. Uma afirmação cheia de sílabas instáveis.

— Eu nunca digo palavras doces, disse ele solenemente. — Quando estou com outras mulheres, é como se apenas uma parte de mim estivesse lá e o resto de mim quer estar em outro lugar, em outro tempo. Mas, com você, eu não estou dividido em dois. Eu não estou atormentado por outros pensamentos e desejos. Você não pode começar a adivinhar como gratificante, isso é, estar completamente aqui, completamente presente.

E, ele não poderia começar a adivinhar, como gratificante era ter tais propriedades mágicas atribuídas à sua pessoa. E não teve nada a ver com o alinhamento de suas feições, mas ela poderia ter algum crédito, não poderia ela, quando era a presença dela, ao invés de seu rosto, que arrebatava um homem?

— Você não precisa ir a lugar nenhum, ele murmurou.

— Eu preciso. Ela tinha medo de assumir a responsabilidade pela escolha. A última vez que ela tinha mergulhado em frente com essa decisão, ela se abriu para anos de angústia e sofrimento.

— Mas, você vai voltar, ele disse, autocrático, finalmente. — Isso não é negociável. Você irá jantar aqui, comigo.

Ela olhou para o formato bem feito dos seus lábios, a linha limpa, cinzelada de sua mandíbula e a venda perfeitamente intacta. Sob a palma da mão, o peito dele levantou-se e desceu. Ela tinha que apertar a mão para não começar a desfazer os botões da camisa de uma vez.

— Tudo bem, ela disse. — Mas só jantar.

Capítulo 7

Eu sinto-me em desvantagem, disse Christian.

Ela tinha honrado a sua palavra e veio para o jantar. Ele tinha jantado antecipadamente para ela não se sentir obrigada a alimentá-lo, enquanto ele permanecia com os olhos vendados. Depois disso, ela o tinha levado para a espreguiçadeira para desfrutar de mais um copo de vinho, e retirou-se para o canto oposto da sala de estar para admirar mais as pegadas fossilizadas.

— Estou em seus aposentos. Você deve estar extasiado. Ela não lhe dá importância.

— Eu *estou* em êxtase. Mas, isso não muda o fato, de que eu estou em desvantagem. Se não consigo ver seu rosto, então, eu devo ser capaz de ver o resto de você. E, se não consigo ver nada de você, devo poder ser capaz de tocar você à vontade.

Ela bufou, nada sensibilizada com as palavras dele. Ele sorriu. Com seu título e seu comportamento, muitas vezes inacessível, ele intimidou a maioria das mulheres, e um grande contingente de homens. Ela, no entanto, não tinha nenhum escrúpulo em colocá-lo em seu lugar.

Os dedos dele encontraram algo, seu chapéu. Ele pegou e virou-o em sua mão. — Diga-me o que está fazendo.

— Olhando as pegadas, claro. Por que mais eu estaria aqui?

Ele divertia-se imaginando-a a lamber a laje. — Pela mesma razão que você veio aqui ontem à noite, para me conhecer melhor.

— Eu tive ontem à noite o bastante para me durar alguns anos.

Ele encolheu os ombros, colocando o chapéu no fim da *chaise*. — Não consigo decidir se isso é um elogio ou um insulto.

— Quando eu o elogiar, senhor, você vai saber.

— Há! Você brincou com a minha determinação, Senhora. Você *irá* me cumprimentar antes que a noite acabe.

— Você tem muitos bons fósseis, Senhor. E esse é todo o elogio que você está recebendo.

Ele sorriu novamente e tomou um gole do seu vinho. — Eu adoro um desafio.

Tanta confiança fácil, lúcida. E nada da fanfarronice fria do Tony, que ela não reconheceu pelo que era até que fosse tarde demais.

— Diga-me, você vem de um clã iluminado? Ela perguntou.

Confortavelmente reclinado sobre a *chaise*, o rosto levantado para o teto, não se mexendo um dedo. No entanto, de alguma forma, ela tinha a impressão de que ele se tornara mais alerta, mais... predador. Ele tinha sentido o interesse que ela não deveria ter exibido.

— Não, ele disse, sua voz perfeitamente calma e amigável, não dando a menor indicação que ele podia estar à espreita. — Se alguma coisa, os Montforts foram sempre conservadores. Nós não nos dignamos a falar inglês até a época de Shakespeare.

Ela esfregou uma mão enluvada através de uma das pegadas menores. — Não encontrou qualquer oposição da sua família quando você seguiu a vida de um naturalista?

— Meu pai desaprovou intensamente.

Ele tocou o vidro do copo. Ela não conseguia olhar para longe da linha de sua garganta. — Isso causou-lhe algum desconforto?

Ele pôs o copo no tapete. Era um sinal de que estava pronto para atacar? — Ele colocou algumas tiradas aqui e ali, mas não é fácil levar-me para um caminho que não quero seguir. Eu o ignorei no geral.

Os dedos levemente traçaram a borda do copo. Ela não conseguiu evitar a lembrança de como ele tinha jogado com seu corpo duro e ágil com ela na noite anterior, com toques tão hábeis. — A maioria dos jovens tem dificuldade para pôr de lado os editais paternos.

Ele sentou-se, seus braços estendidos, apoiados ao longo das costas da espreguiçadeira, um gesto expansivo, assertivo.

— Meu pai tinha enorme respeito por si mesmo, mas ele era frívolo, o que tornou fácil eu o ignorar. Além disso, eu sabia onde era a cozinha, então me enviar para a cama sem ceia não era algo que eu temesse.

Ela só queria pressioná-lo contra a *chaise*. — Minha família sempre foi determinada em que não me tornasse uma pessoa autoindulgente. Isso e a opinião do meu marido foram suficientes para me convencer de que, se eu deliberadamente procurasse fósseis para escavar, eu estaria cedendo a um impulso frívolo e egoísta.

Ele sorriu muito ligeiramente. — Você é tão fácil de assustar?

Eles estavam ainda falando dos fósseis? — Eu não aprovava completamente o meu próprio interesse. Eu queria encontrar esqueletos fósseis que fossem maiores, melhores e mais inesperados do que qualquer coisa que foi descoberta até à data, não porque eu era uma naturalista séria

tentando fazer sentido do mundo.

Ele levantou-se. — Não há nada errado em querer maior, melhor e mais inesperado. A emoção da caça é o que impulsiona a todos nós, se estamos buscando o próximo planeta, um novo princípio da física ou aquele fóssil indescritível que iria lançar luz sobre exatamente como a vida deixou o oceano e andou sobre a terra.

Ele estava ainda do outro lado da sala, ainda de olhos vendados. Já não conseguia respirar. — Tenho de ir, ela deixou escapar.

Ele inclinou a cabeça alguns graus para o lado. — Você está segura comigo. Você sabe disso.

Ele estava errado. Ela não tinha estado neste perigo em um longo, longo tempo. Quão estúpida, ela tinha sido, esperando que ele decidisse por ela. Ela não estava brincando com fogo. Ela estava a fazer malabarismos com bananas de dinamite com seus pavios já acesos. Para cada grão de prazer que ela ousou agora ter, mais tarde ela pagaria com um quilo de luto.

— Obrigado pelo jantar. E obrigado pelo prazer do tetrapodichnites. — Suas palavras se atrapalharam em sua pressa para sair.

— Você vai fazer esta noite uma longa noite para mim.

— Me desculpe, mas eu realmente não posso mais ficar.

Ele olhou-a diretamente. — Boa noite, então. Vejo você na mesma hora, no mesmo lugar, amanhã de manhã para a nossa caminhada.

Ela balançou a cabeça. — Não vejo utilidade em nos vermos de novo.

— Eu pensei que tinha feito abundantemente claro que aprecio a sua companhia mesmo quando você não está nua debaixo de mim.

Sua boca ficou seca. Memórias de sua lascívia na noite anterior, os prazeres que ele tinha empilhado em cima dela. Ela teve que limpar a garganta antes que pudesse falar novamente.

— Desde que nós iremos nos separar, nós podemos antecipar isso.

Ele sentou-se novamente, a mão fechando-se infalivelmente no topo de seu chapéu. — Desculpe por nossos sentimentos não coincidirem, ele disse lentamente, os dedos esfregando a borda de seu véu.

Ela queria as mãos sobre ela, a tocá-la à vontade. — Se você me entregar o chapéu, eu sairei.

— Se nunca vou vê-la novamente, eu mereço um beijo de despedida, ele disse. Ele mudou com tal fluidez de disposição descontraída às exigências implacáveis.

— Isso é imprudente, disse fracamente.

— Tenho as duas mãos firmemente em seu chapéu. Além disso, você me deve muito.

Porque ela não queria apenas uma coisa? Por que devia ela ansiar por eletrizante perigo mesmo quando ela se agarrava desesperadamente à segurança, uma segurança solitária, mas o único santuário que ela já tinha conhecido?

Ela afastou-se da laje, andou através da sala, sentou-se na borda da *chaise* e tocou com os seus lábios os dele por uma fração de segundo.

— Não me engane. Isso não foi um beijo.

O Duque de Lexington tinha falado. Ele não poderia ser negado.

Ela apoiou a mão no braço da *chaise* e inclinou-se novamente. Os lábios dele escovaram os dela. Ela respirou fundo e mergulhou.

Ele sabia a vinho, um poderoso *claret* mais velho do que sua idade combinada, e o desejo. Ela estava acostumada a ser cobiçada. Ainda assim, quando ela traçou a borda dos dentes dele com a língua, a tensão do seu corpo, como se ele tivesse que conter-se, a intoxicou.

Ninguém lhe queria tanto quanto ele. Nem de perto.

Ela terminou o beijo, mas não se mexeu, seus lábios pairando muito perto dos dele. Os fôlegos se misturavam, agitados, desiguais. Fome emanava dele. O coração dela bateu, as bochechas dela quentes, como se ela tivesse estado muito perto da lareira.

Sem pensar, ela colocou os lábios nos dele novamente. Ele arrastou-a para ele. A força de sua ação a emocionou. De repente, ela não podia esperar. Suas mãos tatearam para o fecho das calças. Ele empurrou as suas saias estreitas para cima e fora do caminho. Ela gemeu quando os seus dedos a tocaram através da costura de sua combinação.

Ele quebrou seu beijo. — Tenho uma esponja em algum lugar. Soou como se ele tivesse estado a subir escadas durante uma hora.

— Não há necessidade. Não posso conceber. Ela agarrou o cabelo dele e beijou-o com mais força, envolvida por um desejo tão potente quanto o dele.

Depois não houve mais nenhuma palavra, apenas calor, urgência e prazer e mais prazer.

Christian jogou com os dedos delgados e flexíveis da Baronesa.

Ele trouxe-se até o máximo de três vezes ao clímax. Dela, ele tinha perdido a contagem. Ela havia começado a chegar ao clímax tão logo ele havia começado a afundar-se nela. E manteve-se voluptuosamente devorando-a por um longo tempo depois.

Ele sorriu. Ela o tinha feito se impressionar com ele mesmo. Isto era diferente. Sua crença era que um cavalheiro *deve* ser competente na cama, uma habilidade elementar semelhante à manipulação de cavalos e armas de fogo: nada para se gabar. Agora, sentia-se como um galo que tinha saciado um galinheiro inteiro: pronto para pular em cima de um telhado e cantar.

Ele não podia lembrar os detalhes, mas em algum momento, ele tinha apagado as luzes, arrancado a sua venda e carregou-a para a cama dele. E agora eles estavam calorosamente abrigados debaixo das cobertas, a cabeça dela em seu ombro.

— Acho que nunca estive tão orgulhoso de mim mesmo, nem mesmo quando li meu primeiro papel na sociedade real.

— Humfft, ela murmurou. Por um momento ele se perguntou se ela iria retirar-se novamente para dentro de si mesma. Mas ela disse, valoriza coisas estranhas, Duque.

— Você é uma coisa estranha, Baronesa, mas você também é uma coisa bonita.

Ela se mexeu. — Você não sabe como sou.

— E isso a torna menos bonita? Acho que não.

— Nós conhecemos há dois dias e meio, três dias? Passei a maior parte dessas horas ou recusando-me a dormir com você ou a mudar de ideias e a dormir com você. Existe algo particularmente encantadora em quê?

Ele colocou a mão no rosto dela. — Lembra nossa conversa de hoje de manhã e a sua avaliação dos passageiros cavalheiros no salão? Havia uma jovem com um parente mais velho encantado por um artista de confiança. Falei com o nosso jovem à tarde. Ele me disse que você já o tinha avisado de Sr. Egbert.

— Qualquer um faria isso.

— Todos deveriam, mas nem todo mundo se dá a esse trabalho. Ele alisou um fio de cabelo dela que tinha se enrolado. — E você sabe por que você desistiu da perseguição da próxima grande descoberta fóssil? Porque colocou a felicidade do seu marido acima da sua própria. Ele não merecia isso, mas isso não muda o fato de que *você* estava sendo generosa e foi atenciosa.

— Ou apenas uma mulher muito jovem, muito insegura de si mesma.

Ele virou o rosto dela e beijou seu queixo. — Está *tentando* me fazer pensar menos de você?

— Não, mas não quero que pense melhor de mim do que eu mereço.

Ela tinha retirado a mão dele. Ele descobriu que, enquanto os seus dedos

se afastaram do rosto dela, que ela passou as mãos na base da garganta, seus antebraços protegendo os seios. Como se ela devesse se defender novamente, agora que a paixão dela tinha sido gasta.

Ele beijou seu ombro, a pele debaixo de seus lábios suaves decadentes. — Então, como devo pensar em você?

Ela não respondeu.

— Você está lidando com um homem da ciência, minha cara. Para mudar a minha opinião, você não deve dar apenas generalizações, mas provas concretas. Ou eu devo continuar a pensar que você é uma Santa no corpo de uma cortesã.

Ela suspirou, um som relutante. — Eu já te disse que não posso conceber, não disse? Aos dezoito meses de casamento, meu marido decidiu consultar um médico. Nós consultamos um monte nos próximos dois anos. Eu vou..., a voz dela vacilou, vou poupá-lo de uma descrição detalhada. Mas você está enganado se acha que ele insistiu em todos os médicos. Não, depois que o primeiro disse que eu não iria engravidar, eu fui a única que foi a médico depois de médico, me submeti a um exame após exame, tudo porque eu queria provar que *ele* era o único responsável pela nossa esterilidade. Você chamaria isso de generosa e atenciosa?

— Talvez não, mas você nunca me convencerá a ficar do lado dele contra você. Na verdade, ele queria desenterrar os restos do homem para dar-lhe um pontapé. Que tipo de idiota colocaria sua esposa através de tal sofrimento? E depois de apenas um ano e meio, quando muitas uniões conjugais não produziam filhos por períodos muito mais longos. — Então, o que finalmente fez você desistir?

As mãos dela apertaram-se firmemente. — Uma das nossas empregadas veio até mim. Meu marido tinha desfrutado dos seus favores no passado. Ela me disse que ela estava aumentando, que ela tinha outro seguidor que poderia estar disposto a casar com ela, se eu lhe fornecesse um pequeno dote. Dei-lhe o dinheiro, ela saiu e eu não consultei mais médicos.

Ele virou-a para si e segurou-a firmemente. — Sinto muito.

— Eu era muito jovem então. Não queria um filho. Tudo que eu queria era mostrar ao meu marido como ele estava errado sobre minha infertilidade. Eu devo ter acreditado que se eu pudesse fazer isso, então eu poderia provar que ele estava errado em tudo o mais, e isso é como uma pessoa amável e generosa não deve pensar.

— Você está errada, ele disse firmemente. — Deixe-me dizer algo sobre

minha madrasta, uma das pessoas mais amorosas, generosas, que tive a sorte de conhecer. Meu pai, por outro lado, não era. Você sabe o que ela fazia? Sempre que ele trouxe uma nova amante sob o nosso teto, ela iria jogar dardos no retrato dele, que ele lhe deu no casamento deles. Nós dois fizemos, passando algumas das horas mais agradáveis da minha juventude profanando a sua imagem.

— Não achava menos dela. Muito pelo contrário, eu apreciei que ela não inventava desculpas para ele. Ele era um idiota. Por que ela deveria fingir que ele não era? E por que não queria provar que o seu marido estava errado? Infelizmente, até um relógio quebrado está correto duas vezes por dia, mas isso não significa que ele não estava errado o resto do tempo.

Embaixo dele, as mãos dela relaxaram. Ela deu-lhe um rápido beijo na bochecha. — Obrigado. Eu raramente ouvi música mais doce e certamente nunca mais doces palavras.

Ele retornou um beijinho na testa dela. — Então você vai ficar esta noite?

A voz dela estava aflita. — Eu poderia virar uma abóbora ao amanhecer.

— Eu vou dormir com a venda. Sem medo de qualquer vislumbre de cabaça.

Ela deu uma risadinha. — Você faria isso por mim?

— É claro. É o mínimo que eu posso fazer por você.

Ela apoiou a palma da mão contra a bochecha dele. — Você não precisa fazer isso. Eu vou ficar.

Eles fizeram amor mais uma vez. Depois, ela cochilou facilmente. Ele escutava suas respirações aprofundarem-se com o sono, o ritmo e conforto de uma intimidade maior do que qualquer uma que já tinha conhecido.

Christian foi o primeiro a despertar, ele sempre tinha sido um madrugador.

Ele não encontrou uma abóbora na sua cama. Aninhada na dobra do cotovelo, ela permaneceu muito uma mulher, braços quentes, pele macia, cabelo liso. Ela tinha expulso parte da colcha. Na semiescuridão, seus pés e panturrilhas eram bem torneados, tentadores.

Se ele virasse a cabeça, ele seria capaz de ver suas feições.

Ele tinha lhe prometido que não o faria. Mas algo além da sua honra o reteve. Foi... liberador não ver seu rosto, estar para além de seus próprios preconceitos, onde a aparência de uma mulher estava em causa.

Ele levantou a colcha, saiu do quarto e não retornou até que ele teve a sua venda firmemente no lugar.

A mulher no espelho era linda.

Venetia olhou para si mesma. Suas feições familiares haviam se transformado. Por excitação, euforia e cautela lançada ao vento. Ela parecia uma mulher para quem a vida apenas começou, ao invés de uma deprimida e calcificada por sonhos desiludidos.

Ela não era a única a notar. — *Madame est très, très belle ce matin — même plus d'habitude*, disse Miss Arnaud.

Madame está muito, muito bonita esta manhã, ainda mais do que o habitual.

— *Merci*, ela murmurou.

— *On dit Monsieur le duc est beau.*

Ouve-se que o Duque é bonito.

Então já tinha se espalhado o rumor do seu caso. Era de se esperar, a *Rhodesia* sendo um mundo tão ocioso, tão contido.

Uma batida soou na porta. Sua pulsação acelerou. O Duque veio chamar? Achava que estava implicitamente acordado que o seu quarto, tal como sua identidade, era dela mesma.

— Quem é? Perguntou Miss Arnaud.

— O mordomo do Deck, respondeu um homem com sotaque irlandês. — Temos algo para a Baronesa.

Mordomos. O que poderia ser que exigia mais do que um homem entregar?

Três comissários de bordo, com a ajuda de um carrinho de mão, trouxeram em sua cabine um objeto grande, retangular, enrolado em uma lona.

— A partir de sua graça, o Duque de Lexington, disse um dos Comissários de bordo.

A mão de Venetia tapou a sua boca. Ela não podia acreditar. Pediu aos homens para remover a cobertura de lona e a outra cobertura.

O Duque, de fato, tinha lhe dado as pegadas fossilizadas.

— É muito bom. Mas eu, eu prefiro *Chocolat*, disse Miss Arnaud.

Chocolate, pah. Venetia desistiria completamente de chocolate se ela pudesse ter um registro tão magnífico de vida pré-histórica de vez em quando. Ela deu gorjetas generosas para todos, Miss Arnaud incluído. — Compre um chocolate por mim.

Quando ela estava sozinha novamente, ela ajoelhou-se em frente da pedra de laje e, com o mais limpo par de luvas nas mãos, traçou os dedos sobre as impressões. — Eu, ela murmurou, isso é exatamente o que *eu* prefiro.

Antes de deixar a cabine para se encontrar com o Duque, ela olhou para si

mesma mais uma vez no espelho. A mulher que olhou para ela era deslumbrante, pois não havia nada mais belo do que felicidade.

Capítulo 8

A Baronesa tinha razão: antecipar a chegada dela foi agradável, até mesmo reconfortante. Christian sentia-se jovem e animado, como um rapaz que tivesse sido deixado sair da escola cedo.

O dia estava frio, mas brilhante. Os passageiros lotaram o convés de passeio, assistindo grupos de golfinhos saltar e se divertir. Guarda-sóis relaxados se moviam, bengalas agitavam-se e apontavam, o clima estava tão alegre quanto o mar.

Ela apareceu como a personificação da Primavera num vestido de seda verde revestido com uma película diáfana de gaze ambulante. A gaze, leve e esvoaçante, pegava o sol, como o mar fazia, com tremores, um padrão constante de mudança de luz e cor.

Todo mundo se virou para olhar: era fácil ver que se haviam tornado o item mais suculento da fofoca a bordo. Ele sempre foi um homem de discrição. Agora, no entanto, ele estava conduzindo um caso à vista de todos. E, não só ele não se importava minimamente, como se sentia absurdamente arrogante que esta mulher maravilhosamente vestida dirigia-se para ele e apenas para ele.

— Eu teria vindo antes, ela disse quando se colocou ao lado dele, mas eu fui atrasada.

— Oh?

— Obrigado pelo seu presente. É demasiado generoso.

— De jeito nenhum. Nunca me deu tanto prazer como quando eu o mandei para você.

— Você tem me emocionou completamente, Sua Graça.

Ele sorriu para ela. — Me chame de Christian.

Ele nunca tinha oferecido a qualquer outra amante a familiaridade do seu nome. Ela inclinou a cabeça. — Você é?

— Christian? Às vezes. E o que devo chamá-la?

— Hmm. Eu acredito que você pode me chamar de querida.

— Minha querida. *Mein Liebling*. — Eu gosto. Adorável.

Ela inclinou-se para ele. Ele tinha a impressão de que por trás do véu, ela estava sorrindo.

— *Adorável*? Estou chocada, essa palavra passou seus lábios, Senhor. Eu

pensei que você era um homem severo.

Ele retribuiu o seu sorriso. — Assim como eu.

Ela bufou. — Como o poderoso caiu.

— Quando eu era pequeno, eu tomava banhos no mar ao largo da costa da ilha de Wight, no canal de Bristol e às vezes Biarritz, dependendo de onde o meu pai queria navegar em agosto. O ano em que fiz dezesseis anos, no entanto, nadei no Mediterrâneo pela primeira vez. Passei uma semana gloriosamente em água quente e estragou-me para o Atlântico para sempre. Ele beijou as costas da mão enluvada. — E você, Baronesa, arruinou-me com os seus encantos, sendo um homem severo, agora vejo que mudei.

— Meu Deus, um presente muito generoso *e* uma comparação aos encantos do Mediterrâneo. Tem certeza de que você era um homem severo?

— Tenho certeza. Eu não sabia o que estava faltando.

Ela o beijou na bochecha através do véu e disse as palavras que ele queria ouvir. — Bem, deixe-me mimá-lo um pouco mais.

— Não! Venetia deu uma risadinha, chocada e encantada.

— Era verdade. Bati-lhe, e não um tapa com luva, também. Eu pensei que ele a estava forçando. Então, eu o tirei da cama, o empurrei contra a parede, e quase quebrei minha mão socando a cara dele.

Ela se aconchegou mais perto dele. Eles estavam em sua cama, a passar a tarde fazendo o que os amantes fazem melhor. — Então, o que aconteceu?

— Caos. Minha madrastra a tirar-me de Sr. Kingston, eu freneticamente jogando folhas para cobri-la, Sr. Kingston sangrando e palavrões. Foi mesmo um fiasco.

— Eu amo fiascos, especialmente quando há um final feliz anexado. Ela devia estar mais preocupada por si mesma, um fiasco estava vindo em seu caminho sem um final feliz anexado. Mas, se ela ia pagar por sua falta de sensatez mais tarde, ela também podia aproveitar cada gota de leveza e alegria nos escassos dias que restavam da viagem. — Ficou devidamente envergonhado quando descobriu que você não tinha sido o herói?

— Profundamente mortificado. Ofereci a sua excelência um retrato meu para nós jogarmos dardos os dois.

Ela colocou a mão sobre o coração dela. — Tão querido.

Ele sorriu. Tão jovem e cativante, o Duque de olhos vendado. Como ela desejava que pudesse ver os olhos dele, também, em momentos como este.

— Não sabia mais o que fazer, ele disse. — Mas ela absolutamente recusou. Nós jogamos dardos em uma árvore em vez disso.

— E o pobre Sr. Kingston?

— Enviei-lhe um potro de minha égua valorizada. Tivemos uma conversa muito civilizada que não envolvia a minha madrastra, ou o incidente. E esse foi o meu pedido de desculpas que foi oferecido e aceito. Casaram-se um mês mais tarde.

Ela suspirou. — Uma história mais satisfatória.

Virou-se plenamente em sua direção. — Você deve se casar novamente.

— Você deveria estar feliz por eu não me casar, ou não poderia ter *affairs* em barcos no oceano. Talvez porque ele foi tão sincero, ela sentiu a necessidade de contar toda a verdade. — Além disso, *casei-me novamente*, um *mariage blanc*.

— Sêrio?

Ela assentiu com a cabeça. — Seu amante era outro homem e ele temia que houvesse quem usasse isso para destruí-lo.

— E por que entrou nisso?

— As razões habituais. Meu primeiro marido tinha-me deixado completamente desamparada e não queria ser um fardo para meu irmão.

Ele levantou a cabeça na mão. — Você tem um irmão?

— Um irmão e uma irmã, gêmeos, dois anos mais novos que eu.

— E quantos anos você tem, *minha querida*?

Ela soprou exageradamente. — Agora, é uma pergunta que eu me recuso a responder.

— Vou ter vinte e nove em duas semanas, disse ele.

— Meu Deus, você é praticamente uma criança. Ela ficou aliviada: ele era mais jovem do que ela apenas alguns meses.

— Você vai me dar um presente, não é? As crianças adoram presentes.

— Acho que posso encontrar em meu coração vontade de enviar-lhe uma caneta gravada.

— Claro que gostaria de uma caneta gravada, desde que você a dê para mim em pessoa.

Ele nunca teve medo de expressar o seu desejo de aprofundar o seu conhecimento para além dos confins da *Rhodesia*. Ela ficou maravilhada com a sua vontade de expor os seus sentimentos. Tony, em retrospecto, tinha retido os seus sentimentos desde o início, para deixá-la amá-lo mais e exercer esse poder sobre ela.

Ela traçou a borda inferior da sua venda, do outro lado do cume do seu nariz, em sua bochecha. A próxima coisa que ela sabia, ela tinha-o puxado

para si, sua perna sobre a cintura dele, sua língua na boca dele. Ela queria isso. Ela o queria. Ela queria absorver sua determinação através do toque, até que ela, também, ficasse aberta, corajosa e digna desta proximidade que a levantava como uma maré.

Era a terceira noite a bordo da *Rhodesia*. Christian sentia-se como Ali Babá, em pé na boca da caverna dos quarenta ladrões, vendo riqueza para além da sua imaginação. *Ela* era riqueza para além da sua imaginação.

Ele estava quase nervoso por ser tão feliz. Por ouvir a batida do seu coração e ouvir os metros de um soneto. Por segurar a mão dela e saber que ele nunca mais iria querer nada. Ao olhar para uma escuridão impenetrável e ver um futuro de possibilidades ilimitadas.

Ele estava sentado em cima de um castelo de cartas? Um castelo feito de ar e desejos tolos? Era esta felicidade a gula que invariavelmente precedia de uma onda de arrependimento violento?

Os dedos dele vasculharam o seu cabelo.

— Eu pensei que estavas a dormir, ele disse, beijando a palma da outra mão dela.

— Decidi não perder mais tempo a dormir.

A *Rhodesia* balançava suavemente, como uma canção de ninar. Mas ele, também, estava bem acordado, perfeitamente ciente do tempo escapando. Normalmente, alguns dias em uma viagem, ele teria se tornado insensível para o barulho do motor do navio. Desta vez, no entanto, ele estava sempre consciente de seu inquieto barulho. Cada turno das hélices gêmeas que o trazia mais perto da outra margem.

— Diga-me como foi estar em um *mariage blanc*.

— Nada como isto, para ter certeza. Nenhum amante jovem, duro para meu prazer todas as noites.

Ele não pode evitar sorrir. — Ok. Você deve ter torcido seu próprio pulso para compensar a falta.

Ela riu e deu-lhe um soco no braço. — Eu devia ter vergonha de confessar isto, mas estranhamente não tenho, ela disse, esfregando o local que ela bateu. — Eu estive perto de torcer meu pulso uma vez ou duas.

— Meu Deus, que desperdício de tal succulenta....

Ela apertou a mão na boca dele, rindo.

Ele tirou a mão dela, rindo. — O quê? Já falei muito pior e você gostou.

— É diferente quando estamos na cama.

Ele rolou em cima dela. — Então eu vou dizer cama.

Ele disse isso, e muito pior. A julgar por suas reações, ela gostava de tudo.

* * *

Foi o seu segundo marido, bom para você de outra forma? Ele perguntou depois, a cabeça no colo dela, os dedos dela novamente vasculhando o cabelo dele.

— Oh sim. Ele era um antigo amigo da família, um primo muito distante do lado da minha mãe, na verdade. Alguém que conhecia toda a minha vida. Meu pai faleceu cedo, então foi ele que me ensinou como usar uma espingarda e a jogar às cartas.

— Um homem mais velho?

— Mais velho que meus pais e muito rico. Quando ele propôs, foi o melhor dos mundos possíveis. Eu teria dinheiro. Eu seria a dona do meu próprio lar novamente. E eu não teria que lidar com um homem que podia tornar minha vida miserável. Traçamos nossos planos...

— Planos?

— Sim, teria parecido estranho se o seu amante estivesse constantemente em nossa casa. Então decidimos que *eu* fingisse que era eu que estava tendo um caso com ele. Nós apertamos as mãos sobre os planos e ele levou-nos para o altar.

— E viveram usando a mão para sempre?

Ela riu. — Não para ele, ele tinha amante, lembra?

— Você o invejava. Ele percebeu.

— E como. Eles estavam tão absortos um no outro. Às vezes, eu me sentia totalmente desnecessária, como uma dama de companhia que não sabia quando sair, mesmo que eu estivesse em minha própria casa, por assim dizer.

Ele entendia exatamente. Quando ele visitou sua madrasta e Sr. Kingston, sua realização fez sua falta de esperanças para o futuro mais aguda.

— Se tornou menos solitária desde então?

— O meu irmão deixou o amor de sua vida para se casar com uma herdeira. Sua esposa, suspeito, sentiu um amor não correspondido por ele desde o início. E minha irmã, que Deus nos ajude, ama um homem casado. Comparado a eles, minha solidão parece muito mansa, algo a suportar alegremente. Ela desenhou pequenos círculos em seu braço, ou eram corações? — O que se passa com você? Já foste sozinho? Ou esteve muito autossuficiente para notar?

Ele estendeu a mão e tocou com o lóbulo da orelha dela. — Acho que

nunca ninguém me perguntou tais questões.

Ela se calou. — Eu peço perdão. Não quis me intrometer. Às vezes, eu esqueço que de nós dois, apenas eu gozo do luxo do anonimato.

Era fácil esquecer muitas coisas na intensidade do caso deles. Às vezes, ele sentia-se como se ele nunca tivesse conhecido nada mais que o mar, a *Rhodesiae* e ela. — Por favor, não peça desculpa por ter um interesse pessoal em mim, tranquiliza-me saber que você não apenas está me explorando na cama.

O som da risada dela, registrado como uma explosão de brilho na noite. Ele ainda admirava que ela não apenas ria, mas ria, frequentemente. Espantou-o ainda mais que ele tinha sido o único a provocar o seu riso. Quando ria, nada era impossível. Ele poderia escalar o Monte Everest, atravessar o deserto do Saara e aumentar o reino perdido de Atlântida, tudo em um dia.

— Os ingleses não têm o hábito de investigar a felicidade um do outro, ele disse. — Não é que não sabemos o que está acontecendo, simplesmente não falamos disso. Minha madrastra, por exemplo, nunca perguntou por que eu estou, às vezes, de humor negro. Mas, ela faz questão de convidar a melhor companhia para o jantar e abrir as melhores garrafas do Sr. Kingston da adega. Ou, vamos para uma longa caminhada, e ela me diz todas as fofocas mais recentes entre seu círculo de amigos.

— Você gosta de fofoca?

— Metade do tempo não tenho ideia de quem ela está falando, e, na maioria das vezes, suas histórias entram em um dos meus ouvidos e saem pelo outro. Mas, eu gosto de saber que ela está esperando pelo meu regresso para poder me contar tudo. Eu gosto de lembrar que mesmo que não posso ter tudo o que eu quero, eu ainda sou um homem extraordinariamente feliz.

— Você se importaria se eu perguntasse o que é que você não pode ter?

Ele não podia dizer antes, mas agora essa barreira tinha descido. — Quando eu tinha dezenove anos, eu caí no amor com uma mulher casada.

— Oh, ela murmurou. — Então... quando você disse que estar com outras mulheres fazia você querer estar em outro lugar, ela era o outro lugar?

— Sim. Sra. Easterbrook tinha sido o miasma de um antro de ópio, atraindo um velho viciado.

— Você ainda a ama?

— Não pensei em uma vez nela desde que te conheci.

Havia apenas o sussurro do mar e suas respirações aceleradas no silêncio.

Ele colocou a questão, mais uma vez. — Tem certeza que você deve desaparecer quando tocamos a terra?

E ela, Deus a abençoe, finalmente disse as palavras que ele queria ouvir. — Deixe-me, deixe-me pensar sobre isso.

Millie, Condessa Fitzhugh, olhou para o continente americano desaparecendo.

Uma vez que ela chegou a Inglaterra, quase nenhum tempo passou antes dela finalmente tornar-se esposa de Fitz. De verdade.

Como os anos passaram tão rápido? Oito anos. Para uma garota de dezesseis anos de idade, oito anos constituíam metade da vida, um estupendamente longo período que acabaria em um futuro tão distante quanto as estrelas. E, no entanto, agora ele estava aqui, perto o suficiente para respirar nela.

Ela não se arrependeu do pacto: a situação deles tinha sido complicada e infeliz, adiando a consumação do casamento, eles tinham simplificado as suas vidas e permitiu-lhes lidar um com o outro em termos práticos, amigáveis.

O que ela lamentava foi a duração do seu contrato. Tivesse sido sete anos, o consumir, e o que quer que fossem as suas consequências, estaria atrás dela. Se tivessem sido nove anos, ela ainda teria mais tempo para se acostumar com a ideia.

Mas eles apertaram as mãos em oito anos, e oito anos estavam expirando rápido.

Fitz confiava nela. Ele gostava e respeitava. Em alguns dias, ela ousaria dizer que ele a admirava. Mas ele não a amava. Se um homem não tivesse caído no amor por uma mulher depois de quase oito anos juntos, havia alguma chance de que ele algum dia o faria?

— Você deve estar fria, disse Helena, vindo para ficar ao lado de Millie no trilho da popa do convés. — Está aqui há um longo tempo.

— Não posso estar há muito tempo, eu ainda não estou congelada, disse Millie, com um sorriso para sua cunhada. — Como você está, minha querida? Como vai o artigo?

— Não muito bem, disse Helena.

Fitz esqueceria seu pacto por completo se a situação com Helena fosse muito complicada? Ele tinha nenhum calendário no qual ele havia marcado a data. Ele tinha muitas mulheres para manter seus desejos carnavais satisfeitos. E, no geral, ele a tratou como se ela fosse mais uma de suas irmãs. E, se o dia

viesses e se fosse, e ela ficasse sozinha na cama dela?

Isso iria agradá-la ou ela quebraria?

Millie colocou a mão no braço de Helena. — Não se preocupe muito com Venetia.

— Não posso evitar. Espero que ela não esteja sozinha, escondendo-se em seu camarote.

— Ela poderia estar tendo um tórrido caso de amor, pelo que sabemos, disse Millie.

Talvez não fosse a coisa certa a dizer, não quando ela não tinha intenção de insinuar nada sobre Helena.

O rosto de Helena assumiu um jeito obstinado. — Espero que ela esteja tendo. Ela é uma mulher adulta que tem feito muito pouco uso de sua liberdade.

E você é uma mulher adulta, que fez muito uso da sua liberdade?

Mas, o que Millie sabia do amor que era correspondido ardentemente, amor que ansiava com uma intensidade ardente através do espaço e do tempo, ela que sempre tinha sido a destruidora de tal amor?

O que ela sabia era que Fitz nunca teria comprometido uma senhora solteira, como o Sr. Martin tinha. Helena estava galopando doidamente para um precipício, de que nenhum deles poderia ajudá-la, se ela caísse.

Ela não queria que nada acontecesse com Helena, que, como Venetia, sempre tinha aceito e apoiado Millie, especialmente naquela época quando Fitz mal conseguia falar com ela. Ela queria que Helena fosse feliz. E, se não isso, pelo menos salva da ruína e ostracismo.

Ela pegou o braço de Helena. — Se você não pode se concentrar em seu artigo, o que você diria de... tomamos uma longa e estimulante constituição?

Capítulo 9

O céu ocidental brilhava. Fogo polido à beira mar. Os últimos dedos de luz do dia acariciavam as nuvens longas, nuvens leves e douradas cor de pêssego como Calvados[18].

Christian, nunca tinha visto um pôr do sol mais perfeito. A Baronesa, no entanto, não estava ao seu lado para compartilhar essa visão incandescente, em vez disso, ela estava no quarto dela, atendendo à sua toalete.

Era o seu sexto dia no mar. O navio era esperado para chegar em Queenstown na manhã seguinte. Pela manhã depois dessa, Southampton. Portanto, já estava, com problemas consideráveis para convencê-la a participar do jantar do Capitão esta noite. Ela achou-o louco, mas ele era muito persistente. Ele queria mostrar-lhe que era bastante viável para eles aparecerem em público, enquanto o véu se mantinha firmemente no lugar. Que o resto da sociedade iria aceitar o seu desejo e aceitá-la como ela era.

Ele iria limpar todos os obstáculos. Ele prepararia o caminho. E ele iria espalhar o caminho com os fósseis raros, para ela reivindicar o lugar na vida dele que pertencia a ela e só a ela.

Venetia havia começado a considerar estratégias possíveis.

Talvez a Baronesa gostaria de mencionar em uma carta que a amiga dela, a Sra. Easterbrook viveu em Londres. Talvez Venetia, ao encontrar Christian em algum momento durante a temporada, deixasse escapar que a sua amiga deliciosa a Baronesa von Seidlitz-Hardenberg tinha mencionado que ela, também, tinha viajado recentemente sobre a *Rhodesia*. E talvez, antes de mais nada, ela devia alcançar a duquesa viúva, a tal ponto que esta última estaria disposta a responder pelo carácter de Venetia .

Foi por isso que, ela pensou com tristeza quando puxou as suas luvas de jantar, as pessoas não levam uma vida dupla. Não havia nenhuma maneira graciosa de colapsar de uma existência bifurcada de volta a uma única e simples.

Miss Arnaud tomou as paillettes[19] brilhantes de um outro dos vestidos de jantar do Venetia e transformou o véu em um acessório que, apesar de ainda ser altamente estranho, exalava um certo encanto. Venetia afastou-se do espelho e se virou em um círculo. Ela queria que a sua presença a fizesse parecer mais alta, não que a fizesse parecer mais baixa. O vestido azul

cobalto de jantar certamente era tudo aquilo que um vestido devia ser, e teria correspondido os olhos dela, se pudessem vê-los.

Ela balançou a cabeça. A irregularidade do procedimento não podia ser evitada. Ela só poderia seguir a indicação dele e esperar ser lembrado como agradável.

Ele a aguardava no pilar da escada que descia para o salão de refeições, altamente delicioso em seu traje formal para o baile.

— Você é a mais sensacional senhora esta noite, querida, ele disse, enquanto lhe ofereceu o braço.

Sempre fez seu coração bater ouvi-lo chamá-la por esse carinho.

— Oh, não duvido disso. Você sabe que estamos sendo muito descarados, não acha?

— Ousadia é para mortais inferiores, disse ele. — O Duque de Lexington define a boa forma, ou a redefine, se necessário.

— Pelo menos, você está se divertindo por estar aqui.

Ele inclinou-se para perto. — Eu vou te dizer um não-muito-segredo: ninguém diz isso, nem mesmo a minha madrastra.

Ela virou o rosto dela. Eles estavam quase nariz a nariz, ousadia, na verdade. — Bom, continue assim. Eu quero vê-lo em seu mais alto e mais glacial esta noite.

— Para você, eu vou. Mas, se eu falhar miseravelmente, se eu agir com condescendência insuficiente ou, Deus me livre, alguém se sentir à vontade, saiba que você e só você é a responsável.

— O que é uma carga pesada. Centenas de anos de ininterrupta altivez em jogo.

Brevemente, ele apertou a mão dela. — Finalmente, você entende o que fez.

Eles estavam sentados juntos, com um jovem americano que tinha embarcado em seu *grand tour* do velho mundo à direita de Venetia. Alguém obviamente o tinha informado que ela não falava, ou não queria, falar inglês. Assim, o jovem americano, Sr. Cameron, cumprimentou-a com um — *Guten Abend*[20], Frau Gnädige.

O alemão tinha mais coragem do que habilidade, mas ele estava despreocupado com os erros e queria uma conversa. Eles falaram de seu itinerário planejado. Ao invés das relíquias da era clássica, o Sr. Cameron estava mais animado para visitar a Torre Eiffel e cavalgar essa maravilha moderna. Ele informou a Venetia, com franqueza encantadora, que ele

esperava que o topo da torre poderia mover-se majestosamente com uma rajada e que ele, homem forte e resistente que ele era, seria a pessoa ideal para pegar uma linda jovem desmaiando de susto.

Christian, que estava envolvido em uma conversa com a Sra. Vanderwoude, uma matriarca de Manhattan, virou-se e disse, — Boa sorte, Sr. Cameron. Eu estava lá durante a Exposition Universelle e o topo da torre estava tão cheio que uma jovem inconsciente teria permanecido na posição vertical até que ela recuperasse a consciência.

Sr. Cameron deu uma gargalhada calorosa para isto. Venetia não poderia evitar mas sorria para seu amante. Claro que ele não podia ver, mas ele tinha um estranho senso de quando ela sorriu sob o véu, e ele sorriu para ela.

Ela se sentiu como se ela tivesse abraçando filhotes todo o dia.

— Desculpe-me, Senhor, disse uma jovem senhora do outro lado da mesa. Ela foi apresentada a Venetia como Miss Vanderwoude. — Você é, por acaso, o mesmo Duque que deu uma palestra em Harvard?

Venetia congelou.

— Gloria, você pode falar num tom menos alto? Sra. Vanderwoude não ficou satisfeita.

— Desculpe, vovó, disse a Miss Vanderwoude. O volume de sua voz, no entanto, não se reduziu. — Mas és você, Senhor?

— Sou eu, disse Christian, tomando um gole de seu vinho.

— Mas que coincidência! Miss Vanderwoude disse animada, quase aplaudindo. — O meu primo e sua esposa, que veio me ver na semana passada, foram em sua palestra.

— Estou contente por saber que ambos não morreram de tédio.

Foi um comentário engraçado, e Venetia quase voltou a sorrir novamente. Mas ela não podia. Um calafrio espalhou-se entre seus ombros.

— Eles apreciaram muito a sua palestra. A esposa do meu primo especialmente apreciou a sua anedota sobre a bela mulher que tem o coração de uma Lady Macbeth.

Mão de Venetia foi para a garganta. Ela não conseguia puxar o ar.

— Isso seria exagerar muito, disse Christian. — Nunca acusei a senhora de assassinato ou de ser cúmplice de assassinato.

Isso foi quase uma defesa, ou não?

— Mas se ela levou o marido para uma sepultura precoce ...

— Miss Vanderwoude, eventos que acontecem de uma forma sequencial não implicam necessariamente nexos de causalidade. A senhora pode ter feito

seu marido infeliz, mas é a natureza do casamento para seus participantes devastar os outros às vezes, ou assim me deram a entender. Nem você, nem eu, sabemos os detalhes do casamento dela. Devemos evitar especulações infundadas.

Venetia expirou.

— Mas nós estamos entre amigos aqui, não é? Disse a garota conspiratoriamente. — O que diz, Senhor, de nos dizer quem é a senhora. E eu e os meus amigos, *vamos* descobrir como ela foi culpada, ou não, como pode ser, a senhora está ligada à passagem antecipada do seu marido.

— Gloria! Protestou a avó dela. — Sua Graça, permita-me pedir desculpa pelo atrevimento da criança.

Christian inclinou a cabeça, aceitando o pedido de desculpas. Depois, ele virou seu olhar para Miss Vanderwoude. Seu sorriso atrevido desvaneceu-se. Ela começou a olhar à esquerda e à direita, como se esperando que alguém poderia protegê-la da sua atenção. Quando ninguém disse ou fez alguma coisa, ela tentou encontrar o olho dele, com um sorriso tímido que morreu desajeitadamente.

Os comensais nas proximidades prenderam a respiração coletiva, esperando. Todos acreditaram que ele iria fazer alguma denúncia terrível. Mas, e se ele não achou a ideia com falta de mérito, Venetia pensou descontroladamente. E se ele apenas contestou a natureza pública da abertura de Miss Vanderwoude?

— Não, ele disse. — Isso não é uma boa ideia.

Coração de Venetia conseguiu uma batida fraca. Os ocupantes da mesa exalaram com o decoro e a contenção de sua repreensão. Os lábios do Miss Vanderwoude estremeceram antes dela sorrir timidamente. — Eu acredito que você está certo, Senhor.

Indicando que nada mais era para ser dito sobre o assunto, ele virou-se para Venetia. Não parece ter tocado o seu camarão, Baronesa.

Foi uma piada significativa para ela, pois ela nunca comeu nada enquanto usava o véu.

— Atualmente devo corrigir este lapso, ela disse, por meio de lábios dormentes.

Sra. Vanderwoude queria sua opinião sobre uma coisa. Venetia inclinou-se em direção do Sr. Cameron.

— Miss Vanderwoude, ela vai para Londres?

— Não, para o continente, como eu. Vamos desembarcar em Hamburgo,

partir para Paris e a partir daí, para pontos de Leste e do Sul.

— E ela está, de alguma forma, a falar a sério sobre perseguir a identidade da senhora que ela falou?

Sr. Cameron riu suavemente. — Eu ficaria surpreso se amanhã de manhã ela vá se lembrar que ela teve essa ideia. Ela é tão impulsiva e esquecida como um gafanhoto.

Mesmo assim, a noite de Venetia estava arruinada. A incursão da realidade tinha sido muito forte. Se Miss Vanderwoude, que nunca tinha assistido a palestra, agora sabia da história escandalosa que o Duque tinha contado, poderia haver outros que iriam ouvir isso e não precisaria de um detetive para perceber de quem ele tinha falado.

Por outro lado, e se ele fosse saber que Venetia, não a Baronesa, mas a Sra. Easterbrook, não apenas estava na América, mas tinha estado em Cambridge, Massachusetts, na mesma hora que a sua palestra de Harvard?

Um poderia apenas fazer malabarismos com bananas de dinamite por algum tempo antes de que explodirem um a um.

Eu sinto muito, querida, disse Christian, assim que ele e a Baronesa estavam dentro de seus quartos.

Ela olhou para ele, as paillettes sobre o véu que capturava a luz como pequenos espelhos. Mas a faísca tinha ido embora de sua voz. — Por que você me pede desculpas?

— Por ter chateado você.

Ele também estava chateado, a impertinência de Miss Vanderwoude tinha sido um grande lembrete que o seu erro tinha se agravado muito além de suas dimensões originais. Mas, a angústia da Baronesa era, se possível, mais aguda do que a sua própria angústia. Depois, embora, ela corajosamente tenha mantido um fluxo constante de brincadeira amigável com Mr. Cameron, ele mal tinha provado nada, sabendo que ele tinha afundado em sua estima.

Ela sentou-se sobre a cadeira, o conjunto de seus ombros tensos e cansados. E a forma como os dedos dela agarraram-se um ao outro falou mais do que apenas a decepção. Ela estava com medo.

— Por favor, diga alguma coisa.

Ela inclinou a cabeça para trás, como se olhando para cima por ajuda. — Miss Vanderwoude estava disposta a dedicar o seu tempo e fundos para mexer em assuntos privados de alguém, que ela nunca conheceu e só ouviu falar de segunda mão. Me surpreende o que você deve ter dito para despertar

tal interesse impróprio.

Suas palavras desesperadas eram unhas triturando o seu coração. — Me desculpe. Não deveria ter falado.

— Realmente não deveria. Seus comentários causaram alguém ser falado como puro mal.

Ele sentou-se ao lado dela e pegou a mão dela. — Eu não fiz isto sem malícia, se é isso que te preocupa. Eu transmiti minha anedota não como uma lição objetiva para o meu público, mas como um lembrete para mim mesmo.

— Não entendo.

Ele teria de explicar, se expor como ele nunca tinha. Mas ele pouco se importava com sua mortificação. A única coisa que importava era que ela não devia afastar-se para longe dele.

— A mulher que eu usei como exemplo em Harvard, ela era minha em outro lugar.

Ela puxou a mão dele. Ele agarrou o braço dela antes que ela pudesse saltar fora. — Por favor, ouça.

— Meu Deus, ela disse, olhando para toda a parte, menos para ele. — Meu Deus.

Se ele só pudesse retirar o coração para lhe mostrar. Mas ele tinha apenas palavras, palavras lentas, laboriosas, inúteis. — A senhora em questão é diabolicamente bonita. E, por uma década, eu era obcecado por sua beleza. Eu escrevi um artigo inteiro sobre o significado evolutivo da beleza como uma repreensão para mim mesmo, eu, que compreendia os conceitos tão bem, no entanto, não poderia escapar à força magnética da beleza de uma mulher em particular.

O véu agitou-se com sua respiração agitada. — E isso não foi suficiente, o artigo? Você tinha que falar isso em público?

— Minha obsessão era irracional. Eu tinha que ficar longe de lugares que ela frequentava. Se eu a visse, não faria diferença se ela apressou a viagem do marido para a sepultura. Eu voluntariamente casaria com ela só para possuí-la.

No colo dela, suas mãos tremiam visivelmente. Ele, também, tremeu, mas por dentro, onde o medo e arrependimento ameaçavam afogar as esperanças que tinham estado pulando e saltitando como bandos de golfinhos ao lado da *Rhodesia*.

— Há muito tempo que tenho vergonha desta fixação, mas se agarrou a mim como uma sanguessuga. E, desta vez, não seria capaz de ficar longe

dela. Ela é um dispositivo elétrico na temporada de Londres. Eu estava preocupado que eu poderia desistir e aproximar-me, apesar da decência e orgulho. O sonho, droga o sonho. — Acredite em mim, eu nunca pretendi um lapso tão catastrófico de julgamento.

Ela puxou o braço dela, levantou-se e foi embora.

Venetia sentiu-se explodida em pedaços, todas as bananas de dinamite que ela tinha estado usando para fazer malabarismo detonaram de uma vez.

Ela não tinha sido um exemplo aleatório, algo casualmente arrancado de todas as suas experiências acumuladas para ilustrar um ponto de passagem. Em vez disso, ela tinha sido a ruína de sua existência.

Ela não podia entender isso. O alcance da mente dela tinha sido diminuído pelo seu choque. Ela só poderia olhar essa ideia, como se fosse um monstro de tentáculos do mar que veio para afundar a *Rhodesia*.

Ele disse que ele tinha dezenove anos. Ela também teria dezenove anos, muito ainda casada, mas com suas antigas ilusões românticas já abafadas sobre a pedra de auto amor indestrutível de Tony.

Um dos jogadores de Harrow não conseguia parar de olhar para ti. Se alguém tivesse lhe entregue um garfo ele teria devorado você de uma só vez.

Ele tinha sido aquele jogador de Harrow. Ela tinha sido sua obsessão desprezada. E ela também foi sua salvação, de *si mesma*.

O pânico varria como um ciclone.

Até agora, foi possível imaginar o seu ardil sendo perdoado. Não mais, não depois que ele havia exposto o seu calcanhar de Aquiles para a última pessoa a quem voluntariamente daria esse conhecimento.

Por isso, ele não a perdoaria. Nunca mais.

Levantou-se a seus pés. — Por favor, diga alguma coisa.

Mas, ela não podia falar. Tudo o que ela percebeu foi um desespero crescente. O caso deles deve acabar agora, antes que as coisas possam piorar.

Ela virou as costas para ele. As mãos dela, apoiadas, agarraram a borda da mesa de escrita, como se ela não fosse o bastante para suportar seu próprio peso. Ele não conseguia respirar, ter causado dor à mulher que lhe tinha trazido calor e alegria. Ele desligou a luz, aproximou-se dela e removeu o véu.

Ela inalou instável. Ele colocou as suas mãos em ambos os lados dela e beijou o cabelo dela, segurando, no fundo dos pulmões, o limpo e doce aroma dela.

— Eu te amo. As palavras tinham chegado sozinhas, como borboletas

emergindo dos casulos quando tinham chegado a sua hora. Ele, também, sentia-se transformado, de um rapaz que confundiu a compulsão por amor a um homem que finalmente compreendeu o seu próprio coração.

Ela estremeceu.

— Você é o que eu estava esperando toda a minha vida.

Ela girou ao redor e cobriu a boca com a mão.

Mudou-se lado a mão dela. — Desde o início, não se lembra do elevador? Você tomou conta de todo o meu...

Ela o beijou, um tumulto de lábios e língua. Alívio inundou-lhe, ela ainda o teria. E o ardor que ela sentia era como se ela não pudesse suportar a menor distância entre eles. A febre dela queimava com a dele. Ele levantou a sua bunda sobre a mesa e empurrou para cima as suas saias. Ela puxou impacientemente. Ele teria ido para baixo em seus joelhos para adorá-la, mas ela se recusou a deixar seus lábios separarem-se.

Em vez disso, ela soltou as suas calças e, sem mais preliminares, levou-o dentro dela. Ele estava muito excitado, a sensação dela, o sabor limpo dela, a urgência dela. Ela estava ofegante e tremeu com a sua necessidade, devorando-o, pedindo-lhe para a devorar também.

Mais palavras não eram necessárias. Ela era a única coisa que importava. *Eles* eram a única coisa que importava. A avalanche de prazer iria fundi-los em uma união mais perfeita.

Não havia nenhum segredo à espera.

Nada a separá-los agora.

Christian despertou para uma calma estranha, como se o coração da *Rhodesia* tivesse parado de bater. Ele levou um desorientado segundo para perceber que os motores tinham parado de cantarolar.

O barco tinha deixado cair a âncora em Queenstown.

Instintivamente, ele chegou para o lado dela, mas ela não estava na cama, a que eles tinham reparado para fazer mais amor, forjando cada vez maior prazer e proximidade na maior parte da noite. Ele a chamou, pensando que talvez ela estivesse na sala de estar ou no armário de água. Silêncio respondeu-lhe.

Alarme arrepiou-lhe a espinha, ela nunca tinha saído sem dizer uma palavra. Ele agarrou seu relógio de bolso do criado-mudo. Cinco minutos para as nove, muito tarde para ele. Talvez ela não quisesse perturbar seu sono. Ele pegou algumas roupas, despachou um bilhete explicando sua possível chegada tardia para sua caminhada e tocou para o garçom de suite

levá-lo até ela.

O mordomo da suite voltou quando ele estava aplicando sabão de barbear na cara dele. — Senhor, o comissário de bordo do quarto da Baronesa disse-me que ela tinha desembarcado.

Christian virou. — Para um passeio?

Transatlânticos reabasteciam os seus suprimentos em Queenstown. Não era incomum para os passageiros usar o tempo para uma excursão para o interior da Irlanda.

— Não, Senhor. Ela pediu que a bagagem fosse enviada à terra.

Ela foi embora. E, ontem à noite, que ele tinha acreditado anunciar uma nova era para eles, foi um adeus longo, sem palavras para ela. Ela não acreditava no amor dele. Ela não confiava que tinha deixado sua antiga obsessão para trás. E ela não podia imaginar qualquer futuro provável para eles.

Visualizar todas as possibilidades que tinham vindo à vida com a sua presença começaram a quebrar e seu coração com elas.

— Ela ainda pode estar na fila de desembarque, Senhor, disse o empregado. — Eu devo descer para a procurar?

A fila de desembarque. Claro, a *Rhodesia* não tinha encaixado na doca. Ela estava em algum lugar no porto. Passageiros e suas bagagens devem esperar para ser levados nos barcos até terra.

Christian lavou o sabão do rosto, colocou um casaco de dia, agarrou seu chapéu e correu até o convés principal. O céu estava cinza. O Atlântico era cinza. Até a Irlanda, geralmente verde e bonita, era uma incessante propagação de aridez.

Ele empurrou a multidão, procurando freneticamente por sua silhueta familiar. Toda a população do navio parecia ter congregado perto das barcas. Velhinhas abanavam-se em pares. As crianças eram levantadas para ver sobre as amuradas. Jovens Americanos tagarelavam sobre o chalé do Palácio de Buckingham e de Shakespeare, enquanto acenavam a uma barca que se aproximava da *Rhodesia*.

Finalmente, ele a viu debruçada sobre a amurada. Alívio o devorou. Como se sentisse a sua urgência, a multidão separou-se, e aqueles que estavam perto dela afastaram-se para lhe dar espaço. Mas, ela não reconheceu a presença dele quando ele veio para ficar ao lado dela. Seu rosto permaneceu dobrado na direção das ondas que rodaram nas placas de aço rebitadas do casco do navio.

— Por quê? Por que você está partindo?

— Eu alcancei o meu destino.

— É porque você acha que eu ainda amo a Senhora Elsewhere?

— Não é isso.

— Olhe para mim quando você diz isso.

Seu rosto virou-se para ele. A mão dela apertada sobre os trilhos, como se ela tivesse sido surpreendida pela sua presença. Ele tinha estado a transpirar anteriormente. Mas, em pé, no convés aberto, sem o sobretudo, o frio foi súbito e intenso.

— Não é isso, ela repetiu. — Você sempre disse que podia partir a qualquer momento. Eu vou embora agora. Não preciso mais de uma razão.

Ele estremeceu. Não sabia se do frio ou das suas palavras. — Não significa nada que eu te amo?

— Você não me ama. Você está apaixonado por uma criatura de sua própria imaginação.

— Isso não é verdade. Eu não preciso ver o seu rosto para a conhecer.

— Eu sou uma fraude, lembra? Não há nenhuma Baronesa von Seidlitz-Hardenberg.

— Você acha que eu esqueci? Não preciso que seja uma Baronesa. Você é mais do que boa para mim.

Seu sorriso parecia amargo. — Não vamos discutir um ponto discutível.

Ele enfiou a mão no braço dela. — Não vou, se você ficar.

Ela balançou a cabeça. — Minha bagagem já está na doca.

— Isso pode facilmente ser trazido de volta a bordo.

Ela acenou com a cabeça mais vigorosamente. — Deixe estar assim. Algumas coisas são adoráveis precisamente porque elas são breves.

— E outras coisas são lindas, porque elas são raras e bonitas, e deve lhes ser dada a oportunidade de resistir ao teste do tempo.

Ela ficou em silêncio. Seu coração bateu descontroladamente. Então, ela estendeu a mão e o beijou na bochecha através de seu véu. — Adeus.

Era o fim do mundo, nada mais que destroços onde cidades inteiras de esperança se situavam, suas torres brilhando ao sol. Descrença e o desespero o dominou, curva a curva. Caos reinava. Ele estava frio, muito frio, o vento como facas sobre a sua pele.

Então, assim de repente, a confiança que ele tinha tomado como garantida em sua juventude, reafirmou-se. Ou, talvez fosse apenas a aceitação de um jogador de todos os resultados possíveis, quando ele colocou as cartas na

mesa.

— Case comigo, disse ele.

Ela estava por cima. Ela tinha-o enganado para obter uma declaração de amor e agora uma proposta de casamento. Ele a desprezaria tanto que o destino de Sodoma e do Gomorra iria parecer um conto de fadas.

Ironia, pois era exatamente o que ela queria, em primeiro lugar.

— Não posso, disse fracamente. — Nenhum casamento entre nós seria considerado válido.

— Vamos nos encontrar novamente e discutir o que precisamos fazer para torná-lo válido.

Ela tinha ficado chocada, quando ela o viu, vê-lo com barba, sem colarinho, sem a gravata, sem colete e casaco. E sua agitação excedeu, se isso fosse possível, a sua desorganização. Mas agora ele irradiava maestria e finalidade. Ele tinha decidido o que queria, e nada ia dissuadi-lo de sua escolha.

Ela, por outro lado, tornou-se nervosa. — O que possivelmente podemos discutir?

— Suas circunstâncias, obviamente. Um dilema impede você de usar seu próprio nome. Quando nos encontrarmos novamente, você me dê a cortesia de me dar uma história franca, nada retido.

Ele também podia entregar a ela um balde de piche e as entranhas de um edredom.

— Não vai merecer a pena. Nada vai mudar.

— Você esquece quem eu sou. O que quer que sejam as suas dificuldades, eu posso ajudá-la.

— Nem o Duque de Lexington pode afastar todos os obstáculos de seu caminho.

— Não, quando você não me diz nada, não consigo. Mas, vamos nos encontrar. E você vai me dizer o que está segurando você. Você deve-me isso.

Ela podia ver a manchete: *O Duque de LEXINGTON ESTRANGULA beleza da sociedade.*

— Você quer me acompanhar em minhas expedições, não é? Ele disse suavemente. — Já contei que tenho um pequeno museu em casa? E gavetas e gavetas de enormes dentes fossilizados, que tenho certeza que vão te interessar muito?

Por que ele fazia isso com ela?

— Há também uma pedreira abandonada em minha propriedade, com estratos geológicos maravilhosamente diferenciados e uma abundância de fósseis. Case comigo e são todos seus.

Afaste o véu, gritou uma voz dentro dela. *Afaste o estúpido véu. Acabe com isso agora.*

Ela não podia. Ela não podia enfrentar a sua ira. Nem a grande probabilidade de que o seu amor não sobreviveria depois do seu primeiro olhar para o seu rosto. Era errado preservar o seu caso como foi? Não deixar nada manchar as suas memórias perfeitas?

— Senhora, você está pronta? Um dos tripulantes da barca chamou.

A barca que tinha estado dirigindo-se em direção à *Rhodesia* tinha já os recém-chegados fora e estava carregando o lote final de passageiros a ser levados para terra.

— Tenho de ir, ela murmurou.

— A senhora vai precisar de mais um minuto, disse Christian.

Seu tom não permitia nenhuma disputa. O tripulante tocou na aba do seu boné. — Sim, Senhor.

Seu amante pegou as mãos nas suas. — Vou dizer adeus agora, mas espero vê-la em Londres. No Hotel Savoy, daqui a dez dias. Traga a caneta gravada para o meu aniversário e vou beber ao nosso futuro.

Ela expulsou um longo, longo fôlego. Ela diria sim para qualquer coisa agora, para escapar. — Está bem.

Mas, ele não a deixou ir tão facilmente. — A sua palavra, eu tenho isso?

Talvez ninguém mais se importava se uma linda mulher também era honrosa, mas ela nunca tinha quebrado a sua palavra. Ela fechou os olhos apertados. — Tem.

Ele se inclinou e beijou a bochecha dela através do véu. — Eu te amo. E vou esperar por você.

Bem depois do grande transatlântico ter desaparecido além da boca estreita de Cork Harbour, Venetia ainda permaneceu no cais.

Ela precisava localizar uma agência de viagens para garantir uma passagem para a Inglaterra, e para informar Fitz da sua hora de chegada, para não mencionar encontrar carregadores para transportar a laje de pedra que pesava um quarto de tonelada que Christian lhe deu de presente. Mas, enfrentar qualquer uma dessas tarefas, era sinalizar o final de sua última hora como Baronesa von Seidlitz-Hardenberg.

O fim da semana mais feliz da vida dela.

Ela não sabia quanto tempo ela ficou no lugar. Ela nem percebeu que começava a chover até um porteiro vir lhe oferecer um guarda-chuva. Ela agradeceu lhe e permitiu ser escoltada para longe do cais, na direção do abrigo, em direção à vida perfeita da bela Senhora Easterbrook.

Capítulo 10

Minha querida A Rhodesia é um deserto sem você.

Passei a maior parte do dia no trilho da popa, apesar de Queenstown ter desaparecido há muito tempo atrás do horizonte. Meu eu corpóreo está aqui atrás da escrivaninha, sobre a qual nós fizemos essas memórias ontem à noite, mas o resto de mim está na Irlanda, com você.

Será uma longa noite pela frente, nestas salas que a conheceram tão bem. O ar fica abafado da sua ausência; a venda é uma sucata cansada de seda que perdeu seu propósito na vida.

Queenstown tem sido hospitaleira? Lhe deram uma refeição quente e uma cama quentinha? Os homens colocaram cabos e conectaram continentes separados por vastos mares. Gostaria que os engenheiros descobrissem uma maneira de conectar duas pessoas assim. Eu iria esvaziar os meus cofres, e pedir um empréstimo extravagantemente grande, para nunca mais estar sem notícias suas.

*Seu servo,
C.*

Cheguei em casa no campo, à casa que espero compartilhar com você em um futuro não muito distante.

Esteja ciente de que a mansão tinha sido concebida principalmente como uma peça de mostruário, para surpreender e oprimir. Não é, e nunca será, uma residência acolhedora, íntima. A altura dos tetos é tal que não importa como diligentemente o aquecedor de carvão é reabastecido, muitas das salas públicas permanecem obstinadamente geladas no inverno. Felizmente, a ala familiar fornece melhor calor e conforto, e até agora ninguém sofreu de frieiras, ainda.

Os terrenos são grandes e muito ingleses no arranjo de bosques e jardins. Você já visitou o Englischer Garten em Munique? Se for a seu gosto, então você irá tirar muito prazer da propriedade.

Mas claro que é a pedreira que você apreciará mais. Fiz uma visita a ela esta tarde, verifiquei a escavação armazenada em um galpão nas proximidades, e ordenei uma melhoria nela. Ela estará pronta para você quando vier.

Seu servo,

C.

P.S. pensei que nossa separação seria mais fácil de suportar no segundo dia. Não poderia ter estado sido mais errado.

Escrevo-lhe da casa da minha madrasta, em Cheshire. Acho que a viúva Duquesa e o Sr. Kingston estão com espíritos e saúde admiráveis. Meu próprio espírito cansado reviveu um pouco na sua excelente companhia. Que era o eu tinha contigo: eles são o mais sensível, amável e agradável dos amigos.

E você completamente os impressionaria com sua presença, seu calor e sua sagacidade. Eu seria o homem mais orgulhoso do mundo.

Seu servo,

C.

P.S. eu estou a me acostumar à dor no meu peito.

A duquesa viúva perguntou esta noite para quem estava escrevendo. Felizmente, o Sr. Kingston falou com ela ao mesmo tempo. Eu mudei para um novo feixe de papel, e quando se lembrou de perguntar de novo, eu fui capaz de responder a verdade, que eu estava respondendo a um geólogo alemão de nome Otto von Schetterling.

Pergunto-me, se Sr. Kingston não tivesse dito nada, se eu teria confessado. Muito provavelmente sim: Eu tenho uma terrível, quase irreprimível, vontade de falar de você. Para me vangloriar da minha sorte notável em estar no mesmo barco no meio do oceano com você.

Até agora eu me contive. Por quanto tempo, não sei.

Nunca conheci tal felicidade, um tiro com tanto sofrimento. Apenas quatro dias se passaram, me disseram. Mas isso não é verdade. Faz décadas que eu te vi ontem.

Você vai encontrar-me um velho curvado quando nos encontrarmos novamente. Talvez nem vou precisar de um par de óculos para reconhecer o seu véu.

Mas continuo sempre,

Seu servo,

C.

Hoje, a duquesa viúva deu-me uma lista de jovens senhoras que ela considera adequadas para ser, a minha Duquesa. Quase que a informei que já tinha a minha mão comprometida, mas, com muita dificuldade e arrependimento, absteve-me: ela poderia se preocupar que eu estou perseguindo uma miragem.

Mas você não é uma miragem. Você é um verdadeiro oásis, vale a pena estar vagando no deserto, essa ansiedade de nunca encontrar você de novo.

Amanhã de manhã, partirei para Londres, para organizar o nosso jantar no Hotel Savoy. Até que enfim, algo para você, para nós.

Eu tenho uma estranha, vertiginosa sensação de que irei até você. Se você me vir, por favor, venha e apresente-se, assim, poderei, pelo menos, dar-lhe as minhas cartas. E se você também levar o meu nome, eu serei o homem mais feliz que já existiu.

Seu servo,

C.

PS: Tem sido, reconhecidamente, peculiar estar em uma correspondência unilateral, mas sinto-me mais perto de você, quando eu coloco a caneta no papel. Escusado será dizer, farei qualquer coisa para estar perto de você.

Capítulo 11

Quem é ele, Venetia?

Ela virou-se para o irmão dela. — Por que você está gritando no meu ouvido?

Um trem, provavelmente o que transportava Millie e Helena para casa, assobiou à distância. Os guardas ferroviários moviam a multidão na plataforma para longe das passagens, para dar espaço para aqueles que em breve iriam desembarcar.

— Porque, minha querida, disse Fitz, em uma voz mais normal, já fiz a mesma pergunta três vezes e você não me ouviu.

Ela sorriu fracamente. — Sinto muito. O que dizia?

— Quem é ele, o homem que você está pensando? Observei você desde que você voltou. Você quase não come. Você nunca coloca mais do que dois pontos no seu bordado. Um minuto você sorri no seu colo, no próximo você está tentando não chorar. E não esqueçamos que esta manhã eu estive ao lado da sua cadeira por uns bons cinco minutos e você não tinha a menor ideia que eu estava lá.

Ele tinha eventualmente tocado ela no ombro, tirando-a de um sonho extraordinariamente realista em que o primeiro prato do jantar de aniversário de Christian ficou frio enquanto eles se devoravam um ao outro na mesa.

Se o Claridge não tivesse sido demolido para renovação, ela teria alugado uma suite residencial para a temporada, e Fitz não teria presenciado os sintomas de sua doença dos ouvidos. Mas com o edifício do hotel, ainda, em construção e a necessidade de um par extra de olhos na Helena, ela aceitou o convite de Fitz para permanecer em sua casa na cidade.

— É todo este trabalho com Helena. Estou distraída, ela disse secamente.

Fitz estava certo sobre uma coisa: em quase todos os minutos ela estava perto das lágrimas.

Às vezes, a travessia na *Rhodesia* parecia tão distante quanto as antiguidades, quando o grande farol de Alexandria ainda guiava marinheiros. Às vezes, ela se perguntava se não tinha imaginado o homem que a adorava por quem ela era, em vez de como ela era.

Memórias noturnas de cada beijo dele queimavam dentro dela. Todas as manhãs ela procurava por ele, apenas para se lembrar que ele nunca seria dela

novamente. Solidão, tanto um estado tolerável de ser, começou a sufocá-la como uma trepadeira de crescimento rápido que estrangulou o seu hospedeiro.

Como se ele não a tivesse ouvido, Fitz disse: — Eu sei que ele não é americano. Você esteve olhando jornais velhos da Millie do Debrett.

Ela podia recitar de memória a entrada longa sobre o Duque de Lexington.

— Quem é ele? E por que ele não deitou minha porta abaixo para se oferecer para a ter?

Ela não queria mentir para Fitz. Mas, nem ela poderia revelar o que tinha acontecido na *Rhodesia*.

— Millie e Helena contaram suficientemente breve o que se passou contigo. Não é o que você acha.

Ela suspeitava que Millie já tinha dito algo para Fitz em sua quase diária troca de cartas, pois Fitz não tinha, ainda, perguntado a Venetia porque ela tinha abandonado o resto de suas mulheres e voltado sozinha.

Fitz enfiou a mão no ombro dela. — Peço desculpa se não é o que eu penso. Eu gosto da ideia do amor. Já estive distante durante muito tempo.

Seus olhos arderam. Ela piscou de volta as lágrimas. — Oh, olhe! Acredito que é o trem.

Foi ideia de Venetia levar todos para almoçar no Hotel Savoy. Uma noção sádica: agora ela seria capaz de recriar, em excruciante detalhe, o jantar que ela nunca compartilharia com Christian.

E, desde que havia um número de salas de jantar privadas no hotel, um dia ela pediria para fazer um tour àquela sala que ele tinha escolhido especificamente para ela, então a configuração de seu imaginário repasto não seria apenas precisa, mas historicamente exata.

O almoço da família correu bastante bem. Millie e Helena deram um relato de suas semanas nos Estados Unidos. Fitz ofereceu um compêndio de notícias sobre seus amigos e conhecidos. Venetia distraiu-se a memorizar padrões de papel de parede e o motivo na pega do seu garfo.

Ninguém fez perguntas embaraçosas ou potencialmente perigosas. Helena timidamente inquireu sobre a saúde de Venetia, salientando que ela parecia estranhamente letárgica. Bem, corações não quebram energeticamente. Torpor e cansaço eram esperados. Venetia murmurou algo sobre ficar lendo na noite anterior.

Ela estava na carruagem de Fitz, o veículo afastando-se do meio-fio, quando ela viu Christian sair da sua própria carruagem. Ele usava o mesmo

casaco cinzento ardósia que ele tinha usado para sua primeira caminhada matinal e carregava a mesma bengala de cabo de marfim. Mas ele tinha perdido peso, havia cavidades debaixo de suas bochechas e círculos desmaiados sob seus olhos, como se ele, também, não tivesse sido capaz de dormir à noite.

O latejar no seu coração se transformou em uma punhalada de dor. Ele estava aqui, em Londres. E, se ela tivesse saído do almoço um minuto mais tarde, teriam se encontrado.

Quase de forma admirável, ela esperou por Millie ou Helena dizerem alguma coisa. Mas, Millie tinha-se curvado na direção de seu marido, ouvindo embevecida sua análise de algum assunto do agregado familiar. E, Helena estava olhando para fora do outro lado da carruagem, os dentes dela fixados sobre o lábio inferior.

Ninguém o tinha visto.

Sua apatia evaporou. Ela vibrou com uma energia incontida. Quando a carruagem virou uma esquina e ele desapareceu da vista, era tudo o que ela poderia fazer para não saltar para fora do veículo em movimento.

Um choque vê-lo. Uma emoção tão elétrica. E tão vazia, agora que ele se foi novamente.

Helena encarou Venetia ao retornar ao hotel.

Na estação de trem, ela tinha parecido desgastada. No Savoy, ela tinha ficado olhando, como se hipnotizada, em taças e sancas, mal ciente dos acontecimentos. Mas agora, um momento depois que entrou pela porta da frente, ela já estava correndo de volta para fora, murmurando algumas besteiras sobre ter deixado seu leque no hotel.

Ela não tinha andado com um leque. E, mesmo se ela tivesse, ela poderia ter pedido a alguém para recuperá-lo para ela. Helena podia pensar em apenas uma explicação para o comportamento estranho de Venetia, que até hoje ela não suportava ser lembrada do que tinha acontecido em Harvard.

E foi culpa de Helena, pelo menos, em parte.

— Lá vem a Sra. Wilson com sua nova empregada, disse Fitz.

Erguendo sua cabeça. — Quando eu adquiri uma nova empregada?

— A partir de ontem, eu acredito. Venetia disse que precisava de uma.

A empregada, que acompanhou a Sra. Wilson no salão, tinha a idade de Helena, composta e aguçada. Ela não parecia poder ser facilmente subornada por ofertas de tardes livre. Nem parecia provável que, com incentivo, ela partisse com um amigo. Não, esta tinha o olhar de uma futura dona de casa

responsável escrito sobre ela.

— Susie Burns, senhora, Senhorita, disse a Sra. Wilson.

A criada fez uma reverência para Millie, então para Helena.

— Bagagem de Miss Fitzhugh já deve estar no quarto dela, disse Millie para Susie.

— Minha empregada pode mostrar onde as coisas precisam de ser colocadas.

Antes de Susie poder dizer, sim, Senhora, Cobble, o mordomo, entrou na sala e anunciou: — Lorde Hastings.

E entrou o homem com a culpa por tudo.

Na mente de Helena, Hastings permaneceu o malfeitor pequeno, magricela, que Fitz primeiro trouxe para casa quando todos tinham quatorze anos. Às vezes, ela admita que ele não era mais pequeno ou magro, mas um canalha ele era, e sempre seria.

— Onde a senhora Easterbrook vai com tanta pressa? Só faltou empurrar-me para fora do caminho, disse Hastings, seguindo em direção a Millie. — E, como é bom te ver depois de tanto tempo, Senhora Fitz. Você está maravilhosamente encantadora.

Ele levou as duas mãos e beijou uma de cada vez. Millie sorriu. — Nunca tão atraente como você, Hastings.

Helena não conseguiu ver o seu apelo. Ele era um flerte sem vergonha, um devasso, um bicho-preguiça, e ela descobriu tudo tarde demais, um traidor.

Fitzhugh virou-se para ela e disse: — Como senti saudade de você enquanto você perseguia jovens mulheres por toda a América. Deve ter achado elas tediosas.

— Permita-me lembrá-lo que eu sou assim também com estudos demais e tediosa, meu Senhor.

— Nem pensar, não você. Todos nós sabemos que foi a Lady Margaret Hall para estar na moda.

Era um talento particular que ele nunca dizia mais do que duas frases antes dela querer atingi-lo com um instrumento afiado.

Cabbles já estava fora da sala de estar. A Sra. Wilson e Susie, também, foram discretamente fazendo a sua saída.

— Susie, deixe minha bagagem, para depois. Areje os vestidos que eu não levei comigo primeiro.

Um nunca deve falar a um servo, enquanto haviam convidados presentes, daria a impressão de que o pessoal doméstico não sabia as suas tarefas. Mas

Helena contava esconder as cartas de Andrew em um lugar mais seguro, antes que outra pessoa manipulasse os pertences dela.

— Sim, Senhorita, disse Susie.

Sua instrução não escapou a Fitz e Millie. Eles trocaram um olhar.

— Poderia dar uma volta no jardim, Miss Fitzhugh? Perguntou Hastings.

Esta foi a abertura que ela precisava. — É claro. Deixe-me vestir sapatos mais confortáveis.

Se Hastings podia andar pela casa devido à sua longa amizade com Fitz, então Helena não precisava fazer cerimônia também. Ela correu lá em cima, para o quarto dela, enviou Susie para comprar algo irrelevante, desbloqueou sua mala e reuniu as cartas de Andrew. Amanhã, ela iria levá-las ao escritório em sua empresa de publicação. Agora, ela trancou-as na gaveta da cabeceira.

Hastings estava esperando por ela ao pé da escada, quando ela desceu novamente.

— Cartas de amor, ele murmurou. — Muito gratificante receber, tão problemático para o restante de nossas vidas.

Ela fingiu não ouvir. — Ainda bem que você pode encontrar o tempo em sua agenda de cirandar e fofocar para nos visitar, Hastings.

Ele ofereceu seu braço. Ela ignorou e saiu na frente.

A casa de Fitzhugh abria-se sobre um jardim privado compartilhado pelas casas adjacentes. Em poucas semanas, os plátanos brotariam totalmente, proporcionando sombra verde, manchada. Mas, agora, as folhas eram minúsculos dentinhos verdes muito tímidos para saírem. Tentilhões pularam de ramo nu em ramo nu, bicando bolas de semente do ano passado. Uma fonte brilhava no sol.

— Olá, Penny, Hastings chamou alegremente.

— Hastings, velho companheiro, respondeu o Senhor Vere, um dos seus vizinhos, do seu poleiro na borda da fonte. — Maravilhoso dia de outubro, não é?

— É abril, Penny.

— É? Lorde Vere parecia confuso. — Deste ano ou do ano passado?

— O deste ano, claro.

— Bem, soprou o senhor Vere, não sei o que estou fazendo aqui em abril. Todo mundo sabe que está sempre chovendo em abril. Bom dia, Hastings. Bom dia, Miss Fitzhugh.

Hastings viu o Senhor Vere retornar para sua própria casa. — Você deveria ter dito sim quando ele lhe propôs casamento o ano passado. Você

seria Lady Vere, e ninguém teria nada a dizer sobre com quem passa as suas noites.

Claro que foi apenas típico de Hastings abordar o assunto tão cruamente. — Eu não vou casar com homens que não sabem que mês é.

— Ainda assim, você alegremente mentiria por um homem que brinca com virgens?

Ela ignorou esse comentário. Era a hipocrisia da ordem mais elevada para um homem que dormiu com tudo o que se mexia criticar um que corria riscos por amor. — Está feliz agora que você tem a minha família em um estado?

— O que você faria no meu lugar? Se fosse a irmã do *seu* melhor amigo que estivesse à beira da ruína?

— Poupe os seus cinismos. Nunca estive em qualquer lugar à beira da ruína. E se fosse irmã do meu melhor amigo, eu certamente não me envolveria em jogo duplo.

Hastings levantou uma sobrancelha. — Permita-me refrescar sua memória, Miss Fitzhugh. Por um beijo, eu prometi não revelar a identidade de seu amante ilícito. Não prometi que eu manteria sua família no escuro por completo sobre suas atividades furtivas.

— Mesmo assim, ela disse, dando-lhe o sorriso dela mais falso, dúplice porco.

— Admitia-o. Você gostou do beijo.

— Eu prefiro comer um caracol vivo do que suportar algo do tipo novamente.

— Oh, ele murmurou, seus olhos descendo com a especulação. — Com ou sem casca?

Ela levantou um dedo irado. — Poupe sua sagacidade para uma mulher mais crédula. O você quer de mim, Hastings?

— Eu nunca quis nada com você, Senhorita Fitzhugh. Só desejava poder ajuda-la.

Ela bufou, isto do pirralho que costumava tentar empurrá-la em armários e roubar beijos.

— Já que fui eu quem lhe apresentou Andrew Martin, ele continuou, — Sinto-me com um profundo sentido de responsabilidade para com o seu bem-estar. Correndo o risco de prejudicar minha saúde, resolvi oferecer-me para cuidar de suas necessidades.

Ela tinha tentado abster-se a partir do momento em que ele chegou, mas ela não podia mais. Os olhos dela rolaram por sua própria vontade. — Seu

altruísmo surpreende, Hastings. Estou chocada que ainda não foi canonizado.

— Eu compartilho a sua opinião, minha querida Miss Fitzhugh. Ele inclinou-se e baixou a voz dele. — Uma mulher solteira apaixonada o suficiente para desrespeitar todas as regras e pular na cama de um homem? Suas necessidades até me podem aleijar.

Um flush de calor subiu ao longo da coluna de sua garganta. Ela andou mais rápido e fez com que a voz dela ficasse frígida. — Estou comovida com a sua vontade de se sacrificar. No entanto, eu devo recusar sua oferta generosa e magnânima.

Ele manteve o ritmo. — É uma pena, Miss Fitzhugh. Sou uma escolha muito melhor neste assunto, já que não sou o marido de outra mulher.

— Que pena que não tem nada mais para lhe recomendar, Meu Senhor.

— Como eu pensava, você ainda é completamente insensível. Muito bem então, se você não pense em você, pensa em seu amado. Sua mãe não é uma mulher compassiva e ele sempre se encolhe por ser considerado doente por ela. Imagine a reação dela se descobrisse que ele tinha comprometido uma virgem.

Andrew estava no temor e terror mortal de sua mãe. Não havia como contestar isso.

— Não se engane em pensar que porque sua mãe não considera você censurável, ela iria concordar com tal ação da parte dele. Ela não iria. Ela iria esmagá-lo com seu desdém.

Helena apertou o interior da bochecha. — Não pretendemos ser apanhados.

— Tenho certeza que não, mas você tomou plenamente em consideração as tendências inatas da Sra. Monteth para farejar todo o ocorrido?

Sra. Monteth era irmã da mulher de Andrew, uma mulher hipócrita que vivia para expor as falhas e fraquezas ao seu redor.

— Se você o ama, deixe-o estar. O tom de Hastings tinha virado aço, ainda a espantava como o seu tom podia mudar de indulgência aveludada para fria implacabilidade. — Ou, marque minhas palavras, ele ficará vivendo na miséria para o resto de sua vida.

Curvou-se. — E agora, eu terminei. Desejo um bom dia, Miss Fitzhugh.

Enquanto caminhava para dentro de casa, ele se virou, um irônico sorriso nos lábios, outra vez o devasso. — E, caso você esteja curiosa, minha oferta continua de pé.

— Meu caro rapaz, disse a duquesa viúva de Lexington, que tinha vindo

para Londres com Christian.

— Eu reconheço esse tom, madrastra, ele respondeu perto da janela. — Você se tornou conhecedora de um particularmente succulento pedaço de fofoca.

Crianças brincavam no pequeno parque do outro lado da rua, pipas, alimentando os patos, a brincar às escondidas. Um rapaz conseguiu fugir de sua governanta, tempo suficiente para alimentar com uma maçã o cavalo atrelado a uma carruagem estacionada na curva.

— É um boato do tipo muito mais raro, também: um sobre você.

— Eu vejo. Tinha sido também muito otimista esperar que não houvesse rumores até que primeiro tivesse tempo para segurar a mão de sua amada.

A governanta do rapaz o repreendeu e removeu a mão do revestimento do cavalo, sem dúvida, avisou-o de pulgas e outros elementos indesejáveis que eram certo de serem associados com um animal tão comum. A cortina cobrindo a janela da carruagem agitou-se? O taxista, tendo terminado o seu papel, agora puxou algo que se assemelhava a um centavo amassado para fora do seu casaco terrível.

— Desde que chegamos em Londres esta manhã, eu recebi não uma, não duas, mas três separadas notas sobre um caso tórrido que teve durante a travessia. À vista de todos.

Pelo menos, agora ele podia falar dela. — Sim, é verdade. Tudo isso.

Os dedos com luvas seguravam as bordas da cortina sobre a carruagem?

— Certamente não tudo. Alguns dos boatos declaram que você casou com ela.

Ele se virou. — Isso, não. Mas não por falta de tentar.

A Duquesa, que tinha estado a reorganizar um buquê de tulipas em um console da mesa, congelou. Ela, também, se virou, uma mulher bonita em seus quarenta, apenas treze anos mais velha do que Christian. Mas, em vez de imediatamente deixar escapar uma resposta, ela sentou-se nas suas cadeiras de Louis XIV e organizou as suas saias com uma meticulosidade deliberada.

— Propôs casamento?

— Sim.

— Você não disse uma palavra.

— A situação é um pouco complicada. Não queria lhe preocupar.

— E eu me preocuparia menos quando soube desta forma?

Ele inclinou a cabeça para deixá-la saber que ele tinha ouvido a censura.
— Desculpe, Senhora.

— E o que, me diga, é tão complicado sobre a situação? Quando o Duque de Lexington propõe, aceita a sortuda. Isso é o fim de tudo.

Se ao menos fosse assim tão simples. — Ela estava viajando com um nome falso.

No momento em que pisou o solo inglês, ele tinha arranjado para ver alguém familiarizado com a aristocracia alemã. Os Seidlitzs foram um clã prussiano notável. Os Hardenbergs eram a nobreza da Silésia. Mas, não havia nenhum Barão von Seidlitz-Hardenberg no registro e, portanto, nem uma única Baronesa von Seidlitz-Hardenberg.

Tanto pela chance sempre minúscula que ela estava usando o nome verdadeiro dela e, portanto, poderia ser encontrada sem o inteiro continente ser dilacerado.

A nobre Duquesa sugou em um sopro afiado. — Um nome falso?

— Eu também nunca vi o rosto dela.

Ela piscou, atordoada.

— Como eu disse, é muito complicado.

— Realmente, Christian. Ela bateu os dedos uma vez contra o braço da cadeira. — Centenas de jovens devidamente credenciadas em casa e você oferece sua mão para alguém que você mesmo não seria capaz de reconhecer se ela passasse na rua?

— Ela é a pessoa que amo. Isso devia ser justificção suficiente, mas de alguma forma isso não pareceu bastante adequado, em face de todas as incógnitas. — Você vai adorá-la, ela me coloca no meu lugar.

Vossa Alteza não foi convencida. — Gostaria de conhecê-la e julgar por mim mesma.

— Vou providenciar isso logo que possa convencê-la a aceitar minha mão.

— E em quanto tempo você consegue isso?

— No meu aniversário, espero. Ela concordou em me encontrar para jantar no Savoy.

A Duquesa levantou-se. — Você sabe que eu confio no seu julgamento, Christian. Tenho confiado em seu julgamento, desde que nos conhecemos. Mas iria ser negligente, se eu não notasse a extraordinária irregularidade das circunstâncias. Você colocou-se em uma grande quantidade de risco aqui e não me refiro a seu prestígio ou seu cofre.

Ele merecia o aviso. — Eu tenho medo que meu coração está totalmente tomado. Ficarei triste se não me casar com ela.

— Você pode ser tão infeliz no casamento, nessa altura será tarde demais.

— Já é tarde demais. Se não posso tê-la, não terei ninguém.

Ela suspirou. — Você tem certeza disto?

— Sim.

Um eco de algo, medo, talvez, sacudiu dentro dele, quando deu essa resposta inequívoca. Ele tinha sido tão certo, ao ver a Sra. Easterbrook pela primeira vez, que ela tinha a chave para sua felicidade.

— Cuidado, meu amor, disse a Duquesa. — Renove a oferta de sua mão apenas se ela provar ser digna dela.

Ele tentou clarear a conversa. — Então, diz a mulher que teria sido feliz por me casar com qualquer mulher viva.

— Só porque esta tem o poder de lhe ferir, meu amor. Só por causa disso.

Com todas as cortinas da carruagem alugada para baixo a fim de ocultar Venetia, o ar dentro já estava pesado com os odores de tabaco e gim, crescendo insípido com cada minuto que passava.

Ela não poderia se importar menos.

A visão de seu amante tinha a tornado delirante. Ela não conseguia raciocinar. Ela não conseguia pensar. A única coisa que importava era que ela deveria vê-lo novamente. Não tinha ideia do que ela esperava realizar com isso, mas as forças motrizes que a puxavam em direção a ele eram maiores que qualquer outras que ela poderia reunir para se manter afastada.

Ela saiu da casa de Fitz andando. Em algum lugar ao longo do caminho, percebeu que levaria demasiado tempo a pé até o Hotel Savoy, parou e pegou uma carruagem de aluguel. A carruagem chegou ao Hotel Savoy quando o Duque subia para sua própria carruagem e partia. Ela o seguiu para sua casa, uma estrutura neoclássica que ela desprezava. Talvez, se suas paredes fossem feitas de vidro, ela não se importaria tanto. Então ela poderia vê-lo mover-se para dentro, fazendo tudo o que ele fazia, quando ele não estava a fazê-la se apaixonar perdidamente.

Mas ela não viu nada. As governantas no parque estavam se tornando muito desconfiadas sobre a carruagem. E não seria muito tempo antes de um policial aparecer e perguntar ao cocheiro o que achava que ele estava fazendo vadiando fora das casas de Duques e Condes.

Ela não podia ficar aqui indefinidamente.

Um vislumbre mais. Ela só queria mais um vislumbre dele.

Os deuses estavam ouvindo. Uma carruagem estampada com o brasão de Lexington apareceu na calçada. Um minuto depois, ele saiu pela porta da frente e entrou no transporte.

Ela tinha o seu desejo, um vislumbre mais. — Mas, foi como receber um único grão de arroz, quando ela tinha fome por uma semana.

— Siga aquela carruagem, ela instruiu a taxista. — E não a perca de vista.

Um vislumbre mais. Só, mais uma vez, quando ele saísse no seu destino.

— Senhora, você o teria mais cedo se o deixasse dar uma boa olhada em você, disse o cocheiro Como ela desejava que fosse esse o caso. — Rápido.

Sua carruagem virou para oeste. Ela pensou que ele estava indo para o seu clube na rua de St. James, mas o transporte não parou até que alcançou Cromwell Road, bem antes dessa magnífica catedral ao reino animal, o Museu Britânico de História Natural.

Onde *seu* dinossauro foi colocado!

Ela jogou um punhado de moedas para o motorista, saltou fora da carruagem e amaldiçoou o seu vestido com suas saias estreitas, que tornou impossível tentar qualquer coisa remotamente atlética.

Ele subiu os degraus da frente e passou sob os belos românicos arcos para o Museu. A atração principal no corredor central era o esqueleto quase completo, faltando apenas três vértebras de um cachalote^[21] de quinze metros. Ela nunca teria entrado no Museu sem parar para admirar o esqueleto, mas agora ela só olhava descontroladamente para ele.

Deixe ele ir para a ala oeste para se misturar entre as aves e os peixes. Ou deixá-lo ir lá em cima. Mas não, atualmente, ele afastou-se do conjunto de visitantes reunidos em frente ao esqueleto de baleia e foi para a ala leste, onde a coleção paleontológica estava.

Felizmente, a galeria que cumprimentava os visitantes no primeiro andar, ao entrar na ala leste, lidava com mamíferos: o grande americano mastodonte, o mamute preservado desenterrado em Essex, o rinoceronte, como *Uintatério*, o peixe-boi do Norte, caçado à extinção no final do século anterior. Talvez eles fossem tudo o que ele pretendia inspecionar esta tarde. Ou os fósseis humanos e primatas em casos de exposição que ladeavam a parede sul. Ou os pássaros extintos no pavilhão no final da Galeria, os moas eram muito interessantes, como eram os ovos da *Aepyornithidae*^[22], um pássaro que se dizia pesar meia tonelada.

Mas ele apenas deu uma superficial atenção a essas maravilhas colhidas em todo o mundo para sua apreciação e edificação e foi para a galeria, que corria paralela ao salão dos mamíferos, onde os répteis eram mantidos.

Ela ainda não tinha perdido toda a esperança. Várias galerias perpendiculares, cheias de curiosidades marinhas, ramificaram para fora da

Galeria de Reptilia. Talvez. Talvez.

Talvez não. Ele desacelerou, parou em frente do esqueleto de *Pareiasaurus* da formação Karoo na África do Sul e então inclinou-se para ler a placa pequena que deu os nomes dos descobridores e os doadores.

O coração dela disparou. O nome dela estava numa placa a cerca de quinze metros de distância de onde ele estava. Embora imediatamente, ele não fosse capaz de fazer a conexão, ele descobriria, posteriormente, que ela tinha cruzado o Atlântico aproximadamente ao mesmo tempo que ele e, em seguida, a coincidência superaria até ele, não importava que ele não estivesse disposto a pensar em Baronesa von Seidlitz-Hardenberg e Sra. Easterbrook como a mesma pessoa.

Ele saiu do *Pareiasaurus*[23]. Ao longo da parede sul da Galeria estavam os lagartos do grande mar: o *Plesiosaurus*[24] e os *ichthyosaurs*[25]. Contra a parede norte estavam as caixas que seguravam os monstros da terra.

Como se puxado por uma bússola, ele caminhou em direção à parede norte.

Porque ele foi puxado para o primeiro Museu *britânico* de história natural, Christian não fazia ideia, nem sequer havia um dragão da Suábia em exposição, tanto quanto ele poderia se lembrar. Se qualquer coisa fizesse sentido, ele deveria estar verificando o *Museum für Naturkunde* em Berlim ou o Instituto de Paleontologia e geologia histórica na *Ludwig-Maximilians-Universität* em Munique.

Ainda assim, algo o tinha empurrado até aqui. Era possível que ela já tivesse chegado em Londres. E se ela tivesse, ela não desejaria aproveitar-se da melhor coleção de Dinosauria em toda a Inglaterra?

Era um dia ensolarado, seco, e a Galeria não estava lotada: meia dúzia de dezenas de jovens que pareciam ser estudantes universitários; um casal de meia-idade, gordos e com roupas caras e uma governanta com duas crianças que ela silenciava, de vez em quando, quando suas vozes subiam muito animadas.

Cheio de uma esperança irracional, ele olhou várias vezes em direção à governanta. Ocorreu-lhe que a Baronesa talvez fosse o mais comum dos plebeus e, portanto, não se considerava digna de uma aliança com um Duque. Mas isso era a menor das suas preocupações. O que lhe interessava ser um Duque com uma linhagem que remonta a oitocentos anos se ele não poderia casar com quem ele desejava?

A governanta, uma mulher severa na casa dos trinta, não se divertiu com a

atenção dele. Ela deu-lhe um olhar duro e incisivamente voltou sua atenção para suas atribulações, pronunciando que eles deveriam ir junto dos peixes fósseis se eles queriam olhar tudo antes da hora de ir para casa, para o chá.

Cabeça erguida então, o nariz apontando quase diretamente para o teto, ela levou as crianças para fora. Quando ela o fez, outra mulher entrou pela extremidade da Galeria. Ela parou para estudar os fósseis de lagartos voadores em exibição contra a parede.

Seu coração virou. Ela usava um conjunto simples de jaqueta e saia cinza claro, nada como os vestidos românticos, suavemente drapeados que tinha visto sobre a Baronesa. Mas, na parte de trás, sua altura, postura e maneira como as roupas caíam na sua pessoa. Ele tinha guardado um dos vestidos da Baronesa, ela caberia perfeitamente.

A mulher virou-se.

O mundo parou. Os anos sumiram. E, ele voltou de novo, a ser o jovem com dezanove anos, no jogo de cricket nas terras de sua Graça, olhando para ela com uma flecha em seu coração.

Sra. Easterbrook.

Francis Bacon uma vez escreveu: “Não há nenhuma beleza excelente que não tenha uma estranheza na proporção”. O homem deve ter tido a Sra. Easterbrook em mente. Seu nariz era visivelmente longo. As formas incomuns de suas linhas de pestanas inferiores faziam seus olhos mais amplos não no centro, mas mais em direção dos cantos exteriores. E, certamente, esses olhos ficariam absolutamente ridículos se estivessem até uma pequena fração mais distantes. E ainda assim o efeito, juntamente com suas bochechas e lábios carnudos, era simplesmente deslumbrante.

Ele queria fazer modelos dela. Ele queria tomar um conjunto de pinças de precisão e medir cada distância entre suas feições. Ele queria o sangue e fluidos glandulares analisados pelos químicos mais finos do mundo, deve haver algo diferente detectável em seu funcionamento interno para ele reagir assim dramaticamente, como se a ele tivesse sido dado um medicamento para o qual a ciência ainda tinha que achar um nome.

Mas mais do que tudo, ele a queria.

Ele arrastou-se de volta para os seus sentidos: ele era um homem que tinha se comprometido com outra. A Baronesa podia não ter aceito esse compromisso, mas ele esperava mais de si mesmo, quando deu sua palavra.

— Brutos feios, não são? Disse a arrebatadora Sra. Easterbrook, colocando a sua bolsinha na borda da vitrine.

Ele olhou para a caixa ao lado dele. Antes, ele tinha estado ao lado de uma exposição de tartarugas gigantes, mas agora ele estava na frente de um *Cetiossauro*. Ele deve ter se afastado em direção a ela, hipnotizado.

— Acho que eles são espécimes muito bonitos, especialmente este.

Ela olhou para ele, seu olhar, uma carícia sobre sua pele. — Pah, ela disse. — Estranho e feio.

Ela ficou tão perto que quase se tocaram, mas as palavras delas vieram até ele apenas fracamente, como se abafadas pelo nevoeiro e pela distância. E, quando ele virou a cabeça, para não olhar diretamente para ela, tornou-se ciente de uma fragrância sutil, mas decadente de jasmim.

— Se você não gosta das criaturas de Deus, Senhora, ele disse de um modo quase malcriado, talvez você não devesse visitar um museu de história natural.

Com isso, seu amante virou-se e partiu.

Por um breve momento, com eles indo em direção um ao outro, o ar tinha crepitado com expectativa. Tão familiar, esta sensação de fechar a distância entre eles. A qualquer momento, ele sorriria e oferecer-lhe-ia o braço. Iriam ficar juntos e admirar a sua maravilhosa descoberta. E nada, nada, jamais iria puxá-los em pedaços novamente.

Então, ela tinha notado sua expressão: a de um homem sonâmbulo. Um homem enfeitiçado, confiscado, suas faculdades abandonaram a sua vontade.

Ele não tinha exagerado.

Tal reação por parte de um homem que costumava mortificá-la confirmou que ela era uma aberração. Mas, vindo dele, ela adorou. Ela *queria*-o para se embasbacar com ela sem parar. Isso não mudava o fato que ele a amava por quem ela era.

E talvez, só talvez, ela poderia usar sua aparência como uma isca, pegá-lo e mantê-lo à mão, até que percebeu que ele gostava dela. Que, na verdade, ele gostava dela completamente e ardentemente.

Mas, então, ele recordou-se e vacilou. A autocensura estava clara nos olhos dele. Ele achou imperdoável que, por um breve momento, ele tinha esquecido de si mesmo e esquecido a Baronesa.

Tanto para a esperança que ele permitiria contato prolongado entre eles. Ela se sentia como um campo colhido, a colheita se foi e nada mais que um inverno longo e estéril em frente no futuro.

Lentamente, ela ergueu sua bolsinha, que ela tinha posto para baixo diretamente em cima da placa que dizia, “*Os fósseis do Cetiossauro cortesia*

de Miss Fitzhugh de Hampton House, Oxfordshire, que desenterrou o esqueleto em Lyme Regis, Devon, 1883”.

Ela disse-lhe que o dinossauro era um dragão da Suábia, porque o *Cetiossauro* era um fóssil tão perfeitamente inglês e ela não queria revelar sua origem inglesa. Ela olhou para a cabeça pesada, suas pernas grossas e sua coluna parruda, para sempre associado com a alegria da descoberta e as possibilidades ilimitadas da juventude.

— Senhora, disse um homem, em seus primeiros vinte anos, em seu cotovelo, alguém que nunca conheceu antes.

— Senhora, meus amigos e eu, remamos por Oxford. E nós queremos saber, perguntamo-nos se você tem planos para participar da regata de Henley?

A bela Senhora Easterbrook tinha atingido novamente, aparentemente.

— Desejo-lhe o melhor da sorte, Senhor, ela disse, mas infelizmente não estarei lá.

Capítulo 12

Millie teve dificuldade em manter seus olhos desviados de seu marido.

Eles tinham passado o dia todo juntos. A maior parte da tarde tinha sido passada com assuntos que tinham a ver com Cresswell & Graves, a empresa de bens enlatados que Millie tinha herdado de seu pai. Depois do chá, discutiram as melhorias a serem empreendidas em Henley Park, este ano. E, até que tinha vindo a nota de Venetia, pedindo-lhes para esperar por ela no estúdio, ele tinha estado mostrando-lhe as mudanças que tinha feito na casa durante sua ausência.

Alguém poderia pensar que muitas horas consecutivas seriam suficientes, as quanto mais ela olhou para ele, mais ela queria olhar para ele. Já tinha sido assim. Hoje, no entanto, foi pior do que o habitual. Hoje, ela saiu do trem para descobrir que ele tinha se livrado da barba cheia que ele tinha usado nos últimos dois anos. O impacto de suas feições desobstruídas, todas aquelas linhas magras e ângulos fortuitos, tinham batido a respiração dela.

Ele era gêmeo de Helena, mas ele se assemelhava a Venetia na estrutura óssea e coloração, cabelos escuros e olhos azuis. Um homem lindo, muito ao sabor de Millie. Mas, se ela tinha caído no amor com ele porque ele era lindo, ela tinha permanecido no amor com ele, porque ela não poderia imaginar passar a vida com mais ninguém.

Há meia hora atrás, quando ele havia revelado uma melhoria para a casa de cidade que não estava na sua lista, uma cômoda nova espumante em esmalte azul com margaridas brancas, bastante a piada privada entre os dois, eles tinham rido tanto que ambos tiveram de se apoiar na parede para ficarem de pé. Depois ele tinha sorrido para ela, e ela sentiu se como se estivesse acima das nuvens novamente.

Mas agora, seu rosto era grave, quando ele a escutava contar de novo o que tinha acontecido na palestra em Harvard, em muito mais detalhes do que ela sentira prudente contar na carta que ela tinha mandado a ele mais cedo, a aconselhá-lo a abster-se de muitas perguntas após o regresso do Venetia e ser sensível ao seu humor. Não que ele precisava de tais lembretes dela, sempre se poderia contar com Fitz para ser diplomático e solícito.

— Acho curioso que ela não está com raiva, ele disse. — Notou desde que você voltou? Ela está distraída e melancólica, mas ela não está com raiva.

Millie hesitou, depois abanou a cabeça. Não porque ele estava errado, mas porque ela não tinha olhos para ninguém nas horas desde o seu retorno.

Uma batida soou na porta do estudo. Venetia escorregou dentro da sala. — Desculpa, demorei tanto tempo. Helena entrou no meu quarto. Não sei por que ela está tão preocupada comigo. Ela devia se preocupar consigo mesma, em vez disso.

Millie olhou atentamente para Venetia, tentando avaliar se Fitz estava certo. Mas a amargura na expressão de Venetia, anulou todo o resto.

Fitz deu a cadeira dele. — Sente-se, Venetia.

Ele veio para ficar atrás da cadeira da Millie, suas mãos apoiadas nas costas da cadeira. Ela desejava que sua postura não fosse tão direita. Ela adoraria inclinar-se um pouco para trás e ter os seus dedos escovando contra sua nuca.

Venetia sentou-se. — Durante a travessia, encontrei um dos casacos de Helena entre meus pertences. Não sei quando foi embalado por engano em meu porta-malas, mas desde que não era meu, o deixei. Hoje à noite, quando estava me preparando para dormir, eu lembrei da jaqueta, e a tirei do meu armário, e encontrei isto.

Ela colocou um pedaço de papel sobre a mesa, uma carta. Millie pegou a carta. Fitz leu sobre os ombros dela. Seu coração se afundou com cada linha.

Fitz afastou-se para a janela.

— Sem assinatura, mas menciona seu livro e a casa de sua mãe pelo nome na carta, Millie falou no silêncio pesado. — Isso remove todas as dúvidas, então.

— Não sei se estou aliviada em saber, ou decepcionada além das palavras, disse Venetia. Acho que me apeguei ainda à esperança que nós tínhamos grosseiramente exagerado.

Millie olhou para o marido. Ele ficou com os braços cruzados em cima de seu peito, seu rosto desprovido de expressão.

— O que faremos, Fitz? Perguntou Venetia.

— Eu pensarei sobre isso, disse ele. — Você não está parecendo bem, Venetia. Vá para cama. Tenha uma boa noite de sono. Eu cuido da mudança.

Millie prestou mais atenção em Venetia, às vezes ela demorava um pouco para ver alguma coisa além da beleza de Venetia, especialmente depois de uma ausência. Venetia parecia um pouco nauseada.

Venetia levantou-se e deu um sorriso amarelo. — Foi o peixe do jantar. Não me caiu bem.

— Mas você não comeu nada no jantar, salientou Fitz.

— Mandamos vir um médico? Millie pediu.

— Não, por favor, não se preocupe! Venetia fez uma pausa, como se tivesse ficado surpreendida pelo tom enfático da resposta dela.

Ela suavizou a voz.

— Uma pequena indigestão não é motivo para alarme. Eu tomei um par de comprimidos de soda. Eu ficarei bem logo, logo.

Venetia saiu. Fitz pegou a cadeira que ela deixou. — Você deveria estar também, indo descansar Lady Fitz, ele disse a Millie. — É tarde, e teve uma longa viagem.

— Longa, talvez, mas não foi extenuante. Ela levantou-se, de qualquer forma. Eram casados há tempo suficiente para ela reconhecer que ele queria ficar sozinho. — Vai sair?

— Talvez.

Para visitar uma amiga, provavelmente. Ela estava acostumada, ela disse a si mesma. E era melhor assim, por que mexer com uma amizade tão gratificante quanto a deles?

— Boa noite, então.

— Boa noite.

Ele não estava olhando para ela estava, mais uma vez, lendo a carta de Andrew Martin.

Ela permitiu-se olhá-lo outro momento antes de fechar a porta atrás dela.

— Com os raios, Fitz! Hastings estava dobrado, as mãos sobre o abdômen. Você poderia ter rompido meu baço.

Fitz flexionou os dedos. O soco na barriga de Hastings não tinha machucado, mas o na cara dele tinha. O homem tinha um crânio duro como um lingote. — Você merecia isso. Você sabia que era Andrew Martin, não é? E você não me disse nada.

Hastings endireitou-se, gemendo. — Como sabe?

— Eu vi seus rostos quando os dois estavam andando no jardim. Estava claro como o dia que você a estava chateando.

Ele devia ter tratado de Hastings mais cedo, mas as decisões referentes a Cresswell & Graves não podiam esperar mais. E a companhia de Millie tinha sido tão agradável, ele tinha atrasado a sua partida de casa uma e outra vez. Incompreensível, ela era sua esposa, ele podia ter a sua companhia sempre que ele quisesse.

Arrastando-se com dor, Hastings foi para o serviço de café, que

recentemente tinha sido trazido até ali. — Eu te disse o suficiente.

Ele entregou uma xícara de café a Fitz. Fitz aceitou a oferta de paz. — Você nos deu esperança, seu tolo. Se minha irmã está jogando fora o futuro dela por causa de algum bastardo, não quero passar os meus dias rezando para estar errado. Quero saber tudo, sem sombra de dúvida, para que possamos agir.

— O que vai fazer?

— Não é como se eu tivesse uma grande variedade de escolhas, não é?

— Quer que eu vá?

Fitz abanou a cabeça. — A última coisa que quero é trazer comigo um dos seus pretendentes frustrados.

— Eu não sou um dos seus pretendentes, disse Hastings, soando notavelmente como um menino que tinha sido apanhado com a mão no pote de biscoito. — Nunca a cortejei.

— Só porque você é muito orgulhoso.

Hastings podia enganar o resto do mundo, mas para Fitz, ele era um livro aberto.

— Cai fora. Hastings, cautelosamente, sentiu a sua bochecha, sobre a qual Fitz tinha deixado um corte feio. — Por que tem de me conhecer tão bem?

— É a única razão porque eu gosto de você.

— Se você disser qualquer coisa para sua irmã...

— Não disse nada a ela em treze anos. Por que começaria agora? Ele afastou o café. Vai ser agora.

— Dê lembranças a Martin, sim?

— Farei isso, em abundância.

Venetia afastou as mantas e deixou o quarto. Ela não se importava de se virar na cama, mas a dor nos seios dela, uma estranha impressão ao redor das auréolas, a desconcertou. Ela teve seu coração partido antes, mas, desta vez, a sua tristeza tinha se traduzido em diversos desconfortos e erupções da bile, que não tinham nada a ver com o coração partido.

E ela estava tão cansada. Apesar de todos os pensamentos em sua cabeça fervilhando como gafanhotos, ela tinha caído no sono depois do chá. Depois do *chá*, quando ela nunca tinha dormido em toda a sua vida, e certamente não a essa hora estranha.

Ela arrastou-se pelas escadas abaixo. No estúdio de Fitz, havia uma enciclopédia com um artigo sobre pegadas fossilizadas. As dela estavam armazenadas, Deus livre Christian de descobrir que a Sra. Easterbrook tinha

adquirido tal objeto. Uma foto num livro dificilmente era a mesma coisa, mas ela não tinha nenhuma outra lembrança. E ela precisava lembrar que ele procurou ativamente o prazer da sua companhia, que a sua presença permanente em sua vida importava tanto como a subida diária do sol no horizonte oriental.

Mas, Fitz já estava no estúdio, em apenas suas mangas de camisa, garrafa de champanhe de cidra Cresswell & Graves e um copo perto do seu cotovelo.

— Não consegue dormir novamente, Venetia?

Ela pegou a cadeira em frente dele. — Dormi muito depois do chá. O que você...

Ela esqueceu o que estava prestes a dizer quando viu a mancha pequena na frente da camisa dele. — Isso é sangue?

— Hastings.

— Por que você tem sangue de Hastings em você?

— Uma longa história. Enfim, tive um tête-à-tête com Andrew Martin.

— Com a mão?

— Eu tinha planejado isso, mas teria sido como socar a lebre da Páscoa.

Sr. Martin tinha uma daquelas caras eternamente inocentes. — Então o que você fez?

— Eu disse a ele os riscos para Helena. Que se eu pude descobrir, também podem os outros. Que se ele a ama, ele deve ficar longe dela.

— Você acha que ele fará isso?

— Ele parecia arrependido o suficiente. Em qualquer caso, disse-lhe que se ele me desse alguma causa para suspeitar, eu removeria, perdoe a minha linguagem, suas pedras.

Fitz foi buscar outro copo e derramou champanhe cidra em ambos. — Você agora, Venetia.

— Eu?

— Seu estômago não ficou perturbado do peixe. Eu vi. Você cortou a comida e a moveu, mas você não comeu nada disso.

— Talvez seja outra coisa.

— Talvez seja.

Por que ela tinha a sensação de que Fitz não estava falando de outro item no jantar? — Acho que vou me retirar para a cama.

Quando ela chegou à porta, Fitz perguntou, ele não é casado, é?

Sem virar-se, ela disse, se você fala do Duque de Lexington, estou bastante certa de que ele não é.

— Não estava a falar dele.

Um golpe de génio puro, se ela podia dizer isso. Agora ela podia responder com toda a honestidade.

— Então, não sei de quem você está falando.

Christian atirou mais um pedaço de papel amassado.

Ele apreciava escrever para sua amada, um pouco de seu dia, um pensamento aqui e ali, quase como se ele estivesse falando com ela. Mas, hoje, essas poucas linhas tinham sido impossíveis de escrever.

O que ele poderia dizer? *Quando eu vi a Sra. Easterbrook, eu, instantaneamente, cai novamente sob o seu feitiço. Você ficará satisfeita de saber que quando me lembrei de você, ficou tudo bem. Mas até lá, você era a última coisa na minha mente?*

Ele podia excluir qualquer menção à Sra. Easterbrook. Afinal de contas, ele tinha visitado o Savoy e a discutiu com a duquesa viúva, mais do que suficiente para preencher uma carta de comprimento moderado. Mas, estaria mentindo por omissão. Era impensável mentir para sua amada.

Minha Querida O teste de hoje veio na forma da Sra. Easterbrook, e eu não posso dizer que passei. Eu não sou tão imune aos seus encantos, como eu tinha declarado. Eu não fiz nada para o qual peço pelo seu perdão, mas acho difícil justificar a direção dos meus pensamentos.

Eu preciso de você. Se minha fraqueza é agravada pela distância que nos separa, posso logicamente deduzir então que a sua presença irá fortalecer minha força mais.

Venha logo. Você pode facilmente encontrar-me.

Seu servo dedicado, C.

Capítulo 13

Millie abriu a primeira carta em sua pilha do correio da manhã.

— Meu querido, tenho isso de fonte segura, ela disse, ainda olhando a folha, que você quebrou o coração da pobre Letty Smythe.

Venetia e Helena tinham pedido para os pequenos-almoços lhes serem enviados para os quartos. Millie e Fitz tinham o salão de café da manhã para si, permitindo uma conversa particular.

— Isso é um rumor vicioso e infundado, respondeu o Fitz, sorrindo. No entanto, parei de dormir com ela.

— Exatamente o que eu quis dizer.

— Bastante injusto os boatos, não acha, para me lançar sempre no papel do vilão insensível? Foi um interlúdio agradável que seguiu o seu curso.

— Sra. Smythe pensa assim?

— Sra. Smythe vai concordar comigo.

Millie abanou a cabeça, como se estivessem discutindo sobre um cachorrinho mal comportado. — Não sou de me gabar, mas eu disse que não deveria ter se envolvido com ela.

— E eu deveria ter seguido seu conselho.

— Obrigado. Sugiro a senhora Quincy. Ela é bonita, eloquente e, mais importante, sensata. Ela não vai fazer papel de boba quando seu caso terminar.

— Acho que não.

— Há algo que você considera censurável sobre a Senhora Quincy?

— Nada. Mas meus casos duram o quê? Três, quatro meses? Seria desrespeitoso que eu vá com você enquanto eu também estou usufruindo do favor de outra senhora.

O pacto. Foi a primeira vez, em anos, que o assunto tinha surgido. Ela espalhou uma colher de marmelada sobre a torrada e esperou parecer tão indiferente como ele. — Oh, tolice. Somos um casal de velhos. Vá em frente e se divirta. Posso esperar.

— Não concordo, disse calmamente. Dever primeiro.

Seus olhares se ligaram. Uma onda intensa de calor a atingiu. Ela afastou os olhos para o monte de cartas ainda por abrir e pegou a de cima. — Oh bem, como você desejar, então, ela disse, abrindo o envelope com um

movimento da sua faca.

No começo, ela só fingiu ler. Mas, as palavras, de alguma forma, saltaram fora da página e forçaram-na a prestar atenção.

Ela leu a carta uma vez, duas, três vezes antes de deixá-la cair.

— Eu tenho medo que tenho más notícias, Fitz.

Venetia não conseguia se lembrar da última vez que tinha vomitado.

Ainda agora, o cheiro de uma fatia de torrada com manteiga, um item que tinha aparecido diariamente no seu prato desde de que ela tinha dentes, a tinha jogado em tal estado de convulsão que ela se retirou apressadamente para o banheiro mais próximo e lá passou uns miseráveis minutos deitando fora o conteúdo de seu estômago.

Ela limpou a boca e lavou o rosto dela. Quando ela saiu do banheiro, ela quase colidiu com Millie. Millie, a pessoa mais suave, ela sabia, agarrou-a pelo braço e a puxou na sua direção.

— Qual é o problema?

— Vamos falar no seu quarto, disse Millie, abrindo a porta de Venetia.

Eles foram recebidos pela visão de Helena freneticamente procurando no armário de Venetia.

— Dei o seu casaco para sua empregada. Ela provavelmente o limpou, disse Venetia.

— Vou dar uma olhada. Helena disse, andando para a porta. Ela pode não saber a maneira correta de fazê-lo.

— Esqueça o casaco por agora, Helena, disse Millie, fechando a porta. Venetia, talvez queira sentar.

Venetia sentou-se, algo na voz de Millie a enervou. — O que é?

— Lady Avery estava na palestra do Duque de Lexington.

Venetia agarrou os braços da cadeira, tontura misturada com horror.

Helena apoiou uma mão na cabeceira da cama de Venetia, como se tivesse problemas para suportar seu peso. — Aquela em Harvard?

Qual *outra*?

— Ela estava em Boston ao mesmo tempo que estávamos, assistindo ao casamento do cunhado americano do filho dela, disse Millie. — Ela voltou antes de ontem. Ontem à noite, ela jantou na casa da sua sobrinha e disse a todos na mesa o que disse o Duque.

E as senhoras no jantar tinham ido para a noite de danças e bailes, os senhores a seus clubes, e isso espalhou-se como a peste bubônica.

A náusea veio novamente. Só que, desta vez, não havia nada no estômago

de Venetia. Ela apertou os dentes até que passou. — Todos eles acham que ele estava falando de mim?

— Muitos acham.

— Eles acreditam nele?

— Nem todo mundo está convencido, Millie disse cuidadosamente.

Isso significava que alguns eram.

— Ele é o solteiro mais cobiçado no Reino, continuou a Millie. — Você é a mulher mais bonita. Para ele a acusar assim, até mesmo a possibilidade está além de sensacional.

Venetia sentiu como se ela tivesse areia movediça no fundo do peito.

Helena parecia tão miserável como Venetia nunca a tinha visto. — Isto é tudo...

Ela ia dizer que isto era culpa dela mas parou. Dizer isto, seria admitir que suas irmãs tinham motivos para tirá-la do país.

Venetia levantou-se. — Ele foi muito indiscreto em Boston, talvez ele pensasse que podia ser, porque ele estava longe de casa. Mas, tenho certeza, que ele já se apercebeu de seu erro. Um homem como ele não tem interesse em tempestades em copos d' água.

— Isso é ter uma perspectiva otimista dele, disse Fitz, que tinha vindo para a sala de estar ao lado da esposa.

— Minha opinião dele não deve ter nenhuma influência sobre a minha avaliação da situação. Eu acredito que ele será quase tão descontente com os rumores... como nós somos e não fará nada para os aumentar.

— Seu silêncio será tão problemático, Helena apontou. — Ele tem que denunciar os rumores como falsos.

— Isso vai exigir-lhe que minta. Ele não fará isso por mim.

— Então o quê?

— Isto vai ser um teste para ver se meus amigos são realmente meus amigos. Se forem, vão fechar fileiras em torno de mim e não permitirão que alguém questione minha conduta ou minha fibra moral.

— Vou garantir que meus amigos se portem bem, disse Fitz tranquilamente.

— É bastante repentino, mas não devemos ter nenhum problema em dar um jantar para quarenta amanhã à noite, uma mobilização das tropas, acrescentou a Millie.

— Bom, disse Venetia. Os Tremaines estão hospedando um baile amanhã à noite. Após o jantar, iremos todos assistir.

— E, entre agora e depois, nós devemos garantir que seja vista, tanto quanto possível, disse Helena. — E, não se esqueça de visitar seu jornalista. Você vai querer devastar a todos em seu caminho, da forma mais agradável, claro.

— Sim, acho que tenho a coisa certa, Venetia murmurou.

Ela tinha descoberto durante seu casamento com Tony que parecer perfeita era muitas vezes suficiente para convencer as pessoas que ela estava feliz. Sua aparência amanhã não deixaria nenhuma dúvida de que ela estava no comando de cada aspecto de sua vida.

Um silêncio mortal. Millie e Fitz estavam certamente pensando no que tinham que fazer. Quanto a Helena, Venetia não sabia o que se passava pela mente de Helena nos dias de hoje. Ela esperava que Helena não estivesse se culpando novamente. Se alguma coisa, ela estava grata pelas indiscrições de Helena, ela lhe trouxe a semana mais maravilhosa da sua vida.

— Vai dar tudo certo, ela disse.

Muito habituada a escapar, ela não tinha percebido isso na época. Mas o pior já tinha acontecido, ela tinha perdido o homem que amava.

Todo o resto era apenas as cinzas do incêndio.

Como Christian não frequentava a temporada de Londres, a sociedade tinha uma ideia exagerada da quantidade de tempo que ele passava andando por aí no exterior. Mas ele raramente estava afastado mais do que quatro meses por ano. O resto do tempo ele cuidava de sua herança.

O Montforts tinha sido um clã com sorte. Outras famílias tão proeminentes como a dele tinham terras e propriedades que agora valiam quase nada. Mas os Montforts tinham pedreiras, minas, vias navegáveis e terras cobiçadas por gerações de construtores. Direta e indiretamente, através de explorações mais antigas e dos mais recentes empreendimentos, Christian era responsável pela subsistência de seiscentos homens e mulheres. Ele educou seus filhos e apoiou os trabalhadores de longa data na sua aposentadoria.

Sua renda era tremenda, mas suas despesas também eram de tirar o fôlego. Por essa razão, ele sempre se aproximava das reuniões com seus agentes e advogados com a maior vigilância. Hoje, sua atenção durou o suficiente para aprovar um plano para pedir ao Xá da Pérsia[26] uma concessão para a busca de petróleo na terra deste último.

Depois disso, ele mal ouviu o que a sala cheia de homens tinha a dizer.

O sonho tinha vindo novamente, Sra. Easterbrook se vestindo descontraidamente, após fazerem amor, enquanto ele olhava para ela com

infinito prazer. Desta vez, no entanto, quando ela se virou, ela tinha falado em alemão, na voz da Baronesa.

A pior parte foi que ele tinha acordado feliz.

Uma batida soou à porta. McAdams, o solicitador, lançou um olhar descontente em direção a ela.

— Senhor, disse Richards, seu mordomo, a duquesa viúva gostaria de vê-lo.

Sua excelência nunca antes tinha pedido para vê-lo no meio de uma reunião com os seus homens de negócios. Havia algo com Sr. Kingston? Ele estava com perfeita saúde, quando ele partiu ontem de manhã.

Ela estava esperando por ele na sala, e fechou a porta no momento em que ele estava lá dentro. — A notícia está por toda a Londres, Christian. Lady Avery relata que na palestra que deu na Universidade de Harvard, acusou a Sra. Easterbrook de matar seus maridos com sua ganância.

O tempo diminuiu com o enunciado da palavra *Harvard*. Os lábios da duquesa viúva moveram-se com a velocidade de um glaciar. Cada sílaba adicional levou uma eternidade para chegar.

Mas ele não precisava ouvir o resto. Ele já sabia. Seu erro tinha vindo entregar suas consequências caras.

— Lady Avery estava na palestra? Ele ouviu sua própria voz, distante, remoto.

Seu rosto ficou estressado. — Oh, Christian, por favor, me diga que não é verdade.

— Nunca falei no nome da Sra. Easterbrook.

— Mas você *estava* falando dela?

Ele não podia admiti-lo, nem para a mulher que tinha sido uma mãe e uma irmã para ele.

— Não importa de quem falei. Tenha certeza que farei o que for preciso para regularizar a situação.

— O que aconteceu com você, Christian? Seu rosto cedeu com preocupação. Primeiro um caso público e, em seguida, isto. Isto não parece nada com você.

— Eu vou cuidar de tudo. Ele prometeu. Vou fazer tudo certo outra vez.

Pelo menos do lado de fora.

Extraordinário quanto se pode fazer com o estômago vazio, quando muito precisava ser feito.

Venetia certificou-se de que ela foi vista em todos os lugares: no parque,

no teatro, na mais recente exposição do Museu Britânico. Durante o jantar de Millie, ela sorriu e conversou como se ela não tivesse uma preocupação no mundo. Após o jantar, ela vestiu sua armadura e partiu para os bailes.

A armadura era um vestido de baile de veludo carmesim, corte muito baixo e muito apertado. Ela o tinha feito duas temporadas atrás por capricho, mas ela caiu em si e nunca usou isso, sua função nos bailes era a de uma acompanhante e de uma facilitadora, não alguém que chamava a atenção para si mesma. Mas, esta noite, ela queria dizer para todos os olhos que estivessem olhando na sua direção, como ela dançava e ria como se ela nunca tivesse ouvido falar da América, muito menos do Duque de Lexington.

Quando que ela chegou no baile Tremaine, seu terceiro e último, era bem mais de meia noite. Lady Tremaine a viu no topo da escada e deu-lhe um olhar de aprovação.

— Traz de volta boas lembranças de quando fiz a última entrada dramática, também em veludo vermelho, se não estou enganada.

— Você não está errada, disse Lorde Tremaine, que nunca estava muito longe do lado da sua esposa. E as memórias são realmente muito gostosas.

Venetia abanou a cabeça. — Por favor, não flerte em público com a sua esposa, Senhor. A mente fica bastante confusa Lady Tremaine riu. — Bem, entre, Sra. Easterbrook. Dizem que Byron iria arranhar a sua saída para fora de seu túmulo para reescrever 'Ela anda em beleza' se ele já a visse descendo uma escada.

Venetia possuía uma das melhores descidas. Ela não a usava muitas vezes, novamente, não era o seu lugar como uma mera acompanhante, mas, quando ela a usava, a cabeça inclinada só um pouco, ombros para trás, braços flexíveis, o menor de um sorriso jogando sobre os lábios, os homens e mulheres tinham sido conhecidos por soltar suas bebidas com a visão dela.

Hoje, o salão de baile inteiro prendeu a sua respiração na sua entrada, em seguida, veio uma agitação pelos lugares no seu cartão de dança.

Mas isso nunca foi sobre os senhores. Uma mulher bonita sempre tinha assegurado *algum* apoio masculino. Sociedade, no entanto, era conduzida em grande parte por mulheres e para mulheres. E as mulheres eram menos tolerantes com as outras mulheres.

As jovens estavam animadas, e algumas, bastante nervosas, pela possibilidade do grande conflito. Algumas matronas a olhavam com uma mistura de frieza e o que sentia ser, ela esperava estar errada, sede de sangue. Eles eram demasiado prudentes para imediatamente dar o bote em cima dela

e a declarar uma assassina de maridos, mas eles, ou pelo menos alguns deles, gostariam disso, pelo esporte e espetáculo, se nada mais.

E foram eles, no final, quem deviam declará-la mais uma vez apta para a sociedade.

Neste momento, seus aliados circulavam no salão de baile e, sutilmente, mas com firmeza, faziam saber que eles não aceitariam ostracismo, que estavam preparados para cortar os laços com quem se atrevesse a atirar a primeira pedra.

Estava grata. Mas ela também era uma realista. Se isto se arrastasse, a reputação dela iria diminuir diariamente. No final, não seria necessário qualquer um se adiantar e denunciá-la. O cuidado coletivo, e desejo de não ser associado com alguém duvidoso, seria suficiente para relegá-la a margem da sociedade, ainda recebida em algumas famílias e indesejada em todo o lado.

Sem fôlego e um pouco tonta por causa da dança de Strauss “vinho, mulheres e música” com Lorde Tremaine, ela quase não ouviu o anúncio da chegada do Duque de Lexington.

O Salão de festas estava vibrante com a saída dos dançarinos, rindo de seus esforços. Agora, parecia tão tranquilo como a sala de leitura do Museu Britânico, com todos os olhos em cima do Duque, descendo a escadaria por trás de sua madrastra, os senhores sempre entraram em um baile atrás das senhoras, e um homem, que Venetia achou que seria o Sr. Kingston, ao lado dele.

Lorde Tremaine estava prestes a entregar Venetia a Fitz e Millie, mas agora ele mudou de rumo e a guiou em direção a sua esposa. Os dois ao seu lado, então não poderia haver erro de seu apoio.

Christian, com sua característica franqueza, foi direto para os Tremaines e Venetia.

O ar ficou tenso. Isto não era para ser um encontro hostil, a presença da duquesa viúva era uma garantia de civilidade por parte do seu enteado. Ainda assim, Venetia sentiu como se ela fosse um gladiador novato prestes a ser atirado para o Coliseu pela primeira vez contra um combatente experiente, com todo o público gritando pelo seu sangue.

Lorde Tremaine trocou uma palavra agradável com seus convidados, deu suas boas-vindas, e então, virando-se um pouco, como se apenas agora descobrisse Venetia ao lado dele, disse à Duquesa, Vossa Senhoria, eu apresento uma boa amiga, a Sra. Easterbrook?

A duquesa viúva de Lexington foi muito gentil, embora um pouco sem reação, como as pessoas, muitas vezes, ficavam quando tinham uma primeira reunião com Venetia.

— Sra. Easterbrook, Lorde Tremaine continuou, permita-me apresentar a Sua Graça o Duque de Lexington e Sr. Kingston. Senhores, a Sra. Easterbrook.

Venetia inclinou a cabeça dela. Christian olhou para ela como seus antepassados Normandos podem ter examinado um problemático anglo-saxão e retornou com um assentimento superficial.

Bem, foi isso. Ele havia permitido a apresentação e, de agora em diante, ela o contava como um conhecido, isso abria uma censura à forma como Lady Avery contou os eventos. Ele teria agora educadamente de se afastar, talvez dançar com uma jovem apropriada, que tinha o favor da sua madrastra, e depois partir.

Por um momento, pareceu-lhe que era precisamente o que ele pretendia fazer. Mas, a Duquesa viúva colocou uma mão em seu cotovelo. Uma mensagem implícita passou entre eles.

Com um jeito determinado de sua mandíbula, ele disse, isso é esperado, não é, depois de ser apresentado a uma mulher em um baile, pedir uma dança?

Se ela não tivesse se aventurado a bordo da *Rhodesia*, ela teria aproveitado a oportunidade para informá-lo que a sua nova convivência significava pouco para ela tal como significava para ele. Que ele, com todos os seus títulos e riqueza, era o último homem que ela permitiria colocar o braço sobre ela.

Mas ela se aventurara a bordo da *Rodésia*, tinha passado uma semana, caindo no amor com ele e cada minuto desde aí a pensar nele. Ela tinha se agachado em uma carruagem com cheiro abafado por horas fora da sua casa, como um investigador privado mal treinado, só para que pudesse ver seu rosto novamente.

Esta Venetia não ia recusar a oportunidade de dançar com ele, não importava como a sua pergunta foi formulada.

— O prazer seria meu, ela disse.

O momento em que Christian a viu, o resto do salão desapareceu. Poderia ter sido incendiado, com vigas em colapso e convidados fugindo, e a única coisa que ele notaria seria o reflexo da luz do fogo nos olhos dela.

Sua madrastra teve de cutucá-lo para ele se lembrar de pedir-lhe para dançar.

Sra. Easterbrook sorriu para ele, um sorriso tão lindo como o nascer do sol, tão perigoso quanto uma bala.

Mais do que em qualquer ponto desde o seu regresso, ele ansiava pela Baronesa. O mundo pode pensá-lo louco, mas para ele mesmo, ele nunca precisava justificar o seu amor por ela. Tudo foi fundado na substância. Não havia nada superficial ou vergonhoso no que sentia por ela.

Havia de tudo superficial e vergonhoso nas reações que Sra. Easterbrook tirava dele.

Os músicos tocaram as primeiras notas de “Doces de Viena”. Ele estendeu o braço, e ela colocou sua mão em seu cotovelo, seu movimento tão lindo como sua pessoa, uma criatura nascida para ser adorada imprudentemente.

Não foi até que eles estavam andando lado a lado em direção ao centro do salão, quando ele não estava olhando diretamente para ela, que uma estranha sensação caiu sobre ele. Certamente nunca a tinha tocado antes, no entanto, os dedos em cima da manga dele carregavam uma inquietante familiaridade.

Após a abertura introspectiva, a valsa, de repente, virou brilhante e alegre. Era hora de dançar.

A forma da mão dela na dele, a sensação dela sob a palma da mão, a pressão do seu corpo no dele enquanto davam uma série de curvas, apenas duplicou a sensação de familiaridade, quando ele deveria estar surpreso que ela não era tão exageradamente voluptuosa como ele sempre tinha imaginado, mas mais ágil e esbelta, uma reminiscência de...

Não, ele não devia achar qualquer semelhança entre elas. A última coisa que ele queria para a sua mente era começar colando características da Sra. Easterbrook no rosto da Baronesa, ainda em branco.

Então, ela nunca ia satisfazer as expectativas dele.

Este pensamento vadio, brutalmente honesto demais, enfureceu-o. Não importava para ele como a sua amada parecia. Melhor se ela fosse muito diferente da Sra. Easterbrook.

— Eu vi Sua Graça no Museu de História Natural anteontem? Murmurou a Sra. Easterbrook.

Alguma desprezada parte dele ficou contente que ela se lembrou.

— Você viu.

Ocorreu-lhe que ele tinha aceitado a sua aparição inesperada, no outro dia, como um dado, como parte dos ensaios e atribulações que ele deve superar antes que ele pudesse reunir-se com a Baronesa. Mas, por que ela tinha entrado no Museu de História Natural? E, não foi mais do que um pouco

estranho que a vez *anterior*, que ele a tinha visto, há cinco anos atrás, tinha sido apenas fora do Museu?

A etiqueta da valsa exigia que ele mantivesse o seu olhar por cima do ombro, mas ele estava feliz com a desculpa de olhar para ela. A sensação de *déjà vu* dos contornos de seu corpo estava se tornando muito forte para o seu conforto, e a sua mente, sua própria para controlar quando ela estava por perto, insinuou que ele saberia exatamente onde e como tocar para fazê-la derreter com desejo.

Seus olhos se encontraram. Mas sua beleza, em vez de fazer descarrilar o trilho atual, altamente insustentável de pensamentos, apenas despertou uma possessividade primitiva. Ele queria trancá-la em sua mansão e não permitir que alguém a visse a não ser ele próprio.

Ela sorriu novamente.

— Você desfrutou de sua visita, espero.

Ele desviou o olhar.

— Gostei bastante. E foi a sua visita capaz de a fazer recuperar da hediondez dos répteis gigantes?

— Lamentavelmente, a visita não me fez mudar de ideia. Não sei porque eu me submeto a tais coisas desagradáveis.

— Por quê, então?

— Os caprichos de uma mulher, o que posso dizer?

Por que ele queria esta criatura insípida? Por que ele queria que esta dança continuasse por um longo tempo, quando ele deveria estar pensando em outra pessoa?

Já não faltava muito tempo antes da sua reunião marcada. E, desta vez, ele não a deixaria ir novamente.

— Como você encontrou Londres após uma longa ausência, Senhor? Ela murmurou.

— Problemático.

— Ah, nisso estamos de acordo.

O timbre da voz dela, onde ele tinha ouvido falar antes?

— Chamo você amanhã à tarde, Sra. Easterbrook, ele disse. E, se isso estiver bem para você, vamos dar um passeio juntos no parque. Isso deve ser suficiente para acabar com os boatos.

— E vai parar de me visitar depois disso?

— Naturalmente.

— Uma pena, ela disse. — Os seus sentimentos estão afetos em outro

lugar?

Foi sua imaginação ou ela tinha pausado deliberadamente antes de dizer “outro lugar”? A palavra em inglês não tinha equivalente em alemão, mas de alguma forma ainda conseguia soar estranha.

Ele olhou novamente para ela. Ela olhou direto nos ombros dele. Ela era um pouco mais fácil de gerir sem o efeito de seu olhar direto, mas ainda era insuportavelmente linda. Os deuses teriam chorado.

— Não é da sua conta, Senhora.

— Não, claro que não, mas ouvem-se boatos. Você é muito prudente em parar de me visitar depois de acabarem os boatos criados pela Lady Avery. Sua mulher não ficaria muito satisfeita de você ser constantemente visto comigo. Eu tenho, digamos, um certo efeito sobre os homens.

Ele odiava sua presunção.

— Minha Senhora não tem nada para se preocupar.

Ela jogou-lhe um relance que teria feito Aquiles abaixar o seu escudo e abandonar todas as glórias de Troia. — Se você o diz, Senhor.

Eles dançaram o resto da valsa sem falar.

Venetia ficou aliviada que ela não precisou dizer coisas que fizessem a Sra. Easterbrook parecer exatamente o oposto da Baronesa von Seidlitz-Hardenberg. Mas, ela sentiu saudade de ouvir sua voz, mesmo que ele agora falava um inglês gelado em vez de um alemão afetuoso.

Este era o seu amado, de volta em seus braços, um milagre terrível, mas um milagre, no entanto. Ela achou difícil conter-se, para não deixar a sua mão esquerda traçar o contorno do seu ombro, seu polegar direito acariciar o centro de sua mão enluvada, ou a cabeça inclinar e descansar nele.

Ela queria que a dança nunca acabasse.

Mas, muito breve, a valsa chegava ao fim. Os dançarinos à volta deles separaram-se. O Duque, também, começou a se separar dela. Mas Venetia, imergida nas lembranças de sua proximidade, não o deixou ir.

Depois de apenas um segundo, ela percebeu o erro dela. Mas, um segundo era um tempo muito longo para tal *faux pas*. Ela também podia ter desabotoado o seu corpete. Não o teria chocado mais.

E ele estava chocado. Olhava-a com a extrema gravidade reservada para aqueles que tinham transgredido não só a moral, mas também o bom gosto. Como se ela fosse uma prostituta comum que entrara no baile sem ser convidada e o confrontou.

O silêncio, quando ele a acompanhou para fora da pista de dança, era

insuportável.

— Ele não está aqui, disse Hastings. A sogra está doente. Ele foi obedientemente para Worcestershire para tratar dela.

Helena não precisava perguntar quem era “ele”. No começo, ela tinha estado muito ansiosa sobre a recepção que aguardava Venetia. Mas, agora que o Duque tinha vindo e ido após uma manobra surpreendente e surpreendentemente eficaz, ela tinha se permitido verificar a multidão por um sinal de Andrew. A família da mãe dele era muito bem relacionada e ele sempre tinha convites para as funções mais procuradas.

— Você acha que eu deveria mostrar os meus endereços para Sra. Martin, minha querida Miss Fitzhugh? Ele sussurrou. Martin não parece do tipo que têm suficiente energia para atender a duas mulheres. E, Deus sabe, que você poderia provavelmente matar de exaustão o próprio Casanova.

Outra vez esta insinuação de que ela devia sofrer de ninfomania. Por trás de seu leque, ela colocou seus lábios perto da orelha dele.

— Você não tem ideia, meu Lorde Hastings, os anseios aquecidos que me envolvem à noite, quando não posso ter um homem. Minha pele fica ardendo por ser tocada, por beijarem meus lábios, e todo o meu corpo acariciado apaixonadamente.

Hastings ficou mudo, pela primeira vez. Ele olhou para ela com alguma coisa no meio do caminho entre a diversão e a excitação.

Ela fechou o seu leque e bateu nos dedos dele com toda a força, observando com grande satisfação, enquanto ele, de volta, engasgou um gemido de dor.

— Por ninguém além de você, ela disse e virou-se sobre os calcanhares.

Para o passeio no parque, Christian trouxe a sua grandiosa landau, assim ele poderia sentar-se o mais longe da Sra. Easterbrook possível.

Que não era longe o suficiente para evitar a força tangível da sua beleza.

Ao contrário da Baronesa, ela não podia girar a sua sombrinha, mas segurou-a perfeitamente estável. Toda a sua pessoa estava tensa e dura como uma escultura de Pigmalião, fria, sem coração e, no entanto, linda o suficiente para perturbar um homem.

Seu vestido de tarde cor de rosa lançava um blush sutil sobre suas bochechas. Os olhos, na sombra lançada pela sua sombrinha de renda creme, eram azul marinho, a cor exata do Mediterrâneo quente que tinha tão encantado o lado voluptuoso secreto nele. Seus lábios, macios, cheios, perfeitamente delineados, prometeram o sabor da vontade e de pétalas de

rosa.

Foi só quando ela falou que ele percebeu que ele já tinha começado a despi-la, arrancando mentalmente os botões cobertos de seda do seu corpete como groselhas do tronco.

— Você está imerso em pensamento, Senhor. Antecipando seu jantar com a sua amiga, talvez?

A atenção dele desviou-se abruptamente. Como ela saberia alguma coisa do seu jantar? E, uma instantânea mais tarde, grande, terrível culpa: na véspera do seu muito esperado reencontro com a Baronesa, sua mente ansiosamente estava cometendo um ato de infidelidade.

Ele queria colocar a culpa na conduta da Sra. Easterbrook, como ela tinha se agarrado a ele no final de sua valsa. Ela também podia ter lhe dado a chave para a casa dela junto com uma piscadela e um beijo soprado. As intenções dela tinham ardido no sangue dele desde então.

Por outro lado, teria ele a desejado menos se ela tivesse sido totalmente indiferente? Não teria isso simplesmente aumentado o seu apetite e o faria cobiçar fez ainda o prêmio?

— Ouve-se falar que você encomendou um grande repasto para amanhã à noite no Savoy, Mrs. Easterbrook continuou.

Se ela fosse outra mulher, ele lhe diria para se meter nos seus próprios assuntos, de forma franca e fria. Mas aqui era imperativo que ele falasse da Baronesa em um tom tão quente quanto publicamente admissível.

— Sim, ele disse. — Estou ansioso para uma deliciosa noite de amanhã.

Se ela vier.

Ela devia vir. Ela não podia abandoná-lo em sua hora de necessidade. Mas, o pensamento, de repente, ocorreu-lhe, se ela já tinha chegado em Londres, ela não teria, de alguma forma, ouvido do seu imbróglio com Sra. Easterbrook? E ela não interpretaria erradamente a atenção que ele publicamente estava dando à Sra. Easterbrook?

Sra. Easterbrook sorriu um pouco. — Ela é uma mulher de muita sorte, sua mulher.

— Eu sou um homem de sorte, também.

Julgar a expressão dela era como tentar medir a variação da intensidade do sol por olhar diretamente para ele. Mas ele pensou que ela parecia melancólica. — E esta é a última vez que nos vemos, presumo?

— Tenho certeza que deve ser um alívio para você.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Presume que sabe como eu penso?

— Muito bem, então. Será um alívio para *mim*.

Ela inclinou seu guarda-chuva ligeiramente para longe da sua pessoa.

— Há aqueles que gostam de mim pelo jeito que meu nariz se senta na minha cara, um motivo ridículo para gostar de alguém. Mas também é um motivo bastante ridículo para não gostar de alguém, como no seu caso.

— Desaprovo seu caráter, Mrs. Easterbrook.

— Você não conhece o meu caráter, Senhor, ela disse decisivamente. A única coisa que conhece é a minha cara.

Capítulo 14

Christian não deu muitos jantares. E quando o fez, a Duquesa viúva geralmente supervisionou os arranjos necessários. Mas, para este jantar particular, ele presidiu todos os detalhes.

Várias salas de jantar privadas tinham sido rejeitadas como muito abafadas ou muito ornamentadas. E, quando ele finalmente acordou em uma, ele tinha o hotel mudando o quadro de natureza morta na parede para uma paisagem marítima, uma reminiscência de uma na suite de Victoria. Em vez de flores, para a peça central, encomendou uma escultura de gelo de golfinhos saltitantes. Ele também decretou que não devia haver nenhuma luz elétrica áspera, mas só chamas de vela, e não velas de sebo, só a melhor cera de abelha podia entrar na sala.

O menu proposto que ele tinha enviado de volta com a indicação que ele devia consistir em um caldo claro, um linguado escalfado em caldo, um patinho refogado, um carré de cordeiro grelhado com ervas, um filé de carne de veado, e nada mais. Que tinha ofendido bastante o chef, que aparentemente acreditava que um jantar romântico deve ser conduzido como um banquete de estado.

L'Amour, declarou ele, sacudindo o dedo no Lexington, deve ser fortificado com muita comida e muita carne. Meu Senhor já estava muito magro ele próprio. Sua noite com a dama mais valia serem dois esqueletos de chocalho em um laboratório médico!

Lexington não cedeu, ele não tinha intenção de alimentar sua mulher em coma. Finalmente, o francês desistiu dos pratos principais. Mas, ele não ia se limitar em sobremesas, nenhum do fruto fresco servido *à natureza* absurdo. Haveria uma charlotte russe[27], um *crème renversée*[28], um suflê de baunilha, uma mousse de chocolate, uma torta de pêra e um bolo de ameixa.

— Vamos ainda comer de madrugada, disse o Lexington, não sem admiração pela dedicação do homem aos seus ideais.

O francês beijou as pontas dos dedos. — *Et après*[29], você será melhor para *L'Amour*, Milorde.

Christian chegou meia hora mais cedo para o jantar. A mesa estava sendo posta quando ele entrou no quarto, tigelas de cristal, prata *salt cellars*,[30] segurando uvas, figos e cerejas, estabelecidas em distâncias cuidadosas sobre

o pano azul de Damasco.

Esta espera não foi nada da prazerosa antecipação que foi na *Rhodesia*. Ele normalmente era disciplinado, um cavalheiro não se mexia, mas várias vezes ele tinha que parar seus dedos de bater no parapeito da janela. Ele queria uma bebida forte e um cigarro. Ele queria diferentes cortinas para o quarto. Ele queria que a pintura mudasse novamente.

Se ela só viesse, tudo estaria bem.

Mas, e se ela não viesse?

As velas foram acesas, os vidros brilhavam na luz calorosa. A escultura de gelo foi trazida, os golfinhos pulando graciosamente para fora das ondas congeladas. Uma garrafa de sessenta anos de champanhe reverentemente foi colocada no aparador, pronto para ser aberta quando saltasse para a visão deles.

Ela já deveria ter se apresentado. Etiqueta ditou que um deveria chegar para jantar, pelo menos um quarto de hora antes da hora indicada, por respeito à natureza delicada de suflês, se nada mais.

Costumes europeus eram diferentes? Ele deveria saber, ele passou um tempo no continente. Mas ele não conseguia pensar. Ele estava em um estado de frieza mental, um degrau acima de pânico imediato, mas apenas um degrau.

Às oito horas, um administrador do hotel discretamente perguntou se Sua Graça pretendia começar a servir o jantar.

— Outro quarto de hora, ele disse.

Quando um outro quarto de hora tinha passado, ele deu as mesmas instruções.

Às oito e meia, ninguém lhe perguntou nada. Os funcionários do hotel, que tinham pairado a última hora, agora se tornaram escassos. Uma garrafa de whisky apareceu do nada. Assim como cigarros, fósforos e um cinzeiro de marfim esculpido.

Ela tinha dado sua palavra. Era a palavra de tão pouco valor para ela? E se tivesse sido sua intenção quebrar sua palavra desde o início, porque não lhe enviar uma carta e informá-lo?

Poderia algo imprevisto ter acontecido com ela? E se ela estava deitada em algum lugar doente e abandonada? Novamente, ela poderia ter escrito, e ele estaria ao seu lado num piscar de olhos.

Mas ele pressupunha a sua capacidade e liberdade para se comunicar. E se ela era cuidadosamente vigiada, uma vez que ela voltou para onde ela devia

estar?

Ele deu a esta possibilidade vários minutos de angustiada consideração antes de lhe ocorrer como ridiculamente melodramática era. Uma mulher sob essa fiscalização medieval nunca teria sido permitida cruzar o Atlântico sozinha, muito menos conduzir um caso à vista dos passageiros.

A explicação para a ausência dela tinha estado a olhar para ele o tempo todo, mas ele não quis reconhecê-la. O caso não significava nada para ela. Ele tinha sido o único enfeitiçado de corpo e alma. Para ela, ele tinha sido nada mais do que uma fonte temporária de entretenimento, uma maneira de passar as horas, caso contrário, entediante no meio de um oceano.

Ele tinha sido o único a pressionar para uma continuação do seu caso para além da viagem. Ele tinha sido o único a oferecer seu coração, sua mão, todos os seus segredos. Ela nem sequer deu o nome verdadeiro dela.

E, claro, nunca mostrou a cara.

Não, ele não poderia duvidar dela. Se ele duvidasse dela, ele também poderia duvidar de sua capacidade de julgar qualquer coisa. Tinha que ser como ele temia, que ela tinha ouvido sobre a Sra. Easterbrook. Deus, e se ela os tivesse visto andando juntos no dia anterior? A visão dele olhando a Sra. Easterbrook iria refutar tudo o que tivesse contado sobre ter colocado essa obsessão para trás dele.

E mesmo se ela não tivesse visto ou ouvido nada, ele ainda a merecia, aquele que veio para o jantar com as palavras da Sra. Easterbrook, *não conhece a minha personalidade, Senhor. A única coisa que conhece é a minha cara*, ainda ecoando em seus ouvidos?

Ele tinha sonhado com a Sra. Easterbrook novamente ontem à noite, um quadro ainda mais perturbadoramente doméstico dos dois sentados em frente a uma lareira, ele escrevia cartas, ela lendo um livro espesso que parecia ter vindo de sua biblioteca. De vez em quando, ele no seu sonho iria olhar para cima de sua tarefa e observá-la. Exceto, em vez de ondas quentes, infelizes de possessividade que ultimamente o haviam assolado, ele sentia apenas uma simples satisfação de vê-la nas proximidades.

Ele tinha ainda de sonhar com a Baronesa.

Ainda, ele via compulsivamente as carruagens parando em frente do hotel. Tráfego de Londres era notório em determinados momentos do dia. Um impasse, uma vez formado, levava um tempo bom para limpar. Talvez ela tivesse sido pega em um. Talvez ela estava fervendo em impaciência enquanto ele afundou lentamente em desespero. Talvez.

De repente, tornou-se ciente de que ele não estava sozinho no quarto. Ele girou ao redor, esperança e medo incoerentes no peito.

Mas não era ela. Era apenas um porteiro uniformizado do hotel.

— Sua Graça, uma entrega para você.

Para os próximos três segundos, ele ainda se atreveu a deixar-se invadir pela esperança. Talvez ela estivesse a fazer uma entrada triunfal. Talvez ela fosse ser transportada como Cleópatra, escondida em um rolo de tapete. Talvez.

Três porteiros, grunhindo, puxando um carrinho de mão.

Uma fenda abriu-se diante dele e caiu o coração dele. Não havia necessidade de remover a embalagem de encerado. Ele reconheceu a laje de pedra por seu tamanho e peso.

Ela tinha retornado o presente dele. Ela não teria mais nada a ver com ele.

* * *

Foi mais de uma hora antes do Duque deixar o hotel.

Desta vez, Venetia não estava esperando em uma carruagem fedorenta, mas em uma carruagem limpa e elegante, com assentos de veludo adornado, pé braseiros e flores de tulipa em broto em vasos montados em suportes entre as janelas.

A Baronesa tinha alugado o carro. Ela até tinha seu chapéu velado, colocado no assento ao lado dela.

Você ainda pode, sussurrou uma voz imprudente dentro dela, como ela tinha falado nas últimas três horas. *Vá interceptá-lo. Só por esta noite.*

Mas, desta vez ele não a deixaria sair de novo. E ele não deixaria o véu permanecer no local. Não havia tal coisa como apenas por esta noite.

Ou melhor, não havia tal coisa como amanhã. Ele ia jogá-la fora no momento que visse o rosto dela e nunca mais falaria com ela novamente.

Ela só podia ver como seu amante, com o rosto duro e severo, entrou no seu carro e foi embora.

Durante a noite, Christian balançou da raiva ao desespero e de volta novamente. Pela manhã, no entanto, ele chamou sua carruagem e voltou para o hotel.

Talvez, ele tenha sido tolo. Provavelmente, ele tenha sido mais que estúpido. Mas tinha sido franco e honrado, e merecia melhor cortesia do que isto.

Um inquérito no hotel rendeu rapidamente que a laje de pedra tinha

chegado pelo correio, três dias antes. Uma nota datilografada tinha vindo pelo correio na manhã anterior, com instruções para a sua entrega à noite às sete horas e quarenta e cinco minutos. O gerente-geral ofereceu suas desculpas profusas, tinha havido uma mudança de pessoal durante o dia e o pessoal do turno seguinte tinha esquecido sobre a laje de pedra até quinze para as nove.

Christian pediu para ver o envelope original da nota. Que, infelizmente, tinha sido descartado. Mas o funcionário que abriu o envelope lembrou muito claramente que o carimbo postal tinha sido da cidade de Londres, e tinha sido para o mesmo dia.

Seria possível que ela veio para Londres só para dar-lhe a tampa? Não parecia muito provável. Ainda assim, ele deixou instruções com um investigador privado para descobrir se algum grande hotel em Londres hospedou um convidado feminino de origem germânica, entre vinte e sete e trinta e cinco anos de idade, viajando sozinho.

Ele mesmo pegou o trem para Southampton para falar com os proprietários da Donaldson & filhos mensageiros especiais. Eles não podiam lhe dizer muito. O objeto que tinham sido entregue para o Savoy em Londres foi trazido por agentes de transporte do porto. Registros dos agentes de transporte foram ligeiramente mais úteis, mostrando que a laje tinha sido descarregada a partir da *Campânia*, um navio da Cunard Line, que tinha saído de Southampton no dia seguinte a *Rhodesia*.

Christian foi aos escritórios da Cunard Line em Southampton e pediu para ver a lista de passageiros para a *Campania*, sobre aquela viagem em particular. Ele não reconheceu quaisquer nomes na lista, embora ele aprendeu que a *Campania* tinha partido de Nova York, dois dias antes ao *Rhodesia*, mas levou nove dias para cruzar o Atlântico devido a problemas técnicos no mar.

Como ele já estava em Southampton, em seguida visitou escritórios da linha do Norte grande e pediu para ver a lista de passageiros para a *Rhodesia*. A Baronesa teria de ter viajado com uma empregada. Não deve ser impossível de descobrir a identidade da empregada, disse a si próprio.

Muito poucos homens desembarcaram em Queenstown, e não muitas mulheres. Dessas, a maioria compartilhava os nomes dos homens, esposas, irmãs e filhas. E das quatro que não estavam relacionados com um homem, além da Baronesa, duas eram irmãs católicas e uma jovem confiada às irmãs para a escoltar de volta para sua família do país.

Intrigado, Christian perguntou se um erro poderia ter sido feito. Ele foi

aconselhado a esperar durante a noite: A *Rhodesia*, retornando de Hamburgo, era esperada no porto na manhã seguinte.

A noite estava inquieta, mas seus esforços não foram recompensados. Na manhã seguinte, ele falou ao Comissário de bordo da *Rhodesia* e soube que a Baronesa von Seidlitz-Hardenberg não tinha comprado bilhetes para quaisquer empregados domésticos. Em vez disso, enquanto a bordo a *Rhodesia*, tinha usado o serviço de uma das comissárias de bordo do navio como uma empregada pessoal temporária, uma garota de origens francesas pelo nome de Yvette Arnaud, que naturalmente não teria alguma objeção a responder a algumas perguntas de Sua Graça o Duque de Lexington.

A comissária de bordo apareceu meia hora depois, arrumada e com um ar competente, no gabinete que tinha sido indicado a Lexington. Ele ofereceu-lhe um assento e deslizou um Guinéu através da mesa para ela. Ela embolsou a moeda discretamente e murmurou um obrigado.

— Como você foi escolhida pela Baronesa e em que a Baronesa a fez servi-la? Ele perguntou em francês.

— Antes da *Rhodesia* deixar Nova Iorque, o mordomo de câmaras disse que uma convidada, viajando sozinha, queria os serviços de uma empregada. Várias de nós ofereceram-se, pode haver boas dicas. O administrador tirou nossas qualificações e apresentou-as para a Baronesa.

— Eu fui aprendiz de uma costureira, e eu disse que sabia como cuidar de tecidos caros. Mas não pensei que eu seria escolhida. Eu nunca tinha trabalhado com uma dama, e havia aquelas entre nós que tinham e poderiam fornecer cartas de caráter de antigos empregadores em Londres e Manchester.

Ela tinha sido escolhida porque suas qualificações eram perfeitamente adequadas às circunstâncias, uma senhora que não mostrava a cara para ninguém não tinha necessidade de uma empregada com habilidades de especialista em coiffer.

Mas ele fez a pergunta mesmo assim, nunca doeu ouvir como outra mente analisava os mesmos dados. — Por que foi selecionada no final?

A garota hesitou por alguns segundos. — Porque não sou inglesa, eu acho.

Esta resposta, Lexington não tinha esperado. O coração dele parou. — Como assim?

— O nome dela é alemão, ela falou em francês, mas as coisas dela eram inglesas.

— Que coisas?

— Suas malas foram feitas por um fabricante de baús de Londres, eu vi as

letras no interior das tampas. As botas dela vieram de um sapateiro de Londres. E seus chapéus, aqueles que não tinham um véu, vieram de uma Madame Louise na Regent Street. Sei que é de Regent Street em Londres porque minha antiga empregadora, a costureira, esperava um dia ter sua própria loja de lá.

Muitos bens ingleses foram reconhecidos serem superiores em construção e qualidade. Não era fora de questão para um estrangeiro ter itens ingleses. Mas ter um guarda-roupa composto por tão esmagadoramente coisas inglesas? Uma mulher cosmopolita do continente não espalha as suas compras entre Paris, Viena e Berlim?

— O que mais a fez pensar que ela é inglesa?

— Ela fala francês como o Senhor, com um sotaque inglês.

Isto foi uma evidência muito mais convincente. Acentos eram notoriamente difíceis de disfarçar. Se um falante nativo francês identificou alguém como falando francês com sotaque inglês, não havia muito o que fazer do que acreditar nela.

Mas se a Baronesa era inglesa, o desaparecimento dela tornou-se ainda mais incompreensível. Ele tinha oferecido o casamento, pelo amor de Deus. Um estrangeiro não pode compreender o significado disso, mas certamente uma inglesa compreendia o prestígio e a riqueza que ele trouxe para o negócio. Mesmo que ele tivesse sido apenas um desvio rápido para ela antes e depois, a atração de se tornar a próxima Duquesa de Lexington devia tê-la induzido a ficar.

— O que mais você sabe sobre ela?

— Ela dá boas gorjetas, antes de desembarcar, ela me deu um gancho de cabelo com opala e pérolas. E, ela tem um guarda-roupa deslumbrante, a roupa mais bonita que já vi, não é tão bonita como ela mesma, é claro, mas ainda...

— Pensou que ela era bonita?

— Bem, sim, ela é de longe a mulher mais bonita que já vi. Eu disse as outras aeromoças que não me admira que ela se manteve coberta, se ela levantasse o véu, haveria tumultos na *Rhodesia*.

Quantas mulheres no mundo eram bonitas o suficiente para causar tumultos? Não são muitas. E Lexington conhecia apenas uma.

— Elas acreditaram em você?

— Não, elas pensaram que exagerei descontroladamente, desde que ninguém mais teve um olhar para a cara dela. Mas você, Senhor, sabe que ela

era magnífica. Você sabe que não estou a exagerar.

Ele fez isso? Sua mente, com a repulsa de uma solteirona correndo passando uma casa de má reputação, recusou-se a contemplar as revelações de Yvette Arnaud, se recusou a sintetizar as partes díspares de informação, como um homem de ciência deve, em uma explicação coerente.

Ele colocou um guinéu mais sobre a mesa e saiu sem dar um pio.

A urgência da crise e a emoção da proximidade do Duque, não importa quão miserável a tinha feito se sentir ao mesmo tempo tinha anulado a severidade dos vários males físicos que flagelavam Venetia. A náusea tornou-se menos intensa, sua fadiga completamente substituída pelo temor e excitação do coração batendo.

Mas agora, com a crise resolvida, o corpo de Venetia decidiu lembrá-la que ele não tinha se recuperado.

Longe disso.

De manhã, ela teve que correr para o banheiro duas vezes, primeiro quando o café da manhã foi tomado, novamente quando Helena, preocupada, lhe trouxe uma xícara de chá com creme e açúcar já adicionado.

A primeira vez, ela foi capaz de esconder isso de todos, exceto da empregada dela, que tinha estado com ela por dez anos e era extremamente discreta e confiável. A segunda vez, no entanto, ela não teve muita sorte. Helena já estava instruindo um laçao para ir buscar o médico quando Venetia lhe negou.

Helena relutantemente concordou em esperar mais um dia para ver se o médico era realmente necessário.

No meio da tarde, após terminar um lote de convites, Venetia levantou-se da sua mesa. A próxima coisa que ela sabia, ela estava deitada no tapete turco, com a empregada dela acenando freneticamente um frasco de sais diante dela.

E o médico, infelizmente, já estava a caminho.

Christian dispensou a carruagem que estava esperando por ele na estação de Waterloo, quando ele chegou a Londres. Ele não queria voltar para sua casa na cidade. Ele não devia ter desistido da sua carruagem ferroviária privada. Devia ter arranjado para ir até Edimburgo, para pôr toda a Grã-Bretanha entre ele e a verdade que estava começando a colocar a garra nele.

Então ele cruzou o Tâmesa e saiu, sem saber onde estava indo e não se importando.

Inglesa. Linda.

Seria possível não ouvir essas palavras? Dane-se o método científico e sua demanda para não ser deixada nenhuma pedra sobre pedra. Maldito seja seu moralismo indignado que não descansou até que ele teve suas respostas.

Ele tentou zombar de si mesmo. Ele estava fazendo sem suporte saltos de lógica. *Inglês* e *bela* não equivaliam à Sra. Easterbrook. Além disso, Sra. Easterbrook não tinha uma finalidade na vida além de ser linda. Ela não cobriria o rosto mais do que a rainha iria abdicar do seu trono.

Em algum momento, ele tornou-se ciente de sua fome e entrou em uma loja de chá, só para parar em suas trilhas. Uma parede inteira da loja de chá, que atendia em grande medida senhoras, estava coberta com fotos emolduradas de belezas da sociedade.

Sra. Easterbrook entre elas.

Em fotografia, a animação e pura dominância da beleza dela estavam, em grande parte, perdidas. Ela era apenas mais um rostinho bonito em um mar de rostos bonitos e ele podia não a ter notado à primeira vista se não fosse para a sombrinha, que ela segurou por cima do ombro.

Octógonos concêntricos escuros em cima do laço branco.

Miss Redmayne, uma médica que tinha treinado em Paris, sentou-se na cama de Venécia. Millie e Helena pairaram do outro lado.

— Miss Fitzhugh diz que perdeu a consciência uma hora atrás. E que você sofreu males abdominais durante vários dias.

— Isso é correto.

Miss Redmayne sentiu a testa e pulso de Venetia.

— Não há febre. Seu pulso está bem, se um pouco apático. Tudo o que pode ter precipitado a perda de consciência?

— Não consigo pensar em nada. Eu provavelmente nunca me recuperei dos efeitos do peixe.

— Você teve o peixe também, Miss Fitzhugh?

— Sim.

— Isso causou-lhe quaisquer desconfortos?

— Não, eu não posso dizer que fez.

Miss Redmayne dirigiu-se a Millie e Helena.

— Lady Fitzhugh, Miss Fitzhugh, nos dariam um pouco de privacidade? Tenho que realizar um exame mais aprofundado.

— É claro, disse Millie, soando um pouco perplexa.

Quando ela e Helena tinham desocupado o quarto, Miss Redmayne indicado a colcha.

— Posso?

Sem esperar por uma resposta, ela tirou a colcha e pressionou delicadamente sobre o abdômen do Venetia.

— Hmm, ela disse. Sra. Easterbrook, quando foi o primeiro dia da sua última menstruação?

A questão que Venetia tinha estado temendo. Ela mordeu o lábio inferior e disse uma data há quase cinco semanas.

Miss Redmayne pareceu pensativa.

— Mas isso não pode ser o caso, declarou Venetia. Não posso conceber.

— A culpa pode muito bem estar com o seu cônjuge falecido, ao invés de consigo mesma, Sra. Easterbrook. Agora, se eu posso ser tão rude, tomou um amante desde sua última mensalidade?

Venetia engoliu. — Sim.

— Então, apesar do diagnóstico poder ser indesejável para você, temo que você está grávida.

Ela sabia disso, não era, desde da primeira situação de enjoos matinais? Ela tinha estado em torno de outras mulheres casadas o suficiente para ter ouvido esse sintoma específico. Mas como ela conseguiu ficar longe de uma confirmação oficial do seu estado, ela poderia continuar a ignorar o que o corpo dela estava tentando dizer-lhe.

Não mais.

— Está certo, Miss Redmayne, que eu não tenho um tumor ou algo do tipo?

— Tenho certeza, disse Miss Redmayne. Ela era muito simpática, mas a autoridade do tom dela era inconfundível.

Venetia agarrou as folhas entre os dedos.

— Quanto tempo eu tenho antes de minha condição tornar-se visível?

— Algumas mulheres conseguem esconder sua condição até quase ao fim da gestação com a ajuda de espartilhos especiais apesar de não ser recomendável pelo mal que isso faz para ambos, mãe e filho.

Uma dama retira-se da sociedade quando a gravidez já não pode ser escondida. Venetia realmente tinha ouvido boatos de mulheres mantendo um segredo de barriga crescente até poucas semanas antes do confinamento.

— Mas acho que não é o que você está perguntando, continuou Miss Redmayne. Medido desde o primeiro dia da sua última menstruação, é considerado como estando no segundo mês de gestação. Em geral, você terá até o quinto ou o sexto mês antes da condição se tornar óbvia.

Pelo menos, ela ainda tinha algum tempo. — Obrigada, Miss Redmayne. Posso confiar na sua descrição?

Miss Redmayne inclinou a cabeça dela.

— Você pode ter certeza disso, Sra. Easterbrook.

Christian lembrou um tempo em que o Museu Britânico de História Natural fechava suas portas às quatro horas, todas as tardes. Pena já não o fazer. Por isso, eram mais de cinco horas quando ele se encontrou em frente da sua fachada de terracota. Se o museu já tivesse fechado, ele ganharia juízo e correria com a velocidade de um antílope fugindo de um leão. Mas, o Museu permaneceu aberto aos visitantes, e os pés dele moveram-se por sua própria vontade, passando os ossos da baleia azul na ala leste.

Várias vezes, ele quase se virou. Uma vez, ele chegou mesmo a parar, o que aborreceu um tipo professoral cujo caminho ele bloqueou. Mas, ele não poderia travar o ímpeto terrível que eventualmente o empurrou a passar outra vez, os mamíferos, na Galeria de Répteis.

Não sabendo muito bem articular o porquê, ele estava indo diretamente para o *Cetiossauro*, em frente do qual ele e a Sra. Easterbrook haviam trocado palavras, palavras hostis suas e irreverentes da parte dela.

Quando ele não estava olhando para o rosto dela, ele tinha encarado a bolsinha que ela pousou na borda da caixa de exibição, porque os dedos dela tinham jogado à toa com seu cordão. A bolsinha em si era de brocado cinzento pálido, bordado com pombas segurando ramos de Oliveira.

E onde ela tinha descansado, havia uma placa.

Os fósseis do Cetiossauro cortesia de Miss Fitzhugh de Hampton House, Oxfordshire, que desenterrou o esqueleto em Lyme Regis, Devon, 1883.

Capítulo 15

— Oh bom, disse Fitz, ainda digitalizando a carta. Venetia está voltando para a cidade. Millie espalhou mais manteiga na sua torrada. Não tens que ir, então.

A maior parte da semana, Venetia esteve hospedada no campo, recuperando-se de uma doença persistente que ela tinha pego durante a travessia. Fitz, que teve que acompanhá-la a Oxfordshire, tornou-se cada vez mais preocupado que ela tinha escolhido desligar-se do resto do mundo. Ele informou Millie, quando se sentou ao pequeno-almoço, que ele poderia estar indo para a estação ferroviária dentro de uma hora.

Ela deu uma espreitadela na pequena montanha de cartas perto do cotovelo dele. Ele olhou através da pilha, parou na carta de Venetia e a leu primeiro. Agora, ele abriu outra carta.

— De quem é? Ela perguntou, colocando ainda mais manteiga na sua torrada.

— Leo Marsden.

Sr. Marsden tinha estado na mesma casa com Fitz em Eton. Ele deixou a Inglaterra após a anulação do seu casamento.

— Ele ainda está em Berlim?

— Não, ele tem estado na América desde o último Outono, mas diz que pode estar indo para a Índia.

A simples menção da Índia fez o peito de Millie apertar.

— É manteiga na torrada ou torrada na manteiga? Ele sorriu para ela. Se você quiser, você pode servir-se manteiga ao quilo.

Então, ele tinha notado. Ela deu uma mordida na sua torrada, e não sentiu sabor nenhum.

Fitz terminou a carta do Sr. Marsden, colocou-a para ser respondida, e remexeu o resto da pilha. Como pensou que aconteceria, ele congelou.

Lentamente, ele virou o envelope. No verso do envelope, ele viu o nome do remetente, com uma letra rebuscada, *Sra. John Englewood, Hotel de Northbrook, Deli*. Millie manteve seu rosto para baixo e cegamente pegou algo de seu próprio monte de cartas.

Do canto do olho dela, ela viu que ele tinha na mão apenas um feixe de papel. O lado de trás da carta, em frente dela, estava meio em branco, não era

uma longa carta. Mas, a Sra. Englewood não tinha escrito, ela não tinha contatado Fitz desde o dia do seu casamento, por isso esta carta era um evento, uma mudança de terreno.

— Os Featherstones convidaram-nos para jantar, disse Millie. Parecia como se ela devesse dizer alguma coisa, manter a pretensão de normalidade. Sra. Brightly definiu a data do casamento para o Senhor Geoffrey Neels e gostaria de participar. E Ah, Lady Lambert cancelou sua festa no jardim, o pai dela faleceu e ela entrou em luto.

Ela soou tão chata. Quão desinteressante e terrivelmente entediante. Mas o que ela podia fazer? Tais eram as coisas que ela e Fitz diziam um ao outro.

Ele nem sequer a ouviu. Ele alcançou o verso da carta. E, quando ele terminou, ele imediatamente virou e começou a partir do início novamente.

Ela já nem se incomodou em se interessar por alguma coisa. Ele leu com uma concentração feroz, como se ele tivesse lido muito rápido a carta, pela primeira vez, e agora devia ler lentamente cada palavra.

E, quando ele tinha terminado de lê-la pela segunda vez, ele não a colocou na pilha “para responder” ao lado da carta do Sr. Marsden, mas cuidadosamente, envelope e tudo, ele a colocou dentro no bolso de seu casaco de dia.

Ela virou a cabeça, de volta para os convites e anúncios que não importavam.

— Sra. Englewood está retornando para a Inglaterra, disse Fitz, seu tom notavelmente calmo.

Millie olhou para ele, se não desse um pouco de atenção a esta notícia seria antinatural. — Capitão Englewood renunciou à sua Comissão, então?

Fitz inclinou-se para o seu café.

— Capitão Englewood não existe mais.

— Oh, disse Millie. Sra. Englewood era uma viúva. Os pensamentos agitaram-se bem alto na cabeça dela. Como ele morreu? Ele tinha sua idade, não tinha?

— Febre tropical, e ele era cinco anos mais velho que eu.

— Eu vejo. Quando ele faleceu?

— Março do ano passado.

Millie piscou os olhos. Sra. Englewood não era apenas uma viúva, mas uma viúva que já estava fora de seu luto profundo de um ano e um dia, livre para se mover na sociedade.

— Isso foi há treze meses. Como não soube mais cedo?

— De acordo com ela, a mãe do Capitão Englewood estava com a saúde debilitada. Como ela não era suposto durar muito tempo, quando ele faleceu de repente, decidiu manter em segredo a notícia pois a morte de seu primogênito lhe causaria muita dor em seus últimos dias. Mas, ela aguentou-se por mais tempo do que todos pensavam que ela iria.

Millie sentiu uma pontada forte de simpatia com a mãe do Capitão Englewood, que, sem dúvida, esperava para ver seu filho uma última vez.

— Eles deviam ter contado a verdade. Ou, ela teria ido para a morte, pensando que ele não podia perder tempo para vir vê-la.

— Eles fizeram, finalmente, disse Fitz tranquilamente. E ela faleceu dez dias depois.

Lágrimas picaram a borda dos olhos da Millie. Ela lembrou o leito de morte da própria mãe. Fitz tinha movido céus e terra para ela voltar para a Inglaterra nessa altura, ainda a tempo, e ela sempre ficaria muito grata a ele.

Ela tomou uma respiração profunda.

— Quando Sra. Englewood deverá estar de volta?

— Em junho.

Um mês antes de seu pacto de oito anos que terminava em julho.

— A tempo de ter um pouco de diversão em Londres, eu vejo. Tenho certeza de que ela deve estar ansiosa para isso.

Fitz não respondeu.

Millie deu outra mordida na torrada, engoliu-a com a ajuda de um copo de chá e levantou-se.

— Bem, olhe para o tempo. Melhor ir ver se Helena está pronta. Ela tem uma prova de roupa que Venetia me fez jurar que eu não iria esquecer.

— Quase não comeu nada, ressaltou.

Por que ele também notou isso? Por que ele fazia estas coisas que lhe davam esperança?

— Eu já estava cheia quando você veio, disse ela. Se me der licença.

Christian estava a trabalhar.

Ele inspecionou metade de seus empreendimentos e negócios pessoalmente, leu inúmeras contas e relatórios e até cumpriu o seu dever como um membro da casa dos Lordes. Seus colegas ficaram surpresos ao vê-lo. O Duque de Lexington sempre tinha tomado um assento na câmara alta, mas raramente este Duque em particular, famosamente indiferente à política, apresentou-se no Parlamento.

Livros e cartas enchiam todos os minutos restantes de suas horas de

vigília.

Mas ele não precisava ter sido tão meticuloso. Sua mente, voltada para a verdade e racionalidade, agora se revelou ser capaz do tipo de autoengano que anteriormente tinha desprezado. Por quase uma semana, como um ladrão andando nas pontas dos pés, ele contornou com êxito todas e quaisquer memórias e discernimentos que poderiam disparar o alarme.

Em seguida, tudo desabou. Lógica era inexorável. Verdade não poderia ser negada. As provas, tendo esperado sua vez, esperaram sua mente ser embalada num estado de falsa segurança para montar um ataque em suas defesas adormecidas.

Nunca houve uma Baronesa von Seidlitz-Hardenberg. Só havia Sra. Easterbrook. E ele tinha confiado tudo a ela.

Tudo.

Não admira que ela estivesse tão ansiosa para partir na *Rhodesia*. Ela tinha extraído todo o conhecimento de sua turbulência interna. Não havia mais nada para aprender. E não admira que ela tivesse sido tão presunçosa toda vez que ela o encontrou desde que voltaram da travessia. Para sempre ela seria capaz de olhar para ele e rir, sabendo quão bem e verdadeiramente ela o tinha subjogado.

O esquema era sórdido, seu sucesso, esmagador. Ele tinha participado plenamente e amava-a com tudo de bom e valioso nele.

Ele jogou os menus em relevo de ouro que tinham sido impressos para o jantar no Savoy no fogo e cobriu as cinzas com todas as cartas que ele tinha escrito para ela, uma para todos os dias que antecederam o jantar e o último enquanto aguardava a *Rhodesia* retornar de Hamburgo. Ele não podia mesmo acreditar: ele ainda escreveu para ela depois que ela tinha repudiou a sua promessa e dado de volta o seu presente. Ele só parou quando viu a placa com o nome de solteira no Museu.

Ele mexeu a lenha que queimava com o atizador de lareira. A peça era sólida e pesada em sua mão. Ele queria esmagar alguma coisa com ela: a cornija de lareira em mármore, o espelho de moldura dourada, os vasos de Sèvres. Ele queria destruir o quarto até que nada restasse a não escombros e destroços.

Mas ele era Christian de Montfort, o Duque de Lexington. Ele não fazia um espetáculo de sua dor. Ele não tinha raivas infantis. E ele iria manter sua dignidade e a compostura, mesmo quando seu coração tinha sido arrastado por uma floresta de facas.

Uma batida soou na porta. Ele franziu a testa. Ele tinha sido claro para sua equipe, ele não estava para ser incomodado. Sua equipe era altamente competente e bem treinada. Ele só podia supor que havia uma emergência.

— Sra. Easterbrook para vê-lo, Sua Graça, disse Owens, o lacaio.

Seu coração batia violentamente. Veio regozijar-se, não é?

— Eu não disse que eu não estou em casa hoje à tarde?

— Sim, Senhor, disse Owens se desculpando, mas a Sra. Easterbrook disse que gostaria de vê-la.

De fato, como poderia alguém acreditar, contemplando sua beleza radiante, hipnótica, que ele não queria vê-la?

Repreender Owens seria contraproducente. E por ela ir visitá-lo, reconhecer esta fraude, foi uma gentileza, se ela entendeu isso ou não.

— Vou vê-la aqui, ele disse, em cinco minutos.

Ele precisava, pelo menos, desse tempo para se recompor.

Venetia estava francamente surpresa que Christian concordou em vê-la. Ela não era capaz de sentir muito mais além de terror, uma coisa inchada com garras e tentáculos que iam da garganta até o estômago.

Seus dias afastada de Londres tinham sido bons para a saúde, uma dieta mais espartana tinha aquietado o seu estômago e evitado mais episódios do enjoo de manhã, mas sua mente tinha ficado cada vez mais confusa e apreensiva, quando ela considerava suas escolhas.

Ela tinha sorte de possuir quer os fundos, quer a liberdade de movimento. Ela podia optar por passar o outono e inverno em algum lugar no exterior, dar à luz em segredo e encontrar um bom lar para a criança aqui na Inglaterra se, ela conseguisse suportar estar longe da criança.

Ela tinha pensado com grande seriedade em pedir ajuda a Fitz e Millie. Millie podia ir embora com ela e depois voltar para Inglaterra, fingindo que a criança era dela. Era a melhor solução que podia pensar nestas circunstâncias. Ela confiava em seu irmão e cunhada para serem bons pais, e ela mesma, como a tia coruja, poderia visitar tão frequentemente quanto quisesse e ver a criança crescer.

No entanto, se o bebê fosse um menino, ele seria considerado herdeiro de Fitz. E o próprio filho primogênito de Fitz e de Millie, que eles deveriam ter no futuro, iria ser roubado de sua herança de direito. Aparentemente, outros casais inférteis tinham produzido crianças após longos períodos de vida em comum, e seria egoísmo de Venetia supor que Fitz e Millie não teriam filhos.

O que a levou para a opção de se casar, ela própria. Encontrar um bom

noivo não devia ser uma tarefa impossível. Havia outros homens como o Sr. Easterbrook. Se isso falhasse, talvez um viúvo com filhos seus, suficientemente apaixonado para não se importar de dar o seu nome ao filho de outra pessoa.

Mas seus pensamentos sempre voltavam ao Duque. O filho era dele. Talvez ele não quisesse seu sangue criado na casa de outro homem. E talvez, só talvez, ele merecesse saber que ele estava prestes a se tornar um pai.

Exceto que, para ele saber disso, ela teria que confessar tudo, a perspectiva disso a fazia querer fugir como se ele fosse o Monte Vesúvio e ela uma infeliz moradora de Pompeia. Como poderia ela voluntariamente enfrentar sua ira?

E ainda assim, aqui estava ela, no salão principal de sua casa, suas palmas úmidas, a barriga doendo, o coração a bater tão forte que ela estava quase vesga.

O laçao reapareceu.

— Aqui, por favor, Sra. Easterbrook.

Ela andava, mas quase não sentia seus pés. Ainda não era tarde demais para virar e fugir, raciocinou a voz de sua autopreservação. O Duque não ia persegui-la para fora nas ruas para descobrir por que ela viria vê-lo.

Fuja. Você apenas acredita que pode fazê-lo porque você não pensou muito bem sobre isto. Esta confissão não é uma dor de curta duração para ser suportada por meia hora. Não faz ideia do que ele vai fazer. Se ele quiser, ele poderá fazer você infeliz para o resto da sua vida.

O laçao abriu a porta para um estúdio.

— Sra. Easterbrook, Senhor.

A garganta estava apertada. Ela não conseguia nem engolir. Ela estava em cima do limiar da porta, dois segundos ou cem anos? Então, de repente, ela estava lá dentro, o laçao saindo, fechando a porta atrás dela.

Quase que imediatamente seus olhos foram atraídos para uma fotografia na lareira. Ela tinha estado muito nervosa para perceber como era a casa e seu recheio, mas este retrato, ela viu-o muito claramente: o jovem Duque e sua madrastra juntos, cada um segurando um punhado de dardos, ao lado de uma árvore, os dois de pé.

Em vez disso, nós jogamos dardos em uma árvore.

Ele tinha sido honesto e correto. Ela tinha sido tudo, mas não tinha sido isso. E, agora, ela devia sofrer as consequências de sua ação.

O Duque não se levantou para cumprimentá-la. Ele já estava em pé em

frente de uma janela.

— Sra. Easterbrook, ele disse sem se virar para ela, olhando a rua abaixo.

— A que devo o prazer desta visita?

Ela tinha quebrado o cérebro dela sobre como abordar o assunto, mas apenas as palavras mais simples emergiram da garganta ressecada. — Vossa Senhoria, estou grávida.

Cabeça dele levantou-se abruptamente. Um terrível silêncio sufocou o quarto. Finalmente, ele disse: — e o que quer que eu faça?

— A criança é sua.

— Você tem certeza?

Seu sangue frio chocou-a momentaneamente, afastando o medo. Ele devia estar indignado, e ainda assim, agia como se a única notícia inesperada fosse a sua gravidez.

— Você sabe que era eu no *Rhodesia*? Como?

— Isso importa? O Tom dele era ártico, distante.

Ela olhou para baixo para o tapete. Suas ações tinham sido muito más. Mas, ele ter descoberto o engano sozinho, de alguma forma fez tudo pior.

— Para responder à sua pergunta anterior, sim, estou certa de que a criança é sua.

— Você é uma mulher rica. Imagino que você não veio para pedir dinheiro.

— Não, eu não vim.

— O que você quer?

— Eueu esperava que você pudesse me aconselhar sobre isso.

— Por que você acha que teria um conselho para oferecer? Eu pareço ter o hábito de engravidar regularmente as mulheres?

— Não, claro que não.

— E não me informou que você não poderia conceber?

Ele pensou que ela iria deliberadamente enganá-lo, a fim de se colocar nesta situação insustentável? — Eu fiz.

— Como sei que está dizendo a verdade?

— Sobre a minha antiga infertilidade? Dou os nomes dos médicos que me examinaram.

— Não, a respeito de seu estado atual de saúde.

Ele quis dizer a sua gravidez. Girou a cabeça dela. — Você acha que eu mentiria sobre isso?

Ela arrependeu-se imediatamente, foi precisamente a coisa errada para

dizer.

Ele não perdeu a oportunidade. — Você deve admitir, Sra. Easterbrook, você mente sobre uma surpreendente gama de coisas.

Ela tomou uma respiração profunda. — Tenho de admitir que é difícil parecer crível em frente a você, ser honrosa. Mas qual a vantagem em fingir que estou grávida quando não estou? A situação só apresenta inconvenientes.

— Oh, tenho certeza que não há nenhuma vantagem em carregar o meu filho.

Ela não tinha imaginado que a conversa poderia tomar esta direção em particular. Era realmente tão vantajoso para uma mulher solteira estar grávida do filho do Duque de Lexington?

Ou, ele estava em negação, como ela tinha estado? Aceitar a gravidez como um fato, era aceitar que não havia nenhuma hipótese de se afastar deste caso, que seu significado iria reverberar em sua vida para um futuro previsível e para além disso.

— Não há um princípio científico que diz que a explicação mais simples tende a ser a correta?

— E qual é sua explicação simples, Sra. Eastbrook?

— Que eu era estúpida e não me preparei para a possibilidade de concepção.

Ele, finalmente, se virou. Seu coração doeu. Tornou-se ainda mais magro, as suas maçãs do rosto proeminentes e afiadas.

— Você preparou-se para quê?

— Peço desculpas?

— Uma mulher como você não cobre a cara sem uma razão. O que quis alcançar?

Ela queria explicar toda a sua vida que antecedeu a sua palestra em Harvard, o buquê que havia sido enviado por engano para o quarto dela e seu esquema devido à raiva que sentiu, um pouco incoerente e ridículo. Ela queria dizer-lhe como ele tinha derrubado o plano dela inteiro e sitiou o coração dela. E, ela queria deixá-lo saber que foi o maior erro da vida dela, não revelar o momento em que ela percebeu que ela tinha caído no amor.

Mas ele não acreditaria em nada disso. Agora não. E não, ela apercebeu-se abruptamente nunca.

Porque ele era um homem treinado para examinar apenas fatos, aqui estavam os fatos indisputáveis: ela tinha o seduzido sob falsos pretextos. Ela tinha arrancado um pedido de casamento dele. Ela prontamente tinha

desaparecido e ela, posteriormente, renegou sua promessa de o encontrar novamente, enquanto dançava com ele, falava com ele e o via apodrecer de ansiedade e sofrimento.

Ele não gostaria de ouvir o que ela tinha mudado em sua mente. Que tinha sido doloroso para ela deixá-lo ir, e ainda mais, agora, defrontá-lo como um estranho desprezado. Essas emoções não podem ser testadas cientificamente. Portanto, eles não eram fatos, totalmente inválidos e irrelevantes.

Ela já sabia disso. Ela sabia disso tudo desde do início. Mas, a gravidez deve ter destruído seu senso comum. Porque ela tinha vindo com medo, mas não sem uma réstia de esperança, que ela seria capaz de elucidar as questões, de derramar uma luz tão poderosa de razoabilidade sobre os fatos que ele veria seu ponto de vista.

Quando o amor dela era o único aspecto mais inexplicável e irracional nesta história toda.

— Tem algo a dizer que a justifique? Ele perguntou.

O gelo de sua voz enviou fortes dores através dela. Ela temia a condenação. Ela nunca tinha pensado que ela preferiria a condenação ao distanciamento, ao fim. Uma condenação era um gesto apaixonado, alimentado pela força do sentimento. Um distanciamento... não era nada, nada mesmo.

Ela não podia falar de amor e saudade enorme perante esse distanciamento. Ela não podia falar perante esse distanciamento da espera fora de sua casa na cidade para ter um vislumbre dele. Ela não podia falar para essa frieza de suas esperanças para o futuro, de mover-se além deste impasse e haver um perdão futuro. Perante este distanciamento e frieza, e particularmente uma tão grande e condescendente quanto a dele, ela não tinha nenhuma escolha a não ser a grande beleza. A grande beleza não tinha muito para recomendá-la. Mas ninguém negava provimento à grande beleza.

— O que eu queria, claro, era o seu coração numa bandeja, disse a grande beleza.

Christian estava frio, apesar do fogo crepitante na lareira, frio como as árvores no seu jardim, tremendo na chuva.

— E qual era a natureza de seu interesse em meu coração, exatamente?

Ela sorriu. — Eu queria quebrá-lo. Eu estava lá na sua palestra de Harvard.

Como poderia a crueldade ser bonita? Ainda estava incandescente. — Por causa do que tinha dito?

— Isso mesmo.

— Isso não valida a minha opinião sobre você?

— Talvez. Mas não tem um coração partido, não é?

Um músculo contorceu-se no canto do seu olho, finalmente ele sabia com quem estava lidando. — Um plano elegante, ele disse lentamente. — Um desprezível, mas elegante, no entanto.

Ela deu de ombros. — Aí de mim que sou fértil afinal. Eu prefiro esquecer-me de você, de uma vez por todas.

Por nenhuma razão, ele pensou na doçura de descansar a cabeça no colo dela, os dedos dela vasculhando seu cabelo, enquanto conversavam de tudo e nada. Ele devia tê-la deixado em paz, pelo menos, ele teria gostado das memórias. Agora ele não tinha nada, menos do que nada.

— Tenho certeza de que sim, ele disse, sua voz inexpressiva.

— Bem, então, eu já o incomodei tempo suficiente, ela disse brilhantemente. — Bom dia, Senhor, vou andando.

Não foi até que ela estava quase à porta, que ele se lembrou.

— Ainda não. Não discutimos ainda o que fazer com a criança.

Ela deu de ombros novamente. — A criança não vai apresentar nenhum problema para uma mulher como eu. Eu vou encontrar alguém para se casar comigo, que deverá ser tão simples como escolher um chapéu novo. Mais simples, se me permite dizer, hoje em dia a chapelaria é complicada e demorada. Por que, da última vez levei uma hora para decidir sobre todas as guarnições.

Christian estreitou os olhos. — O pobre tolo irá involuntariamente criar um bastardo de outra pessoa?

Suas carrancas eram famosamente conhecidas e temidas. Elas não tinham qualquer efeito sobre a Sra. Easterbrook.

— Posso dizer-lhe, se quiser. Também gostaria de informá-lo de sua identidade?

Ela riu-se, obviamente, achando sua própria piada muito engraçada. Seu sorriso era o som de sinos de vento, claros e melodiosos. Tão arrogante e insensível como ela era, não havia um único aspecto sensorial dela que fosse nada menos que a perfeição.

— Não permitirei meu filho ser criado na casa de alguém estúpido e ingênuo o suficiente para casar com você.

— Bem, isso certamente elimina você da disputa, não é? Senhor, quis casar-se comigo, também, se me lembro bem.

Na verdade, ela ousou lembrá-lo disso. Vergonha e raiva revolviam-se

dentro dele, ambos a esquentar.

— Eu queria casar com a Baronesa von Seidlitz-Hardenberg, o que fala mal da minha inteligência, mas não tão mal como se eu quisesse casar com você.

Ela sorriu, imperiosa, inflexível. — Podemos ficar aqui o dia todo e trocar insultos, Sua Graça. Mas tenho compromissos para manter, e chapéus para selecionar. Se você não deseja que o seu filho cresça em um lar respeitável, tem alguma solução melhor para propor? Lembre-se, eu não posso ter escândalos. Eu ainda tenho uma irmã para casar.

— Jure pela vida da sua irmã que você está carregando o meu filho.

— Eu juro.

— Então eu casarei com você, pelo bem da criança. Mas se você estiver mentindo, peço o divórcio da maneira mais pública possível.

Ela olhou-o um minuto, seu olhar límpido e ilegível. — Presumo que concordando em casar com você, não preciso ver um vestido de noiva ou um pequeno-almoço do casamento.

— Não, irei obter uma licença especial. Vamos casar perante o número de testemunhas exigido por lei. Se você deseja trazer membros de sua família, à vontade, mas eu deixo os meus fora dessa desgraça.

— E depois? Vamos nos separar? O tom dela era leve e sarcástico.

— Vou deixar isso para você. Você pode retornar para sua própria residência ou você pode fixar residência aqui. Não faz diferença para mim.

— Quão tentador. Tenho certeza de que nunca recebi proposta mais doce.

O músculo à direita do seu olho saltou novamente.

Ela colocou a mão na maçaneta da porta. — Você tem quinze dias para a licença, Sua Graça. Depois eu vou deixar saber que eu estou precisando de um marido.

Capítulo 16

Senhora, Esta carta é para informá-la que eu tenho a licença especial na mão. Vamos nos casar às dez horas, amanhã de manhã, na Igreja de s. Paulo na Praça de Onslow.

*Seu
Lexington*

Senhor, Esta carta é para informá-lo que tomei a decisão de fixar residência em sua casa depois de tudo. Espero tê-la pronta para a minha chegada.

*Atenciosamente,
Sra. Easterbrook*

Senhora, Vou estar indo para Algernon House amanhã à tarde.

*Atenciosamente
Lexington*

Senhor, Claro, uma lua de mel no campo. Eu aprovo.

*Atenciosamente,
Sra. Easterbrook*

P.S. No campo, vou precisar de muito pessoal, uma égua moderadamente mansa e folhas com aroma de lavanda.

Venetia tinha mantido o vestido de brocado azul que ela tinha usado para se casar com o Sr. Easterbrook, mas ela não ousou deixar a casa em algo que tão obviamente não era um vestido de passeio.

Ela não acreditava ainda completamente que o Duque casaria com ela. O terrível sobre ter mentido tão esmagadoramente é que agora ela sentia que ele não lhe devia nenhuma verdade. Que se ele estivesse tendo uma brincadeira cruel, ela não tinha ninguém para culpar além de si mesma.

Ela chegou na igreja quinze minutos mais cedo. Ele já estava lá no banco da igreja, sentado com a cabeça inclinada.

Ao som de seus passos, lentamente levantou-se, e virou-se, e franziu a testa. Ele estava com um casaco de manhã, o item mais formal no guarda-roupa de um cavalheiro para o dia, o que podemos usar no próprio casamento. Ela, por outro lado, parecia que estava tomando um passeio no parque e parou para satisfazer sua curiosidade sobre o interior da igreja.

— Bem, estou aqui, ela disse. — E eu não te fiz esperar.

Seu semblante escureceu. Tardiamente, ela lembrou-se de como alegremente ele esperou por ela no *Rodésia*, ela estava começando a exhibir um grande talento para dizer as coisas erradas.

— Vamos prosseguir, disse ele friamente.

— Onde estão nossas testemunhas?

— A arranjar flores na sacristia.

O clérigo já estava em pé diante do altar. Ele encarou Venetia quando ela se aproximou. Ela reconheceu os sinais de perigo. Quando ela disse ao Duque que ela tinha um certo efeito sobre os homens, ela não estava exagerando. Não era sobre todos os homens e a todo o momento, mas quando o efeito aparecia, propostas voaram como confete e todas as partes envolvidas geralmente acabavam sentindo-se bastante envergonhadas.

Suor escolheu da testa frisada do homem. — Vai você...

— Sim, eu dou consentimento para casar com a Sua Graça, ela disse apressadamente. Não vai chamar nossas testemunhas?

Isto não pareceu ser o bastante. — Eu sei que nunca fomos apresentados, disse o padre, — Mas senhora...

— Estou muito grata que você pode nos casar em tão pouco tempo, Reverendo. Por favor, se houver alguma coisa que possamos fazer para sua paróquia e para esta igreja linda, você deve deixar-nos saber.

O homem limpou a garganta. — Eu — hum — eu — hum — Sim, prazer em ajudar, Senhora.

Venetia suspirou de alívio. Ela deu uma espiada no Duque. Seu rosto estava impassível. Ela pode ter parado o clérigo de fazer um tolo de si mesmo, mas o Duque tinha adivinhado muito bem o que o homem estava prestes a fazer.

E ele a culpou por isso.

As testemunhas foram chamadas. O clérigo, ao ter recuperado a sua inteligência, olhava para todo o lado menos para Venetia. Ele correu através das orações e pedi-lhe para repetir os votos atrás dele.

Enquanto seguia o clérigo que murmurava, ela não pode evitar um estremecimento de miséria. O que ela fazia? Estava ela ainda a apegar-se a uma ilusão de que um dia ele podia voltar a ser o amante que ele tinha sido no *Rhodesia*? E, apostava o resto de sua vida nisso? Até mesmo um casamento iniciado com esperança e boa vontade pode tornar-se terrível. Que esperança havia para esta união, selada por tal antagonismo e desconfiança?

O Duque recitou seus votos com notável desapego — Venetia tinha ouvido

Fitz memorizar suas declinações latinas com maior sentimento. Onde estava o homem que queria passar cada minuto com ela? Que estava disposto a enfrentar todos os obstáculos para estar perto dela?

O pior deste forçado nupcial era que tinham sido verdadeiros no *Rhodesia*. E agora, as duas pessoas que hoje davam nó eram as suas fachadas, a beleza e o Duque altivo, insensível.

Ela nunca mais veria o verdadeiro eu dele? E ela, ousaria deixar ele ver o dela?

Helena estava perdendo a cabeça.

O custo de papel tinha subido novamente. Dois manuscritos que ela estava esperando, continuavam sem aparecer. Susie, sua nova carcereira, sentou-se fora de seu escritório a bordar uma pilha de lenços com a paciência de uma tartaruga de cem anos. Ainda assim, para Helena estaria tudo bem se Andrew tivesse vindo para sua marcação oficial esta manhã no Fitzhugh & Co., para receber a primeira cópia, fresca fora da imprensa de impressão, do segundo volume de sua *história de East Anglia*.

Três semanas passaram-se desde o seu retorno à Inglaterra, três longas e frustrantes, especialmente depois que ela recebeu sua última carta, o dia depois do baile do Tremaines. Ele tinha sido objetivamente apologético, alegando que ele tinha visto o erro de seus caminhos e já não faria qualquer coisa para pôr em perigo a reputação dela.

Droga, a reputação dela. Ninguém pensava na felicidade dela?

A mãe de André tinha se recuperado do surto de febre que deixou todo mundo preocupado. Helena até a viu em uma função, parecendo frágil, mas determinada. Ele, no entanto, continuou a estar ausente de todos os meios sociais. A única vez que ela o encontrou tinha sido em uma corrida com a Millie, e ela não ousou mais do que um sorriso e um aceno de cabeça.

E, agora isto cancelou o encontro.

Ela andou pela sala. Mas, isso só a fez mais agitada. Então, ela sentou-se, olhou através de um lote de cartas e abriu um pacote de manuscrito. O manuscrito era para um livro infantil. Fitzhugh & Co. não publicava livros infantis, mas a ilustração dos dois patos pequenos na primeira página era tão encantadora que, mesmo sem querer, ela virou a página.

E caiu em uma hora de pura magia.

O manuscrito era de uma dúzia de histórias com o mesmo elenco de personagens animais adoráveis. Ela gostava de todos. Mas, eles não foram arranjados de forma devidamente ordenada. Com algumas cotoveladas e

ajustes nas histórias, eles poderiam ser apresentados em uma sequência cronológica, sazonal. Ela iria publicar a primeira história em setembro e, em seguida, um livro por mês durante os onze meses a seguir. As histórias trariam popularidade e demanda, e ela iria publicá-los em um belo conjunto de caixas para o Natal seguinte.

Ela entrou na sala de recepção, fora do seu santuário.

— Miss Boyle, quero imediatamente enviar uma carta para..., ela olhou para baixo para o manuscrito na mão, Miss Evangeline South e oferecer cento e vinte libras para os direitos autorais de sua coleção. Os nossos termos usuais de comissões. Peça a ela para responder o mais depressa que puder...

Hastings estava sentado junto à janela, bebendo chá.

— O que faz aqui?

— Eu me ofereci para buscá-la. A Sra. Easterbrook convocou um almoço familiar, ele respondeu. Você deveria ter um telefone instalado, a propósito, então não precisava vir até aqui.

— Você não precisa, isso é a própria definição de voluntariado, não é? Ela respondeu. E por que está envolvido em um almoço de família?

— Eu não disse que estava frequentando o almoço, só que iria levá-la a casa de Fitz.

— Mas Miss Boyle e

— Mande uma cesta de produtos alimentares do Harrods. Seus funcionários terão um almoço muito bom. Agora podemos ir? Minha carruagem a aguarda.

Como ela não tinha boas objeções que poderiam ser ditas em frente da empregada dela e sua secretária, ela acabou dando direções para Miss Boyle, abotoou a jaqueta, saiu e entrou na carruagem.

— Cento e vinte libras para os direitos autorais, que você vai segurar, pelo menos, por quarenta e dois anos, é uma oferta miserável, não é? Perguntou Hastings, quando ele sinalizou o cocheiro para começar.

— Eu direi a você que Miss Austen recebeu cento e dez libras para o manuscrito de *Orgulho e Preconceito*. E, isso foi em uma época, quando a libra esterlina era bastante fraca devido a gastos das guerras napoleônicas.

— Ela foi assaltada. Você da mesma forma roubará Miss South?

— Miss South é livre para escrever-me uma contraoferta. Ela também tem a opção de publicação pela Comissão, se ela não quer uma soma considerável na frente.

Hastings sorriu. — Você é uma mulher astuta, Miss Fitzhugh.

— Obrigado, Lorde Hastings.

— O que torna ainda mais incompreensível o que você vê no Sr. Martin.

— Vou te dizer o que vejo nele, Senhor: uma abertura de espírito, uma capacidade para admirar, uma absoluta falta de cinismo.

— Você sabe o que eu vejo nele, Miss Fitzhugh?

— Não, eu não.

— Covardia. Quando o viu pela primeira vez, ele não estava comprometido.

Era mesmo de Hastings encontrar o ponto dolorido em tudo. — Havia uma expectativa de longa data.

— Um homem não deve viver a sua vida pelas expectativas dos outros.

— Nem todo mundo vive sua vida unicamente para perseguir seus próprios prazeres.

— Tirando você e eu.

Um ano atrás, ela teria categoricamente rejeitado essa afirmação. Mas, fazer isso agora faria dela uma hipócrita. Ela virou o rosto para a janela e desejou novamente que ela tivesse empurrado Andrew a desafiar a mãe dele.

A falha dela ao fazer isso tinha-a mudado. De muitas maneiras, para melhor: quando ela recebeu a herança dela, ela não hesitou um momento antes de usá-la como capital para seu empreendimento editorial, ela nunca deixaria outro dos seus desejos fugir dela. Uma vez que ela tinha seus arranjos no lugar, ela se recusou a deixar o manuscrito de Andrew em um canto. As críticas que recebeu após a publicação do primeiro volume, o puseram andando no ar por meses, agradecendo profusamente toda vez que a viu.

Mas, ao mesmo tempo, a perda de Andrew tinha fechado uma porta invisível nela. A felicidade que eles tinham compartilhado, uma vez, tornou-se sagrada. Nenhum outro homem poderia chegar perto de substituí-lo; nenhum homem deveria tentar mesmo.

Ela queria apenas o que ela deveria ter tido, em um mundo ideal.

Fitz assobiou enquanto olhava o relatório na mão.

Millie não o conheceu antes dele ter ficado com uma propriedade em ruínas. Para um homem cuja esperança de vida tinha sido brutalmente sufocada, exceto por um breve período, ele tinha se conduzido com dignidade incontestável, enterrando sua decepção e dedicando-se aos seus deveres.

Não que houvesse algo indigno em um homem assobiando na privacidade da sua própria casa, ela apenas desejou que tivesse acontecido mais cedo.

Que ele não precisasse de uma carta da Sra. Englewood para inspirá-lo.

Ela achou que eles tinham tido momentos bons, também. O encontro de Natal tornou-se uma linda tradição em Henley Park. Os seus amigos ansiosamente aguardavam a sua festa anual de tiro em agosto. Para não mencionar todos os sucessos que eles tinham tido com Cresswell & Graves, nutrindo a empresa perto de moribunda na empresa forte de hoje.

Exceto que nenhuma destas conquistas já o tinha feito assobiar.

Nem foi só o assobio. Foi o olhar distante em seus olhos, o sorriso secreto em seus lábios. Era o que tinha mudado seu aspecto inteiro, de um homem casado consciencioso que lidava com contas, inquilinos e banqueiros para uma juventude inocente com apenas sonhos e aventuras em sua mente.

O rapaz que ele tinha sido, antes do destino ter mostrado a sua mão dura.

E, isso foi algo que Millie nunca poderia partilhar com ele, aquele gloriosa, despreocupada adolescência que conheceu antes dela ter chegado na sua vida, marcando o início do fim.

— Espero não ter incomodado todos grandemente, chamando para um almoço inesperado.

Millie estava assustada com os seus pensamentos. Venetia passeou na sala de visitas, indescritivelmente linda.

— Não, claro que não, disse Millie. Eu já estava em casa e a companhia é muito bem-vinda.

Fitz deixou de lado o relatório e sorriu para a sua irmã. — Você teve saudades nossas desde o pequeno almoço ou há outra razão para...

Ele caiu em silêncio. Millie viu ao mesmo tempo: o anel de Venetia na mão esquerda.

— Sim, disse Venetia, olhando para sua aliança de casamento. Eu fugi para me casar.

Pasma, Millie olhou para o marido, que não parecia tão perturbado como ela esperava que ele estivesse.

— Quem é o sujeito de sorte? Ele perguntou.

Venetia sorriu. Millie não poderia dizer se era um sorriso feliz, exatamente, mas era tão deslumbrante que a deixou com pontinhos dançando na sua retina. — Lexington.

Finalmente, Fitz parecia tão chocado quanto Millie se sentia. — Interessante.

Helena entrou na sala. — Por que estamos falando de Lexington outra vez?

Venetia estendeu sua mão esquerda em direção a Helena. A banda de ouro em seu dedo anelar brilhava suavemente. — Estamos casados, Lexington e eu.

Helena riu sem rodeios. Quando ninguém mais se juntou a ela, seu queixo caiu. — Você não está a sério, Venetia. Você não pode ser.

Venetia estava calma e com expressão neutra no rosto. — Última vez que verifiquei, hoje não é o primeiro de abril.

— Mas por quê? Helena chorou.

— Quando? Perguntou Fitz ao mesmo tempo.

— Esta manhã. O anúncio sairá nos jornais amanhã. Venetia sorriu novamente. — Eu não posso esperar para ver seu museu.

Levou um minuto, a Millie, para lembrar da coleção privada de história natural de Lexington e o entusiasmo que Venetia tinha manifestado por ela. Mas isso foi a um continente de distância e todos estavam brincando. Venetia também estava brincando, não era?

— Mas porquê tão cedo? Ela perguntou.

— E por que não nos disse nada? Helena estava fora de si. — Nós poderíamos ter evitado esta decisão terrível.

Fitz franziu a testa. — Helena, isso é forma de falar com Venetia no dia do casamento?

— Você não estava lá, Helena disse impacientemente. Você não ouviu todas as coisas odiosas que ele disse sobre ela.

Fitz considerou Venetia. Seu olhar caiu para a cintura dela. Foi um olhar rápido, discreto, se Millie não estivesse prestando muita atenção, ela não teria notado.

— Diga a verdade agora, Venetia, ele disse. — Você gostou de sua travessia?

A pergunta parecia um completo despropósito. Para surpresa da Millie, Venetia corou.

— Sim, ela respondeu.

— E você tem certeza do caráter do Lexington?

— Sim.

— Então parabéns.

— Você não pode felicitá-la, protestou Helena. Isto é tudo um engano horrível.

— Helena, você irá abster-se de falar com desrespeito do nosso cunhado na minha presença. Se Lexington aumentou na estima de Venetia o suficiente

para casar, então é hora de você deixar de lado seus preconceitos e aceitar a decisão dela.

Fitz, raramente, entrou o papel do *pater familias*, mas sua repreensão tranquila não tolerava nenhuma dissidência. Helena mordeu o lábio e olhou de lado. O olhar de Venetia estava grato e surpreso.

— Vai partir a sua lua de mel muito em breve, Venetia? Fitz perguntou.

— Sim, esta tarde.

— Não nos vamos perder em conversas, então, disse Fitz. Você terá mil detalhes para ver entre agora e depois. Vamos começar com o almoço?

Como os senhores não usavam aliança, Christian não foi imediatamente abordado por questões de sua madrastra. Mas, ela tinha que saber que ele não iria ter pedido para vê-la sozinho, a menos que ele tivesse algo importante a dizer.

Ambos levaram o seu tempo. Ele perguntou pelo conforto da casa que ela e o Sr. Kingston tinham contratado para a temporada. Ela falou do encantador jardim que tinha vindo com a casa. Não foi até que chegaram ao final da refeição que o tópico se virou para a sua vida privada.

— Qualquer notícia sobre a sua Senhora da *Rhodesia*, meu querido?

Ele mexeu o café que tinha sido colocado em frente dele. — Mamãe, você sabe como me sinto sobre aqueles que não mantêm suas palavras.

Ela tinha enviado uma nota pela manhã depois de perguntar sobre o jantar, e ele tinha-lhe dito a verdade, que ele tinha ficado desapontado. Ele também disse, na mesma nota, que ele planejou descobrir a razão por trás do desprezo da sua senhora e avisaria a duquesa viúva tão logo ele soubesse alguma coisa. Essa última promessa ele não tinha acatado.

— Foi tudo isso que foi preciso para transformar seu afeto? Descobriu por que ela quebrou o encontro?

— Sim, eu fiz. O café, uma marca muito boa, parecida demais como a taça que ele tinha estado tomando quando Sra. Easterbrook tinha ido para sua mesa na primeira noite no *Rhodesia*. Tinha trazido uma tal carga erótica com ela. Ele não tinha podido saborear café desde àquela altura sem sentir uma onda da mesma antecipação.

No café, ele derramou uma quantidade generosa de açúcar e creme. — Infelizmente, o que eu tinha pensado como um evento de mudança de vida era um jogo para ela.

A nobre Duquesa afastou o restante de seu pudim de Nesselrode[31]. — Ah, Christian. Eu sinto muito.

Você não tem ideia. — Vamos, não fale mais nisso. É a água debaixo da ponte.

— É?

A passagem do tempo não tinha embotado a dor e a humilhação. Se alguma coisa, agora que o choque tinha desaparecido, agora que ele sabia exatamente como ela tinha executado o plano dela, cada memória era uma ferida aberta.

— Ela utilizou-me e descartou-me. Não tenho mais nada a dizer dela. Só que ele tinha que continuar a falar dela. — Eu quis dizer-lhe: Eu me casei.

— Me desculpe, devo ter ouvido você errado. O que você disse?

— Sra. Easterbrook tornou-se minha esposa esta manhã.

Ela olhou para ele, sua incredulidade dando lugar ao choque, quando ela percebeu que ele não tinha falado em tom de brincadeira.

— Por que não fui informada? Por que eu não estava *lá*?

— Optamos por fugir.

— Eu não entendo a pressa, ou o sigilo. No tempo que levou para obter uma licença especial, você poderia muito bem me informar dos seus planos.

Ela era a coisa mais próxima que ele tinha de uma mãe. Ele tinha se preocupado com ela e agora ele iria machucá-la, tudo porque ele tinha sido demasiado estúpido para saber que ele tinha sido usado. — Eu me desculpo. Espero que me perdoe.

Ela balançou a cabeça. — Você não me ofendeu, meu querido. Estou chocada. Por que esta fuga de capa e espada? E por que a Senhora Easterbrook? Não fiquei com a impressão de que você era particularmente afeiçoado a ela.

— Eu não sou. Pelo menos, era a verdade.

— Então por que casar com ela? Você fez sua escolha como se as mulheres fossem itens em um menu, quando não há nenhum bife mais leva os peixes. Você confundiu-me completamente, Christian.

E a desapontou. Ela não precisou dizer essas palavras, ele sabia. Para ele excluí-la de um dos eventos mais significativos de sua vida e ter entrado no casamento tão arrogantemente, ou, pelo menos, dar a impressão de ter feito isso, ele devia parecer como alguém que ela mal conhecia.

Ele endureceu o tom dele. — Cumpri meu dever, madrastra. Sou casado. Não vamos investigar profundamente as razões.

Ela deu-lhe um triste, mas não menos astuto olhar. — Está bem, Christian?

— Eu vou ficar bem, ele disse. Então, corrigindo-se. — Eu *estou* bem.

— E sua esposa? Ela sabe sobre sua Senhora do *Rhodesia*?

Ele não poderia disfarçar bastante sua amargura. — Não sabem todos?

— Ela não se importa?

— Não acredito que ela se preocupe.

— Christian ...

— Eu odeio ser tão rude, madrastra. Mas minha Duquesa ..., dizendo a palavra, sentiu-se como a engolir areia..., e eu estamos partindo para nossa lua de mel. Eu não posso permanecer.

— Christian ...

Ele fechou a mão sobre a dela. — Eu sou o homem mais invejado em toda a Inglaterra. Seja feliz por mim, mamãe.

Christian tinha acabado de acompanhar sua madrastra para fora, quando o seu mordomo perguntou: — O Conde Fitzhugh está aqui, Sua Graça. Está em casa para ele?

Claro, o irmão da noiva, aqui a fazer barulhos de descontentamento sem a menor cerimônia de como ele tinha levado a bela senhora Easterbrook. A ex Sra. Easterbrook.

— Estou em casa.

Conforme Fitzhugh entrou, ele foi atingido pela semelhança da família. O que ela disse? “*Um irmão e uma irmã, gêmeos, dois anos mais novos que eu sou.*” Ele deveria ter suspeitado. Ele sabia muito bem a composição de sua família. Mas a ex Sra. Easterbrook tinha sido a coisa mais distante de sua mente, quando ela estava lá diretamente abaixo, ao lado ou em cima dele.

— Você levará um pouco de conhaque para brindar meu casamento? Ele perguntou, quando apertou a mão do Fitzhugh. Ele não tinha motivos para ser descortês para este novo cunhado.

— Bebidas com álcool interferem com a minha digestão, infelizmente. Mas eu vou tomar uma xícara de café.

Christian tocou para a bebida ser trazida.

— Nós estamos todos surpreendidos, disse Fitzhugh, tornando-se confortável em uma cadeira de costas altas. — Não sabia que tinha estado a cortejar minha irmã.

Nem eu sabia, por uma questão de fato. — Mantivemos silêncio.

— Acho interessante que você disse muita coisa que foi menos do que cortesia sobre ela. Ainda assim, dos dois, ela não é quem está com raiva. Você é quem está.

Não teve o luxo de uma vingança quase perfeita. — Você vai me perdoar

por não discutir sentimentos pessoais com um virtual desconhecido.

— Certamente não esperava que confiasse em mim, Senhor.

A forma eminentemente razoável do Conde estava começando a surpreender Christian.

— Minha irmã, também, prefere manter sentimentos pessoais para ela. Mas, às vezes, um irmão vê coisas e tira suas próprias conclusões. Claro, sem sua autorização expressa, eu não tenho liberdade para discutir detalhes particulares da vida dela, mas eu pisarei nos dedos de alguém que tenha algumas coisas a dizer sobre o falecimento do Sr. Easterbrook.

Sr. Easterbrook, seu segundo marido rico que morreu sozinho. — O que dele?

— De acordo com o que Lady Fitzhugh tem relatado a mim, parece ser o mal-entendido que minha irmã abandonou o marido no seu leito de morte. Eu estava lá naquele dia. Garanto que nada poderia estar mais longe da verdade.

— Você quer que acredite que ela estava ao seu lado, segurando a mão dele, quando ele deu seu último suspiro?

— Nada do tipo. Ela estava lá em baixo, junto com minha esposa, segurando sua família, negando-lhes a permissão, como a dona da casa, de dar um único passo além da sala de estar.

— Por que ela faria isso?

— Porque ao seu lado, segurando a mão dele, estava alguém que o Sr. Easterbrook desesperadamente queria que estivesse presente quando ele deu seu último suspiro. Sua família teria removido a referida pessoa e negando-lhe o seu desejo. Venetia foi muito leal ao Sr. Easterbrook. Todos nós estávamos do lado deles. Lorde Hastings e minha irmã mais nova estavam estacionados na escada e eu próprio diretamente em frente da porta do quarto do Sr. Easterbrook, no caso de alguém ter passado por Venetia.

— A família do Sr. Easterbrook não estava satisfeita. Depois, eles fizeram um esforço concertado para manchar o bom nome da minha irmã. Para proteger o Sr. Easterbrook mesmo na morte, ela permitiu.

Christian colocou um dedo no ponto médio de uma caneta-tinteiro deitada na mesa dele. — Sr. Townsend, você não vai dizer nada sobre ele?

— Ele cai sob essas informações privadas que ela não vai desejar que eu discuta.

— Ele se matou?

— Como eu disse, não é um assunto que posso comentar.

A bandeja de café chegou, mas Earl Fitzhugh já tinha saído do seu lugar.

— Não tomo mais tempo no seu dia de casamento.

Eram todos tão jovens na fotografia, exceto o esqueleto de dinossauro, que era muito velho. Helena, aos quatorze anos, era a mais alta de todos, isso foi antes de seu irmão gêmeo ter explodido e ultrapassado ela em altura. Fitz parecia como se ele estava se esforçando para não rir, suas fotos daqueles anos eram cheias da alegria reprimida de um menino que gostava de tudo sobre a vida. E então, Venetia, tão orgulhosa como um general que venceu uma batalha decisiva, sua mão nua apoiada, talvez um pouco indecorosamente, nos restos de alcatra do *Cetiossauro*.

Se ela tivesse de partida para algum lugar, ela não teria hesitado em levar a fotografia. Ela a teria embalado em primeiro lugar. Mas ela não tinha certeza se a queria levar para a casa de Christian. Ele não apreciaria o lembrete que ele tão entusiasticamente encorajou, a Baronesa, em sua perseguição, ou que ele tinha oferecido a ela um lugar em sua próxima expedição.

Ela colocou a foto virada para baixo e se virou. Cobble, mordomo de Fitz, olhou da porta aberta de seu quarto, esperando para falar com ela.

— Sim?

— A Duquesa viúva de Lexington, para lhe ver, Minha Senhora.

Então o Duque havia informado sua madrasta. Um só poderia adivinhar a reação dela.

— Eu vou para baixo, para a sala verde.

Hora de jogar a grande beleza de novo.

Entrando para o salão verde, ela sorriu.

— Sua Graça, é um prazer.

A grande beleza teve o efeito desejado. A nobre Duquesa hesitou, e piscou, como se uma luz muito brilhante tivesse sido empurrada para o rosto dela.

Venetia tomou seu assento com um floreio de saias normalmente usadas de lado.

— Você veio para me dar os parabéns, Minha Senhora? Estou além de emocionada ao casar com Lexington.

Isto, no entanto, teve um efeito moderado sobre a mulher mais velha. — Você, Duquesa?

Duquesa. Venécia passou agora a Duquesa de Lexington.

— Eu gosto de fósseis, especialmente aqueles da idade do Cretáceo. O Duque tem uma coleção deles. Estou animada para visitar seu museu privado, e talvez um dia tratar dele.

Esta não foi uma resposta que a Duquesa tivesse esperado.

— Você casou com ele por seus fósseis?

— Você viu meu dinossauro no Museu Britânico de História Natural, Minha Senhora? Um exemplar magnífico. Esperei mais de uma década para a chance de descobrir mais um. Ao tornar-me esposa do Lexington, serei capaz de ir em expedições com ele, algo que quis fazer na minha vida de adulta.

Os dedos da Duquesa viúva escavaram em suas saias. — E seu noivo? Também se importa com ele?

Venetia parecia o mais encantadoramente irreverente. — Como eu não posso amar um homem que vai me levar à caça de fósseis?

A nobre Duquesa levantou-se e caminhou para o biombo japonês em um canto da sala de estar. Uma senhora em um quimono fluído sentou-se debaixo de uma cerejeira em flor, o rosto na sua mão, sua melancolia tão pesada quanto dos ramos de flor-carregado que quase caiu para a terra.

Chá foi trazido. Venetia o serviu. — África, creio, será nosso próximo destino. As camas de Karoo são um tesouro para restos reptilianos, pelo que ouvi. Açúcar e leite, Minha Senhora?

A nobre Duquesa virou-se. — Não importa a você que ele expressou recentemente algumas terrivelmente desfavoráveis opiniões de você?

— Foi certamente animador que ele chegou a ver a luz tão rapidamente.

— Mesmo que ele está apaixonado por outra pessoa?

Venetia pousou o bule e estendeu a mão em direção ao recipiente com as natas. Todos os anos de não procurar fósseis haviam deixado seus dedos delgados e adoráveis. Ela assegurou-se que ela os mostrava, eram a sua melhor vantagem.

— Se você fala da Senhora do *Rhodesia*, acredito que ela o decepcionou terrivelmente.

— E você está contente por ser seu prêmio de consolação?

Se somente ela fosse algum tipo de prêmio para ele. — Cabe a mim decidir, Senhora, e já decidi.

A Duquesa viúva finalmente tomou seu assento novamente. A parente confusa, no entanto, tinha desaparecido. A mulher que enfrentou Venetia era uma leoa.

— Ele é muito mais do que um mero colecionador de fósseis, Duquesa. Ele é um dos melhores homens que já conheci e sua felicidade é muito importante para mim. Se você o quer apenas por sua capacidade de levá-la para as camas de Karoo, bem, a maior parte do ano, ele não vai estar em

qualquer lugar exótico ou excitante. Como qualquer outro bom escudeiro, ele vai cuidar de sua terra e do seu povo. E, para isso, é que ele vai precisar de você. Está preparada para ser uma boa esposa para ele?

Venetia sentiu uma grande tensão. Aqui estava alguém que o amava tão intensamente quanto ela. Alguém para quem ela não precisa jogar a grande beleza.

— Desculpe por eu ter sido tão terrivelmente leviana, ela disse calmamente. — Na verdade, estou triste.

Ela podia ver seu reflexo no espelho grande acima da cornija de lareira. Ela parecia muito com a Senhora Kimonoed na tela japonesa, sobrecarregada e desamparada.

Mãos da Duquesa viúva trancaram-se no colo dela. — Você está?

— Ele não mudou sua opinião sobre mim, mas me apaixonei.

— Eu vejo, disse a Duquesa, o tom dela educadamente incrédulo.

— Sim, é muito horrível. Sem mencionar que ele teria preferido a senhora que conheceu no barco. Venetia olhou a duquesa viúva nos olhos. — Não prometo fazê-lo feliz. Mas prometo, incondicionalmente, que seu bem-estar estará sempre acima de tudo na minha mente.

Olhar da Duquesa viúva ficou pensativo. — Essas opiniões que ele tinha manifestado em Harvard...

— Sobre meus falecidos maridos? Ele está mal informado. Mas receio que sua opinião está definida.

A mulher mais velha ficou sem resposta. Elas beberam o chá em silêncio. Em outro lugar na casa, as malas de Venetia foram sendo arrastados para baixo nas escadas. A carruagem já tinha sido puxada para o meio-fio. Pela janela aberta veio a voz da sua empregada, alertando os empregados para terem cuidado com as coisas da Sua Senhora.

— Eu não devo me impor a você por mais tempo, disse a Duquesa, pousando a sua xícara de chá.

— Você gostaria que eu lhe dê lembranças quando eu o vir, ou você prefere que eu mantenha o encontro entre nós?

— Você pode dar meus cumprimentos a ele. Ele deve saber que eu não iria ficar sentada nas minhas mãos, depois que ele me deu essa notícia.

— É claro. É o que fazemos por aqueles que amamos.

Eles levantaram-se e apertaram as mãos.

— Se eu posso te dar um conselho, disse a Duquesa. Se você acredita que o Duque está errado sobre você, você deve deixá-lo saber. Ele pode ser

bastante formidável, mas ele nunca é mente fechada e nunca se ressentia em ser corrigido.

A Baronesa não teria hesitado. Venetia não tinha certeza de que ela tinha esse tipo de coragem. Mas ela assentiu com a cabeça.

— Eu me lembrarei disso, Sua Graça.

Havia uma razão para os sonhos de adolescentes manterem-se geralmente na adolescência: eles eram extravagantes e francamente perigosos às vezes.

Ela, ou, pelo contrário, a posse dela, tinha sido seu sonho adolescente. O que importa que ela já foi casada? Nas fantasias, um marido não era nenhuma barreira. Ele começou a abandonar o sonho somente após sua troca fatídica com Anthony Townsend. E mesmo assim, não inteiramente e não imediatamente.

Os eventos que ele tinha narrado naquele dia na Universidade de Harvard foram os estágios de seu próprio desencanto. A incredulidade de ouvir Townsend, a raiva provocada por sua morte prematura, a desilusão no seu segundo casamento muito vantajoso.

Mas não era suficientemente bom para ela que um homem entre dez mil se atreveu a criticá-la. Não, por sua transgressão, teve que pagar com seu coração.

E, agora, nesta data tardia tornou-se dele, pela lei e por Deus.

Sua posse mais cara sentou-se em sua frente na carruagem ferroviária privada, imensamente e imperturbavelmente adorável. Ele não podia imaginar que a tinha segurado, a tocou e juntou seu corpo dela. Sua beleza era impressionante, excessiva, como se ela não fosse bastante carne e sangue, mas a conjuração do artista, nascido de um tal de ecstasy febril.

Uma beleza com uma gravidade própria que emitia luz. Luz solar iluminava-a em apenas um lado, mas ela com certeza irradiava luz por todos os lados, uma iluminação suave, até mesmo como um pintor pode organizar no seu estúdio quando ele desejava retratar um anjo, ou um santo que veio com seu próprio pessoal nimbus.

Há algum tempo que ela tinha estado tão parada como um modelo de anatomia; nem um plissado se movia no vestido listrado branco e ouro vestido. Mas agora ela pôs as mãos sobre a mesa que os separava e desfez o primeiro botão na luva dela. Um gesto descaradamente imodesto. Ou não era? Eles não estavam em público, e ele, a única outra pessoa no ônibus privado, era seu marido.

Marido dela. As palavras, como a beleza dela, não parecem reais.

Lentamente, quase provocadoramente, ela se separou a luva no pulso, expondo um triângulo de pele, pele que ele tinha acariciado no *Rhodesia*. E então, com lazer infinito, ela puxou cada dedo da luva, separando a pelica da mão que estava envolvida por ela. Em seguida, tirou outra luva.

Parece que é somente justo que ela deva ter um defeito em algum lugar. Dedos feios seria um bom lugar para começar; nódulos dos dedos grossos não era pedir muito. Mas não, as mãos dela eram lindas, os dedos longos e atrativos, afilados. Até seus dedos eram graciosos.

Ela levantou as mãos nuas, linda, e desamarrou as fitas do chapéu por baixo do queixo, tremeu a cabeça ligeiramente quando ela tirou seu chapéu. De repente, foi demais. Ele foi novamente atingido por ela, sem poder respirar, incapaz de pensar, incapaz de fazer qualquer coisa além de querer, sua presença o desfez; e a única maneira de ficar inteiro novamente era consumi-la, corpo e alma.

De repente, ele percebeu o que tinha acontecido com ele, mas não antes que ela o tivesse pego olhando.

Por uma década, eu era obcecado por sua beleza. Eu escrevi um artigo inteiro sobre o significado evolutivo da beleza como uma repreensão para mim mesmo, que eu, que compreendia os conceitos tão bem, no entanto, não poderia escapar da força magnética da beleza de uma mulher, em particular.

Ela sabia. Com precisão cirúrgica, ela tinha descascado em volta das suas camadas das defesas, até que seu coração estava nu em frente dela, toda a sua vergonha e anseio expostos.

Ele poderia ter vivido com isso se apenas ele tivesse guardado o segredo. Mas ela sabia. *Sabia.*

— Não se acostume, ele disse. — Eu posso ainda ter o divórcio depois que a criança nascer.

Capítulo 17

Algernon House era magnífica: as galerias de mármore, os crescentes tetos pintados por mestres italianos, biblioteca com acervo de 50 mil volumes, incluindo uma Bíblia de Gutenberg e manuscritos de Da Vinci.

Mas Venetia se apaixonou por seu vasto, belo terreno. Havia um jardim formal geométrico ancorado por uma fonte enorme mostrando Apolo e as nove Musas; um jardim de esculturas, cercado por muros de hera-drapeado e um jardim de rosas que estava começando a florescer, seu ar denso com perfume.

A casa, com seu exterior de arenito venerável, resistente, estava na borda de um prado grande, onde a terra subia em uma colina arborizada. Uma fita brilhante de um fluxo serpenteava no prado, suas margens salpicadas de salgueiros e choupos. Uma manada de veados reuniu-se muitas vezes no fluxo, bandos de patos selvagens iam e vinham, e, ocasionalmente, várias vacas Holstein passeavam na cena para pastarem satisfeitas.

Venetia estava bem acostumada às exigências da execução de um agregado familiar, mas ela nunca tinha conseguido um lugar de tal escala. Em toda a primeira semana, tanto quanto ela ansiava por explorar as terras por horas, dedicou-se a tarefas mais importantes, aprendendo ritmos e tradições. Foi conhecer a casa, os servos superiores e agarrou com as mãos, suavemente, mas com firmeza, as rédeas de sua nova casa.

Ela também escreveu a sua família diariamente, descrevendo suas horas de vigília em grande detalhe, para que eles não se preocupassem. Ou melhor, para que eles pudessem se preocupar sabendo exatamente o que estava acontecendo em sua nova vida.

Em suas cartas, ela fez muito pouca menção a seu novo marido, não havia muito a dizer. Ele passou grande parte de seu dia no escritório. Ela passou grande parte de seu dia em sua sala de estar. Os dois estavam em diferentes partes da casa e ela raramente o via, exceto no jantar. A mesa de jantar era nove metros de comprimento. Cada um deles sentou-se em uma extremidade. Mesmo sem os centros de mesa elaborados, ela podia precisar de seus óculos de ópera para vê-lo corretamente.

Mas às vezes, à noite, ela o ouvia entrar em seu quarto.

Na noite de núpcias, depois que a sua empregada se retirou, ela tinha saído

da cama e aberto na porta adjacente uma rachadura muito discreta, porém inconfundível. Ela queria dormir com ele novamente. Depois de todas aquelas horas sozinha e com ele perto o suficiente para tocar e ainda tão longe, as memórias de suas noites e dias no *Rhodesia* a aquecia em todos os lugares mais inadequados. Querido Deus, como ela ansiava por ele fazer amor com ela novamente, como uma missão humanitária, se nada mais.

E então ela esperou. Entrou no quarto e tinha havido os sons habituais de um homem preparando-se para a cama: plops de vestuário de vários tipos caindo desordenadamente, o metálico de salpicos de água, o clique de um relógio de bolso pousando na mesa de cabeceira.

De repente, silêncio. Ele tinha espiado a porta entreaberta. Ela lambeu os lábios, querendo que ele cedesse à sua fraqueza, a ser vencido pela tentação do corpo dela.

Passos lentos e calmos. Ele chegou mais perto e mais perto da porta, tão perto que ela quase podia ouvi-lo respirar. Mais silêncio, repleto de possibilidades. O coração dela bateu com a antecipação do prazer. Talvez ele nem fale com ela depois.

Talvez.

A porta se fechou com um clique de calma e ponderação.

Ela, tardiamente, percebeu que sem pretender, ela o tinha ofendido: ele tinha considerado seu convite uma nefasta tentativa para consolidar seu poder sobre ele. E se, ele tinha sido tentado em tudo, ele estaria muito mais determinado para ficar longe dela.

Ainda assim, ela o ouvia à noite, não exatamente com esperança, mas em suspense, no entanto.

Mas ele teimosamente manteve-se afastado.

Christian podia ameaçá-la com um divórcio, entretanto, ele não podia parar este casamento de assumir sua vida.

Com confiança, ela tinha entrado na gestão da casa. Sua madrasta tinha levado anos para conquistar os servos, mas sua esposa tinha os comendo nas suas mãos desde o início. Parte disso poderia ser atribuído à sua beleza. Sua equipe tinha orgulho absurdo em sua formosura: *esta* era como uma duquesa devia parecer, e todos os outros duques poderiam ir chorar em seu chá.

Mas ela também os cortejou habilmente. Tanto seu mordomo como seu jardineiro tinham desejado por muito tempo trazer uma videira para a sala de jantar, para se levantar fora do centro da mesa e oferecer a seus convidados o divertimento de depenar uvas frescas entre pratos. Christian tinha

consistentemente negado esse desejo, citando sua frivolidade. Ela deu a bênção para ir em frente.

Da própria bolsa, ela atribuiu fundos a Sra. Collins para fazer melhorias no hall dos criados. Uma vez que ela soube que Richards era um conhecedor de vinho, ela iniciou a transferência da grande coleção do falecido Sr. Easterbrook de *claret vintage* e champanhe para sua manutenção. Para Monsieur Dufresne, o chef, ela prometeu importar um porco treinado, para que ele finalmente pudesse caçar trufas na propriedade entre as raízes dos seus carvalhos abundantes.

E, para os empregados mais baixos, ela apresentou novos uniformes, juntamente com botões de ouro para os homens e grampos de cabelo de pérolas para as mulheres, que podiam manter ou vender como quisessem. Suborno de imediato, na sua opinião, mas certamente a fez muito popular. Sua equipe, lindamente vestida, botões brilhando, grampos de cabelo reluzentes, fazia suas tarefas diárias com alegria e eficiência.

Christian se refugiou na ala leste, longe de todas as mudanças energéticas. Os quartos públicos da casa estavam no bloco central, os quartos de família na ala oeste. Ala leste, há muito tempo, uma solitária e um pouco deserta parte da casa, ele havia transformado nos locais de trabalho, um arquivo que era um estúdio isolado e um museu privado para sua coleção de fósseis e amostras.

Aqui, ele lidava com a correspondência de seus agentes, advogados e solicitadores, classificava as suas anotações da sua expedição americana, e escrevia à madrastra dele todos os dias para tranquilizá-la que ele estava estabelecendo-se muito bem na vida de casado, que em breve iria ter trufas com cada omelete e colher suas próprias uvas entre sopa e carne assada.

Enquanto ele foi capaz de evitar sua esposa, com algum sucesso, durante o dia, de noite, era quase impossível escapar do jantar ou pré-jantar e da conversa educada que ela estava determinada a impingir-lhe. Ele não sabia como ela conseguia isso, mas todas as noites ela surpreendia-o novamente com sua beleza. E ele podia jurar que cada dia o jantar foi servido um quarto de hora mais tarde, para que ele pudesse resistir ao ataque de sua beleza por muito mais tempo.

O pior, é claro, era à noite. Ela deixava a porta de ligação entreaberta em intervalos irritantemente imprevisíveis, às vezes duas noites seguidas, às vezes não, por mais quatro dias. Quando ela emitiu seus convites em noites consecutivas, ele fervia com a sua ousadia. Quando ela parecia perder o

interesse nele, ele fervia na sua indiferença.

Ele era amaldiçoado se ela fazia e quando não o fazia.

O Conselho da Duquesa viúva nunca deixado a orelha de Venetia. Mas, como é que fazia um homem ouvir quando ele não queria? E quando ela nem conseguia tê-lo sozinho por mais de alguns minutos todos os dias?

A terceira vez que ele saiu do quarto no meio da noite, ela decidiu segui-lo, mantendo uma certa distância para trás. A casa estava silenciosa, a chama acobreada da vela na mão lançando sombras vastas. Santos e filósofos, pintados sobre os tetos de salões e passagens, a miravam, como se eles, também, não aprovassem a maneira dissimulada com a qual ela tinha se ligado à família.

Ele foi para a ala leste. Ela ainda não tinha penetrado na ala leste, sabendo que ele iria ficar desagradado por sua incursão. Mas, às vezes, um deve interferir. Na verdade, às vezes um deve cercar o amado.

Mas seja, por covardia ou curiosidade muito tempo negada, ela não o perseguiu diretamente até seu estúdio, mas, em vez disso, abriu as portas do seu museu privado e encontrou as lâmpadas.

Ela suspirou. Ela tinha esquecido os motivos: *esta* era a parte mais bonita da casa.

O Museu tinha quinze metros de comprimento e nove metros de largura, com caixas de exposição indo ao redor das paredes. Do teto pendurado um esqueleto de águia de Haast[32] em pleno voo. A exposição central era uma das presas fossilizadas, um par enorme pertencente a um mastodonte, um par muito menor provavelmente de um anão *Stegodone*, um dente reto quase duas vezes a altura dela que tinha sido o orgulho e a alegria de um narval.[33]

— O que você faz aqui?

Ela olhou por cima do ombro. Christian olhava da porta. Ela só tinha um roupão com cinto de vestir sobre sua camisola. Mais formalmente, ele vestia uma camisa e um par de calças. Mas a camisa estava aberta no colarinho. Ela tinha a mais forte vontade de lambar a base de sua garganta.

Ele franziu a testa. — Fiz uma pergunta.

— É bastante evidente que eu estou olhando seus fósseis. *O que você faz aqui?*

— Eu vi uma luz acesa e vim investigar. Mas vejo que é só você.

Mudou-se como se para sair.

Ela virou-se e respirou fundo. — Espera. Eu quero saber o que exatamente Townsend disse para você.

Seu olhar abateu sobre ela, não um olhar de avarento, mas um duro e inescrutável.

— Ele disse, “você ainda pode ter seu desejo, Sua Graça. Mas pense duas vezes. Ou você pode acabar como eu”.

Você ainda pode ter seu desejo. — Ele reconheceu você? Ele falou-me uma vez sobre um jogador de Harrow que me cobiçou.

Sua mandíbula trabalhou. — Sim, ele me reconheceu. Ele se matou?

Após todos estes anos, a questão ainda fez seu estômago cerrar. — Sim, com um excesso de hidrato de cloral. Ele me disse que ele estava indo para casa de uma amiga na Escócia para fotografar, mas ao invés disso, ele foi para Londres. Três dias mais tarde, quando o agente que iria deixá-lo na casa da cidade para a temporada foi inspecioná-lo, ele descobriu Townsend na sala do mestre, perfeitamente vestido e bem morto.

— Como sabe que foi o hidrato de cloral?

— O agente encontrou um frasco ao lado de sua mão. Ele o manteve escondido da polícia, ele não queria que ninguém soubesse que um suicídio teve lugar na casa, mas depois ele me deu.

— Não houve nenhum inquérito?

— Fitz foi capaz de impedir um. Ele fez a polícia aceitar que o Sr. Townsend morreu de uma hemorragia cerebral, e que na confusão antes de sua morte, ele entrou para uma casa que ele conhecia e se deitou para descansar.

O rosto do Christian estava impassível. Ela se perguntou se a sua mente voltou para suas conversas no *Rhodesia* sobre seu infeliz casamento com Tony.

— Como você descobriu?

— Com uma visita da Scotland Yard em nossa casa, em Kent. E, enquanto o inspetor de polícia estava falando para mim, os novos donos da casa vieram reclamá-la. Foi a primeira vez que eu soube que a casa tinha sido vendida.

Ela tinha ficado estupefata pelo choque de despejo repentino, a ameaça de um inquérito e, acima de tudo, a vingança pura da ação de Tony. Helena ainda acreditava que ele deliberadamente cometeu suicídio da maneira que ele tinha para provocar o interesse da polícia, tornar a provação tão feia quanto possível para Venetia.

— Por que ele te odiava tanto?

Ela poderia detectar a ausência de compaixão na voz do Christian, mas não desdém também.

— Porque ele acreditava que o transformei de alguém em um Zé-ninguém. Casou comigo para ter um lindo acessório para lhe dar mais atenção, mas o acessório bonito roubou o centro das atenções que ele ansiava e não deixou nada.

— Eu sei que não faz sentido. Eu dificilmente posso acreditá-lo eu mesmo, um homem crescido, ressentindo com a esposa por uma razão tão fútil. Mas o aviso que eu o trai o fez enlouquecido, ele queria que todos olhassem diretamente para ele. Para esse fim, ele resolveu tornar-se um investidor incrivelmente bem-sucedido, para que seus amigos e conhecidos parassem de usar a mente na esposa, e olhassem para ele com inveja e admiração. E, enquanto ele estava esperando que isso acontecesse, ele ia obter adoração de outras mulheres.

— Como a empregada que ele engravidou?

— Pobre Meg Munn. Mas empregadas foram um lote insatisfatório. Ele queria sua adulação de adequadas senhoras, senhoras adequadas que exigiam coisas como jóias.

Uma dica de uma emoção volátil percorreu seus traços, mas um pouco mais tarde seu rosto novamente estava ilegível.

— Quando seus investimentos caíram, ele me deixou no escuro. Não sabia que ele iria se tornar atolado em dívidas. Eu só conhecia a quantidade que foi alocado, para a casa continuou diminuindo o dinheiro que havia, e eu pensei que era porque ele estava mal-intencionado.

Não é uma confissão bonita, um verdadeiro negócio sujo.

— Ele deve ter acreditado que ele atacava ouro em um dos seus investimentos. Todos eles falharam. Teria sido terrível para qualquer um, mas para ele... a implicação de que ele não tinha sido favorecido por Deus, que ele poderia cair em desgraça como qualquer outro sujeito ordinário, e que ele não podia fazer nada para parar isso e mergulhar na pobreza e obscuridade, para ele já deve ter sido o inferno.

Ela nunca tinha dado um recital completo dos fatos. Talvez ela devesse ter feito isso há anos. Então ela teria percebido que era muito mais que a pessoa que Tony tinha condenado desde o início.

E somente a mesmo.

Ele suspirou, se de tristeza ou alívio, Christian não podia dizer. O que ele sabia era que ele desejou que Townsend estivesse vivo, então ele poderia golpear o rosto do homem e quebrar algumas costelas.

Ela girou o final da faixa do roupão entre os dedos, esperando que ele

disse algo, ou talvez simplesmente esperando por ele sair, assim ela poderia voltar para seus fósseis. Como o olhar dele permaneceu em cima dela, ela mexeu a faixa um pouco autoconsciente.

A forma do seu corpo não tinha mudado. A faixa apertada envolvia uma cintura tão esbelta como tinha sido no *Rhodesia*. Ele não teria imaginado que ela carregava uma nova vida dentro de si.

Ele não tinha ido no berçário há algum tempo. Ainda pode haver alguns de seus brinquedos e livros lá dentro. E, claro, toda a propriedade era um vasto parque de diversões para uma criança. — Quando o bebê nascerá?

Os olhos dela ficaram cautelosos. — No início do próximo ano.

Ele assentiu.

— Eu não estaria com tanta pressa de falar com seus advogados, se eu fosse você.

Ele não tinha pensado em falar com seus advogados de todo. — Não?

— Nem você seria um monstro para orquestrar um divórcio logo após meu confinamento.

— Quanto tempo você recomendaria esperar, então?

— Por muito tempo. Eu sei o que acontece quando o divórcio é concedido. A mulher nunca recebe nada. E eu não vou estar longe de meu filho.

— Então vocês vão contestar o divórcio?

— Até meu último centavo. E então eu vou pedir emprestado a Fitz e Millie.

— Então nós vamos estar casados até o fim dos tempos?

— Quanto mais cedo você aceitá-lo, quanto mais cedo nós seremos todos felizes. Seus ancestrais teriam gostado dela: uma esposa apta para uma Maria Grignon de Montfort. — Agora se você me dá licença, preciso descansar o suficiente.

Ele a viu recuar de volta. Mulher tola, ela não sabia que já tinha aceito a partir do momento que ele disse sim.

Capítulo 18

Christian teve uma noite difícil, não que ele tenha conhecido outro tipo desde que ela tinha desembarcado da *Rhodesia*. Mas, depois de seu encontro em seu museu privado, ele só conseguia pensar com vergonha e horror em como ele tinha estado errado. O que ela deve ter sentido, para ter sua personalidade torcida e denegrida tão descuidadamente, sem o menor respeito pela verdade.

De manhã, ele parou no salão de café da manhã. Ele tinha estado tomando café em seu estúdio, mas ele sabia que ela geralmente o tomava na sala de estar, com jornais do dia e, muitas vezes, uma cópia da *natureza* pelo seu cotovelo.

Ela não estava lá.

— Ela foi dar um passeio, Senhor, disse Richards.

— Onde? Os terrenos de Algernon House eram vastos. Ela pode estar a milhas de distância.

— Ela não nos informou, Senhor. Ela só disse para não a esperar antes do almoço.

— Quando ela saiu?

— Cerca de duas horas atrás, Senhor.

Ainda não era completamente nove horas. Se ela não voltasse antes do almoço, ela estaria fora umas boas seis horas.

— Você deixa uma mulher...

Christian se parou. Ninguém mais sabia de sua condição ainda.

— Envie-me o Gerald. Diz para se apressar.

Gerald, zelador chefe, chegou um pouco sem fôlego.

— Sua Graça?

— A Duquesa perguntou a você quaisquer questões sobre a pedreira?

— Sim, senhor, ela fez de fato.

— Quando?

— Ontem, Senhor.

— Ela pediu as direções?

— Ela fez, Senhor. Eu desenhei um mapa para ela. Ela também perguntou sobre cavar e contei-lhe sobre a cabina com todas as ferramentas nela — Não é a cabana fechada?

— Ela pediu minha chave, Senhor e eu dei.

Dez minutos depois, Christian estava em seu cavalo, galopando em direção a pedreira.

Os restos da pedreira consistiam de um penhasco perto, com uma rampa para descer até o fundo. Para chegar ao topo da rampa, ele tinha que guiar seu garanhão até uma pequena colina. A visão que o saudou, quando chegou ao topo da colina, o fez perder o fôlego.

Em pé, no meio do caminho pela rampa de barro que ele tinha construído há anos para facilitar o acesso às zonas mais elevadas do penhasco, estava sua Baronesa, completa com o chapéu velado que tinha sido uma parte de seu mistério. Ela ficou de costas para ele, cuidadosamente desbastando um patch promissor de sedimentos, Triássico Superior pelo olhar dele. Pousando seu martelo e um formão, ela pegou uma escova e varreu os restos em torno de uma protuberância de cor ocre. Ao mesmo tempo ela assobiava, uma animada ária do *Rigoletto*, suas notas brilhantes e exatamente em sintonia, até que ela bateu uma nota alta sustentada onde ela ficou sem ar e gaguejou. Isso a fez rir.

Ao som da risada dela, o fantasma do mar o envolveu, dando uma saudade grande, musculosa.

Ele fez uma coisa, apertou as mãos sobre as rédeas e apertou as suas coxas nos flancos de seu corcel. O cavalo deslocou-se, atingiu seus cascos contra o chão e soltou um relincho.

Ela olhou por cima do ombro. A frente do véu tinha sido levantada sobre a coroa de seu chapéu; seu rosto estava sujo e borrado, seus olhos extraordinários, em grande parte, escondidos debaixo de aba larga. Mesmo assim ele sentiu a familiar paz de espírito.

Ele cutucou seu cavalo para a frente. Na parte inferior da encosta, havia um poste. Ele amarrou o cavalo e foi até a rampa.

— Como me encontrou?

— Não é tão difícil de adivinhar que parte de minha propriedade você pode desejar explorar. O que achou?

Ela olhou para ele, aparentemente surpresa por sua civilidade. — Um crânio muito pequeno. Estou esperando que pode ser um dinossauro juvenil, mas muito provavelmente não, é demasiado no estrato superior.

— Um anfíbio, pelo que parece, ele julgou Ela não olhou muito para ele.
— Estou emocionada, ainda, assim.

Um silêncio se espalhou. Ele não sabia o que dizer. Para um homem da

ciência, um devoto de fatos frios, ele havia falhado gravemente, permitindo que a sua ação fosse guiada pela suposição após assunção.

— Você disse que você estava lá na minha palestra de Harvard em pessoa, ele ouviu-se dizer. — Por que não se aproximar mais tarde e corrigir meus equívocos?

Ela rodou as cerdas de uma escova de dentes pequenos e afiados do crânio.

— Eu não podia dividir os detalhes mais dolorosos da minha vida com um estranho que me tinha condenado friamente.

Não, claro que não.

— Então você escolheu castigar-me.

Ela desenhou uma respiração profunda.

— Então, eu escolhi puni-lo em vez disso.

Ele tinha a mão apertada em torno de seu chicote. Por um momento, parecia que ele estava prestes a dizer algo, mas ele somente inclinou a cabeça e partiu. Soltando seu cavalo, ele subiu a encosta e desapareceu de vista.

Venetia mordeu o lábio inferior. Ela era ainda incerta de sua conversa na noite anterior, durante o qual ela *tinha* compartilhado os detalhes mais dolorosos de sua vida, e ele não tinha reagido de modo nenhum.

Mas, em seguida, ele também dividiu seu segredo mais bem realizado e ela tinha jogado isso na cara dele, com grande alegria, tanto quanto ele poderia dizer.

Ela se sentou para descansar em uma moita endurecida do solo. Depois de um tempo, pensou pegar o martelo e o cinzel e lascar um pouco mais nas bordas do esqueleto. Mas, seus braços estavam doloridos e cada pancada do martelo tinha abalado o braço dela. Passou um bom tempo, desde que ela cavou a última vez e, ela tinha sido uma criança incansável que nunca doeu em qualquer lugar. Agora, ela era uma mulher grávida que não dormiu bem.

Seria mais sensato estar no seu caminho de volta para casa. Ela tinha se preparado para o seu passeio com um frasco de chá e um sanduíche. O sanduíche já tinha ido embora, comido no caminho, como ela tinha tomado mais tempo do que esperava para encontrar o sítio. O frasco de chá, também, estava quase vazio, o dia tinha aquecido rapidamente.

Seria uma caminhada para casa quente, com sede.

O som de cascos de cavalo e rodas. Ela girou ao redor, esperando para ver o Christian. Mas era só Wells, o guarda-caça, que vinha em uma carroça de duas rodas puxada por um cavalo.

— Precisa de uma carona para a mansão, Senhora? Disse Wells.

Venetia estava surpresa e aliviada. — Sim, sim. Obrigado.

Wells carregou o balde de ferramentas de volta ao barracão, enquanto ela subiu para o banco da carroça.

— Por que está na pedreira? Perguntou ela, uma vez que ele tinha ajudado até o assento elevado. Cabana do guarda-caça estava em algum lugar nas proximidades, do que Gerald lhe contara.

— Sua Graça parou e me pediu para esperar por você. Ele também pediu a minha esposa para fazer um chá e biscoitos para você.

Wells passou um cesto coberto com um guardanapo grande. Ela comeu um biscoito. Ele provou o limão. — É muito gentil de você e a Sra. Wells.

E, até mesmo gentil de Christian, para providenciar transporte e nutrição, antes dela mesmo ter percebido as próprias necessidades.

De repente, ela não podia esperar para vê-lo novamente. Chega de grande beleza. Chega do orgulho dela. E, chega de se preocupar sobre seu impasse. Ele era o amor da sua vida, era hora dela o tratar como tal.

— Poderia se apressar um pouco? Ela perguntou a Wells, que dirigiu como se a carroça fosse a carruagem do estado durante o Jubileu da rainha.

— Sua Graça disse que eu devia dirigir devagar e firme, de modo a não empurrar você, Senhora.

— Isso é muito bonito de Sua Graça, mas eu não tenho medo de empurrões. Mais rápido, por favor.

O Clydesdale^[34] passou de um trote imponente para um trote mais enérgico, mas Wells se recusou a acelerar ainda mais. Venetia esperou impacientemente a mansão ficar visível. E quando a carroça se aproximou dos degraus da frente, ela agradeceu Wells e correu para dentro.

— Onde está o Duque? Ela perguntou à primeira pessoa que veio do outro lado, que foi Richards.

Richards pareceu surpreso com a pergunta. — Sua Graça partiu para Londres.

Christian não tinha dito uma coisa sobre deixar Algernon House. — É claro, ela murmurou, esperando que ela não parecesse como ela se sentia, vacilante. — Eu quis dizer *quando* disse que ia embora?

— Há meia hora atrás, minha Senhora.

— Obrigada, Richards, disse ela apaticamente.

Ela queria chutar a mesma. *Assim que eu escolhi para puni-lo em vez disso.* Como poderia ela ter dado essa resposta?

Então eu escolhi para puni-lo em vez disso. Mas meu esquema

desintegrou-se assim que percebi que você não era o vilão que eu acreditei. E o maior erro da minha vida não foi ter casado com Tony, mas não dizendo a verdade depois que eu me apaixonei.

Isso é o que ela deveria ter dito. Mas era tarde demais. Ele se foi, já nem sequer mantendo a pretensão de uma lua de mel.

— Vai precisar de mais alguma coisa, Senhora? Perguntou Richards.

Ela ficou irresoluta.

— Senhora?

— Você pode voltar aos seus outros deveres, Richards.

Richards curvou-se e foi embora. Venetia encarou seu desaparecimento.

— Espera! Ela ouviu-se chorar. Prepare-me uma carruagem para me levar para a estação ferroviária. Eu, também, estou indo para Londres.

Ela não era um tola que parava no primeiro obstáculo. Ele tinha ido para Londres, não caiu fora da borda do mundo. Ela estaria lá antes do chá.

— Sim, Senhora. Agora mesmo, Senhora, respondeu Richards, algo muito suspeito como um sorriso no rosto.

E ela não voltaria para Algernon House antes ter descoberto o coração dela.

Meg Munn, a empregada que afirmavam estar grávida de Townsend, acabou sendo surpreendentemente fácil de localizar. Christian tinha enviado uma mensagem antes de sair de manhã de Derbyshire. Após sua chegada em Londres, McAdams, seu advogado, já tinha algo para o relatório.

— Falei com o Sr. Brand, o agente que deixava casas para Sr. Townsend durante várias temporadas de Londres, esperando que ele pudesse ter alguma informação pessoal do Sr. Townsend. Como acontece, a empregada Meg Munn tinha casado com o Sr. Harney, um dos secretários anteriores do Sr. Brand, que é agora um verdureiro em Cheapside.

— Fui para Cheapside e localizei o estabelecimento. Sra. Harney disse-me que enquanto ela tinha aceitado os avanços do Sr. Townsend, de vez em quando, ela preferia muito mais Harney, que também tinha as suas atenções e favores. Quando ela ficou grávida, ela estava bastante certa de que era do Harney, mas ela sentiu-se um pouco calculista, não seria errado, uma forma de persuadir o seu amante a fornecer um dote por ela.

— Obrigado, Sr. McAdams. Não que Christian ainda duvidasse de sua esposa. Este exercício foi menos para provar sua confiabilidade e mais, ele não sabia como chamá-lo. Punição, talvez, por si mesmo. Para ver apenas como infinitamente errado tinha sido.

— E as pegadas fossilizadas da Duquesa?

— O artefato Paleontológico mudou para estação de Euston, Senhor. Está pronto para ir embora quando você quiser.

— Muito bom, disse Christian.

Ele devia ter se desculpado com ela na pedreira. Mas as palavras ficaram presas na garganta. Para expressar corretamente sua contrição, iria revisitar o fato de que ele tinha a desejado de longe estes muitos anos. E ele não podia, não em frente de seus olhos lindos e olhar claro, ficar indiferente.

O artefato paleontológico teria que falar por ele. E ao escoltá-lo pessoalmente para casa, ele esperava que iria falar alto e claro o que não tinha dito com palavras.

Uma batida soou na porta do seu estudo.

— Senhor, eu tenho Lady Avery e Lady Somersby esperando você, disse um lacaio.

Lady Avery foi a fofoqueira que tinha estado na sua palestra de Harvard e depois espalhou as palavras de Christian por toda Londres. Por que ele iria querer vê-la e sua irmã igualmente inútil?

— Eu não estou em casa hoje.

O lacaio murchou no tom dele. — Tentei informar as senhoras, Senhor. Mas elas não me escutam. Elas disseram..., ele engoliu ..., elas disseram que você iria se arrepender, Senhor, se você não ouvir o que elas têm a dizer sobre a Duquesa.

Ele franziu a testa. Ele poderia ignorar toda e qualquer insinuação sobre si mesmo, mas não aquelas ligada a Venetia. *Venetia*, ele repetiu o nome em sua mente, tão familiar, as sílabas, o refrão central de sua vida.

— Mostre a sala de estar.

— Sim, Senhor.

Ele entrou na sala de desenho, cinco minutos depois. — Vocês não são bem-vindas aqui.

— Bem, bem, Lady Avery sorriu zombadora. — Então, devemos falar depressa o que nos trouxe aqui, e sair logo?

— De fato, devemos, ecoou Lady Somersby.

— Você vê, senhor, minha irmã e eu levamos nossa reputação muito a sério. Podemos ser fofoqueiras, mas nós somos fofoqueiras confiáveis. Nós não fabricamos histórias e nós não divulgamos notícias que não podemos verificar. Às vezes nós editamos e oferecemos nossa própria interpretação do significado e importância dos eventos, mas apoiamos nossas afirmações com

o máximo cuidado, e nós nunca inventamos os eventos subjacentes.

— Estive na sua palestra de Harvard, Senhor, sentada na quinta fila. Tirei boas notas do que você disse e soube instantaneamente que estavas a falar da ex Sra. Easterbrook.

— Como não é meu dever protegê-lo de sua indiscrição, quando eu voltei, eu relatei a história fielmente e bem. Mas você e a ex Sra. Easterbrook montaram uma contraofensiva brilhante, dança, passeio de carruagem e fuga. Agora as pessoas que têm confiado em minha irmã e em mim, por décadas, de repente, começaram a questionar a nossa precisão e confiabilidade. Nossa reputação está em jogo aqui.

— Isso é dificilmente minha preocupação, Christian disse friamente.

— Claro que não é, mas é muito nossa. Nessa medida, nós redobramos nossos esforços para provar as coisas. Sem dúvida, você estará interessado em ouvir o que nós desenterramos?

— Nada.

Como se ele não tivesse falado, Lady Avery falou. — Nós obtivemos o registro dos visitantes da Brooks, para o mês de agosto. Sobre a vigésima-sexta, dois dias antes do Sr. Townsend ser encontrado morto, havia apenas quatro visitantes da noite, e você, Senhor e o Sr. Townsend, estavam entre eles.

Um sabor metálico, acre foi à língua de Christian. Medo. Não para si mesmo, mas para sua esposa.

— Nós também temos em nossa posse cópias de contas de venda para três colares de jóias que o Sr. Townsend comprou, nas semanas anteriores à sua morte. Nós temos membros da família do Sr. Easterbrook dispostos a jurar sobre pilhas de Bíblias, que no momento da sua morte, sua esposa estava conversando e sendo feliz na sala de estar. E por último, mas não menos importante, o primo do meu genro, que tinha estado na palestra, está a caminho de Inglaterra: um visitante no nosso convite, mas também uma testemunha adicional que irá corroborar a cada uma de nossas reivindicações.

— O que você quer? A voz dele não tremeu, mas ele pareceu desesperado, pelo menos para si mesmo.

— Você confunde-nos, Senhor. Nós não somos chantagistas, mas buscadores da verdade. Concedido, nossas verdades podem ser triviais em seus olhos, mas elas são importantes para nós, tanto quanto suas perseguições importam para você e muito possivelmente mais.

— Portanto, esta é apenas uma visita de cortesia da nossa parte, Senhor,

acrescentou Lady Somersby, quero que saiba que não estamos prestes a deixar o resto da matéria. Vamos lutar por nossa reputação com unhas e dentes.

Ele quase riu, *sua* reputação. Só que não havia a menor ironia nas palavras da Senhora Somersby. Ela era tudo o que ela disse, *elas* significavam tudo o que elas disseram. Tanto quanto ele pode zombar de sua vocação e seus esforços, levaram-se com absoluta seriedade.

— Não me importo com o que você disse sobre mim, mas a Duquesa é inocente dos crimes. Não permitirei que a firam.

— Então, você não devia ter insinuado que ela é cruel e gananciosa, Senhor, respondeu a Senhora Avery, perfeitamente à vontade.

— Precisamente. Se você mentiu, você faz as pazes. Se Sr. Townsend mentiu, bem, deixe a Duquesa tornar a verdade conhecida, acrescentou Lady Somersby.

— E se ela não tem interesse em fazer as indicações particulares de sua vida com Sr. Townsend, conhecidas do público?

— Então isso é escolha dela, não é?

— Fui para a escola com Grant, sobrinho da Senhora Somersby. Todos sabemos de suas inclinações. Ainda nunca ouvi nenhum de você respirar uma palavra sobre ele. Que me diz que você não precisa falar de tudo o que sabe.

— Isso é diferente. Vamos fofocar para lançar luz sobre as paixões e fraquezas, não para arruinar vidas, Senhora Avery se levantou. — Sr. Townsend já está morto e a ex Sra. Easterbrook, bem, ela é a Duquesa de Lexington, tão enorme fortuna não pode ser prejudicada por algumas pepitas suculentas que escolhemos divulgar. Venha, Grace, prendemos o Duque tempo suficiente. Bom dia, Senhor.

— Espere, disse ele. Seu suspiro foi superficial, seu coração instável. O nome de Lexington poderia proteger Venetia de ostracismo, mas isso não iria protegê-la do tipo de tormento que Lady Avery e Lady Somersby propuseram desencadear: ela seria forçada a reviver os piores momentos da sua vida enquanto a sociedade deliciava-se com sua angústia privada, para entretenimento.

— Se é verdade que vocês são candidatas a verdade acima de tudo, e se é verdade que você aderiu ao seu próprio código de honra, então estou disposto a oferecer-lhe certas verdades que não aprenderá em outro lugar. Em troca, peço que você se abstenha de causar à Duquesa qualquer aflição mais.

As mulheres trocaram um olhar. — Nós não podemos fazer promessas até

ouvimos o que é que você tem para nos dizer. Afinal, nós já trabalhamos mais de um quarto de século para nossa reputação. Não podemos ignorar tal uma praga para uma pequena confissão.

Uma pequena confissão. Era o que sua revelação seria considerada como? Havia todas as possibilidades. Estas eram mulheres esvaídas, metidas em cada tipo de ponto fraco humano. O que era para ele um segredo íntimo insuportável, noutro local pode muito bem ser classificado em algum lugar perto da parte inferior de sua dimensão em termos de lascivo e excitação.

Mas ele não tinha escolha. Suas palavras irrefletidas tinham sido a causa de desgosto suficiente. Não mais.

Contraíram as narinas das mulheres. Seu olhar sobre ele foi como o de dois abutres que esperaram pacientemente e iriam, em breve, ter um banquete. Ele se sentiu mal, quase, enjoado de expor a sua alma em frente de pessoas como elas.

Ele agarrou o encosto da cadeira. — Me apaixonei pela minha mulher há dez anos atrás, quando ela ainda era a Sra. Townsend.

As mulheres trocaram um outro olhar. Lady Avery sentou-se novamente.

Os nós dos dedos dele eram brancos. Ele forçou as mãos para esquecer. — Era difícil. Não só porque ela parecia feliz no casamento, mas também porque meus sentimentos estavam me consumindo, além do meu controle. Então eu corri em Townsend. E ele disse o que ele disse. Não preciso repetir como eu interpretei eventos subsequentes.

— O que não disse na palestra foi que minha repulsa e indignação pouco fizeram para me libertar da minha escravidão. No entanto, contra sua vontade, permaneci no encalço de sua beleza. Nos anos que se seguiram, me certifiquei de que nossos caminhos não se cruzassem.

— Mas tinha chegado a hora para eu fazer meu dever e me casar. Fui obrigado a estar em Londres durante a temporada. Como meu retorno se aproximava, cresceram minhas dúvidas. Pressão da Sra. Easterbrook sobre mim permaneceu inalterada. Se me deparasse com ela novamente, eu não estava confiante que meus princípios seriam suficientemente fortes para resistir a minha fixação. Anos de resistência poderiam ser desfeitos por um único encontro.

— No teatro Sanders, minha mente estava em um estado de agitação. Eu consegui através do corpo do sermão, mas... eu traí a mim mesmo durante as perguntas. No momento que eu só pensava era reforçar a minha própria resolução, mas logo percebi que eu tinha cometido uma grande indiscrição.

Tirei conforto no fato de que eu estava a mais de três mil milhas de casa e minha audiência americana não saberia de quem falei. Que, como você bem sabe, acabou por não ser o caso.

— Desde então já tive motivos para rever minha opinião sobre minha mulher. Tinha estado muito enganado sobre ela. Mesmo que eu não sabia como ela era, ainda acho ela bonita. Eu...

A porta da sala de estar abriu-se para revelar a mulher mais linda do mundo, vestida com um vestido de cor de arenito itinerante. — Christian, ela disse, eu sei que não estou....

Ela viu Lady Avery e Lady Somersby. Os olhos dela se estreitaram. O tom dela ficou gelado. — Eu não sabia que estávamos em casa para visitantes.

Ela era cada bocado da Duquesa ativa.

— Conheceu o Sr. Grant, um dos amigos de Sua Graça dos seus tempos de escola, você não, Sua Graça? Lady Somersby perguntou.

— Não acredito que tive o prazer.

— Mr. Grant vai ser o sobrinho do meu falecido marido, um excelente jovem e muito perto de mim.

Ela levantou uma sobrancelha muito superior. — É ele?

— E você sabe o que aprendemos com o Sr. Grant recentemente? Lady Somersby continuou, um infernal brilho nos olhos dela. — Que o Duque tinha sido obsessivamente apaixonado por você, Senhora, nos últimos dez anos. Tendo em conta as curvas de eventos, é minha opinião firme que ele projetou toda esta empresa com o propósito de a fazer dele.

Xícara de chá de Lady Avery agitou-se. Christian estava dividido entre o desejo de violência e um horror dormente. Tinha ele? Isto foi o que sua ação tinha almejado? Para forçá-la a prestar atenção nele? Para trazê-la para sua proximidade sem inclinar-se para cortejá-la?

Ele queria protestar. Mas a língua deve ter inchado a um tamanho que não só fez um discurso impossível, mas também bloqueou a via aérea. Ele não conseguia respirar.

Sua esposa lançou um olhar incrédulo para si. Em seguida, ela enfrentou Lady Somersby. — Explique-se.

— Você é a única mulher que ele sempre havia cobiçado. Criando esta tempestade particular, Sua Graça facilmente coloco-a em uma posição inábil e vulnerável, Minha Senhora. Bem, então, para te salvar deste dilema, não?

— Brilhante, meu querido, brilhante, murmurou Lady Avery. — Agora tudo faz sentido.

— Eu odeio desapontar esta bonita cena de autocongratulação, disse Venetia, mas que escória. Que lixo. O Duque nunca me deu um pensamento na vida dele antes que ele falou com o Sr. Townsend, e muito poucos desde.

— Perdão? Choraram as cronistas de fofoca juntas.

— Sr. Townsend tinha sido um péssimo marido, mas Sua Graça não tinha motivos para saber uma coisa dessas. Portanto, um não pode culpá-lo por tomar Sr. Townsend na palavra dele. E quem lhe fizeram uma pergunta direta, porque não usar o caso do meu falecido marido como exemplo? Afinal, as aparências iludem. E, agora, uma coisa que deveriam ter descoberto, mas não o fizeram: *eu* estava lá naquele dia na palestra.

Lady Avery engasgou. — Está brincando, Minha Senhora.

— Eu não. Pergunte a qualquer um. Miss Fitzhugh estava reunindo material para um artigo sobre a turma de Radcliffe, e Lady Fitzhugh e eu éramos suas acompanhantes. Pode imaginar nossa reação às acusações do Duque. Miss Fitzhugh queria incendiar as propriedades que ele tinha. Mas eu tive a melhor ideia. O Duque iria pagar com seu coração. Para esse efeito, reservei uma passagem na *Rhodesia*.

Lady Somersby saltou. — Você era a mulher que gostava do Duque, uma misteriosa velada?

— Vejo que você adivinhou finalmente, disse Venetia com sarcasmo. Meus planos, no entanto, deram errado. O Duque, tenho certeza que se divertiu. Mas fui eu quem se apaixonou. Ele é tudo o que eu quero em um homem, e muito, muito mais, se você sabe o que quero dizer.

Os olhos de Lady Somersby eram do tamanho de ovos. Seu queixo caiu. Sua esposa não ligou.

— Eu estava desesperadamente apaixonada, mas eu não podia me aproximar do Duque. Fomos ao ponto de nos encontrarmos em Londres, ele exigiria que eu removesse o meu véu, e você pode bem imaginar a cena que decorreria. Mas eu segui-o ao Museu Britânico de História Natural e para o Hotel Savoy, onde nós estávamos a jantar juntos em homenagem ao seu aniversário.

— Quando o escândalo ocorreu, o Duque veio em meu auxílio, apesar dele ter muitas reservas relativas à minha pessoa. Ele dançou uma vez e me levou para um carro de passeio no parque, mas isso foi toda a extensão da interação que ele autorizou entre nós. Nosso casamento surgiu e só surgiu porque eu me encontrei em uma condição delicada.

A mão de Lady Avery bateu contra seu peito espaçoso. — Oh meu Deus

do céu!

— Precisamente. Sr. Townsend tinha me convencido que eu não poderia conceber. O Duque provou o contrário. E, se você duvida de mim, sintase livre para falar com a Senhorita Redmayne no novo Hospital para mulheres. Diante de tais consequências, não tive nenhuma escolha senão me aproximar do Duque e lhe implorar para casar comigo. Ele estava compreensivelmente furioso, mas ele fez a coisa honrada e me fez sua esposa. Foi por isso que ele se casou comigo, não por causa de alguma obscura fixação que ele tinha levado com ele durante anos incontáveis, mas porque ele é um homem que não deixa as opiniões pessoais atrapalhar as obrigações que tem.

Christian estava atordoado. Ladys Avery e Somersby estavam, então, da mesma forma. Por fim, Lady Somersby disse: — Se você nos desculpar por um momento, minha irmã e eu devemos falar em privado.

Levaram-se a um canto da sala, atrás de uma tela. Christian levou a sua esposa para o canto oposto.

— Deixando que elas sabiam sobre a sua condição? Você que está louca? Não foi fácil manter a sua voz baixa.

— Possivelmente. Mas eu não posso deixá-las sair por aí contando para todo mundo que está apaixonado por mim desde sempre.

— Por que não?

— Porque você teria odiado. E você deve escolher melhor os seus amigos. Eu estou extremamente decepcionado com o Sr. Grant.

— Grant não sabe de nada. Não falei uma palavra com ele.

— Então, quem poderia ter informado aqueles abutres? Não acredito que a Duquesa viúva teria feito algo assim.

— Ela não, eu nunca disse nada a ela, também. Nunca contei a ninguém exceto você.

— Então ...

— *Eu fiz.* Elas tinham desenterrado todo o tipo de evidência que Townsend e eu estávamos realmente no mesmo lugar, ao mesmo tempo, pouco antes de morrer, e que tudo o resto que Lady Avery afirmou também poderia ser apoiado. Elas estavam para provar que elas tinham razão em suas fofocas. E disselhes que se deixassem o passado para trás, ia dizer algo melhor que iria valer a pena o seu tempo.

Ela piscou lentamente, seus cílios longos. — Por que?

Ele engoliu. — Não posso machucar você de novo. Eu não vou. E você, sua idiota, vem e desfaz tudo o que eu fiz.

Ele fez um gesto de limitação com as mãos.

Ela cobriu a boca dela e, em seguida, ela riu. Deus, como ele adorava seu sorriso.

— Você me ama, ela disse, sua voz cheia de maravilha.

— Claro que sim, sua idiota. Como você pode pensar que eu não faço? Visto ou invisível, me traz de joelhos.

— Eu posso ficar de joelhos, às vezes, se quiser. Ela deu uma risadinha.

Luxúria atravessou-o. — Seja séria, ele disse com alguma dificuldade. Estamos em uma sala com dois lobos.

— Não me importo. Elas não podem me machucar. Nem pode o Sr. Townsend novamente. Para seu choque, ela pôs seus braços sobre ele. Eu te amo. Te amo loucamente. Isso é o que eu vim para dizer. Não pude deixar de me apaixonar assim que te conheci. E eu sinto muito por atuar como a grande beleza e magoar-te.

A beleza de suas palavras foi quase além da compreensão dele. Ele abraçou-a ferozmente.

— Eu sou o que deveria pedir desculpas. Eu comecei todos os problemas e eu era o idiota mais idiota que já existiu.

Alguém limpou sua garganta. — Suas Graças, disse Lady Avery, Eu e a minha irmã temos de chegar a uma conclusão.

Ele teria corrido com elas... mas sua esposa assumiu o comando da situação. Ela se desprendeu dos braços dele e recuou, mas antes ela esfregou o dedo ao longo de seu lábio inferior, um gesto de promessa flagrante. Ele ficou instantaneamente quente com necessidade.

Ela virou-se para as fofocas. O sorriso foi apagado da face. Ela foi mais uma vez a grande beleza.

— Você será rápida sobre isso. O Duque e eu tenho outros planos para a tarde.

Christian quase corou. Na verdade, Lady Avery corou.

Ela teve que limpar a garganta dela novamente. — Somos transportadores de fofoca bem há mais de vinte e cinco anos, minha irmã e eu. Vemos tantas falhas e deficiências, às vezes, nos esquecemos que nem todo mundo é egoísta. Cada um procurou não para se proteger, mas para abrigar o outro. E por isso, *estão* dispostos a tolerar uma mancha na nossa ficha de outra forma. Não levaremos o nome do Sr. Townsend novamente, e quando o primo do meu genro chegar, vai acompanhá-lo para o continente em vez de tê-lo mais tempo em Londres. Em troca, pedimos que sejamos as primeiras a informar a

sociedade de condição da Duquesa, dentro, de quatro semanas.

Christian não podia acreditar. Havia alguma humanidade deixada em Lady Avery e Somersby. Quem diria?

A mulher assentiu com a cabeça, como se estivesse em aprovação. — Aceito.

As mulheres apertaram as mãos no seu acordo. As cronistas de fofoca saíram. Mas antes que pudesse responder Christian, a Duquesa viúva entrou — Mamãe, como soube que estamos na cidade?

— Dei instruções específicas ao seu pessoal para ser informada assim que você voltasse, apesar de, ela olhou com especulação em direção de sua esposa, eu não sabia que a Duquesa também chegou.

— Eu não podia suportar estar longe de meu marido durante nossa lua de mel, disse a esposa de Christian, sorrindo, e completamente deslumbrante, para ele. — Então já o persegui para Londres.

— Só vim para pegar o tetrapodichnites do armazém e levá-los para você.

Ela sorriu ampliada. — Vai fazer isso?

— É claro.

— O tetrapo... o quê? Exigiu sua madrasta.

— Pegadas fossilizadas de sauriano. Minha esposa tem uma paixão por monstros pré-históricos.

Sua esposa levantou sua cabeça e olhou para ele de debaixo de seus cílios magníficos.

— O Duque incentiva. Ele vai me levar em suas expedições.

A Duquesa viúva de Christian procurou Venetia seus lábios começando a curva em um sorriso. — Vejo que estive preocupada por nada. Você poderia ter me dito que está tudo bem, Christian.

Ele mal podia tirar os olhos fora de Venetia. — As minhas humildes desculpas, madrasta. Não sei o que eu estava pensando.

As portas da sala de estar abriram-se novamente, desta vez para admitir o Senhor Fitzhugh, Lady Fitzhugh, Miss Fitzhugh e Lorde Hastings. Venetia deu um guincho encantado, abraçou um por um, até mesmo Lorde Hastings e realizou as apresentações.

— E como sabia ter chegado tão rápido, Senhor e Senhora Fitzhugh? Perguntou a nobre Duquesa. — Você também subornou alguém na equipe de funcionários do Duque?

Venetia riu. — Não, senhora. Enviei um telegrama antes de sair de Derbyshire. Havia algo da casa do meu irmão que eu queria. Mas eu quis

dizer só para ele, para enviá-lo via correio.

— Como se qualquer um de nós ficasse atrás quando sabemos que você está na cidade, disse Miss Fitzhugh.

— É excelente vê-la, Venetia. Fitzhugh colocou uma mão no braço de sua irmã. — Você também, Lexington. Vejo que o casamento assentou bem com os dois.

— Uma situação muito agradável, eu devo admitir, disse Christian, seu olhar novamente a se afastar em direção a sua esposa.

Um olhar que seu cunhado compreendeu instantaneamente. — E desde que você está ainda na sua lua de mel, acho que deveríamos sair. Vamos, Helena?

Miss Fitzhugh cumprido com relutância. — Tudo bem, se você o diz, Fitz.

— Deixei o Sr. Kingston no meio de um jogo de xadrez. Nunca faria isso. É melhor ir para casa sozinha, acrescentou a Duquesa.

Houve mais uma rodada de abraços. Miss Fitzhugh entregou a sua irmã um pacote envolvido. Christian e sua esposa se despediram e, em seguida, lado a lado, eles caminharam para o andar de cima. No momento em que eles estavam em seu quarto, no entanto, ela saltou em cima dele e o beijou loucamente.

— Não deveria ter mais cuidado no seu estado? Ele conseguiu, quando ele se soltou para inalar o ar.

— Hmm. Ainda não.

— Estou prestes a fazer amor com você enquanto você está visível. Eu não sei se eu vou sobreviver a experiência.

— Vai. Ela segurou seu rosto entre as mãos. E quando não há luz, você pode ver o quanto eu amo você.

Ele beijou o pulso no pescoço dela. — Nesse caso, eu poderia me acostumar a ele.

Depois ficaram abraçados, juntinhos.

— Eu queria você para minha irmã, você sabe, ela murmurou.

Ele beijou a ponta do nariz. — Sua irmã que é apaixonada por um homem casado?

— Lembra?

— Lembro-me tudo o que você disse para mim no *Rhodesia*.

— Sim, minha irmã. Minha cunhada e eu preferimos melancolicamente, acredita que se ela o conhecesse tudo estaria bem. Então quando vimos um cartaz para sua palestra, tivemos que arrastá-la para isso.

Ele beijou seus cílios. — Como ela gostou de mim antes que eu comecei a lhe caluniar.

— Nunca pedi a ela, mas *fiquei impressionada bastante solidamente*. Tanto que mesmo depois que você tinha me comparado com a grande prostituta da Babilônia...

— Não fiz.

Ela deu uma risadinha. — Mesmo depois que você fez isso, ainda me encontrei atraída por você.

— E acredita que me propor mesmo quando eu não era eu.

— Você não pode entender, retiro o que disse. Você pode muito bem entender o que é ser repellido e ainda compelido por uma pessoa ao mesmo tempo. Eu estava fora de mim.

— Foi isso que fez você selvagem na cama?

Ela se aconchegou mais perto para ele. — Provavelmente. E foi selvagem, não é?

— E os feridos. E conflitante. E indomável. Quando estávamos separados, eu pensei constantemente em como você resolveu todos os seus problemas com suas próprias mãos, e fiz questão de imitar você.

— Servindo como exemplo para o Duque de Lexington, você não sabe como me orgulho. Ela riu como ela criou-se em seu cotovelo. — Agora onde está minha foto?

— Que fotografia? É isso que você queria, entregue a você?

Ela assentiu com a cabeça. — Uma foto da minha *Cetiossauro*. Não a levei comigo para Algernon House depois que casamos porque eu não tinha certeza se conseguiria estar em casa lá. Mas desta vez, eu estava determinada a levá-lo comigo, aconteça o que acontecer. Assim como eu estava determinada a arrastar você chutando e gritando para a minha cama.

Ele esfregou um fio de cabelo dela contra sua bochecha e sorriu. — Você me mostrará a foto?

— Vejo que deixei cair perto da porta.

Ela escorregou da cama, seu cabelo solto, seu corpo inteiramente nu.

— Meu Deus, coloque algo.

Provocante, ela olhou por cima do ombro. — Então eu não vou parecer a vagabunda que eu sou?

— Então vamos realmente ter ao redor para a fotografia. Bem, tarde demais.

Ele a transportou de volta para a cama, e foi um tempo antes de qualquer

um deles lembrou-se da fotografia novamente. Desta vez, ele saiu da cama para buscá-la.

Ela abriu o pacote e pegou a fotografia emoldurada. Ele estudou isso de perto. — Você está feliz e confiante, um pouco como você agora.

— É porque eu me sinto agora como eu fiz em seguida, que eu tenho toda a minha vida adiante de mim e infinitas possibilidades.

Olhando o fóssil, lembrou-lhe que o Museu Britânico de História Natural ainda estava aberto para o dia. — Se nos apressarmos, teremos uma boa olhada em seu *Cetiossauro* em carne e osso, ou nos ossos, um pouco. Então você vai jantar no Hotel Savoy, para compensar o que me deve. E quando chegarmos em casa, vou dar séria consideração para que o que pode fazer de joelhos.

— Oh sim, ela chorou. Sim para todos os três.

Ele a ajudou a vestir e, em seguida, puxou a sua própria roupa. Como eles se aproximaram da porta, além da qual eles devem ser adequados e ducal novamente, ele puxou-a perto para outro beijo. — Eu te amo, meu amor.

Ela piscou o olho. — E você vai adorar-me ainda mais no final da noite.

Eles riram e saíram de braço dado da casa, todas as suas vidas e infinitas possibilidades diante deles.

Nota do Autor

Mesmo que ela tenha contraído novo casamento, a madrasta de Christian é referida ao longo do livro como a Duquesa e tratada como Sua graça. De acordo com uma edição de *Pariato do Debrett* do final do século XIX, uma viúva que se casar de novo *perde* qualquer título ou precedência que ela ganhou por seu casamento anterior. Para esta regra não há qualquer exceção. A Sociedade, no entanto, por motivos puros de *cortesia*, sanções a retenção do antigo posto, permite que mulheres que se casaram novamente podem ser tratadas como se seus maridos intitulados ainda estivessem vivos.

Mary Anning, que viveu na primeira parte do século XIX, era uma colecionadora de fósseis significativos e paleontólogos. Ela foi reconhecida pela Royal Society em 2010 como uma das dez mulheres britânicas mais influentes na história da ciência. Ela tinha uma contrapartida mais aristocrática em Barbara Hastings, Marquesa de Hastings e Baronesa Grey de Ruthyn em seu próprio direito.

NOTAS

[1] Navio mercante a vapor de transporte de passageiros

[2] Jovens pássaros recém saídos dos ovos.

[3] Triássico (ou Triásico) é um período geológico que se estende desde cerca de 250 a 200 (milhões de anos atrás). É o primeiro período da Era Mesozoica e fica entre o Permiano e Jurássico. O início e o fim do período são marcados por eventos de extinção em massa.

[4] Carbonato básico de cobre monoclinico

[5] Lamarquismo ou lamarckismo foi uma teoria proposta no século XIX criada pelo biólogo francês Jean-Baptiste Lamarck para explicar a evolução das espécies. Lamarck acreditava que mudanças no ambiente causavam mudanças nas necessidades dos organismos que ali viviam, causando mudanças no seu comportamento. A teoria de Lamarck era bastante semelhante à proposta por Erasmus Darwin, avô de Charles, embora aparentemente nenhum dos dois tenha conhecido o trabalho do outro. A genética mendeliana, redescoberta no início do século XX, veio refutar a hereditariedade lamarckiana.

[6] Ortogénese, evolução ortogenética ou evolução progressiva é a hipótese de que a vida tem uma propensão inata para se mover (evoluir) de modo linear (para um objectivo pré-definido) devido a alguma "força motriz" interna ou externa. Foi proposto ainda no século XIX, e foi considerada seriamente como uma alternativa à selecção natural como o mecanismo responsável pela evolução, antes da redescoberta dos trabalhos de Mendel. A hipótese foi apoiada principalmente por paleontólogos. A ordenação de fósseis em séries ortogénicas indicava a direcção que a evolução tinha tomado.

[7] Em 1972, uma nova teoria científica foi proposta por Gould e Eldredge, denominada de Equilíbrio Pontuado (Saltacionismo, Pontualismo ou Teoria dos Equilíbrios Intermitentes), que tinha como princípio que a evolução de uma espécie não ocorre de forma constante, mas sim alternando em períodos de poucas mudanças e bruscas mudanças que caracterizam alterações estruturais ou orgânicas adaptadas e selecionadas, em outras palavras, saltacionismo é uma mudança repentina em determinado organismo de uma geração para a outra, que é grande ou muito grande em comparação com a variação natural. (Pela época em que se passa a história, parecesse meio irreal fazer referência a tal corrente de pensamento, mas consta no texto traduzido)

[8] É uma ideia filosófica criacionista que busca conciliar a ideia de uma divindade e a teoria da evolução.

[9] Gostaria de seu melhor quarto

[10] Significa que os pedestres eram do tamanho de bonequinhas



[11]

[12] É um movimento social contra o consumo de bebidas alcoólicas.

[13] As trilobitas (português brasileiro) ou as trilobites (português europeu) são artrópodes característicos do Paleozóico, conhecidos apenas do registro fóssil. O grupo, classificado na classe Trilobita da sub-classe Trilobitomorpha, é exclusivo de ambientes marinhos. As trilobitas possuíam um exoesqueleto de natureza quitinosa que, na zona dorsal, era impregnado de carbonato de cálcio, o que lhes permitiu deixar abundantes fósseis. Seu nome (trilobita) é devido a presença de três lobos que

podem ser visualizados (na maior parte dos casos) em sua região dorsal (um central e dois laterais).

[14] Espécie de dinossauro herbívoro e semi-quadrúpede que viveu durante o período Triássico. Media em torno de 8 metros de comprimento e pesava cerca de 4 toneladas.

[15] Quase 10 metros de comprimento

[16] O iguanodon, do latim "dente de iguana", também conhecido como iguanodonte ou iguanossáurio, os cientistas falam que eles foram os primeiros a caçar.gênero de dinossauro herbívoro e bípede que viveu no início do período Cretáceo Inferior. Media em torno de 9 metros de comprimento, pesava cerca de 4,5 toneladas e pensa-se que pudessem correr a 31 km/h.Eles foram descobertos na República Tcheca e na Macedônia.

[17] Região sudoeste da Alemanha. Na atualidade, seu território está dividido entre os estados federados (Länder) da Baviera e Baden-Württemberg.



[18]

[19] Paetês

[20] Boa noite

[21] É o maior dos cetáceos com dentes bem como o maior animal com dentes atualmente existente. Mede até 15 metros de comprimento. Este cetáceo tem, como característica distintiva, o facto de possuir, na cabeça, uma substância cerosa de cor leitosa: o espermacete. A enorme cabeça e a forma distintiva do cachalote, bem como o seu papel na obra Moby Dick de Herman Melville, levaram muitos a descreverem o cachalote como o arquétipo de "baleia" por excelência, mesmo que ele não possa ser considerado uma baleia.

[22] Aepyornithidae é uma família de aves extintas com apenas dois gêneros descritos, endêmica de Madagáscar. Inclui a maior ave que já existiu no planeta.

[23] É um gênero de réptil Anapsida do período Permiano. Foi um típico membro de sua família, os Pareiaossauros, que levaram o seu nome a devido a deste gênero.

[24] O Plesiossauro (espécie que deu o nome ao grupo) foi um dos primeiros fósseis a ser descoberto e gerou grande interesse na Era vitoriana. Foi chamando de "quase-lagarto" por William

Conybeare para dizer que se parecia mais com um réptil do que o ictiossauro, que tinha sido descoberto na mesma camada de rochas uns anos antes. O focinho era curto mas a boca era capaz de abrir muito e as mandíbulas tinham dentes cónicos muito parecidos com os dos actuais gaviais. O pescoço era longo e delgado, mas parece ter sido rígido, devido às suas vértebras de fundo liso, o que impossibilita ter tido o "pescoço de cisne", como em muitas representações antigas. As vértebras restantes também são de fundo liso e firmemente unidas e não apresentam osso sacro. O plesiossauro alimentava-se essencialmente de belemnites e peixes. As suas mandíbulas e dentição assemelham-se a uma armadilha para peixes. Deslocava-se graças às barbatanas, sendo a cauda curta demais para ter algum uso. A cabeça deve ter sido usada como leme para fazer curvas em perseguições.

[25] Os ictiossauros (do latim científico Ichthyosauria) constituem uma ordem de répteis marinhos extintos que teriam surgido no início do Triássico Inferior(paleotriássico), extinguindo-se um pouco antes da extinção dos dinossauros, no início do Cretácico superior (neocretássico). Os ictiossauros teriam hipoteticamente atingindo o pico de desenvolvimento durante o Jurássico e após o seu desaparecimento foram, teoricamente, substituídos pelos plesiossauros e pelos pliossauros já aí existentes. O primeiro esqueleto completo de um ictiossauro foi descoberto em 1811 no sul de Inglaterra por Mary Anning.

[26] Xá era o título dos monarcas da **Pérsia** e do Afeganistão

[27] A Charlotte Russe ou charlota russa é uma sobremesa que faz parte da culinária russa. Não é mais do que a ligação entre palitos à la reine com um creme aromático feito com chocolate e café. Esta sobremesa foi criada em São Petersburgo e, por essa razão, entrou na história da culinária com o nome de Charlotte Russe. O seu criador foi Antoine Carême (1784-1833), gastrónomo francês que a criou para os czares.



[28] Pudim de leite

[29] E depois,



[30]

[31] Pudim congelado feito de castanhas picadas e cerejas e frutas

[32] Conhecida como Te Hokioi em maori, era uma ave de rapina diurna nativa da ilha do sul da Nova Zelândia que se extinguiu por volta do século XV. A espécie foi descrita pelo geólogo alemão Julius von Haast em 1872, através de vários esqueletos encontrados na propriedade do colono George Moore.

[33] O narval é uma baleia dentada de tamanho médio e o animal com os maiores caninos. Vive durante todo o ano no Ártico.

[34] Cavalo de uma raça pesada, poderosa, usada para puxar cargas pesadas.